

MARCELO RODRIGUES DE LIMA

**A RAINHA DA LAPA E O PADRE: UMA ANÁLISE DISCURSIVO-
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS DE
LUANA MUNIZ NAS PRÁTICAS MIDIÁTICAS DIGITAIS
BRASILEIRAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2019

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

L732r
2019

Lima, Marcelo Rodrigues de, 1991-

A rainha da Lapa e o padre : uma análise discursivo-crítica das representações socio discursivas de Luana Muniz nas práticas midiáticas digitais brasileiras / Marcelo Rodrigues de Lima. – Viçosa, MG, 2019.

x, 211 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Maria Carmen Aires Gomes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.116-121.

1. Análise crítica do discurso. 2. Mídia digital.
3. Transexualidade. 4. Identidade de gênero. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 22 ed. 401.41

MARCELO RODRIGUES DE LIMA

**A RAINHA DA LAPA E O PADRE: UMA ANÁLISE DISCURSIVO-
CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS DE LUANA
MUNIZ NAS PRÁTICAS MIDIÁTICAS DIGITAIS BRASILEIRAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de
Viçosa, como parte das exigências do Programa de
Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título
de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 25 de abril de 2019.



Viviane Cristina Vieira



Mariana Ramalho Procópio Xavier



Maria Carmen Aires Gomes
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Experiencio muitas sensações neste momento da escrita, no qual nomeio as pessoas que estiveram comigo durante a trajetória do Mestrado. Principalmente, *gratidão*. Como diz minha orientadora, *pesquisa é trabalho coletivo* – motivo pelo qual produzi o texto em primeira pessoa do plural – *Nós*. Tudo só foi possível por ter ao meu redor uma rede de apoio, de escuta, de afetos. Agradeço à Espiritualidade por ter me proporcionado condições favoráveis para mais essa etapa da minha vida.

Agradeço aos meus pais, Clélia e Geraldo, por acreditarem em mim desde o momento em que decidi sair da comunidade Ribeirão, no interior, e ingressar na vida acadêmica em Viçosa. Obrigado pelo amor incondicional. À minha irmã Daiane, por me permitir aprender com ela a cada dia, por ser escuta. Família a qual escolhi, e escolheria novamente, para ser Lar.

Agradeço à Dani. Lembro-me de minha primeira semana em Viçosa quando a conheci na pracinha do Moreiras. Foi-me proporcionado, naquele momento, (re)conhecer alguém que, sem dúvida alguma, já esteve próxima a mim em outras vidas. Essa pessoinha de luz sempre contribuiu para que eu fosse a melhor versão de mim. Quando eu não acreditava em meu potencial, foi a motivação que me impulsionou a fazer minha inscrição no Mestrado. Foi o apoio necessário, além de proporcionar as condições para que eu pudesse produzir esta dissertação. Agradeço a amizade, a escuta, os conselhos, o acolhimento.

Agradeço à Maria Carmen Aires Gomes pela orientação humanizada. Por seu comprometimento no ofício de orientar pesquisas comprometidas com mudanças sociais. Por seu olhar sensível às pautas minoritárias. Pelas orientações acadêmicas e conversas sobre a vida. Por exigir de nós o nosso melhor e, principalmente, por proporcionar condições para nosso desenvolvimento. Agradeço a orientação, o afeto, a amizade.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa que possibilitou uma imersão no Mestrado e a participação em eventos acadêmicos.

Agradeço de forma especial: À Ana, pela amizade e pelo companheirismo. Por ser escuta em todos os momentos em que precisei. Pela presença em minha vida. São tantas histórias! Que tenhamos *todo o tempo do mundo* para vivenciar juntos novas

experiências. Ao Ramon, por ser razão e discernimento nos momentos em que mais precisei. Obrigado pela amizade, pelo companheirismo. Ao Lucas, pela amizade do jeitinho que construímos. Pela formas *estranhas* de demonstrar afeto e por sempre se fazer presente. Agradeço, também, à Luciana, pelos conselhos, por sempre me motivar e pelos *cafés*.

Agradeço às professoras Viviane Vieira e Mariana Procópio pela participação na banca de Defesa. Pela leitura atenta do trabalho, pelas contribuições e pelo diálogo. Agradeço ao professor Odemir Vieira Baêta pela leitura e orientações no processo de qualificação. Agradeço, também, às professoras do Programa de Mestrado em Letras, Ana Maria Barcelos, Mônica Melo, Cristiane Cataldi pelo conhecimento compartilhado e construído durante a feitura das disciplinas. À Adriana, por ser a melhor, a mais eficiente e muito mais que a secretária da Pós-Graduação. Sua alegria em nos atender, sua prontidão em nos ajudar e sua acolhida tornaram o percurso do Mestrado mais leve.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa AFECTO – Abordagens faircloughianas para estudos sobre corpo/discurso textualmente orientadas – por todas as contribuições, discussões, leituras e afetos compartilhados.

Por fim, agradeço àqueles que se fazem presença em minha vida e, também, àqueles que partiram, mas que foram importantes, de alguma forma, para a conclusão desse ciclo e para a construção de quem me tornei. Gratidão!

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	v
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	vi
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	ix
QUESTÕES INICIAIS	1
1 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA.....	8
1.1 Discurso como Prática Social – O Modelo Tridimensional.....	10
1.2 Discurso como momento da Prática Social	13
1.3 Gêneros, Discursos e Estilos como materializações semióticas.....	17
2 GÊNERO, CORPOS/DISCURSOS E TRANSVESTIGÊNERES	20
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	29
3.1 Construção do <i>Corpus</i>	32
3.2 Categorias Analíticas.....	36
4 A PARÁBOLA DA TRAVESTI	41
4.1 Identidade de Gênero Travesti.....	44
4.2 Identidade Travesti e Discursos Particulares	50
4.3 (Des) Humanização, Diferença e Abjeção.....	54
4.4 Travestifobia	57
5 NÃO RECOMENDADA À SOCIEDADE – AS REPRESENTAÇÕES DE LUANA MUNIZ NAS PRÁTICAS MIDIÁTICAS	62
5.1 A prática discursiva e a Circulação Midiática	63
5.2 Virou notícia! O que os títulos nos apontam?.....	65
5.3 As implicações da circulação do evento discursivo primário e a recontextualização pelas práticas midiáticas digitais	72
6 – MÃE LUANA, PRESENTE! – REPRESENTAÇÕES DA ETERNA RAINHA DA HUMANIDADE.....	89
6.1 Uma breve análise dos títulos.....	90
6.2 A trajetória de vida de Luana Muniz	94
6.3 Morte e Expectativa de vida de transvestigêneres	103
UMA PAUSA PARA REFLEXÕES... ..	110
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXO 1 – Transcrição da Narrativa de pe. Fábio De Melo	122
ANEXO 2 – Descrição do Recorte 2 do <i>Corpus</i>	124
ANEXO 3 – Descrição do Recorte 3 do <i>Corpus</i>	127
ANEXO 4 – <i>Corpus</i> – Recorte 2 - Textos na Íntegra	128
ANEXO 5 – <i>Corpus</i> – Recorte 3 - Textos na Íntegra	188

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Concepção Tridimensional do Discurso.....	11
Figura 2	Categorias Analíticas propostas no Modelo Tridimensional.....	12
Figura 3	(M) Momentos da (P) Prática Social e Articulação interna de cada (m) momento do (M) Momento da (P) Prática Social.....	15
Figura 4	Estágios metodológicos da abordagem da ADC.....	31
Figura 5	Sistematização do recorte temporal para composição do <i>Corpus</i>	32
Figura 6	“Palavras-chave” do <i>Corpus</i>	34
Figura 7	“Lista de palavras” do <i>Corpus</i>	34
Figura 8	Sistematização do <i>Corpus</i>	35
Figura 9	Delimitação do <i>Corpus</i> – Recorte I.....	41
Figura 10	Síntese da Análise das Representações do Corpo-Discurso da Travesti Luana Muniz.....	57
Figura 11	Delimitação do <i>Corpus</i> – Recorte II.....	62
Figura 12	Proposta de inserção da Circulação como um estágio da Prática Discursiva	65
Figura 13	Cartaz de divulgação da Exposição: “Luana Muniz - A Rainha da Noite” (2009)	78
Figura 14	Memes do enunciado “Tá pensando que travesti é bagunça?” ...	79
Figura 15	Delimitação do <i>Corpus</i> - Recorte III	89
Figura 16	Relação das palavras-chave das Manchetes	90
Figura 17	Grafite "Travesti não é bagunça" (Marcelo Ment)	92
Figura 18	Cartaz de divulgação do filme "Luana Muniz -Filha da Lua".....	103
Figura 19	Campanha #ParemDeNosMatar.....	105
Figura 20	Idade média das vítimas dos assassinatos em 2018	106
Figura 21	Tentativa de Homicídios - Profissão das Vítimas	107
Quadro 1	Relações entre os Níveis do Social e os Níveis da Linguagem...	17
Quadro 2	Recontextualização da LSF na ADC.....	19
Quadro 3	Composição do <i>Corpus</i>	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EDC	Estudos Discursivos Críticos
ADC	Análise de Discurso Crítica
LC	Linguística Crítica
RC	Realismo Crítico
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
ADTO	Análise de Discurso Textualmente Orientada

RESUMO

LIMA, Marcelo Rodrigues de Lima, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2019. **A Rainha da Lapa e o padre: uma análise discursivo-crítica das representações sociodiscursivas de Luana Muniz nas práticas midiáticas digitais brasileiras.** Orientadora: Maria Carmen Aires Gomes.

Vivemos em uma sociedade midiaticizada. As práticas midiáticas instituem significados que sustentam práticas sociais e (re)orientam a vida dos sujeitos, os quais são detentores de agência na atualização/ressignificação desses significados. Neste trabalho, investigamos as representações dos corpos/discursos transvestigêneres a partir da publicização de Luana Muniz. Com o propósito principal de analisar criticamente as representações sociodiscursivas da travesti Luana Muniz, produzidas e iteradas nas práticas midiáticas digitais brasileiras, objetivamos compreender: (i) como as práticas midiáticas representaram Luana Muniz, pe. Fábio de Melo e a publicização do encontro entre os dois; (ii) como pe. Fábio comprometeu-se em seu discurso e as valorações que tece sobre Luana Muniz; e (iii) como as vozes desses agentes sociais foram excluídas ou incluídas, articuladas e atribuídas no texto e suas implicações para uma abertura ou um fechamento da diferença. A Análise de Discurso Crítica faircloughiana, como abordagem teórico-metodológica, ofereceu os subsídios necessários para esta pesquisa, pois estabelece uma análise crítica e engajada, que compreende o discurso como espaço de lutas sociais para a manutenção e/ou transformação de relações de dominância e poder na sociedade contemporânea. Para a discussão crítica, adotamos, também, teorias sociais sobre corpo e Gênero. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, transdisciplinar, de cunho documental, de caráter interpretativo-explanatório e emancipatório. O *corpus* é composto pelo texto da pregação de pe. Fábio de Melo, 46 textos publicados entre a data da pregação e a data do falecimento de Luana Muniz, e outros 21 publicados após o falecimento. Seleccionamos as categorias linguísticas: Representação de Agentes Sociais, Recontextualização, Interdiscursividade, Intertextualidade, Modalidade e Avaliação; e operacionalizamos as categorias sociais: Performatividade, Travesti, Corpo e Gênero. Na análise da narrativa da pregação, constatamos a negação iterada da identidade de Gênero de Luana Muniz, os discursos particulares que associam as travestis à prostituição e ao humor, a construção do corpo travesti como desumano, diferente e abjeto e a travestifobia produzida pelo sacerdote. Com base nos estudos do campo da Comunicação, articulamos as discussões de Fairclough (1992) sobre a prática discursiva, e seus estágios, com as

discussões de Braga (2012), propondo um quarto estágio – a circulação. Verificamos, também, uma mudança discursiva nas recontextualizações do discurso do pe. Fábio produzidas pelas práticas midiáticas. Além disso, por meio da narrativa da trajetória de vida de Luana, discutimos o transvesticídio e a expectativa de vida de transvestigêneres no Brasil. A análise da conjuntura e dos discursos de representação dos corpos/discursos transvestigêneres apontou para a necessidade de mudanças discursivas e, conseqüentemente, mudanças sociais. Por fim, compreendemos que o corpo/discurso de Luana sempre foi um corpo/discurso político. A existência de Luana causou rupturas com as normas reguladoras de Gênero. As práticas sociais de Luana sensibilizaram um padre, fizeram uma Instituição olhar para os corpos/discursos que são produzidos como abjetos e desimportantes. Em Luana Muniz, percebemos a potência, a agência, a resistência do corpo/discurso transvestigênera que precisou/precisa lutar para sobreviver ao *CISistema*

ABSTRACT

LIMA, Marcelo Rodrigues de Lima, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, April, 2019. **The Queen of Lapa and the priest: a critical discourse analysis of the socio-discursive representations of Luana Muniz in digital media practices.** Adviser: Maria Carmen Aires Gomes.

We live in a society strongly influenced by media. Media practices introduce conceptions that support social habits and (re)orient the life of people, who can, themselves, update/assign new meanings to these concepts. In this work, we investigated the body representation/ discourses of *transvestigêneres* (transgender people), based on the publicization of the case of Luana Muniz. With the primary goal of analyzing the socio-discursive representations of the (self-proclaimed) transvestite Luana, which were produced and reinforced by the Brazilian digital media, we aimed at understanding the aspects that follow: (i) how mediatic practices represent Luana Muniz, the priest Fábio de Melo, and the publicization of their encounter; (ii) how fr. Fábio de Melo made commitments in his speech and the value he ascribed to Luana; and (iii) how the voice of these social agents was excluded or included, verbalized, or attributed in the text, and their implications for arising or solving differences. The Fairclough's Critical Discourse Analysis provided the theoretical-methodological background for this research, as it establishes a critical and dedicated analysis that recognizes the discourse as a place of social disputes for maintaining or transforming the dominance and power relationships within the contemporaneous society. To critically discuss the topic, we also adopted social theories approaching body and gender. This work is essentially a qualitative, transdisciplinary survey, elaborated with documental purposes, and which bears interpretative-explanatory and emancipatory character. The corpus of this study comprises the sermons of Fr. Fábio de Melo, 46 texts published between the preaching date and the demise of Luana Muniz, and 21 other texts released after her death. We selected the following linguistic categories: Representation of Social Agents, Recontextualization, Interdiscursiveness, Intertextuality, Modality, and Evaluation. We also operationalized these social categories: Performativity, Transgenderism, Body, and Gender. By scrutinizing the narrative of the sermons, we noticed an iterate denial of Luana Muniz's gender identity, as well as some speeches associating transgender women to prostitution or anecdotes, the construction of the perception of transwomen's body as

something dehumanized, different and abject, and an eventual reproduction of transphobia. Previous communication studies provided the ground for us to articulate the ideas of Fairclough (1992) — about the discursive practice and its phases — and those of Braga (2012). This approach allowed us to propose a fourth stage: circulation. We also verified a discursive change in the recontextualization of Fr. Fábio de Melo's speech, as presented by the media. Besides, from Luana's life, we discussed the *transvesticídio* (the killing of transgender women) and the life span of *transvestigêneres* in Brazil. The evaluation of the overall conjecture and the body representation/ discourses of transvestigêneres pointed to the necessity of discursive and, consequently, social changes. Lastly, we understood that Luana's body/ discourse always had political connotations. Her social works raised awareness in a Catholic priest and made an Institution review its misconceptions on transgender people's body/ discourses. With Luana Muniz, we recognized the power, action, and resistance of the body/ discourse of transvestigêneres, which needed to fight (and still do) for surviving in a *CISstema* (cisgender system).

QUESTÕES INICIAIS

*Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver*



(Preciso me encontrar - Cartola interpretado por Liniker e Ilú Obá De Min)

Vivemos em uma sociedade midiaticizada. As Mídias, por meio de práticas particulares, instituem significados que sustentam práticas sociais e (re) orientam a vida dos sujeitos, os quais são detentores de agência na atualização/ressignificação desses significados. Os meios atuam diretamente “nas relações do ser humano com a realidade que o circunda, que inclui o mundo natural e a sociedade” (BRAGA, 2012, p. 32). Nesse cenário, algumas pessoas passam a habitar os circuitos midiáticos de visibilidade por fatores diversos.

Entre os agentes sociais que transitam nesse espaço do visível, Luana Muniz foi uma personagem que não passou despercebida. Em pleno período da ditadura militar, modificou seu corpo e viajou para a Europa como profissional do sexo. Com tripla cidadania, brasileira, italiana e portuguesa, era fluente em seis idiomas. Luana conheceu 39 países e morou em 16 deles. Ao retornar ao Brasil, comprou um imóvel localizado na Rua Mém de Sá, no centro do Rio de Janeiro. No famoso “Casarão Rosa”, em 2002, fundou a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexual e Transformistas do Rio de Janeiro (AGENTTLES). Em sua ONG, acolhia dezenas de travestis e mulheres transgêneros que buscavam moradia ou outro tipo de ajuda. Além de administrar o Casarão na Lapa, a também presidenta da Associação, cuidava do comportamento, prevenção e documentação das travestis e mulheres transgêneros.

Considerada a líder das profissionais do sexo da Lapa, participou da ativação do Projeto Travesti e Cidadania (CIEDS) e fundou o Projeto Damas, em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, com o objetivo de capacitar transvestigêneres¹ para o

¹ Por posicionamento político, adotamos o léxico “transvestigêneres” como um termo guarda-chuva para fazer menção aos corpos/discursos de travestis e transexuais. Esse termo foi criado pela ativista transvestigênera Indianare Siqueira em uma conversa de botequim com a militante transvestigênera Erika

mercado de trabalho. Com sua militância social, Luana Muniz conquistou o respeito da comunidade da Lapa. Em entrevista ao jornal chileno *The Clinic*², afirmou: “Sou considerada e respeitada pelas pessoas. Creio que 70% gostam de mim, 20% fingem que gostam e 10% não gostam. Sou considerada a Rainha da Lapa”.

Uma versão moderna da famosa Madame Satã, com 47 anos de “calçada”, a profissional do sexo trabalhou em vários cabarés do mundo. Em 2010, ganhou visibilidade ao participar do programa *Profissão Repórter*, produzido pela Rede Globo de Televisão. No episódio transmitido no dia 25 de maio, o jornalístico apresentado por Cacos Barcellos abordou a prostituição de mulheres não transvestigêneres³, travestis e mulheres transexuais. Por intermédio de Luana, influente na noite carioca, o repórter Felipe Suhre acompanhou a rotina de trabalho das travestis da Lapa. No início da reportagem, ao discutir com um transeunte que lhe fotografava sem permissão, Luana repreendeu-o com a frase que se tornaria um dos bordões mais conhecidos do país: *Tá pensando que travesti é bagunça?*

Além de seu trabalho como profissional do sexo, Luana abrilhantou as noites cariocas por quase quatro décadas com suas performances artísticas. A atriz fazia questão de relatar em suas entrevistas que era uma artista com registro profissional. Sua estreia ocorreu nos anos 80, no musical *Mimosa*, no teatro *Brigite Blair*. Cantava, dançava e encenava. Participou de peças teatrais, espetáculos e shows. Durante seu período na Europa, além de vender serviços sexuais, Luana atuou em inúmeros cabarés.

Travesti empoderada, corpo político, Luana Muniz foi uma importante interlocutora entre a comunidade transvestigênera e a sociedade em geral. Sua performatividade subversiva contribuiu com a desnaturalização da matriz binária e

Hilton. Segundo Érika, em entrevista ao blog NLucon, “as palavras ‘travesti’ e ‘transexual’ foram dadas por pessoas cisgêneras dentro de categorias e concepções determinadas também pelas pessoas cis. A palavra transexual, por exemplo, foi dada pela equipe médica com o viés da patologia. [...] o objetivo de “transvestigêneres” é de obter outros significados acerca das identidades trans e abarcar outras vivências, bem como das pessoas não-binárias, gênero neutro, intersexo”. Ao adotar esse léxico no contexto acadêmico, procuramos reconhecer a construção desse saber em um contexto de lugar de fala e contribuimos para que, em um presente próximo, esse léxico, com todos os seus potenciais significativos e ideológicos, seja incorporado ao vocabulário da língua portuguesa. Disponível em: <https://nlucon.com/2018/01/24/chega-de-desconstruir-e-hora-de-colocar-em-pratica-diz-erika-hilton-em-mesa-sobre-identidades-trans-e-negritude/>. Acesso em: 27 de ago. 2018.

² Entrevista concedida ao jornal chileno *The Clinic*: Luana Muniz, la Reina de Lapa: “En mi época de oro atendí hasta 50 hombres en una noche”. Publicada em: 26 ago. 2016. Disponível em: <http://www.theclinic.cl/2016/08/26/luana-muniz-la-reina-de-lapa-en-mi-epoca-de-oro-atendi-hasta-50-hombres-en-una-noche/>. Acesso em: 2 de nov. 2017.

³ Por posicionamento político, optaremos por denominar as identidades de Gêneros como transvestigêneres e não transvestigêneres. Mesmo refletindo, ainda, um binarismo, essa escolha procura romper com naturalização e estatuto da cisgeneridade como matriz de referência.

hierárquica de Gênero. Esse cenário faz de Luana Muniz uma personagem singular a ser investigada no contexto acadêmico. A narrativa de Luana, por si só, como uma materialidade discursiva, já pode ser considerada uma “justificativa empírica”. Como propõem os estudos de Daniel Bertaux (1997), a singularidade pode ser considerada condição para a escolha de uma narrativa de vida como objeto científico.

Conheci Luana quando foi exibido o programa *Profissão Repórter*, em 2010, na TV Globo. Naquela época, morava ainda no interior de Minas Gerais, em uma cidade chamada Pouso Alto – uma típica cidade mineira interiorana, marcada pelos costumes religiosos. A minha experiência de mundo era, predominantemente, a partir das implicações dos discursos religiosos. Apesar de não compreender, naquele momento, a identidade de Luana Muniz e as discussões de Gênero, fiquei admirado com a influência daquela personagem na região da Lapa. Quando decidi ingressar no Mestrado, escolhi pesquisar as relações de Gênero a partir da Análise de Discurso. Além dos motivos/justificativas acadêmicas, que serão detalhadas a seguir, era um anseio pessoal pesquisar uma temática que respondesse questões internas, que me inquietavam desde a adolescência, e que fosse comprometida com as questões sociais necessárias para contribuir com uma possível transformação social. No primeiro momento, pesquisaria as representações dos corpos/discursos de transvestigêneres candidatas a cargos municipais nas eleições de 2016. A pesquisa seguia esse caminho até maio de 2017, quando fui surpreendido, ao ler uma notícia, com o falecimento de Luana Muniz. Li mais alguns textos e fui tomado por um incômodo na forma como algumas práticas midiáticas representavam a “Rainha da lapa”. Neste período, cursava a disciplina *Bases Teóricas da Linguística Aplicada*, com a prof. Dra. Ana Maria Ferreira Barcelos, e como trabalho de conclusão de disciplina, em parceria com minha parceira de pesquisa Thalita Rody Machado, produzimos um texto analisando quatro títulos de notícias que noticiaram o falecimento de Luana⁴. Em um segundo momento, ao cursar a disciplina *Discurso e Mídia – Temáticas contemporâneas*, com a prof. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier, a partir das discussões sobre midiatização e sociedade, regimes de visibilidade e tematização da vida, produzi um texto analisando os momentos de visibilidade de Luana nas práticas midiáticas digitais. Nos encontros de orientação de pesquisa com a prof. Dra.

⁴ A análise e discussões dos quatro títulos de notícias foram publicadas no artigo “*Travesti Não é Bagunça*” – Uma Análise Discursivo-Crítica das Representações de Luana Muniz nas Práticas Midiáticas Jornalísticas Digitais, em parceria com Thalita Rody Machado e Maria Carmen Aires Gomes. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/index.php/Glauks/article/view/9>. Acesso em: 20 fev. 2019.

Maria Carmen Aires Gomes, após discussão dos textos produzidos para essas duas disciplinas citadas, com base nos meus anseios de pesquisa, nas discussões do Grupo de Pesquisa AFECTO – Abordagens faircloughianas para estudos sobre corpo/discurso textualmente orientadas – e depois de constatadas justificativas e potenciais contribuições desta proposta de pesquisa, decidimos pesquisar as representações do corpo/discurso Travesti a partir da publicização do corpo/discurso de Luana Muniz nas práticas midiáticas digitais brasileiras.

As questões sobre identidades de Gênero ocupam hoje importante espaço nas discussões das epistemologias sociais e culturais, da prática política e da vida cotidiana. Nas últimas décadas, a intersecção entre linguagem e gênero social tem sido explorada por vários linguistas. Mais especificamente, questões sobre o Corpo, Gênero e Sexualidade têm interessado pesquisadores dos estudos sobre o texto e o discurso, como Gomes (2016, 2015, 2014a, 2014b, 2013), Souza (2017), Almeida (2016), Borba (2015), Borba e Ostermann (2008), Gomes e Gomes (2015), Pessoa (2015), Araújo (2014), Gomes (2013), Fabricio e Moita Lopes (2003). Esta pesquisa alinha-se a tais pesquisas, configurando-se como um modo de ampliação do diálogo entre a ADC (FAIRCLOUGH, 2016 [1992], 2003; CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999) e as teorias *Queer/Cuir/Transviad@s* (BUTLER, 2003 [1990]; BENTO, 2017, 2008, 2006; PRECIADO, 2014).

Os Estudos Discursivos Críticos (EDC), como abordagem teórico-metodológica, oferecem os subsídios necessários para a nossa pesquisa, pois estabelecem uma análise crítica e engajada, que compreende o discurso como espaço de lutas sociais para a manutenção e/ou transformação de relações de dominância e poder na sociedade contemporânea.

Como apontam Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), as pesquisas em EDC devem partir de um problema social, relacionado ao discurso, em alguma parte da vida social. Consideramos que ainda há obstáculos a serem vencidos em relação às representações dos corpos/discursos travestis nas práticas midiáticas digitais brasileiras. Uma análise discursivo-crítica possibilita investigar essa problemática social e desvelar a faceta discursiva das mudanças sociais e culturais contemporâneas. Wodak (2004) enfatiza que a linguagem das práticas midiáticas de massa constitui-se como um campo de poder e de lutas. Ademais, essas práticas contribuem para a iteração/manutenção de discursos sobre as identidades transvestigêneres.

A pesquisadora Maria Carmen Aires Gomes (2013) afirma que as práticas midiáticas desempenham um papel relevante nas discussões de gênero, pois além de configurarem-se como um instrumento de mediação entre a vida social e as ações dos sujeitos, “intermedeiam a estrutura social e as ações sociais colocando, de maneira atravessada, contestada, ou mesmo cristalizada, muitas vezes, as diversas dimensões da vida social e suas contingentes práticas sociais, em xeque” (GOMES, 2013, p. 175).

Essas considerações iniciais apontam para a importância de pesquisas sobre as representações discursivas em práticas da Mídia, sobretudo na sociedade contemporânea. Atualmente, há uma visibilidade maior dos corpos/discursos transvestigêneres nas práticas midiáticas. Entretanto, frequentemente, as travestis são retratadas de forma a satisfazer, somente, a curiosidade de espectadoras/es a respeito dos corpos "diferentes" da matriz binária homem-pênis/mulher-vagina. Se às mulheres não transvestigêneres são, geralmente, destinados os circuitos midiáticos do consumo e da beleza (LANA, 2014), às travestis são reservados, quase que exclusivamente, os espaços da objetificação, da prostituição, do fetiche. Como descreve Bento (2008, p. 38), “as travestis, no espectro da regulação, são corpos e identidades que transitam entre os opostos socialmente construídos e revelam as limitações e as possibilidades ontológicas que não obedecem à matriz ficcionalmente binária”.

Ao analisar as representações dos corpos/discursos travestis a partir das representações de Luana Muniz, contribuímos com as discussões sobre a publicização desse corpo/discurso particular nas práticas midiáticas digitais e ampliamos este debate. Geralmente, a esse corpo/discurso marginalizado é dado lugar no visível social quando associado à violência, assassinato, travestifobia, pornografia, prostituição e/ou humor-caricato. Apesar de Luana Muniz ter sido publicizada, no primeiro momento, em virtude de seu trabalho como profissional do sexo, no programa *Profissão Repórter*, parece-nos que outros fatores foram responsáveis pela sua visibilidade.

Faz-se necessário, também, pensar na conjuntura, na descontinuidade histórica, nas contingências em que as representações dos corpos/discursos travestis foram produzidas e iteradas. De acordo com dados revelados pelo canal pornográfico *RedTub*, a população brasileira é a que mais acessa material pornográfico com temática “Travesti”. Entretanto, é também a que mais mata transvestigêneres. Segundo o levantamento da ONG Transgender Europe (TGEU), no período de 2008 –2015, 802 travestis, homens transexuais e mulheres transexuais foram assassinadas/os no Brasil. Em 2017, até

setembro, ocorreram 147 assassinatos envolvendo essa população. Para Bento (2017, p. 24), “quando se mata uma travesti, a motivação do crime está na negação daquele corpo em coabitar o mundo humano, que é dividido em homens-pênis e mulheres-vaginas”.

O problema social que norteia essa investigação está associado, principalmente, às questões de Gênero. Dessa forma, as teorias Queer/Cuir/Transviad@s foram ferramentas importante para nossas discussões. Apesar de partir das teorizações da estadunidense Judith Butler, que propõe a ideia de performatividade de Gênero, procuraremos dar visibilidades às discussões promovidas no cenário latino-americano, principalmente aos estudos Transviad@s da brasileira Berenice Bento. Além dessas duas autoras, procuramos dialogar com o filósofo transgênero Paul Preciado e a socióloga transgênero Raewyn Connell. Consideramos que o diálogo entre esses teóricos possibilitou uma abordagem mais ampla e produtiva das particularidades dos corpos/discursos travestis e de suas performatividades.

Além disso, pesquisar questões de gênero a partir de uma perspectiva discursiva crítica traz contribuições para o campo da educação, para a formação/atuação docente e para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Como aponta Fairclough (2016 [1992], p. 120), nem sempre as pessoas têm consciência das dimensões ideológicas de sua própria prática. Para o autor, as ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas, dificultando a compreensão de que práticas normais podem ter investimentos ideológicos específicos. Dessa forma, faz-se necessário que as/os educadoras/es promovam uma modalidade de conscientização linguística crítica que “ênfatize a consciência crítica dos processos ideológicos nos discursos, para que as pessoas possam tornar-se mais conscientes de sua própria prática e mais críticas dos discursos investidos ideologicamente a que são submetidos” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 120).

Nesta pesquisa, temos como objetivo principal analisar as representações sociodiscursivas da travesti Luana Muniz produzidas e iteradas nas práticas midiáticas digitais brasileiras a partir de três momentos parcialmente discursivos: (i) *participação no programa Profissão Repórter*; (ii) *encontro com Pe. Fábio de Melo*; e (iii) *falecimento*. Buscaremos refletir sobre as relações entre corpo/discurso, identidade de Gênero e práticas midiáticas, mediadas pelos marcadores sociais da diferença. Esses marcadores compõem um campo de estudos das Ciências Sociais que tentam explicar como as desigualdades e as hierarquias entre as pessoas são construídas socialmente.

Sexo, gênero, orientação sexual, classe social, escolaridade e raça são alguns exemplos de marcadores sociais da diferença.

Por meio da análise discursiva crítica, pretendemos compreender como os discursos particulares são construídos, quais são excluídos, quais estão incluídos e como estão articulados, levando em conta a possibilidade de estarem negociando, iterando, engessando ou transformando construções hegemônicas sobre o corpo/discursos que transcende aos padrões binários homem-pênis/mulher-vagina. Nossos objetivos específicos são: (i) analisar como as práticas midiáticas digitais brasileiras representam Luana Muniz, pe. Fábio de Melo e a publicização do encontro entre os dois, a partir das categorias do significado representacional; (ii) investigar como pe. Fábio de Melo se compromete em seu discurso e as valorações que tece sobre Luana Muniz, com base nas categorias do significado identificacional; e (iii) compreender como as vozes desses agentes sociais são excluídas ou incluídas, articuladas e atribuídas no texto e suas implicações para uma abertura ou um fechamento da diferença.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos. No capítulo 1, *Análise de Discurso Crítica*, apresentamos a proposta teórico metodológica da ADC de Fairclough, do Modelo Tridimensional do Discurso à concepção de Gêneros, Discursos e Estilos como materializações semióticas. No capítulo seguinte, pontuamos discussões sobre *Gênero, Corpos/Discursos e Transvestigêneres*. Em *Caminhos Metodológicos*, capítulo 3, caracterizamos a pesquisa, detalhamos a construção do *corpus* e apontamos as categorias analíticas selecionadas para a investigação. A análise do *corpus* está dividida em três capítulos. No capítulo 4 – *A parábola da Travesti* – analisamos a narrativa produzida pelo pe. Fábio de Melo, em dezembro de 2015, ao relatar o momento do encontro com Luana Muniz, na quadra da Mangueira. No capítulo 5 – *Não recomendada à sociedade – as representações de Luana Muniz nas práticas midiáticas* – investigamos com base em quarenta e seis textos, como as práticas midiáticas representaram Luana Muniz e como recontextualizaram a narrativa de pe. Fábio, bem como as vozes foram incluídas, as excluídas, as articulações e as implicações ideológicas. Em *Mãe Luana, presente! – representações da eterna Diva da Humanidade*, último capítulo, analisamos as representações sociodiscursivas produzidas pelas práticas midiáticas, em vinte e um textos, ao noticiar o falecimento de Luana Muniz, no dia 6 de maio de 2017. Por fim, tecemos explanações críticas sobre a análise.

1 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

As Ciências Críticas e a denominada Linguística Autônoma orientaram o surgimento de diversas disciplinas – como a Sociolinguística, a Pragmática, a Análise da Conversação, a Linguística Crítica etc. A primeira entendia a linguagem como uma prática interconectada a várias outras da vida social (MELO, 2011). Já a segunda concebia a linguagem como um fenômeno suficiente em si, autônomo, independentemente de qualquer fator externo. Nas palavras de Fairclough (1989, p. 7): “um modo a-social de estudar a linguagem”.

A partir da década de 1960, as pesquisas da linguística autônoma começaram a se desestabilizar com o advento de novas propostas funcionalistas. Com isso,

[...] cada vez mais, componentes pragmáticos da dimensão social passam a ser introduzidos nos modelos teóricos de pesquisa linguística, com o propósito de investigar questões das rotinas sociais que interferem na linguagem e que por ela são construídas (MELO, 2011, p. 1337).

Dentre as correntes que se filiaram a essa nova perspectiva, destaca-se a Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), que estabelece, em termos de filiação disciplinar, relação de continuidade com a Linguística Crítica (doravante LC), desenvolvida nos anos 1970 e 1980.

A ADC emerge no início dos anos 1990, após a realização de um pequeno Simpósio em Amsterdã, organizado por um grupo de pesquisadores – Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak – interessados em discussões sobre as teorias e métodos de análise de discurso, com ênfase na abordagem crítica. Já o termo "Análise de Discurso Crítica" foi cunhado anteriormente pelo linguista britânico Norman Fairclough em um artigo publicado em 1985 no periódico *Journal of Pragmatics* (RESENDE; RAMALHO, 2016 [2006]).

O início dessa nova perspectiva de pesquisa em análise do discurso, unificado por uma agenda social, também é marcado pelo lançamento da revista *Discourse and Society* (1990), editada por Teun van Dijk, e pela publicação dos livros: *Language and Power* (1989), de Norman Fairclough, *Language, Power and Ideology* (1989), de Ruth Wodak, e *Prejudice in Discourse*, de Teun van Dijk.

Assim como a LC, a ADC considera que os discursos são ideológicos e que os signos não são arbitrários. Além disso, concebe a "linguagem como prática social" (FAIRCLOUGH; WODAK, 1997), considera a relevância do contexto de uso da linguagem e tem um interesse particular na relação entre linguagem e poder.

Para este tipo de abordagem discursiva, a "desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)" (WODAK, 2004, p. 225). As estruturas dominantes estabilizam as convenções e as naturalizam, mascarando os efeitos da ideologia e do poder na produção de significados, ou seja, eles são tomados como "dados". Nesse cenário, a resistência torna-se uma quebra de convenções, de práticas discursivas estáveis (WODAK, 2004, p. 226).

Dentre os diversos autores e perspectivas, Norman Fairclough é reconhecido como um expoente no desenvolvimento dos estudos discursivos críticos. De acordo com Wodak (2004), em *Language and Power* (1989), Fairclough estabelece as teorias sociais que sustentam sua proposta teórico-metodológica discursiva, reconhecida como *Teoria Social do Discurso*, que se baseia na premissa de que “a língua é parte irreduzível da vida social dialeticamente conectada a outros elementos de vida social, de forma que não se pode considerar a língua sem levar em consideração a vida social”⁵ (FAIRCLOUGH, 2003, p. 4). Nessa pesquisa, adotamos a abordagem discursiva crítica faircloughiana (FAIRCLOUGH, 2016 [1992]; 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Nas subseções, apresentamos o modelo tradicional do discurso proposto em *Discurso e Mudança Social* (2016 [1992])⁶; o arcabouço metodológico desenvolvido em *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis* (1999)⁷; e a abordagem para a análise textual em pesquisas sociais apresentado em *Analysing Discourse: textual analysis for social research* (2003)⁸.

⁵ Nossa tradução do inglês: [...] that language is an irreducible part of social life, dialectically interconnected with other elements of social life, so that social analysis and research always has to take account of language.

⁶ Tradução do original *Discourse and social change* (1992). Nesta pesquisa, usamos a 2ª edição da tradução para o português, organizada por Izabel Magalhães da Universidade de Brasília (UnB), publicada em 2016.

⁷ Nossa tradução: Discurso na Modernidade Tardia: repensando a Análise de Discurso Crítica.

⁸ Nossa tradução: Analisando Discursos: análise textual para a crítica social.

1.1 Discurso como Prática Social – O Modelo Tridimensional

Em *Discurso e Mudança Social*, Fairclough (2016 [1992]) propõe uma abordagem crítica para a análise do discurso que pudesse ser usada como uma metodologia para investigar mudanças sociais. Sua obra centra-se, principalmente, em fornecer uma concepção de discurso e um quadro teórico para a análise do discurso crítica.

Fairclough (2016 [1992], p. 94) propõe considerar o uso da linguagem como *prática social* e não como uma atividade individual, posição saussuriana, ou reflexo de variáveis situacionais, argumento dos sociolinguistas. Essa concepção adotada pelo linguista britânico implica na compreensão do discurso como um modo de ação, ou seja, uma forma em que os sujeitos podem agir sobre o mundo e sobre os outros e como um modo de representação. Além disso, implica em uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, bem como uma relação entre as práticas sociais e as estruturas sociais.

Para o autor:

O discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito e a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não discursiva, e assim por diante (FAIRCLOUGH, 2016 [1992], p. 95).

Pondera também que, apesar de o domínio social particular implicar na determinação estrutural dos eventos discursivos específicos, o discurso é socialmente constituído, e que também constitui o social. Em uma relação dialética, o discurso é afetado pela estrutura social, ao mesmo tempo que é elemento constitutivo dessa estrutura social.

Com base nas discussões de Foucault (1971) sobre a formação discursiva de objetos, sujeitos e conceitos, Fairclough (2016, p. 95) afirma que “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, diretamente ou indiretamente, o moldam e o restringem”. O discurso é compreendido como prática social “não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

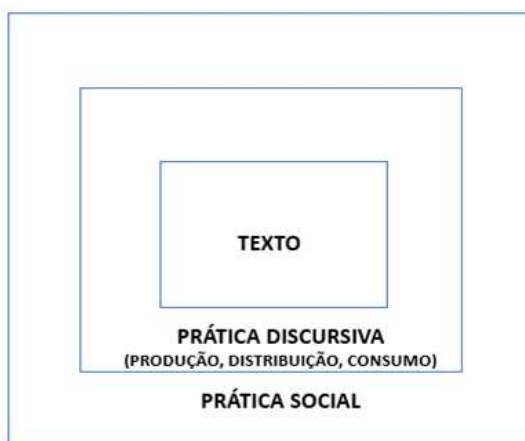
Fairclough (2016, p. 95-96) aponta, também, três aspectos construtivos do discurso e os relacionam com as funções da linguagem, propostas por Halliday (1994): contribui (i) para a construção do que é referido como “‘identidades sociais’ e ‘posições

de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’ – função identitária; (ii) para construir relações sociais entre as pessoas – função relacional; e (iii) para a construção de um sistema de conhecimento e crenças – função ideacional.

Definido o conceito de discurso, Fairclough (2016, p. 27) propõe uma abordagem para a análise discursiva que pudesse ser usada como um método para investigar as mudanças sociais – a Concepção Tridimensional do Discurso. Sua proposta considera três dimensões passíveis de serem analisadas: *a prática social, a prática discursiva e o texto*.

Para Fairclough (2016, p. 27), uma análise discursiva crítica pautada em sua proposta de concepção tridimensional do discurso permite “avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social”.

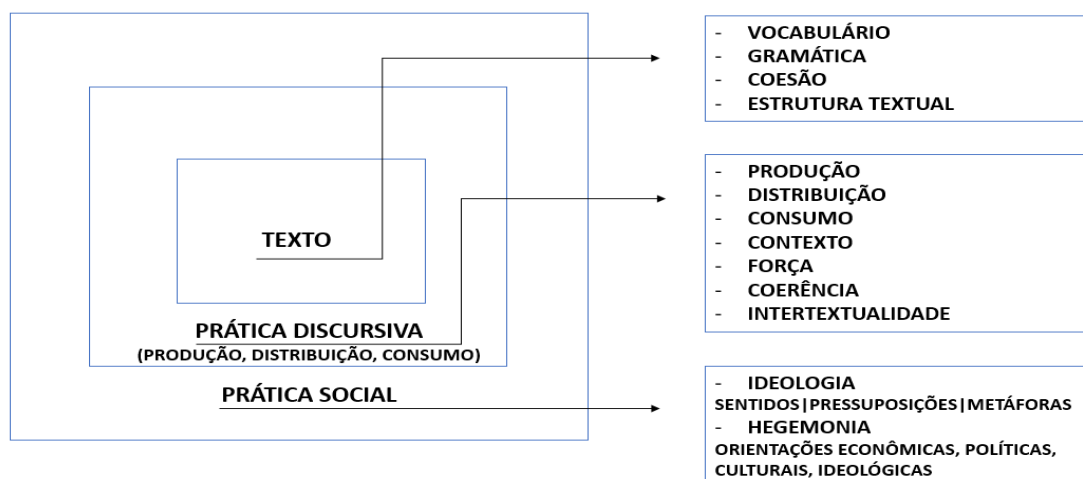
Figura 1 - Concepção Tridimensional do Discurso



Fonte: Fairclough (2016, p. 105)

A prática social e o texto são descritos como dimensões do evento discursivo mediadas pela prática discursiva, que enfoca os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo, organizados a partir das configurações da *ordem do discurso*. A separação dessas dimensões é analítica, ou seja, serve ao propósito específico de organização da análise. Na figura abaixo, pode-se observar as categorias analíticas propostas para cada uma das dimensões.

Figura 2 - Categorias Analíticas propostas no Modelo Tridimensional



Fonte: Própria pesquisa, com base em Fairclough (2016 [1992])

Sobre a análise do discurso como *texto*, dimensão materializada linguisticamente, Fairclough (2016 [1992]) aponta que qualquer tipo de aspecto textual é potencialmente significativo na análise discursiva. Ao analisar um texto sempre se examinam, simultaneamente, questões de forma e de significado. Para o autor, a análise textual, etapa descritiva da análise, deve se organizar em torno de quatro categorias de análise: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

Fairclough (2016 [1992]) afirma que toda oração, unidade principal da gramática, é multifuncional, ou seja, uma combinação de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais (Cf. Halliday e a Gramática Sistêmico-Funcional). Dessa forma, “as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura das orações, que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crenças” (FAIRCLOUGH, 2016 [1992], p. 108).

Sobre o Vocabulário, Fairclough (2016 [1992], p. 109) explica que essa categoria deve ser entendida além do sentido dicionarizado, pois “há muitos vocabulários sobrepostos e em competição correspondendo aos diferentes domínios, instituições, práticas, valores e perspectivas”. Propõe pensar vocabulário em termos de *criação de palavras*, *(re) lexicalização* e *significação*, pois implicam “processos de lexicalização (significação) do mundo que ocorrem diferentemente em tempos e épocas diferentes e para grupos de pessoas diferentes” (FAIRCLOUGH, 2016 [1992], p. 109). Afirma, ainda,

que “as estruturações particulares das relações entre palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia” (FAIRCLOUGH, 2016 [1992], p. 109).

Na análise do discurso como *prática discursiva*, etapa interpretativa, Fairclough (2016 [1992]) considera a formação dos enunciados, a coerência e a intertextualidade, além dos processos de produção, distribuição e consumo textual. Os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos. Da mesma forma, são consumidos diferentemente em contextos sociais diversos. Isso está relacionado, em parte, com o tipo de trabalho interpretativo que neles se aplica e com os modos de interpretações disponíveis. Na análise dessa dimensão, deve-se considerar, também, os procedimentos editoriais na produção do texto, a maneira como ele é posto socialmente em circulação e se ele é consumido individualmente ou coletivamente, de forma passiva ou de forma a criar resistência. Para o autor, há dimensões “sociocognitivas” específicas de produção e interpretação textual que se centralizam na inter-relação entre os recursos dos participantes do discurso e o próprio texto.

Por fim, a análise do discurso como prática social contempla as estruturas sociais que são relacionadas aos discursos e eventos sociais. Fairclough (2016 [1992]) baseia-se no conceito de ideologia (THOMPSON, 1984) e de hegemonia (GRAMSCI, 1971; LACLAU; MOUFFE, 1985), no sentido de um modo de dominação que se baseia em alianças, na incorporação de grupos subordinados e na geração de consentimento. Essas hegemonias, em instituições particulares, são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso. Para Fairclough (2016 [1992], p. 122), as ideologias imbricadas nas práticas discursivas são eficazes quando se tornam naturalizadas, cristalizadas, e atingem o status de senso comum. Em oposição, as práticas discursivas de resistência são consideradas possibilidades de transformação.

1.2 Discurso como momento da Prática Social

Lilie Chouliaraki e Norman Fairclough (1999), em *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*⁹, avançam nas discussões desenvolvidas em *Discurso e Mudança Social* (2016 [1992]) e apontam uma nova visão para o conceito de discurso. A autora e o autor propõem uma reflexão sobre as mudanças sociais na

⁹ Nossa tradução: Discurso na Modernidade Tardia: repensando a Análise de Discurso Crítica.

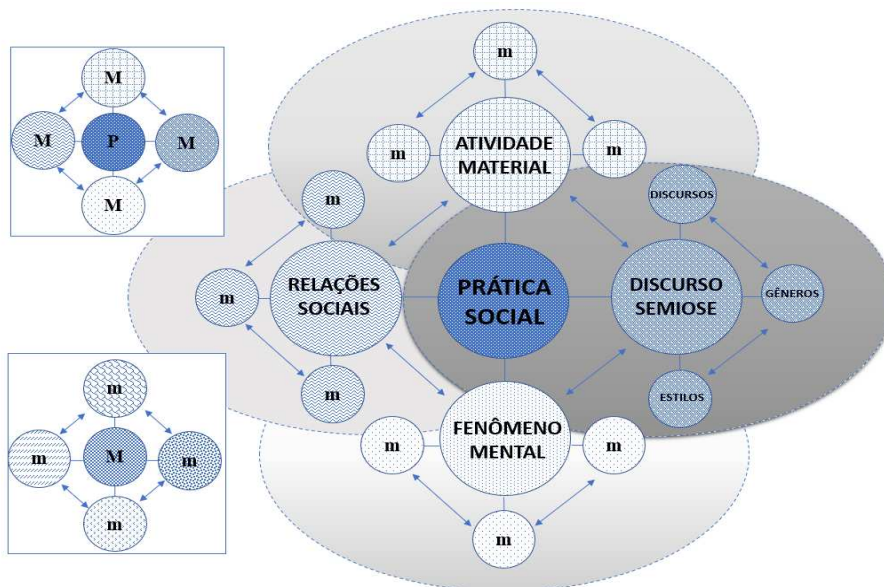
modernidade tardia (GIDDENS, 1991), as mudanças globais de larga escala e a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social. Nesse momento epistemológico, o discurso passa a ser compreendido não mais como uma prática social, mas sim como *um momento das práticas sociais* articulado a outros momentos não-discursivos (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999).

Como informam as pesquisadoras Resende e Ramalho (2016, p. 35), o conceito de *práticas sociais* é trazido do materialismo histórico-geográfico de David Harvey (1996). Para esse geógrafo britânico, "o discurso é um momento de práticas sociais dentre outros – relações sociais, poder, práticas materiais, crenças/valores/desejos e instituições/rituais – que, assim como os demais momentos, internaliza os outros sem ser redutível a nenhum deles". Apropriando-se desse conceito, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21) definem práticas sociais como "maneiras recorrentes, situadas em tempo e espaço particulares, pelas quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agirem juntas no mundo".

Essas práticas particulares são constituídas em toda a vida social, por elementos dos domínios da economia, da política, da cultura, incluindo a vida cotidiana. Ou seja, as práticas sociais são formadas na articulação entre discurso e outros elementos sociais. Para Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 8), "é importante reconhecer a importância social do discurso sem reduzir a vida social a discurso".

Chouliaraki e Fairclough (1999) destacam o discurso (ou semiose), a atividade material, o fenômeno mental e as relações sociais como momentos constituintes de uma prática social. Ou seja, a prática social não se reduz somente ao discurso, que passa a ser visto como um dos momentos que a constitui. Dessa forma, em uma análise do discurso crítica, além de considerar o elemento discurso, deve-se analisar os demais momentos que constituem as práticas sociais em uma relação dialética de articulação e internalização, conforme ilustrado no esquema a seguir:

Figura 3 - (M) Momentos da (P) Prática Social e Articulação interna de cada (m) momento do (M) Momento da (P) Prática Social.



Fonte: Adaptação dos esquemas propostos por Resende e Ramalho (2016, p. 39-40)

As pesquisadoras Resende e Ramalho (2016, p. 39) explicam que:

Os momentos de uma prática são articulados, ou seja, estabelecem relações mais ou menos permanentes como momentos da prática, podendo ser transformados quando há recombinação entre os elementos. O conceito de articulação pode ser estendido para cada um dos momentos de uma prática, pois também eles são formados de elementos em relação de articulação interna.

O conceito de *articulação* do teórico político argentino Ernesto Laclau e da cientista política belga Chantal Mouffe, presente na obra *Hegemonia e estratégia socialista*¹⁰ (2015 [1985]), norteia a compreensão da internalização do momento da prática de outros momentos proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999). O momento discursivo de uma prática particular resulta da articulação de recursos simbólicos-discursivos – como gêneros, discursos, estilos. Nesse cenário, a mudança discursiva se dá pela reconfiguração ou pela mutação dos elementos que atuam nessa articulação (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 40). De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), a luta articulatória é uma faceta discursiva da luta hegemônica. E, dependendo das circunstâncias sociais e das articulações entre práticas e momentos de práticas, práticas sociais são sustentadas ou transformadas.

¹⁰ Tradução do original *Hegemony and Socialist Strategy - Towards a Radical Democratic Politics* (LACRAU; MOUFFE, 1985), publicada pela editora brasileira Intermeios.

Chouliaraki e Fairclough (1999) estabelecem um diálogo com o Realismo Crítico (doravante RC) e propõem um arcabouço analítico baseado na crítica-explanatória do filósofo Roy Bhaskar (1989) – que será detalhado no capítulo 6 desta pesquisa. O RC defende “uma ontologia não empiricista, em que o mundo não é feito somente de acontecimentos ou fato; o mundo (material ou social) é governado por mecanismos ou poderes causais, oriundos de estruturas e de que se informa a realização de evento” (BARRO; VIEIRA; RESENDE, 2016, p. 13).

Na filosofia bhaskariana, o mundo é visto como um sistema aberto, em constante mudança, constituído por diferentes estratos – físico, social, biológico, semiótico. Esses estratos possuem estruturas distintas e mecanismos gerativos e poderes causais específicos que atuam de modo simultâneo, sem serem reduzidos a um e sempre dependendo do outro.

Essa ontologia estratificada do Realismo Crítico sustenta, também, a existência de três domínios da realidade: potencial, realizado e empírico. Como explicam Vieira e Resende (2016, p. 36), o potencial é o domínio das estruturas, mecanismos e poderes causais dos objetos. O realizado refere-se ao que acontece se e quando os poderes causais são ativados. Por fim, o empírico é o domínio das experiências afetivas experimentada pelos agentes sociais, tanto no domínio do potencial como no realizado. Exemplificando com base na linguagem, pode-se “associar o *sistema semiótico* (a potencialidade para significar) com o domínio do *potencial* e, por outro lado, os *sentidos de textos* com o domínio do *realizado* (o significado). [E ao domínio empírico] os *textos* [...] com que de fato tivemos contato na vida” (VIEIRA; RESENDE, 2016, p. 36).

Com base nessa perspectiva teórica, a ADC/Fairclough compreende a linguagem como um dos estratos do mundo – o estrato semiótico. Esse estrato mantém relações simultâneas e transformacionais com os demais estratos, internalizando traços de outros estratos, assim como age sobre ele. A ontologia estratificada fundamenta a ideia de que a linguagem tem efeitos nas práticas e eventos sociais (VIEIRA; RESENDE, 2016a, p. 42).

De acordo com Fairclough (2003, p. 220)¹¹,

¹¹ Nossa tradução do inglês: Social structures define what is possible, social events constitute what is actual, and the relationship between potential and actual is mediated by social practices. Language (more broadly, semiosis) is an element of the social at each of these levels – languages are a type of social structure, texts are elements of social events, and orders of discourse are elements of (networks of) social practices. One consequence is that rather than starting from texts, one starts from social events (and chains and networks of events), and analyses texts as elements of social events.

As estruturas sociais definem as possibilidades ao passo que os eventos sociais constituem o que é real, sendo a relação entre essas duas vertentes mediada pelas práticas sociais. A língua (e de uma forma mais geral a semiose) é um elemento social em cada um desses níveis – as línguas são um tipo de estrutura social, os textos são elementos de eventos sociais e as ordens do discurso são elementos de (redes de) práticas sociais. Uma das consequências dessa função social é que ao invés de iniciar a análise com textos, inicia-se com eventos sociais (e com cadeias e redes de eventos), sendo os textos analisados como elementos de eventos sociais.

O autor relaciona os níveis do social com os níveis da linguagem, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1 - Relações entre os Níveis do Social e os Níveis da Linguagem

NÍVEL DO SOCIAL		NÍVEL DA LINGUAGEM
ESTRUTURA SOCIAL		SISTEMA SEMIÓTICO
PRÁTICAS SOCIAIS		ORDENS DO DISCURSO
EVENTOS SOCIAIS		TEXTOS

Fonte: Com base em Fairclough (2003, p. 220)

No nível mais abstrato das estruturas, a linguagem como sistema semiótico. No nível intermediário das práticas sociais, a linguagem como ordens do discurso. Por fim, no nível mais concreto dos eventos, a linguagem como texto. Segundo Vieira e Resende (2016, p. 43, **negrito nosso**), da compreensão dessa correlação dos níveis, “advém o entendimento de que o objeto da ADC não é a **linguagem** como estrutura (sistema semiótico), tampouco apenas como evento (texto), mas também **como prática social**”.

1.3 Gêneros, Discursos e Estilos como materializações semióticas

A obra *Analysing Discourse: Textual analysis for social research* (2003) representa uma continuidade dos trabalhos desenvolvidos por Fairclough (1992) e Chouliaraki e Fairclough (1999). Fairclough (2003, p. 3) reitera que a análise textual é uma parte importante da análise do discurso, mas que somente esta dimensão não dá conta de uma análise discursiva. Para ele, a análise do discurso é algo que oscila entre um foco em textos específicos e um foco naquilo que denomina *ordem de discurso* – “uma rede de práticas sociais no aspecto linguístico” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24)¹². Afirma, ainda,

¹²Nossa tradução do inglês: [...] is a network of social practices in its language aspect.

que a análise de texto não é vista como uma análise puramente linguística, pois contempla uma análise interdiscursiva, ou seja, o texto deve ser visto como discursos, gêneros e estilos que se articulam.

Fairclough (2003, p. 11-12) orienta que os textos devem ser analisados a partir de seus efeitos sociais, gerados pela produção de sentido. Entende-se que os sentidos têm mais efeitos do que os textos em si. O autor propõe uma análise textual que considere essa produção de sentido, investigando como os agentes tecem textos estabelecendo relações entre seus elementos.

Para atribuir efeitos causais e ideológicos às formas linguísticas, a análise deve considerar a significação e o contexto. Fairclough (2003, p. 14) afirma que os textos têm consequências e efeitos sociais, políticos, cognitivos, morais e materiais. Dessa forma, faz-se necessário compreender essas consequências e efeitos ao discutir problemas sociais, parcialmente discursivos, da sociedade contemporânea.

Fairclough (2003, p. 22), apoiado nos estudos sociológicos de Margaret Archer (1995) e Andrew Sayer (2000), aponta a *estrutura e a prática social* e os *agentes sociais* – pessoas envolvidas nos eventos sociais – como “poderes” causais que podem moldar textos. Esses agentes sociais são restritos socialmente, contudo, suas ações não são totalmente determinadas. Eles têm poderes causais próprios que não são reduzíveis aos poderes causais das estruturas e práticas sociais. O autor indica que a questão da agência deve ser observada nas análises textuais. É importante investigar “se as ações são representadas de modo a especificar ou suprimir a agência dos agentes bem como a importância política e social que a escolha textual acarreta” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 135)¹³.

Para a análise textual, Fairclough (2003), ampliando o diálogo da ADC com a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994), revisa a proposta de recontextualização das macrofunções da linguagem em função ideacional, função identitária, função relacional e função textual (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999). O analista do discurso sugere uma articulação dessas funções com os conceitos de gênero (ação), discurso (representação) e estilo (identificação). No lugar de funções da linguagem, propõe três tipos de significados: o *significado acional*, o *significado representacional* e o *significado identificacional*, ou seja, ao invés de se pensar apenas na

¹³Nossa tradução do inglês: [...] whether actions are represented in ways which specify or conversely elide the agency of actors, and what the social and political significance of this textual ‘choice’ may be.

multifuncionalidade da língua, Chouliaraki e Fairclough estão dando ênfase ao significado, ou seja, que o uso da linguagem potencializa diversos significados na nossa vida em sociedade.

Quadro 2 - Recontextualização da LSF na ADC

LSF (HALLIDAY, 1985)	ADC (FAIRCLOUGH, 1992)	ADC (FAIRCLOUGH, 2003)
Função Ideacional →	Função Ideacional →	Significado Representacional
Função Interpessoal →	Função Identitária →	Significado Identificacional
	Função Relacional →	Significado Acional
Função Textual →	Função Textual →	

Fonte: Adaptado de Resende e Ramalho (2016, p. 61)

Nessa nova recontextualização:

A representação corresponde à função 'ideacional' de Halliday; A Ação se aproxima de sua função 'interpessoal', embora dê mais ênfase no texto como modo de (inter) agir em eventos sociais, e possa ser visto como que incorporando Relação (representando relações sociais); Halliday não diferencia uma função separada para identificação – a maior parte do que eu incluo como Identificação está em sua função 'interpessoal'. Não faço distinção de uma função 'textual' separadamente, antes a incorporo com a Ação (FAIRCLOUGH, 2003, p. 27)¹⁴.

O significado acional/relacional está relacionado aos gêneros – modos de (inter) agir discursivamente. Já o significado representacional está associado com as formas particulares de representar aspectos do mundo. Por fim, o significado identificacional têm relação com as formas de identificar (-se) no mundo.

É importante salientar que a relação entre esses significados é dialética, pois cada um internaliza traços de outros de modo que nunca se excluem ou se reduzem a um. Na subseção 3.2, Categorias Analíticas, apresentamos as categorias que serão usadas como ferramentas para a análise dos significados representacional, identificacional e acional em nossa pesquisa. No próximo capítulo, sintetizamos algumas teorias sobre Gênero e Corpo importantes para nossas análises nesta pesquisa.

¹⁴Nossa tradução do inglês: Representation corresponds to Halliday's 'ideational' function; Action is closest to his 'interpersonal' function, though it puts more emphasis on text as a way of (inter)acting in social events, and it can be seen as incorporating Relation (enacting social relations); Halliday does not differentiate a separate function to do with identification – most of what I include in Identification is in his 'interpersonal' function. I do not distinguish a separate 'textual' function, rather I incorporate it within Action.

2 GÊNERO, CORPOS/DISCURSOS E TRANSVESTIGÊNERES

*Ques bicha estranha, ensandecida
Arrombada, pervertida
Elas tomba, fecha, causa
Elas é muita lacração
(Bixa Preta - Mc Linn da Quebrada)*



O Gênero é uma dimensão central da vida pessoal, das relações sociais e da cultura. Entretanto, para compreender o momento das discussões sobre Gênero, faz-se necessário situar, brevemente, quando emergiram e sua relação com o movimento feminista – que surge por volta do século XIX.

A primeira onda do feminismo teve como marca as reivindicações sufragistas. No contexto da sociedade do século XIX e da virada industrial, a principal pauta era o acesso ao direito ao voto, à participação na vida pública e política e a melhores condições de trabalho – ou seja, igualdade de direitos entre homens e mulheres. As pioneiras da primeira onda questionavam, dessa forma, a imposição de papéis de submissão às mulheres. Já o feminismo de segunda onda é referido, geralmente, como “feminismo radical”. Foi marcado pela luta pelos direitos reprodutivos e pelas discussões sobre sexualidade. É nesse momento do feminismo, com início por volta da década de 40/50, que as discussões sobre sexo e Gênero passam a ser problematizadas de forma mais intensa. As reflexões de Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1949), tornam-se um marco para os estudos de Gênero e contribuem para uma desconstrução da posição do homem como centro das experiências sociais. Na década de 60, as pautas feministas passam a ser consolidadas em documentos jurídicos. Já no final do século XX, as discussões sobre o conceito de Gênero ganham centralidade nas discussões teóricas.

No dia a dia, muitas vezes, tomamos o Gênero como algo dado. Assim, a crença de que distinções de Gênero são naturais, ancoradas nas categorias binárias ‘homem’ e ‘mulher’, faz com que pessoas experienciem um estranhamento ao se depararem com sujeitos que não seguem um padrão de referência, seja no âmbito da sexualidade, quando um homem se apaixona por outro homem, seja no âmbito da identidade de Gênero, quando um sujeito performatiza tanto masculinidades quanto feminilidades, causando

uma fissura na norma pênis-macho-homem-masculinidades/vagina-fêmea-mulher-feminilidades.

Dessa forma, compreendemos, à luz da pioneira filósofa feminista Simone de Beauvoir (1949), que não se nasce mulher, da mesma forma que não se nasce homem, mas torna-se. No mesmo sentido, as pesquisadoras Raewyn Connell e Rebeca Pearse apontam que:

[...] não podemos pensar o ser mulher ou o ser homem como experiências fixadas pela natureza. Mas também não podemos pensá-los apenas como uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridade. As pessoas *constroem-se a si mesmas* como masculinas ou femininas. Reivindicamos um lugar na **ordem de gênero** – ou respondemos ao lugar que nos é dado –, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana. (grifo nosso) (CONNELL; PEARSE, 2014 [2002], p. 38)

Para as autoras, o Gênero é inerentemente político, pois os arranjos de Gênero são, concomitantemente, Fontes de prazer, reconhecimento, identidade, mas também de vulnerabilidades, injustiças e violências.

Os estudos desenvolvidos nas décadas de 1950-60 consideraram, por vezes, o Gênero como uma diferença cultural entre ‘mulheres’ e ‘homens’, baseada na divisão entre fêmeas e machos, em uma perspectiva da dicotomia e da diferença. Connell e Pearse (2014 [2002], p. 46-47) sintetizam de forma didática algumas objeções a esse conceito:

- A vida humana não se divide apenas em duas esferas. [...] Nossas imagens de gênero são quase sempre dicotômicas, mas a realidade não o é. [...]
- Uma definição em termos de diferença significa que onde não vemos diferença, não vemos gênero. [...]
- Uma definição baseada em dicotomias exclui as diferenças entre mulheres e homens do conceito de gênero. Mas diferenças internas a cada grupo podem ser altamente relevantes para os padrões de relações entre mulheres e mulheres e entre homens e homens: por exemplo, as diferenças entre masculinidades violentas e masculinidades não violentas [...].
- Qualquer definição em termos de características pessoais exclui os processos que estão para além do indivíduo. Processos sociais de grandes dimensões baseiam-se na capacidade compartilhada de homens e mulheres, mais do que em suas diferenças.

De acordo com as sociólogas, o caminho para um melhor conceito está na mudança do foco nas diferenças para um foco nas relações sociais, compreendendo o Gênero como “uma questão de relações sociais dentro das quais os indivíduos e grupos atuam” (CONNELL; PEARSE, 2014 [2002], p. 47). Nessa perspectiva, o Gênero deve

ser entendido não como uma expressão da biologia, nem como uma dicotomia fixa na vida dos sujeitos, mas como uma estrutura social.

Para Connell e Pearse (2014 [2002], p. 48), o Gênero é uma estrutura social com uma especificidade: envolve uma relação específica com os corpos. No senso comum, esse aspecto está diretamente relacionado com as diferenças biológicas entre ‘homens’ e ‘mulheres’. Como apontam as sociólogas, por sermos uma espécie que se reproduz sexualmente, alguns aspectos de nossa anatomia são específicos para esse propósito e muitos processos biológicos são afetados por isso.

A problemática dessa relação a partir dos discursos biológicos binários não está na preocupação com a reprodução sexual, contudo na tentativa de centralizar as discussões sobre a complexidade biológica e sua adaptabilidade em uma dicotomia rígida e a na difusão da ideia de que padrões culturais expressariam apenas diferenças corporais (CONNELL; PEARSE, 2014 [2002], p. 48). Essas autoras afirmam que, às vezes, os padrões culturais expressam diferenças corporais, todavia,

frequentemente, fazem mais do que isso – ou menos. Às vezes, as práticas sociais exageram a distinção entre mulheres e homens (por exemplo, no caso das ‘roupas para maternidade’), negam essa distinção (como em diversas práticas empregatícias), mitificam-nas (como em videogames) e complicam-na (como em culturas que têm um terceiro gênero). Não podemos dizer, portanto, que os arranjos sociais simplesmente ‘expressam’ diferenças biológicas. (CONNELL e PEARSE, 2014 [2002], p. 48).

Nesta perspectiva, apontam que não há uma base biológica fixa para o processo social do Gênero. Em vez disso, o que há é “uma arena em que os corpos são trazidos para processos sociais, em que nossa conduta social faz alguma coisa sobre diferenças reprodutivas” (CONNELL; PEARSE, 2014 [2002], p. 48). A partir dessas discussões, Connell & Pearse propõem pensar gênero como “uma estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (CONNELL; PEARSE, 2014 [2002], p. 48).

A filósofa Judith Butler, Em *Problemas de Gênero* (2003 [1990]), opondo-se teoricamente ao estruturalismo, problematiza a oposição binária entre sexo, como dado da natureza, e Gênero, como registro da cultura e da sociedade. Para a autora, o sexo também deve ser compreendido como uma categoria construída no âmbito do social e cultural. E, o Gênero, como uma categoria performativamente iterada e citada. Em uma

perspectiva foucaultiana, entende que as categorias fundacionais de sexo e Gênero devem ser explicadas como efeitos de instituições, práticas, discursos e poder.

De acordo com Butler (2003, p. 33), o Gênero é culturalmente construído e deve ser compreendido como “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de substância, de uma espécie de ser natural”. Além disso, aponta que o Gênero não é uma categoria natural vinculada automaticamente à categoria sexo. Ao contrário, assinala que o sexo também é culturalmente construído. O Gênero e o sexo, por vezes entendida como uma categoria única, na perspectiva butleriana, não são permanentes, mas estão em constata construção/desconstrução.

No mesmo sentido que o Gênero e o sexo, os corpos, aparentemente construídos como naturais, têm agência e são construídos socialmente. Para Connell e Pearse (2014 [2002], p. 111-112, nossos corpos “são interconectados por meio de práticas sociais e de coisas que fazemos em nosso cotidiano. Simultaneamente, corpos são objetos e agentes de práticas sociais. Os mesmos corpos, ao mesmo tempo, são ambos”. As práticas sociais em que os corpos são envolvidos formam estruturas sociais que, por sua vez, fornecem condições para novas práticas nas quais os corpos são envolvidos. Para essas sociólogas, os processos sociais e as estruturas sociais se conectam pelo tempo, “somam-se ao processo histórico no qual a sociedade é corporificada e os corpos são arrastados para a história” (CONNELL; PEARSE, 2014 [2002], p. 111-112).

Butler (2003) afirma que o corpo é um efeito naturalizado do discurso. O corpo é tanto significado quanto significação, construído linguístico-discursivamente. Trata-se de um corpo/discurso. A autora considera o eu individual que fala como “uma citação do lugar do eu no discurso” (BUTLER, 2003, p. 225). De acordo com Butler, não há referente para o eu que preceda o momento de produção discursiva. A maioria dos enunciados são produzidos previamente em situações semelhantes. Logo, os discursos fazem referências a outros discursos que os precederam. Essa iterabilidade aponta “para a importância de discursos preexistirem, não somente para o formato final de um enunciado, mas também para a sua autoridade como um ato de fala” (LIVIA; HALL, 1997, p. 116).

O Gênero e o corpo são constituídos em atos performativos. Para a filósofa, a “performatividade não é só algo que uma pessoa faz, mas também como algo encenado no coletivo.” (BUTLER, 2003, p. 24). Como aponta Salih (2017 [2002]), para a teoria

butleriana, a morfologia é o produto de um esquema heterossexual que efetivamente delinea o corpo. Dessa forma, tal como o Gênero, o sexo é um efeito, uma categoria discursiva.

Ao discutir a performatividade, primeiro Butler propõe uma desconstrução da distinção sexo/gênero argumentando que não há sexo que não seja Gênero. Nessa perspectiva, todos os corpos são generificados desde sua existência social. Isso significa que “não há ‘corpo natural’ que preexista à sua inscrição cultural” (SALIH, 2017 [2002], p. 89). Como já apontado, Gênero, na perspectiva butleriana, é um “processo de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido” (BUTLER, 2003, p. 33). Dessa forma, podemos concluir que o Gênero não é algo que *somos*, mas *algo que fazemos/desfazemos*. É uma sequência de atos, um *fazer/desfazer* em vez de um *ser*. Estamos o tempo todo *fazendo e desfazendo* Gênero, performatizando Gêneros. Como afirma Butler (2003 [1990], p. 56), “o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é”. Ademais, para Butler, há uma norma heterossexual que estrutura a sociedade discursivamente que exclui e violenta os corpos que não atuam dentro de uma matriz de inteligibilidade.

Para o filósofo e ativista Paul Preciado (2014 [2002]), as discussões de Butler em *Problemas de Gênero* subestimam os processos corporais presentes, por exemplo, nos corpos/discursos transvestigêneres. Entender o Gênero somente como atos de performatividade seria insuficiente para problematizar os processos por meios dos quais os corpos (re)assumem a sexualidade e o Gênero. Para o autor, o Gênero não se reduz ao discurso, antes de tudo é prostético e se dá na materialidade do corpo; é algo constante, puramente construído e, simultaneamente, orgânico (PRECIADO, 2014, p. 29).

Em uma leitura da obra de Preciado, o pesquisador brasileiro Bryan Willian Axt comenta que, para esse filósofo, o Gênero:

[...] se estende para a própria dimensão física da materialidade do corpo, que se torna potencialmente moldável, maleável e constantemente influenciado por poderes presentes na sociedade, como os processos biotecnológicos advindos da própria (tecno) ciência, assim como as instituições médico-jurídicas, que buscam naturalizar algumas performatividades em detrimento de outras. (AXT, 2017, p. 36)

Conforme sintetiza historiadora Carmen Silva Liblik (2016), a contrassexualidade proposta por Preciado tem como objetivo identificar os espaços errôneos e as fissuras da

estrutura sociodiscursiva, considerando a importância dos lugares ocupados pelos corpos dos “intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, butchs, histéricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes, reforçando o poder dos desvios e derivações em relação ao sistema heterocentrado” (PRECIADO, 2014, p. 27).

Em seu Manifesto Contrassexual, Preciado propõe pensar a dimensão carnal dos corpos:

O gênero não é simplesmente performativo (isto é, um efeito das práticas culturais linguístico-discursiva) como desejaria Judith Butler. O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá, senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. O gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo. O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais. (PRECIADO, 2014 [2002], p. 29)

Como comenta pesquisador e ativista Axt (2017, p. 39), faz-se necessário um diálogo entre as propostas filosóficas de Butler e Preciado, pois “não há como desfazer-se da dimensão da linguagem e dos níveis discursivos de materialização dos corpos em detrimento de uma dimensão puramente materialista de suas existências”. Pode-se pensar no corpo como um *efeito performativo*, conforme proposto por Butler, sem desconsiderar o processo de incorporação prostética por meio de substâncias naturais e sintéticas, apontado por Preciado.

No cenário brasileiro, a socióloga Berenice Bento propõe uma discussão sobre Gênero a partir da realidade “ao sul do Equador” – os estudos/ativismos transviad@s. Conforme Bento, Gênero, masculinidades e feminilidades não têm relação com a estrutura biológica, ou seja, não são determinados pelas genitálias. Para a socióloga (2017 [2010], p. 108), Gênero “está relacionado à performance, à prática e ao reconhecimento social”. Assim, não existe Gênero pré-determinado em uma estrutura corpórea, o Gênero é feito/desfeito na prática do dia a dia.

Segundo essa socióloga (2006), uma concepção binária dos gêneros “produz e reproduz a ideia de que o gênero reflete, espelha o sexo e que todas as outras esferas constitutivas dos sujeitos estão amarradas a essa determinação inicial: a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais” (BENTO, 2006, p. 90). Nesse sentido, o corpo passa a ser compreendido como

“naturalmente dimórfico, como uma folha em branco, esperando o carimbo da cultura que, por meio de uma série de significados culturais, assume o gênero” (BENTO, 2006, p. 98).

As travestis, então, no espectro da regulação, são corpos/discursos e identidades que transitam entre os opostos socialmente construídos (ser “homem” e ser “mulher”) e revelam as limitações e as possibilidades ontológicas que não obedecem à matriz ficcionalmente binária. Segundo Bento (2008, p.38),

[...] as experiências de trânsito entre os gêneros demonstram que não somos predestinados a cumprir os desejos de nossas estruturas corpóreas. [...] Há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis, e ao fazê-lo se põem em risco porque desobedecem às normas de gênero; ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas.

Ao corpo/discurso travesti é negado o direito de “[...] coabitar o mundo humano, que é dividido entre homens-pênis e mulheres-vaginas. [...] a heterossexualidade natural dos corpos que daria sentido ao dimorfismo sexual através do discurso da complementariedade” (BENTO, 2017, p. 24).

Essas abordagens apresentadas fazem parte das chamadas Teorias *Queer*. Como explica Preciado (2009), desde a criação do léxico *queer*, por volta do século XVII, essa palavra foi investida potencialmente como um insulto. Seu uso nomeava o objeto cuja condição era inútil e mal feito, que colocava em risco o bom funcionamento do jogo social. Eram considerados *queer*, os fraudadores, os ladrões, os bêbados, mas também todos que por alguma peculiaridade ou estranheza não poderiam ser reconhecidos como performances das categorias “homem” ou “mulher”.

Segundo Preciado (2009), o que denominamos de *queer* pressupunha um problema para o sistema de representação, ocasionando uma perturbação na norma cisheteronormativa, uma vibração estranha no campo de visibilidade que devia ser marcado com desprezo. O insulto *queer* tentava reunir, sob esse termo guarda-chuva, todos os sinais de abjeção, todos que fugiam aos padrões de gênero socialmente estabelecidos.

Conforme aponta Axt (2017, p. 39), no final do século XX, o termo foi “abraçado pelas pessoas que são estranhas à heteronormatividade, pelas bichas e pelas butchs, drag queens e drag kings, por pessoas que não se identificam com nenhum gênero, nem o masculino, nem o feminino ou por outras que identificam outro gênero que o não binário” e adotado como um posicionamento político. Para esses grupos, o *queer* tornou-se uma

reinvidicação das minorias políticas por visibilidade e políticas públicas de proteção e assistência.

Dentro de uma perspectiva *queer*, Preciado (2011, p. 14) afirma que:

[...] o corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que se torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*.

De acordo com o autor, o corpo da multidão *queer* toma o centro de um trabalho de desterritorialização da heterossexualidade. Esse processo de desterritorialização do corpo obriga a resistir aos processos de torna-se adequado às normas cisheteronormativas. Apesar de haver tecnologias precisas de produção do corpo “normal” ou de normatização dos Gêneros, esse processo não resulta em um determinismo ou em uma impossibilidade de ação política. Para Preciado (2011, p. 14), “a multidão *queer* tem também a possibilidade de intervir nos dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual”.

Na academia, a expressão *teoria queer* foi empregada pela primeira vez em 1991, em uma conferência sobre identidade de gênero, na Universidade de Santa Cruz, Califórnia. A socióloga Berenice Bento sintetiza cinco eixos que sustentam as teorias *queer*:

1) desnaturalização das bioidentidades (coletivas e individuais); 2) ênfase nas relações de poder para interpretar as estruturas subjetivas e objetivas da vida social; 3) a permanente problematização das binariedades; 4) prioridade a dimensão da agência humana, 5) crítica ao binarismo de gênero (masculino versus feminino) e sexual (heterossexual e homossexual). (BENTO, 2016, p. 23). (BENTO, 2017, p. 247)¹⁵

Das pesquisas na perspectiva de Gênero produzidos no Brasil, as pesquisas citadas a seguir, contribuíram significativamente com nossas discussões, pelo valor teórico, simbólico e político. A tese defendida por Luma Nogueira Andrade, primeira travesti a receber o título acadêmico de Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Ceará, *Travesti na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*, apresenta uma rica

¹⁵ Artigo publicado originalmente na Revista Cult, em agosto de 2015.

análise dos corpos travestis no espaço escolar, “desvendando suas sociabilidades, resistências e assujeitamento à ordem normativa, partindo de suas próprias narrativas e da percepção externa de quem convive com elas no cotidiano escolar”. A pesquisadora aponta que a maior parte da produção teórica brasileira sobre travestis tem como ponto de partida a prostituição: Vale (2005), Benedett (2005), Silva (2007), Kulick (2008) e Pelúcio (2009). Na introdução de sua tese, Andrade (2012, p. 20) narra que sentiu a necessidade de pesquisar outras travestis: as que buscam a escola – e são resistência nesse espaço – como alternativa para uma vida no centro da sociedade.

Em 2017, Megg Rayara Gomes de Oliveira tornou-se a primeira travesti a receber o título de Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. A pesquisadora e militante defendeu a tese *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Em seu trabalho, procurou identificar os elementos envolvidos “nos processos de subjetivação das experiências de professores negros que fogem à norma cis heterossexual – gay afeminados, viados e bichas – e como esses elementos são agenciados no interior da escola” (OLIVEIRA, 2017, p. 168).

Merece reconhecimento, também, o ativismo e produção teórica de Amara Moira. A pesquisadora, professora, profissional do sexo e colunista do *Midia Ninja*, foi a primeira travesti a receber o título pelo doutoramento na Unicamp. Autora do livro *E se eu fosse puta* (2018), defendeu a tese *A indeterminação de sentidos no Ulysses de James Joyce* (2018).

No contexto desta pesquisa, interessa-nos compreender, com base nas Teorias *Queer/Cuir/Estudos/Ativismos Transviad@s, como o corpo/discurso transvestigênere é representado nas práticas midiáticas digitais, por meio da análise das representações de Luana Muniz*.

No próximo capítulo, apresentamos os caminhos metodológicos desta pesquisa, da composição e delimitação do *corpus* à definição das ferramentas analíticas.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2016 [1992], 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), como mencionamos no capítulo 1, é uma abordagem **teórico-metodológica**. Ou seja, além de subsidiar discussões sobre a linguagem e o discurso no nível das práticas sociais, orienta os procedimentos metodológicos de análise. Nossa investigação alinha-se às pesquisas em ADC de vertente britânica e trata-se de uma pesquisa **qualitativa, transdisciplinar**, de cunho **documental**, de caráter **interpretativo-explanatório** e **emancipatório**.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa qualitativa consiste em “um conjunto de práticas materiais e interpretativas, que dão visibilidade ao mundo”. Nesse sentido, como explicam Vieira e Resende (2016, p. 76), por meio da pesquisa qualitativa, podemos entender, descrever e interpretar aspectos do mundo. As autoras afirmam, também, que o processo desse tipo de investigação parte de posições ontológicas, epistemológicas e metodológicas. A definição de uma versão da ontologia, ou seja, da natureza da realidade assumida pelo pesquisador, e dos componentes ontológicos a serem investigados determinam as decisões de cunho epistemológico e metodológico. E essas orientações, por sua vez, caracterizam o esquema interpretativo da pesquisa.

Uma outra característica deste tipo de pesquisa é a transdisciplinaridade nos estudos da linguagem como prática social. Essa proposta transdisciplinar,

[...] rompe fronteiras epistemológicas com diversas áreas das ciências sociais, valendo-se de teorias delas providas para apoiar sua abordagem sociodiscursiva, ao mesmo tempo em que oferece as/aos cientistas sociais a possibilidade de acrescentar um viés discursivo a suas investigações. (FIGUEIREDO, 2009, p. 750).

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 17) explicam que esse tipo de abordagem tem por objetivo oferecer um norte para os estudos discursivo-críticos por “lançarem luz sobre a dialética entre o social e o discursivo em uma ampla variedade de práticas sociais”. Além disso, essa proposta faz desta abordagem uma disciplina “aberta”, possibilitando o diálogo e a operacionalização de conceitos de diversas áreas do conhecimento (VIEIRA; RESENDE, 2016, p. 109). Nesta pesquisa, estabelecemos diálogos com os estudos

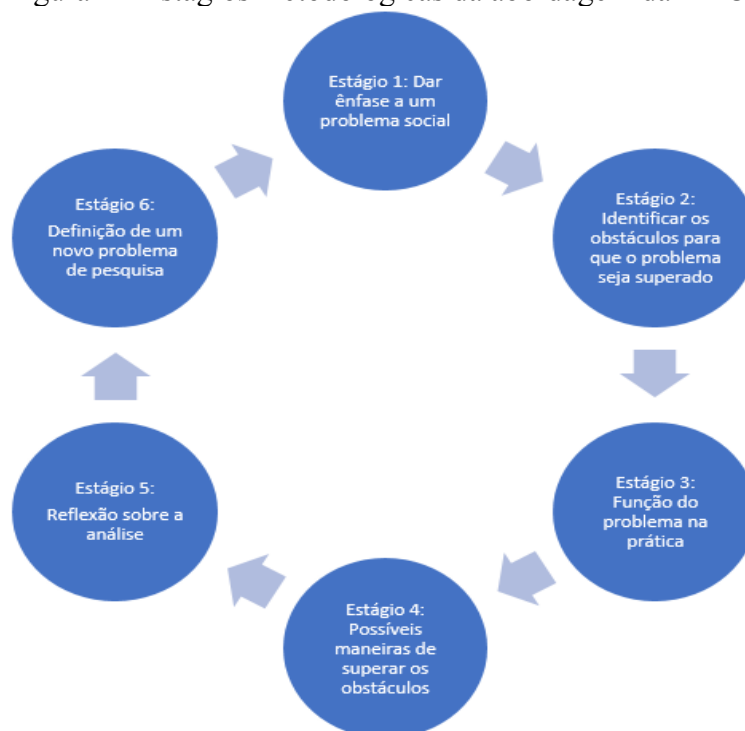
Queer/Cuir/Transviad@s, as teorias da sociologia e da filosofia sobre corpo e os debates sobre mídia e comunicação.

De cunho documental, utilizamos dados de natureza formal, no caso, textos midiáticos disponibilizados em ambiente digital, como material empírico. Fairclough (2003) reconhece os textos como parte de eventos específicos, ou seja, momentos da prática social, que envolvem outros elementos além do discurso. Como definem Vieira e Resende (2016, p. 105), nessa perspectiva relacional/dialética, textos são "materializações situadas do discurso que constituem crenças, valores, formas de ação e interação, relações sociais, mundo material, e, ao mesmo tempo, são constituídos por esses outros momentos de práticas sociais".

Conforme apontam Vieira e Resende (2016, p. 109), as pesquisas em análise do discurso "são empreendimentos complexos que não se limitam à análise textual". Apenas o aspecto discursivo das práticas sociais não é suficiente para que um problema sociodiscursivo seja sobremodo investigado. Dessa forma, nossa abordagem operacionaliza a proposta de investigação crítica explanatória de Bhaskar (1989) e oferece ferramentas que possibilitam mapear relações entre aspectos semióticos e não semióticos do social. Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem um arcabouço para a explanação crítica de problemas sociais, por meio da investigação de mecanismos discursivos e seus potenciais efeitos ideológicos em práticas sociais particulares. Segundo Fairclough (2003, p. 15), para avaliar esses efeitos ideológicos dos textos, é necessário vincular a análise a "microanálise" de textos a "macroanálise" de como funcionam as relações de poder em redes de práticas e estruturas.

De acordo com essa proposta, a pesquisa deve partir da percepção de **um problema social** com aspectos semióticos. Como ciência crítica, essa proposta analítica discursiva dá visibilidade a problemas enfrentados pelas pessoas em virtude das formas particulares de vida social, fornecendo recursos que orientem uma possível solução (FAIRCLOUGH, 2012). Na Figura 4, apresentamos uma síntese dos estágios metodológicos da abordagem faircloughiana:

Figura 4 - Estágios metodológicos da abordagem da ADC



Fonte: Barros (2015, p. 112) – Adaptado de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2010), tendo como base a crítica explanatória de Bhaskar (1989).

Definido o problema sociodiscursivo a ser investigado, passa-se a etapa de identificação de elementos na prática social que representam **obstáculos para a superação do problema**. Segundo Fairclough (2012, p. 312), esse "diagnóstico" do problema considera "a maneira pela qual as práticas sociais se inter-relacionam, o modo de relação da semiose com outros elementos de práticas sociais e com as características de discurso em si". Nessa etapa, investiga-se a **conjuntura** em que se localiza o problema, **a prática particular** em estudo e o **discurso**. Como explicam Vieira e Resende (2016, p. 109), "as análises da conjuntura e da prática particular garantem a contextualização da análise discursiva, ou seja, garantem que os textos analisados sejam relacionados as suas causas mais amplas e a seu contexto particular, o que está de acordo com o princípio da profundidade ontológica".

No terceiro estágio da análise, deve-se considerar se **a ordem social** (rede de práticas) em algum sentido é um problema ou não. Verifica-se se há uma **função particular para o aspecto problemático do discurso que sustente a ordem social**. Já no estágio seguinte, identifica-se as **possibilidades de mudanças**, isto é, as maneiras possíveis para superar os obstáculos. Segundo Fairclough (2012, p. 314), "esse estágio pode estar voltado a apontar contradições, lacunas, deficiências dentro dos aspectos

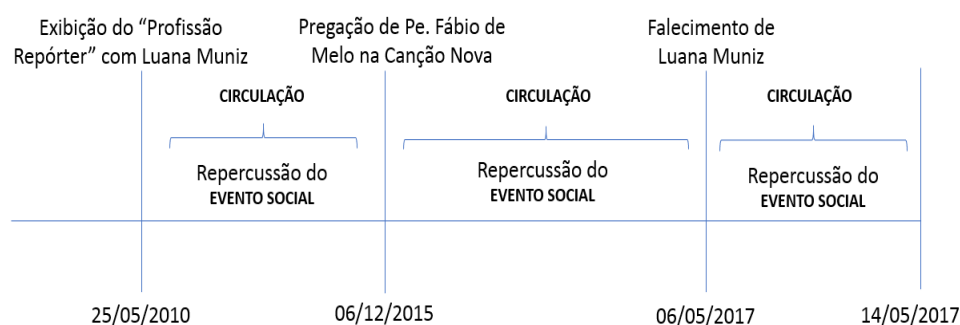
considerados dominantes na ordem social". No estágio 5, último proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), propõe-se uma **reflexão crítica** sobre a análise e sua contribuição para questões de emancipação social. A pesquisadora Solange Barros (2015), com base em seus estudos sobre Realismo Crítico e Análise de Discurso Crítica, acrescenta o estágio 6, momento em que o/a pesquisador/a crítico/a, com base em suas análises, aponta para a **identificação de um novo problema** de pesquisa.

3.1 Construção do *Corpus*

Nosso *corpus* de pesquisa é composto por textos jornalísticos disponibilizados em ambiente digital. No primeiro momento, interessou-nos investigar como Luana Muniz, travesti conhecida como a "Rainha da Lapa" no cenário carioca, era representada nas práticas midiáticas digitais brasileiras.

Em agosto de 2017, usando o *Google Search*, pesquisamos pelos termos "Luana Muniz". O buscador retornou com matérias que noticiavam seu falecimento, em 06 de maio de 2017. Percebemos que, ao noticiar a morte de Luana, as práticas midiáticas, em sua maioria, relacionavam seu nome ao bordão "Travesti não é bagunça" e a sua "relação com o padre Fábio de Melo". Considerando esse resultado, optamos por coletar e construir um *corpus* com textos que publicizaram Luana desde a sua participação no programa *Profissão Repórter* até a repercussão do seu falecimento. Notamos que, no período de 2010 a 2017, Luana ganhou visibilidade nas práticas midiáticas digitais em três momentos pontuais: (i) sua participação no programa *Profissão Repórter*; (ii) a repercussão do relato do pe. Fábio de Melo sobre seu encontro com Luana; e (iii) o seu falecimento. Com essa informação, decidimos coletar os textos em três etapas, considerando esses três momentos discursivos, nessa rede de práticas sociais.

Figura 5 - Sistematização do recorte temporal para composição do corpus



Fonte: Dados da pesquisa.

Escolhemos o buscador *Google Search* por ser o mais utilizado no Brasil e por oferecer entre suas ferramentas a possibilidade de pesquisar em períodos específicos. Vale ressaltar que *Google Search*, ao retornar com os resultados, otimiza entradas semelhantes, ou seja, não apresenta notícias com textos iguais ao já exibidos.

Na primeira etapa, considerando o recorte temporal de 25/05/2010, data da exibição do *Profissão Repórter*, a 05/12/2015, data anterior a exibição do discurso do pe. Fábio de Melo, obtivemos o retorno de apenas oito notícias. Dessas, somente uma notícia trazia como pauta central a participação de Luana no programa jornalístico: “Após matéria no ‘Profissão Repórter’, travesti posa com fãs e dá autógrafos” (prática midiática: *EGO*, 2015). As demais notícias divulgavam a exposição *Luana Muniz – Rainha da Lapa* (2009), do fotógrafo Pedro Stephan. Outro acontecimento noticiado nesse recorte foi a exposição *Mem de Sá, 100* (2012), da artista Ana Carolina Fernandes.

Em seguida, pesquisamos por “Luana Muniz” configurando a busca com recorte de tempo personalizado, de 06/12/2015, data de exibição do depoimento do pe. Fábio de Melo, na Canção Nova, até 05/03/2017, vésperas de seu falecimento. O sistema de busca selecionou 95 resultados. Entretanto, somente 58 matérias estavam, realmente, relacionadas à Luana Muniz. Após análise prévia dos títulos dos textos, constatamos que 50 notícias tematizavam o encontro de Luana com o pe. Fábio de Melo.

Na última etapa, pesquisando no recorte temporal entre 06/05/2017 e 14/05/2017, uma semana após seu falecimento, o buscador retornou com 88 resultados. Todavia, somente 46 apresentavam notícias relacionadas à Luana Muniz. Dessas, 30 noticiaram a morte de Luana trazendo no título principal da matéria a sua relação com pe. Fábio de Melo.

Concluimos a coleta com um total de 113 textos jornalísticos. Após descartar aqueles que apenas reproduziam material já incluso no *corpus*, restou-nos 75 textos. Considerando a relevância da participação de Luana Muniz no jornalístico *Profissão Repórter*, incluímos a transcrição do programa na composição do *corpus*.

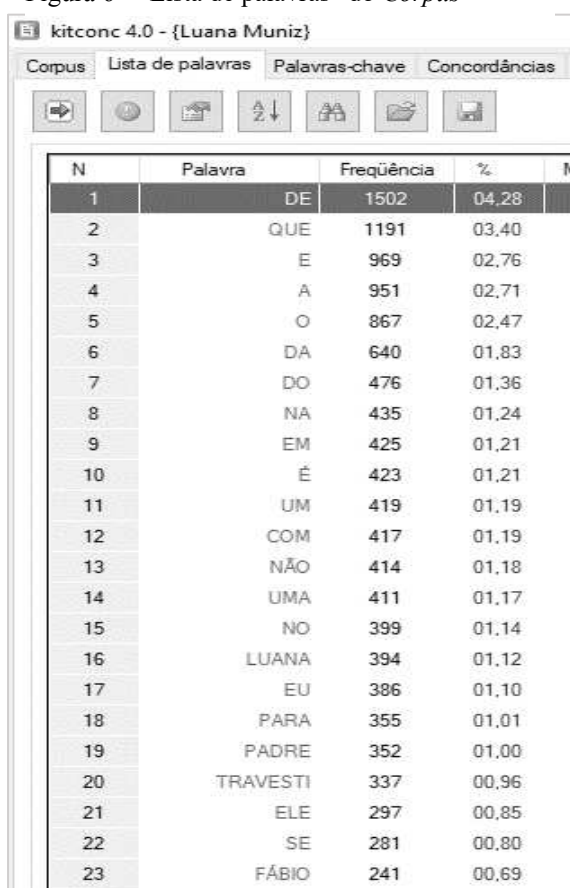
Fairclough (2016 [1992], p. 290) sugere a entrevista como uma forma de ampliar o *corpus*. Para o autor, a entrevista possibilita o acesso à perspectiva daqueles que são investigados. Com base nessa orientação, decidimos por inserir como parte do *corpus* a transcrição do documentário *Travesti não é bagunça* (2017). Nele, Luana Muniz é entrevistada e tece comentários sobre sua participação no *Profissão Repórter*.

Quadro 3 - Descrição da composição do *Corpus*

25/05/2010	Transcrição do jornalístico <i>Profissão Repórter</i>
25/05/2010 – 05/12/2015	8 textos
06/12/2015 – 05/05/2017	46 textos
06/05/2017 – 14/05/2017	21 textos
2017	Transcrição do documentário <i>Travesti não é bagunça</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a definição do *corpus*, preparamos os textos, salvando-os em formato *txt*, para uma primeira observação no software *Kitconc*¹⁶. Usando as ferramentas “lista de palavras”, figura 6, e “palavras-chave”, figura 7, chegamos a algumas conclusões preliminares.

Figura 6 - “Lista de palavras” do *Corpus*


N	Palavra	Frequência	%
1	DE	1502	04,28
2	QUE	1191	03,40
3	E	969	02,76
4	A	951	02,71
5	O	867	02,47
6	DA	640	01,83
7	DO	476	01,36
8	NA	435	01,24
9	EM	425	01,21
10	É	423	01,21
11	UM	419	01,19
12	COM	417	01,19
13	NÃO	414	01,18
14	UMA	411	01,17
15	NO	399	01,14
16	LUANA	394	01,12
17	EU	386	01,10
18	PARA	355	01,01
19	PADRE	352	01,00
20	TRAVESTI	337	00,96
21	ELE	297	00,85
22	SE	281	00,80
23	FÁBIO	241	00,69

Fonte: Dados da pesquisa gerados pela ferramenta *Lista de Palavras* do concordanciador *Kitconc*.

Figura 7 - "Palavras-chave" do *Corpus*


N	Palavra	Frequência	%	Chavidade
1	LUANA	394	01,12	5477,38
2	TRAVESTI	337	00,96	4473,37
3	PADRE	352	01,00	3011,02
4	MUNIZ	195	00,56	2173,27
5	MELO	221	00,63	1882,61
6	FÁBIO	241	00,69	1669,08
7	ALCIONE	122	00,35	1571,83
8	LAPA	163	00,46	1504,33
9	EU	386	01,10	1293,81
10	TRAVESTIS	100	00,29	1093,63
11	FOTO	185	00,53	997,07
12	TRANSEXUAIS	47	00,13	595,67
13	ALIMENTA	60	00,17	546,36
14	ME	184	00,52	522,96
15	CONTOU	77	00,22	453,11
16	MANGUEIRA	59	00,17	436,65
17	DEUS	96	00,27	426,88
18	PRECONCEITO	63	00,18	413,16
19	TIRAR	79	00,23	399,42
20	HIPOCRISIA	46	00,13	389,85

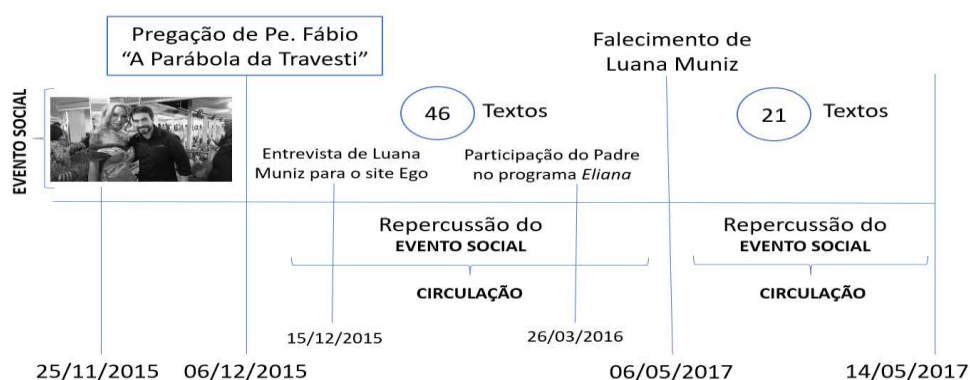
Fonte: Dados da pesquisa gerados pela ferramenta *Palavras-chave* do concordanciador *Kitconc*.

¹⁶ Kitconc é um *software* concordanciador, desenvolvido pelo linguista José Lopes Moreira Filho, que reúne ferramentas utilizadas em exploração de textos em análises linguísticas. O software, distribuído gratuitamente para fins acadêmicos e educacionais, possui entre suas funcionalidades: lista de palavras, palavras-chave, concordâncias, colocados, N-gramas e dispersão de palavras.

Os resultados obtidos no concordanciador confirmou nossa primeira impressão sobre os textos que, *a priori*, teriam Luana Muniz como personagem central. Constatamos que o evento “foto com o pe. Fábio de Melo”, e suas repercussões, era tematizado em primeiro plano. A princípio, parece-nos que, nas práticas midiáticas digitais coletadas, as representações de Luana Muniz são construídas a partir desse evento social. O encontro de Luana Muniz com o pe. Fábio de Melo causa a afetação na vida desses agentes sociais e provoca, ainda, a ruptura e a desorganização de discursos naturalizados e hegemônicos. Dessa forma, consideramos que há nesse *corpus* o que Fairclough (2016 [1992], p. 289) chama de “ponto crítico e momentos de crise”.

Fairclough (2016 [1992], p. 289) aponta, também, que “trabalhar sobre o *corpus* pode alterar o mapa preliminar” da investigação. Em nosso caso, o *corpus* inicial nos orientou a um novo foco da pesquisa: as representações envolvidas na relação entre Luana Muniz e pe. Fábio de Melo nas práticas midiáticas digitais. Dessa forma, nos interessa investigar criticamente: como esse evento, parcialmente discursivo, foi representado pelas práticas midiáticas digitais? Quais representações Luana Muniz faz de si? Como padre Fábio de Melo representa Luana em seu discurso? Como Luana é representada por essas práticas midiáticas particulares? Como essas práticas midiáticas representam o pe. Fábio de Melo? Essas perguntas de pesquisa nos conduziram a uma readequação do *corpus* de análise.

Figura 8 - Sistematização do Corpus



Fonte: Dados da pesquisa.

Nosso *corpus* contempla um novo recorte temporal, partindo da data do encontro entre Luana Muniz e pe. Fábio de Melo, no aniversário da cantora Alcione. Entretanto, só encontramos matérias tematizando o encontro após a data do discurso do pe. Fábio de

Melo, na TV Canção Nova. Seleccionamos 67 textos¹⁷ publicados no período de 06/12/2015 a 14/05/2017 e mantivemos a transcrição do discurso do padre. Descartamos as 8 matérias anteriores ao novo recorte e o documentário *Travesti não é bagunça*. Por fim, incluímos, como *corpus* complementar, a entrevista de Luana Muniz ao site Ego, publicada no dia 15/12/2015 e um trecho do programa *Eliana*, exibido no dia 26/03/2016, no qual tanto Luana Muniz como o padre comentam sobre o encontro entre os dois e a repercussão.

3.2 Categorias Analíticas

O texto é o principal material empírico de pesquisa na abordagem disursiva-crítica de vertente anglo-saxã. Parte-se do material linguístico para buscar conexões entre o discurso e os aspectos sociais. Magalhães (2017, p. 576), ao discutir a concepção da linguagem em relação ao mundo contemporâneo, “examinando a força e o protagonismo da linguagem e de agentes sociais”, propõe a compreensão do texto como agentes. Nessa perspectiva, os textos devem ser entendidos em relação às práticas sociais e aos discursos particulares em que se situam, pois é no contexto que podem atuar (MAGALHÃES, 2017, p. 584). Ademais, a pesquisadora aponta que, como protagonistas no processo de agência, apresentam quatro características “(a) o poder de produzir significados e evocar lembranças; (b) a portabilidade no tempo; (c) a durabilidade; (os efeitos causais, chamando atenção para determinados aspectos do mundo social e construindo identidades [...]” (MAGALHÃES, 2017, p. 585).

A ADTO/Fairclough, com base, principalmente, na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday, propõe categorias linguístico-discursivas de análise do texto. Como definem Vieira e Resende (2016, p. 114), essas categorias analíticas são “formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter) agir e de identificar (-se) em práticas sociais situadas”. Por meio delas, pode-se analisar textos buscando identificar as relações entre os elementos discursivos e os não discursivos envolvidos nas práticas sociais.

A escolha das categorias analíticas que serão utilizadas partiu de uma análise geral dos textos seleccionados para compor o *corpus*. Como orientam Vieira e Resende (2016,

¹⁷ Na seção *Anexos*, disponibilizamos uma tabela com a sistematização detalhada do corpus. Informamos a data da publicação da matéria, a prática midiática particular, o endereço eletrônico para acessar o texto, o título principal e o auxiliar.

p. 115), essas categorias devem ser “uma consequência do texto e das questões/preocupações de pesquisa”. Dessa forma, selecionamos as categorias analíticas: Representação de Eventos/Atores, Interdiscursividade, Intertextualidade, Modalidade e Avaliação.

A categoria **Representação de Eventos/Atores** permite identificar, por meio do **Sistema de Transitividade** (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), os participantes, os processos e as circunstâncias envolvidos nas representações. Segundo van Leeuwen (1997), as representações de práticas sociais são construídas por pessoas particulares, a partir de determinados pontos de vista. Dessa forma, representam além dos sujeito envolvidos nas práticas de diferentes modos, também o acontecimento. E, por serem relacionadas a discursos particulares, as maneiras como os atores sociais são representados em textos podem ter implicações (e investimentos) ideológicas diferentes. Fairclough (2003, p. 145-146), esquematiza as escolhas disponíveis na representação dos agentes sociais da seguinte forma: inclusão ou exclusão, pronome ou substantivo, função gramatical, ativo ou passivo, pessoal ou impessoal, nomeado ou classificado, específico ou genérico.

Interessa-nos responder, por meio dessa categoria, as seguintes perguntas¹⁸: *Como o acontecimento, Luana Muniz e pe. Fábio de Melo são representados? Como o evento social é representado por pe. Fábio de Melo? Quais elementos do evento social representado são incluídos ou excluídos? Quais elementos incluídos são mais salientes na superfície textual? Como os processos são representados? Quais são os tipos de processo predominantes e quais suas implicações nas representações do evento social, de Luana e do pe. Fábio?*

Por meio da categoria **Interdiscursividade**, analisam-se os discursos articulados, ou não, nos textos, bem como o modo que são articulados e mesclados com outros discursos. Dessa forma, investiga-se os discursos articulados e suas possíveis conexões com lutas hegemônicas. De acordo com Fairclough (2003), discursos particulares estão associados a interesses e projetos particulares. Por isso, podemos relacionar os discursos particulares a determinadas práticas. Pretendemos, com essa categoria, compreender: *Quais discursos são articulados nos textos e como estão articulados? Quais são os traços que caracterizam os discursos articulados?*

¹⁸Todas as perguntas relacionadas às categorias analíticas foram extraídas/adaptadas/influenciadas de/por Fairclough (2003, p. 191-194).

De acordo com Fairclough (2003), as categorias **Modalidade** e **Avaliação** devem ser vistas em termos do que os autores consideram real, verdadeiro ou necessário, no caso da modalidade, e com valoração ao que é bom ou ruim, desejável ou não, no caso da avaliação.

A categoria **Modalidade** nos permite investigar como os autores se comprometem quando fazem declarações, perguntas. Fairclough (2003, p. 166) afirma que:

[...] a modalidade é importante na estruturação de identidades, pessoal (personalidade) e social, no sentido que aquilo com o que uma pessoa se compromete é parte significativa do que ela é – logo as escolhas de modalidade nos textos podem ser vistas como parte do processo de estruturação da própria identidade. Isso, no entanto, prossegue no decorrer dos processos sociais, já que o processo de identificação é inevitavelmente transformado pelo processo de relação social.¹⁹

Dessa forma, interessa-nos investigar: *como as práticas midiáticas se comprometem em termos de verdades? Como esse comprometimento contribui para a construção das identidades de Luana Muniz e pe. Fábio de Melo? Em que extensão as modalidades são categóricas? Em que extensão são modalizadas? Quais são os marcadores de modalização? Que níveis de submissão (alta, média, baixa) existem onde modalidades são modalizadas?*

Já a **Avaliação** possibilita-nos verificar as apreciações e perspectivas dos agentes, de forma mais ou menos explícitas, sobre os aspectos do mundo, sobre o que considera desejável ou indesejável, o que é bom ou ruim (FAIRCLOUGH, 2003, p. 172). Nessa categoria, observa-se as afirmações avaliativas, as afirmações com modalidades deônticas, as avaliações afetivas e as presunções valorativas. Fairclough (2003, 2015) afirma que essa categoria contribui com as discussões na pesquisa social como forma de legitimação.

Com essa categoria queremos verificar: *com que valores, em termos do que é desejável ou indesejável, as práticas midiáticas, Luana Muniz e pe. Fábio de Melo se comprometem? Como esses valores são realizados? Como essas valorações contribuem para a construção da identidade de Luana Muniz e pe. Fábio de Melo?*

¹⁹ Nossa tradução do inglês: Modality is important in the texturing of identities, both personal ('personalities') and social, in the sense that what you commit yourself to is a significant part of what you are – so modality choices in texts can be seen as part of the process of texturing self-identity. But this goes on in the course of social processes, so that the process of identification is inevitably inflected by the process of social relation.

A categoria **Intertextualidade** trata da “propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos” (FAIRCLOUGH, 2016 [1992], p. 119). Essa concepção aponta para uma questão norteadora: *quais textos e vozes são incluídos, quais são excluídos, e que ausências significativas há? Interessa-nos analisar: como as vozes de Luana Muniz e pe. Fábio de Melo são incluídas? São atribuídas? As vozes atribuídas são relatadas diretamente ou indiretamente? Que outras vozes estão inclusas? Como se constroem outras vozes em relação à voz original e como se dá a relação entre elas?*

Para Fairclough (2016; 2003), a **Intertextualidade** constitui uma abertura para a diferença ao trazer outras vozes ao texto, enquanto o uso de presunções constitui um fechamento. Pondera, entretanto, que nem sempre um texto que articula muitas vozes será um texto aberto à diferença. Com base em Giddens (1991), afirma que a produção da interação dessas vozes,

[...] como algo significativo, acarreta “negociação” ativa e continuada de diferenças de sentido; as “normas” de interação, como uma ordem moral, são orientadas para diferentes atores sociais e diferentemente interpretadas por eles, e essas diferenças são negociadas (FAIRCLOUGH, 2003, p. 41)²⁰.

Definidas nossas categorias analíticas linguístico-discursivas, vale ressaltar que:

A descrição e análise textual não devem ser vistas como anteriores a e independente da análise e crítica social – devem ser vistas como um processo aberto que pode ser aperfeiçoado através do diálogo entre disciplinas e teorias, em vez de uma codificação em termos de uma gramática ou um quadro analítico autônomo (FAIRCLOUGH, 2003, p. 16)²¹.

A análise da realidade, dos efeitos e causalidade de um texto dependerá da versão da ontologia pela qual o abordamos, incluindo o problema social particular em foco e as teorias discursiva e social adotadas (FAIRCLOUGH, 2003). Dessa forma, articuladas às categorias analíticas linguístico-discursivas, com base nas teorias sociais apresentadas no capítulo 5, operacionalizaremos as categorias sociais: **Performatividade, Identidade, Travesti, Corpo, Gênero**.

²⁰ Tradução nossa para: The production of interaction as meaningful entails active and continual ‘negotiation’ of differences of meaning; the ‘norms’ of interaction as a moral order are oriented to and interpreted differently by different social actors, and these differences are negotiated.

²¹ Tradução nossa para: Textual description and analysis should not be seen as prior to and independent of social analysis and critique – it should be seen as an open process which can be enhanced through dialogue across disciplines and theories, rather than a coding in the terms of an autonomous analytical framework or grammar.

A análise será desenvolvida em três momentos. No primeiro (Capítulo 4 – A Parábola da Travesti) analisamos a narrativa de pe. Fábio de Melo em que recontextualiza o evento social – o encontro de Luana e pe. Fábio, no aniversário de Alcione. Em seguida (Capítulo 5 – Não recomendada à sociedade – As representações de Luana Muniz nas práticas midiáticas), investigamos como as práticas midiáticas jornalísticas digitais brasileiras representaram Luana Muniz a partir da circulação da narrativa de pe. Fábio de Melo. Por fim (Capítulo 6 – Luana Muniz, presente! – Representações da Eterna Diva da Humanidade), analisamos como as práticas midiáticas jornalísticas digitais brasileiras publicizaram o falecimento de Luana Muniz.

4 A PARÁBOLA DA TRAVESTI

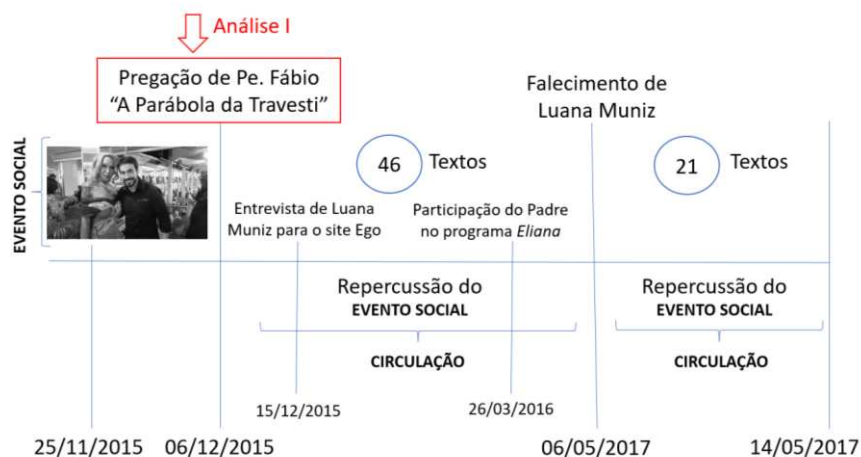
*Vai com ele, vai, Geni! /Vai com ele, vai, Geni!
 Você pode nos salvar/ Você vai nos redimir
 Você dá pra qualquer um/ Bendita Geni!
 (Geni e o Zepelim – Chico Buarque)*



N aquele dia, pe. Fábio de Melo saiu de casa e foi comemorar o aniversário da cantora Alcione na quadra da Mangueira. Entre os convidados ao banquete, Luana Muniz, conhecida internacionalmente como A Rainha da Lapa, tornar-se-ia a personagem central das várias narrativas sobre o encontro que sensibilizou um sacerdote em sua travestifobia.

Neste capítulo, analisamos a narrativa produzida pelo pe. Fábio de Melo, em dezembro de 2015, ao participar do acampamento católico Hosana Brasil. Esse evento é considerado um dos maiores acampamentos religiosos em número de público e é realizado desde 2004, na Comunidade Canção Nova (doravante CCN), quando foi finalizada a construção do Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes, na cidade de Cachoeira Paulista, São Paulo.

Figura 9 - Delimitação do *corpus* – Recorte I



FONTE: Própria pesquisa.

Segundo informações do site da CCN²², o Hosana Brasil tem como objetivo principal “louvar, orar e render graças a Deus pelas bênçãos alcançadas ao longo de todo o ano”. Realizado sempre na primeira semana de dezembro, aconteceu entre os dias 4 e 5, em 2015, com o tema ‘Celebrai as vitórias, porque eterna é a sua misericórdia’. Particularmente nesse ano, a Igreja Católica Apostólica Romana (doravante Igreja Católica), a pedido do Papa Francisco, instituía o ‘Ano da Misericórdia’. Ademais, o evento marcou o início da contagem regressiva para as comemorações dos 80 anos do fundador da CCN – Monsenhor Jonas Abib.

Dentre as várias pregações, missas e shows, pe. Fábio foi responsável por conduzir a segunda pregação do dia 05, sábado, intitulada “Manter a coroa de glória”²³. Na ocasião, o sacerdote refletiu sobre as três dimensões de Cristo: Rei, Profeta e Sacerdote. Todas as atividades do Hosana Brasil foram transmitidas ao vivo pelo canal aberto TV Canção Nova, resultando em um maior consumo e circulação dos discursos produzidos neste evento social. De acordo com a analista do discurso religioso Mônica Melo:

A TV Canção Nova é a primeira TV de cunho exclusivamente religioso no Brasil e mantém uma programação diversificada. Está vinculada à Canção Nova, primeira comunidade de Renovação Carismática Católica (RCC) de que se tem notícia no Brasil, que foi fundada em 1978 pelo padre Jonas Abib, no município de Cachoeira Paulista, São Paulo e tem se especializado na evangelização através dos meios de comunicação. (MELO, 2013, p. 192).

Nas práticas sociais da Igreja Católica, e para a análise da narrativa do sacerdote, faz-se necessário distinguir, brevemente, os gêneros pregação e homilia. Segundo Fairclough (2003), gêneros são aspectos discursivos das formas de agir e interagir por meio das práticas sociais. Dessa forma, ao se analisar um texto é importante perceber como a forma interioriza e contribui para ações sociais e interações em eventos sociais.

Compreendemos o gênero homilia como um tipo de discurso produzido no âmbito da prática sociodiscursiva “Santa Missa”. Essa prática sociodiscursiva, dentro da celebração litúrgica, é, inclusive, marcada por uma dinâmica generificada: o pregador pertence a categoria ‘homem’, performatiza masculinidades, solteiro, vivencia a

²² Disponível em: <<https://eventos.cancaonova.com/edicao/hosana-brasil-7/>>. Acesso em: 18 de jul. 2018.

²³ Em seu site oficial, a CCN disponibilizou um resumo da pregação. Vale ressaltar que a Instituição optou por não incluir qualquer menção a narrativa de pe. Fábio sobre seu encontro com a Luana Muniz. Disponível em: <<https://eventos.cancaonova.com/hosana-brasil/pregacoes/manter-a-coroa-de-gloria/>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

experiência da castidade e tem autoridade concedida pelo Bispo para proferir o discurso. Ademais, habitualmente, é produzida em um templo religioso e o sacerdote fala para a comunidade discursiva religiosa da qual faz parte.

A jornalista e religiosa Dirce Carvalho (1993) pontua que enquanto a homilia caracteriza-se como um tipo de oratória mais familiar e dialogal, a pregação “é um tipo de discurso composto segundo as regras da retórica ou da oratória de modo solene a partir do púlpito” (CARVALHO, 1993, p. 33). Além disso, diferente da homilia, a pregação pode ser proferida por outros membros da comunidade discursiva religiosa, inclusive por leigas e leigos. De acordo com a linguista Maria Flávia Figueiredo et al (2009, p. 142), a pregação “é realizada com o intuito de formar o caráter dos fiéis, converter novos fiéis, bem como conservar aqueles que já fazem parte da comunidade religiosa”, ou seja, está vinculada às questões da moralidade cristã.

Neste primeiro momento, objetivamos compreender como pe. Fábio recontextualiza o evento social na narrativa inserida na pregação. Interessa-nos investigar as representações que pe. Fábio faz de si e de Luana ao relatar as afetações que esse evento social causou em sua vida. Para essa análise, tomamos como ferramentas analíticas as categorias linguístico-discursivas Representação dos Eventos Sociais, Intertextualidade, Avaliação e Modalização (FAIRCLOUGH, 2003).

O problema social, parcialmente discursivo, que norteia esta primeira parte da investigação – a publicização do corpo/discurso travesti atravessada por atos performativos iterados pelo discurso religioso e citados nas práticas sociais da Instituição – está associado, principalmente, às questões de identidades e Gênero. Assim, adotamos, como consequência de uma leitura inicial dos textos e das questões de pesquisa, as categorias sociais Gênero, Identidade de Gênero, Corpo e Travesti (BUTLER, 2003 [1990]; BENTO 2006, 2008, 2017; PRECIADO, 2014).

Essa primeira discussão foi organizada em quatro seções temáticas: (i) Identidade de Gênero Travesti; (ii) Travesti e Discursos Particulares; (iii) Des (Humanização), Diferença e Abjeção; e (iv) Travestifobia. Entretanto, essas temáticas inter cruzam-se nas representações do corpo/discurso da travesti de Luana Muniz.

4.1 Identidade de Gênero Travesti

De início, analisaremos o texto em uma perspectiva representacional, considerando os processos, os participantes e as circunstâncias²⁴ envolvidos nos eventos sociais. Fairclough (2003, p. 139-140) discute a Representação como um tipo de Recontextualização, ou seja, ao representar um evento social, este é incorporado ao contexto de outro evento social.

Esses eventos mobilizam diferentes elementos, incluindo: formas de ação, pessoas, relações sociais/formas institucionais, objetos, meios, tempos/espacos e linguagem. O autor aponta que campos sociais específicos, redes de práticas específicas e gêneros específicos são afetados por princípios de recontextualização específicos. No evento social em questão, percebemos uma rede de práticas sociais entrecruzadas – como práticas sociais midiáticas, práticas sociais religiosas, práticas sociais do cotidiano e práticas sociais da política, por exemplo. No processo de recontextualização, há uma filtragem dos elementos de acordo com os propósitos comunicativos. Dessa forma, ao analisar os discursos, é importante observar que elementos estão incluídos na representação dos eventos sociais, quais deles são excluídos e quais estão mais proeminentes na superfície textual.

O evento social que desencadeou uma rede de outros eventos sociais foi o encontro de Luana Muniz e Pe. Fábio, em um churrasco, na Quadra da Mangueira, em virtude do aniversário da cantora Alcione. Tanto Pe. Fábio quanto Luana eram amigos da cantora, entretanto, não se conheciam até aquele momento. Na ocasião, Luana pediu ao padre que posassem juntos para uma fotografia. Esse evento foi recontextualizado na narrativa produzida em um acampamento católico, na CCM, vinculado em tempo real na TV Canção Nova. Na narrativa do sacerdote, são incluídos três participantes: o padre, Luana Muniz e Maria Helena, irmã de Alcione.

Padre Fábio José de Melo Silva, conhecido popularmente apenas como Pe. Fábio de Melo, é um sacerdote católico, de origem mineira, cantor, compositor, poeta, escritor, professor e apresentador de um programa na TV Canção Nova, chamado *Direção*

²⁴ Para a Gramática Sistemico-Funcional (Cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) – teoria operacionalizada por Fairclough para a análise textual – a transitividade é um sistema de toda oração. De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 41), “os conceitos de processo participante e circunstância [...] são categorias semânticas que explicam de modo mais geral como fenômenos de nossa experiência do mundo são construídos na estrutura linguística”.

Espiritual. Atualmente, exerce a função de presbítero na Diocese de Taubaté. É graduado em Teologia pela faculdade Dehoniana de Taubaté, pós-graduado em Educação, no Rio de Janeiro, e possui mestrado no Instituto Santo Inácio, em Belo Horizonte (MG).

Além de padre e teólogo, pe. Fábio é reconhecido, nacionalmente, como uma celebridade midiática. Faz shows de evangelização por todo o país e sempre se apresenta em programas televisivos dos mais variados gêneros discursivos e em diversas emissoras. O sacerdote é conhecido, também, pelo seu carisma. Para Melo (2016, p. 7), “o carisma do indivíduo está ligado a certos dons pessoais de influência sobre o comportamento dos outros. Baseia-se em dons gratuitos do indivíduo, ligados a ‘capacidades mágicas, revelações ou heroísmo, poder do espírito e do discurso.’ (WEBER, 2005, p. 9)”. No caso de pe. Fábio, seu carisma é construído discursivamente em suas práticas sociais institucionais e em suas redes sociais.

Pe. Fábio performatiza, ainda, uma postura de galã marcada pela sua beleza física, próxima aos padrões hegemônicos do belo: alto, branco e com um corpo definido exibido em roupas justas que acentuam seu estilo. Outra característica marcante é seu engajamento em redes sociais, principalmente na rede social *Snapchat*²⁵ com vídeos de humor. Práticas midiáticas como *Extra* e *Capricho* apresentam o sacerdote como uma “febre no *Snapchat*”. Podemos defini-lo como um padre popstar, com um carisma que capta seguidores e o coloca como um modelo a ser seguido. Por outro lado, às vezes, ultrapassa a linha tênue entre o humor e o desrespeito aos que não pertencem a mesma comunidade discursiva religiosa.

No evento Hosana Brasil, pe. Fábio recontextualiza seu encontro com Luana Muniz em uma narrativa a qual chamaremos de parábola. Esse gênero discursivo que permeia os evangelhos bíblicos é caracterizado por ser uma narrativa curta, que se utiliza de situações e pessoas para comparar a ficção com a realidade e, por meio dessa comparação, transmitir uma lição moral. Entendemos que a narrativa de pe. Fábio se aproxima das narrativas pertencentes ao gênero parábola.

²⁵ “O aplicativo é uma rede social disponível para Android e iPhone, permitindo a interação nos mais diversos níveis. No início, o app era baseado somente no envio de textos e conteúdos multimídia “autodestrutíveis” — que podiam ser vistos somente uma vez e ainda traziam um prazo limite para isso. Com o passar do tempo, o sistema cresceu muito e ganhou várias funções. Hoje, ele conta com feeds mais elaborados e histórias que podem ficar até 24 horas disponíveis.” Fonte: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/102784-snapchat-tudo-voce-precisa-saber-usar-app-momento.htm>>. Acesso: 30 ago. 2018.

Ao analisar essa narrativa, partimos do entendimento de que diferentes realizações linguísticas escolhidas por enunciadores para representar um evento social e os agentes envolvidos em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e as suas atividades particulares.

Ao relatar o encontro com Luana, pe. Fábio escolhe não a nomear. Como podemos observar nos excertos abaixo, Luana é representada, predominantemente, sob a forma de um pronome ou de um substantivo comum.

- (1) Mas o que me chamou a atenção, minha gente, foi **um travesti** (risos) que estava lá.
- (2) Meu Deus do céu, se **esse rapaz** pedir para tirar uma foto comigo?
- (3) E **ele** lá do fundo olhando [risos]. Aí, minha gente. Quando, de repente, eu só vi **a sombra dele** na minha direção [risos].
- (4) ***Ele** criou um grupo, ali na região da Lapa, que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região²⁶.*

Em (1) e (2), Luana é classificada pelas escolhas lexicais ‘um travesti’ e ‘esse rapaz’, respectivamente. Segundo van Leeuwen (1997, p. 200), os agentes não nomeados, geralmente, são representados por aspectos funcionais e não se tornam pontos de identificação para o leitor, ou seja, não há abertura para um reconhecimento do outro como semelhante, promovendo um afastamento entre o eu e o outro. Nesses casos, o que se torna proeminente são suas ações – os processos materiais – por exemplo: “alimenta”, “recolhe”, “dá banho”, “cuida”, “faz”. O tema central do discurso de pe. Fábio foi a necessidade de recolocar o que denominou de ‘coroa da dignidade’ na cabeça dos mais desfavorecidos. O sacerdote inclui a narrativa do encontro em sua pregação colocando em evidência as ações sociais de Luana: dar moradia e alimento aos “miseráveis daquela região”, meta do processo material “dar”.

Durante a narrativa, o sacerdote escolhe o léxico “travesti”, somente uma vez, ao representar Luana. Há uma prevalência, 22 ocorrências, de representações por meio dos pronomes “ele” e “dele”. Ao nomear “travesti” esse corpo passa a ter existência e entra em conflito com a visão essencialista sobre Gênero como algo dado, fixo e predeterminado iterado pela Instituição que representa. Dessa forma, a ativista é sempre referenciada por meio de pronomes no masculino – ‘esse’, ‘ele’, ‘dele’. Essas escolhas para identificar Luana contribuem para uma desontologização desse corpo/discurso

²⁶ Adotaremos itálico nos excertos para indicar a inclusão de vozes por pe. Fábio de Melo. Na narrativa, o sacerdote inclui a voz de Luana Muniz e de Maria Helena, irmã de Alcione.

travesti. Essas iterações inscritas no corpo da ativista apontam para a construção de um corpo precário, desimportante, que é reiteradamente insultado e deslegitimando por não corresponder à matriz binária cisheteronormativa.

Ademais, os linguistas Rodrigo Borba e Ana Cristina Ostermann (2008) apontam que o sistema gramatical de gênero se constitui como uma ferramenta eficaz para a produção de identidades sociais. Dessa forma, os interlocutores têm nesse sistema gramatical potenciais escolhas para fazer a si próprios e àqueles sobre quem falam como seres generificados, assim como desfazê-los. Para o autor, “esse processo é fortemente baseado em práticas semióticas, culturalmente ligadas a categorias sociais específicas, que fazem com que os/as falantes se refiram a si mesmos/as e a seus/suas interlocutores a partir de suas performances de gênero” (BORBA; OSTERMANN, 2008, p. 411).

Butler argumenta, ainda, que é o aspecto reportado de um enunciado que o faz ter autoridade. Na formulação de Butler, se um ato de fala performativo tem êxito, é porque ‘essa ação ecoa ações anteriores e acumula a força de autoridade pela repetição ou citação de um conjunto de práticas de autoridade anteriores à ação’ (1993: 226-227)”. (LIVIA; HALL, 1997, p. 117). Dessa forma, esses atos performativos:

- Luana é **um travesti**
- Luana é **esse rapaz**
- Luana é **ele**

inscritos no corpo de Luana, estão iterando uma performatividade de gênero masculina em um corpo que se reconhece como feminino. A linguista Joana Plaza Pinto (2013) argumenta ainda que esses atos de fala podem violentar o corpo, “apagando seu ritual, tornando-o local epistemológico, ontológico (pois se torna regulável) e lugar político (passível de legitimação e normatização)”. Por meio dos atos performativos, pe. Fábio limita e constrange o corpo de Luana, gerando efeitos de fixidez, negando sua identidade feminina e, consequentemente, sua existência.

A escolha por referir-se a Luana no masculino, em um primeiro momento, poderia ser resultado de um desconhecimento da identidade feminina da travesti. Entretanto, como podemos perceber nos excertos (5) e (6), mesmo após incluir a voz da ativista, marcando sua identidade de Gênero ao empregar o léxico ‘pecadora’, assinalado pelo gênero gramatical feminino, o sacerdote segue sua narrativa optando, gramaticalmente, pelo emprego do gênero masculino:

- (5) Aí **ele** veio, com um vestido longo, todo elegante [risos]. **Ele** virou e falou para mim assim: *O senhor costuma tirar fotos com **pecadoras**?* E eu percebi que tinha uma ironia **nele**. Mas é claro! [...] Aí, abracei **ele** e tiramos a foto.
- (6) Assim que **ele** saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, sentou do meu lado e falou assim: *Padre Fábio, o senhor sabe quem é **ele**?* Falei: Não. Contou a história. **Ele** mora na região Lapa e essa pessoa que o senhor está vendo aí padre, **ele**... **ele** criou um grupo, ali na região da Lapa, que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. [palmas] *Padre, tem um trabalho social que já foi internacionalmente reconhecido. **Ele** leva para dentro da casa **dele**, padre. **Ele** dá banho, **ele** não tem nojo de ninguém.*

Segundo Livia e Hall (1997, p. 122), com base em Butler (2003 [1990]), “quem enuncia um ato de fala performativo pensa que está somente iniciando uma ação, quando, na verdade, está meramente reproduzindo normas regulatórias”. Pe. Fábio reitera as normas regulatórias pênis-homem/mulher-vagina e contribui para a sua manutenção ao empregar, recorrentemente, as marcações de gênero no masculino.

No excerto (6), pe. Fábio inclui em sua narrativa a voz de Maria Helena. Diferente de Luana, novamente representada por meio do pronome “ele”, Maria Helena é nomeada e a inclusão de sua voz, de certa forma, legitimará a presença da travesti naquele evento social – o aniversário de Alcione, na Quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro. Alcione, após conhecer o trabalho de acolhimento a transvestigêneres em situações vulneráveis desenvolvido por Luana, tornou-se amiga da ativista e sempre contribuía financeiramente com o desenvolvimento de seus projetos na região da Lapa.

Na recontextualização do discurso da irmã de Alcione, o sacerdote segue representando Luana por meio de pronomes no masculino. Somente pela análise do texto não podemos afirmar se Maria Helena referiu-se a Luana também no masculino. Entretanto, ao produzir sua narrativa, pe. Fábio pode escolher manter ou modificar o emprego desses pronomes dissonantes à identidade feminina. Essa escolha evidencia seu posicionamento ideológico sobre as identidades travestis.

As escolhas do pe. Fábio são atravessadas pela Instituição que representa e, consequentemente, pelos discursos particulares dessa prática social. No documento ‘Catecismo da Igreja Católica’, discussões sobre Gênero resumem-se ao tópico Homossexualidade. Para a doutrina católica, há pessoas com “tendências homossexuais enraizadas”. Dessa forma, o “desejo sexual”, por si só, não se constituiria como um pecado, mas sim a prática de relações homossexuais. Essas pessoas são orientadas pela Instituição a viver a castidade. Entretanto, sobre identidade de Gênero, não há nenhum

documento oficial que reflita sobre a temática. No Brasil, em 2017, a Arquidiocese de Belo Horizonte, no documento ‘Projeto de Evangelização – Proclamar a Palavra’²⁷, em que apresenta as diretrizes para uma “Ação Evangelizadora” no período de 2017 – 2020, cita as identidades transvestigêneres:

Como Igreja doméstica, a família precisa ser, constantemente, valorizada nas suas particularidades e pluralidades, que enriquecem a Igreja. Por isso, devemos:

[...]

b) COMUNIDADE: Promover ações pastorais capazes de dialogar e de acolher todas as famílias, em suas mais diversas configurações, com respeito e zelo, a fim de que elas se sintam pertencentes, de fato, à comunidade que edificam com seu testemunho de amor. Cuide-se para que essa perspectiva inclua, também, os casais de novas uniões, os casais de não casados na Igreja, os divorciados, ofertando a todas essas famílias qualificado serviço de acolhimento. Atente-se para que, nesse mesmo horizonte, sejam acompanhadas **as pessoas em suas diferentes identidades sexuais (gays, transexuais, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais)**; (Grifos nosso).

Após a publicação do documento que reconhece as “diferentes identidades sexuais”, a Arquidiocese foi vítima de protestos de grupos religiosos tradicionais dentro da própria Instituição e de denúncias enviadas ao Vaticano, evidenciando a dificuldade em se pautar discussões sobre Gênero no interior das práticas sociais religiosas. Entretanto, este ano, 2018, em decorrência da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, o Vaticano publicou o documento *Instrumentum Laboris – Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. No parágrafo 197, seção Comunidade aberta e acolhedora para todos, pela primeira vez na história do Catolicismo, a sigla LGBT é citada em um documento oficial:

197. Por exemplo, no Seminário Internacional, alguns peritos indicaram como o fenómeno migratório possa tornar-se uma oportunidade para um diálogo intercultural e para a renovação de comunidades cristãs em risco de involução. Alguns **jovens LGBT**, por meio das várias contribuições enviadas à Secretaria do Sínodo, desejam «beneficiar-se de uma maior proximidade» e experimentar uma atenção maior por parte da Igreja, enquanto algumas Conferências Episcopais perguntam-se sobre o que propor «aos jovens que em vez de formar casais heterossexuais decidem constituir casais homossexuais e, acima de tudo, desejam estar perto da Igreja».

²⁷ Disponível em: <<http://arquidiocesebh.org.br/noticias/proclamar-a-palavra-conheca-nosso-projeto-de-evangelizacao/>> Acesso em: 21 de jul. 2018.

Apesar de incluir a sigla LGBT, o documento não materializa linguisticamente os léxicos “lésbicas”, “gays”, “bissexuais” e “transvestigêneres”. De acordo com o teólogo Luís Corrêa Lima, “passar do termo sodomia à sigla LGBT é um percurso histórico que vai da total execração ou eliminação do outro à estima e à cidadania”²⁸. Como aponta Fairclough (2016 [1992], p. 133), um evento discursivo pode cooperar para a manutenção e iterabilidade de relações e hegemonias tradicionais de Gênero ou, por outro lado, contribuir para a transformação dessas relações mediante a luta hegemônica.

Para o discurso religioso, há uma natureza essencial, biológica, que deve determinar tanto a vida pessoal quanto a pública. Entretanto, como aponta Connell e Pearce (2014, p. 41), “esses esforços para manter ideias essencialistas sobre a inflexibilidade do ser mulher e do ser homem são uma evidência forte de que suas fronteiras não são lá muito estáveis”.

A narrativa de pe. Fábio, situada em 2015, não contravém os discursos oficiais da Igreja Católica e não representa, à priori, uma contribuição para uma mudança social, a partir de uma mudança discursiva, no reconhecimento das identidades travestis como feminilidades. Já o documento oficial, publicado em 2018, representa um primeiro passo para a discussão das diferentes identidades de Gênero no interior das práticas sociais da Igreja Católica.

4.2 Identidade Travesti e Discursos Particulares

Luana Muniz, ao ser incluída na narrativa, foi representada pelo processo de categorização e não pela nomeação, como vimos na seção anterior (1.1). Van Leeuwen (1997, p. 219), ao propor o quadro de Representação de Atores Sociais, operacionalizado por Fairclough (2003), indica que a categorização pode ocorrer por funcionalização, identificação ou avaliação. No primeiro momento em que é tematizada, Luana é representada pela expressão “um travesti”, como podemos observar no excerto abaixo:

- (7) **Mas** o que me **chamou a atenção**, minha gente, foi **um travesti** (risos) **que estava lá**.
- (8) Eu não entro no mérito da questão **da vida que ele leva**.

²⁸ Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/580519-a-igreja-e-a-sigla-lgbt>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

No excerto (7), o processo mental “chamou a atenção” coloca o pe. Fábio na posição de alguém que está experienciando uma situação que lhe causa, no primeiro momento, um estranhamento. Agente situado dentro das práticas sociodiscursivas da Igreja Católica, as questões ontológicas dos corpos que rompem com as normas hegemônicas de Gênero, a priori, não fazem parte de seu cotidiano. Reconhecida na Lapa, provavelmente, o corpo/discurso de Luana Muniz não causou o mesmo estranhamento às demais pessoas presentes no evento.

O operador argumentativo “mas” funciona como um realce para a situação de desconforto experienciada. Mais surpreendente que a presença de um padre na Quadra da Mangueira, para o sacerdote, é a presença de uma travesti, corpo/discurso abjeto, frequentando aquele mesmo espaço. O item circunstancial “lá”, também, endossa o motivo do estranhamento: não é um corpo que passou pelo espaço, que estava às margens, mas um corpo que ocupava o mesmo espaço que ele, na mesma condição de convidado e, também, com vínculos de amizade com a cantora Alcione, ou seja, de alguma forma o padre está se relacionando com a travesti, considerando que há uma rede de amizade se construindo naquele momento.

Além disso, o léxico “travesti” poderia funcionar como uma identificação de Gênero. Todavia, levando em conta que a identidade de Gênero de Luana é negada durante toda a narrativa, consideramos que essa escolha lexical não está relacionada ao Gênero, mas a um processo de funcionalização “profissão-travesti”, resultado dos discursos particulares que associam, em uma relação causal, travestis à prostituição

Essa naturalização da relação travesti-prostituição é reflexo da falta de oportunidades de emprego e educação destinadas, principalmente, aos transvestigêneres. Segundo matéria publicada em 18 de maio de 2018, no site G1²⁹, cerca de 90% de transvestigêneres do país sobrevivem da prostituição.

Como apontam Lima, Machado e Gomes (2017, p. 185-186):

Essa repetibilidade do léxico “travesti”, como função-travesti, associada à prostituição garante a permanência da vulnerabilidade desse corpo frente à matriz heteronormativa compulsória. A marginalização desse corpo reflete no número alarmante de travestis assassinadas unicamente por não corresponderem ao binarismo homem-pênis/mulher-vagina. Ao representar Luana Muniz pela função-travesti, há um apagamento de suas

²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/cerca-de-90-das-travestis-e-transexuais-do-pais-sobrevivem-da-prostituicao.gh.html>. Acesso em: 21 de jul. 2018.

performatividades do feminino e sua postura ativista em relação às questões que envolvem a agenda política das travestis e das feminilidades transexuais.

No excerto (8), pe. Fábio produz uma avaliação negativa, a partir do grupo nominal “vida que ele leva”, ao se referir à profissão de Luana – profissional do sexo. Em seu trabalho etnográfico com travestis no centro histórico de Salvador, Kulick (2008, p. 151) constatou que “ao invés de considerar a prostituição como uma forma degradante de exploração sexual, as travestis as veem como um trabalho assim como qualquer outro [...] Além disso, a prostituição é a única esfera da sociedade brasileira onde as travestis podem ser admiradas e reconhecidas”.

Cabe ressaltar que prostituição é reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações, disponibilizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, como CBO 5198-05³⁰ – Profissional do Sexo. O documento ainda orienta que para o exercício profissional é necessário que as/os trabalhadoras/es tenham no mínimo 18 anos, participem de oficinas sobre sexo seguro e que as atividades exercidas sigam normas e procedimentos que minimizem as vulnerabilidades da profissão.

A forma como a narrativa é construída, incluída na pregação para fins de ensinamento moral, dialoga, ainda, com a passagem bíblica da prostituta Maria Madalena perdoada por Jesus. Ninguém na assembleia deveria julgar Luana, pois ela desenvolve ações consideradas cristãs. Entretanto, o próprio discurso de pe. Fábio vai de encontro a essa premissa. Luana Muniz representa um corpo não recomendado, considerando a matriz de referência cisheterormativa, endossada pelo discurso religioso cristão, por sua vez, ancorado nos discursos binários biologizantes. Entretanto, a recorrência de processos materiais, com Luana, mesmo não nomeada, como agente – “ele criou um grupo”, “ele alimenta e recolhe todos os miseráveis”, “ele dá banho”, por exemplo –, colocam em proeminência suas ações de caridade, preterindo a “vida que ele leva” [sic].

Além do discurso particular, e do ato iterado “vida que ele leva”, que associa travestis à prostituição, pe. Fábio tece sua narrativa, no primeiro momento, em um tom humorístico caricato, trazendo à tona a relação travesti-caricatura-humor, iterada, principalmente, em redes de práticas midiáticas com finalidades de produção do humor e da comicidade, como Zorra Total (GOMES; GOMES, 2016).

³⁰ Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

- (9) **Meu Deus do céu**, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? **[risos]** Como que eu vou reagir? [pausa] Porque você tira uma foto hoje... é a mesma coisa que tirar uma foto com político.
- (10) E ele **lá do fundo olhando [risos]. Aí, minha gente**. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção **[risos]**.
- (11) Aí ele veio, com **um vestido longo, todo elegante [risos]**

O tom de humor – “meu deus do céu”, “aí, minha gente”, “risos” – investido em (11), por exemplo, constrói a identidade da travesti como uma caricatura humorística do feminino. O padre usa a circunstância de modo “com um vestido longo”, associado, pela norma cisheteronormativa, a feminilidades, opondo-se, logo em seguida, com o atributo “todo elegante” marcando o gênero masculino. Essa escolha lexical é investida de ironia para a construção do tom humorístico predominante no início de sua narrativa.

Para Preciado (2014 [2002]), além dos efeitos performativos, as roupas, por vezes consideradas “de homem” e/ou “de mulher”, são aparatos tecnológicos atuantes no processo de incorporação prostética que irá introduzir tecnologias do sexo e do gênero como matéria física na própria materialidade do corpo. Dessa forma, podemos considerar a moda como parte prostética desse corpo, como uma tecnologia fundada na cisheterossexualidade compulsória.

Bento (2006), em um estudo etnográfico com transvestigêneres, constatou que o corpo-sexuado performatiza, também, por meio das roupas, dos acessórios e das cores. Para a autora, se o corpo é plástico, manipulável, operável, o que irá estabilizá-lo, relativamente, na ordem dicotomizada dos gêneros será a estética de gênero.

Bento afirma que:

O sentido que se atribui as roupas e aos acessórios liga-se a um campo mais amplo de significados que extrapola a ideia de um “gosto pessoal”, vinculando-se as normas de gênero que estabelecem determinadas formas de cobrir os corpos-sexuados. As roupas não cumprem exclusivamente um papel funcional. Conforme apontaram Villaça e Fred Góes (1998), as roupas constroem *habitus* pessoais que articulam relações entre o corpo e o seu meio. Pode-se sugerir que, para a formação dos *habitus* dos gêneros, a estética participa de forma a dar visibilidade aos treinamentos propriamente corporais. (BENTO, 2006, p. 163)

Dessa forma, entendemos que antes mesmo de Luana se performatizar pelo feminino, por meio do discurso, no léxico “pecadora”, sua identidade feminina é manifestada pelas próteses da moda que atuam em seu corpo produzindo uma estética de gênero que performatiza feminilidades. Entretanto, sua estética é tomada como motivo de

ato de insulto e base para a representação da travesti-caricatura-humor promovida pelo discurso do sacerdote.

Ademais, até o momento em que pe. Fábio inclui a voz de Maria Helena, tematizando as ações sociais de Luana, suas falas são interrompidas por risos – ato irônico –, motivados pelo próprio pregador, por meio da entonação de sua narrativa. Essas manifestações demonstram o apoio dos interlocutores e, de certa forma, comprovam a naturalização da relação travesti-caricatura-humor.

4.3 (Des) Humanização, Diferença e Abjeção

Na narrativa de pe. Fábio, dois léxicos são recorrentes: ‘diferente’ e ‘criatura’. Nessa seção, discutiremos as implicações dessas escolhas lexicogramaticais nas representações de Luana Muniz.

De acordo com o pesquisador Tomaz Tadeu da Silva (2009, p. 76) a diferença deve ser compreendida “não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (entendida aqui como resultado) são produzidas”. Para esse autor, a identidade e a diferença são resultados de atos de criação linguística. Assim, a identidade e a diferença não são naturais, transcendentais ou essências, mas cultural e socialmente construídas.

Considerando que a identidade é aquilo que se é, tendo como referência si próprio, a diferença é aquilo que o outro é. Pe. Fábio parte de sua identidade, aquilo que considera ser, como sendo a norma, o que lhe permite avaliar aquilo que não é – travesti.

(12) Aquele que você enxerga e que, **naturalmente**, lhe **provoca um desconforto** por ser **tão diferente de nós** [...].

(13) [...] eu **ainda** me envergonho dos que são **diferentes** de mim.

(14) [...] e me colocar ao lado dos que são **diferentes** de mim por uma mesma causa.

Nos excertos, Luana Muniz é representada como um corpo diferente que causa “desconforto” e “vergonha” – um corpo abjeto. Apesar de o padre construir discursivamente a diferença como algo “natural[mente]”, ela não é dada, mas produzida a partir das normas binárias e cishétero.

Butler (2003 [1990]), busca nos estudos da filósofa Julia Kristeva (1982) o conceito de abjeto para discutir as vulnerabilidades e as precariedades às quais os corpos transvestigêneres estão expostas. Kristeva (1982) denomina de abjeto os excessos do corpo, que são expelidos e descartados, como fezes, urina, lágrimas, vômito. A psicóloga

Patrícia Porchat (2015, p. 40), em sua leitura da autora, sintetiza que “o corpo abjeto é aquilo que não queremos ver em nós: nossos excrementos, nossos excessos e, em última instância, nosso cadáver. [...] Os corpos abjetos da sociedade são aqueles que execramos da mesma maneira que execramos nossos excessos [...]”. Para Butler, o abjeto é produzido por meio de processos discursivos, visto que discursos habitam corpos e os corpos carregam discursos.

O item circunstancial “ainda” funciona como um marcador da iterabilidade dos atos performativos que produzem o corpo/discurso diferente como abjeto. Luana é representada pela generalização “dos que são diferentes de mim”. A iterabilidade e citacionalidade do léxico “diferente” indicam um dos modos de operação da ideologia sugeridos por Thompson (1995) – a fragmentação. O corpo/discurso de Luana é construído como uma ameaça às normas cisheteronormativas de gênero. Assumir a existência desse corpo/discurso político causa uma fissura na norma e nos discursos da Instituição que pe. Fábio representa. Podemos perceber a construção da diferenciação produzindo o expurgo do outro.

O sacerdote diferencia Luana ao incluir todos os presentes na assembleia em um grupo dos que não são o outro-abjeto e que se enquadram na norma cisheteronormativa. Ademais, a escolha pelo grupo nominal “a vida que ele leva [sic.]” sugere um afastamento daquele corpo/discurso, impedindo a constituição de desafio efetivo e a superação da diferença – além de marcar uma valoração negativa a respeito do exercício da prostituição.

O corpo/discurso de Luana performatizando feminilidades coloca em xeque os discursos do Gênero como dado, natural e biológico, produzindo-o como um inimigo simbólico dos discursos da Igreja Católica. Ser um corpo/discurso que questiona à norma provoca reações, por vezes de ódio, por parte de movimentos que buscam restabelecer os valores e a moral da “família tradicional” e os princípios criacionistas de “ser homem” e “ser mulher”.

Conforme resgataram Connell e Pearse (2015 [2002]), no final da década de 90, o papa João Paulo II, principal representante da Igreja Católica naquele momento, preocupado com as discussões de Gênero na academia, divulgou um documento intitulado *Sobre a dignidade e a vocação da mulher*, enfatizando que, pela ordem natural, todas as mulheres foram criadas para a maternidade e que suas funções sociais não deveriam ser confundidas com as dos homens. Na mesma esteira, em 2012, em

documento publicado em 21 de dezembro³¹, o então papa Bento XVI criticou diretamente a teoria de gênero:

Manifesta-se o fundamento daquilo que hoje, sob o vocábulo “*gender* – gênero”, é apresentado como nova filosofia da sexualidade. De acordo com tal filosofia, o sexo já não é dado originário da natureza que o homem deve aceitar e preencher pessoalmente de significado, mas uma função social que cada qual decide autonomamente, enquanto até agora era a sociedade quem decidia. Salta aos olhos a profunda falsidade dessa teoria e da revolução antropológica que lhe é subjacente. O homem contesta o fato de possuir uma natureza pré-constituída pela sua corporeidade, que caracteriza o ser humano. Nega a sua própria natureza, decidindo que esta não lhe é dada como um fator pré-constituído, mas é ele próprio quem cria.

O iterabilidade marcada pelo léxico “ainda” indica, também, um ponto de conflito entre o discurso religioso de não fragmentação com o discurso de expurgo de uma discussão de Gênero que está inscrita naquele corpo/discurso. Como aponta Thompson (1995), o expurgo do outro é uma estratégia ideológica que implica a construção de imagem simbólica negativa de um indivíduo.

Além disso, ao empregar o item circunstancial “naturalmente”, em relação ao “desconforto” gerado pelo corpo/discurso de Luana como uma reação involuntária, indica que a existência daquele do corpo contraria as leis do que a norma considera natural e biologicamente aceitável e, logo, um corpo/discurso abjeto que deve ser execrado.

Os excertos (15), (16) e (17) ilustram a recorrência do léxico “criatura” que também contribui para o processo de desumanização do corpo/discurso travesti. Nos discursos religiosos, quando esse léxico aparece acompanhado do complemento possessivo “de Deus”, remetendo à criação, há um investimento positivo. Entretanto, na narrativa, o uso do léxico com a ausência desse completo, promove um distanciamento entre o mais humano – mais próximo da norma cisheteronormativa – do menos humano – os corpos que causam uma fissura, uma ruptura na norma e subvertem o sistema binário.

(15) Eu **não posso medir** o tanto que **naquela criatura lá da Lapa** existe **mais** cristianismo [...].

(16) Fui na direção da **criatura**.

(17) O que Deus fará na vida **dessa criatura** através do amor que ele ama deixa para a eternidade.

³¹ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121221_auguri-curia.html. Acesso em: 04 mar. 2019.

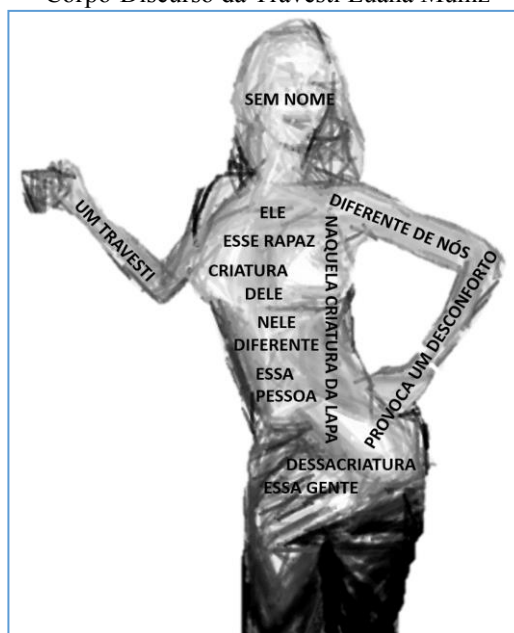
No excerto (15), por exemplo, Luana é representada pela circunstancialização “lá da Lapa”. Essa escolha pela inclusão pelo processo de impessoalização, por objetivação, ou seja, representação por meio de uma referência a um local associado ao agente (VAN LEEUWEN, 1997, p. 209), associado aos léxicos “naquela criatura”, contribui para a construção desse corpo/discurso como desimportante para ser identificado e nomeado. A construção denota, novamente, uma valoração negativa ao representar Luana Muniz.

4.4 Travestifobia

As representações produzidas por pe. Fábio, analisadas por meio da categoria Representação dos Eventos Sociais, sintetizadas na figura 2, contribuem para a construção de significados relacionados à identidade Travesti de Luana Muniz. A relação entre os significados do discurso é dialética, isto é, cada um internaliza traços de outros, sem se reduzirem a um.

Na figura 2, sintetizamos as escolhas lexicogramaticais de pe. Fábio ao representar Luana Muniz. Conforme Butler (2003), performatizamos corpos por meio do nosso discurso e do discurso outrem. E estes atos performativos iteram crenças, ideologias e preconceitos sobre esses corpos, descartando àqueles que não são legitimados pela matriz reguladora que mais se aproxima dos corpos padrões – cis, brancos, héteros, não deficientes, magros.

Figura 10 – Síntese da Análise das Representações do Corpo-Discurso da Travesti Luana Muniz



Fonte: Fotografia de Pedro Stephan, adaptada para a pesquisa. Disponível em: <https://osassumidos.webnode.com.br/news/luana-muniz-a-rainha-da-lapa/>. Acesso em: 20 set 2018.

Essas construções discursivas performatizam o corpo de Luana Muniz. Como discutimos nas seções anteriores, seu corpo é produzido como abjeto, não nomeado, sua identidade de gênero é negada e sua vida tomada como desimportante. Interessa-nos, nesta seção, compreender como as identidades construídas/iteradas/incluídas estão relacionadas à constituição do discurso travestifóbico. Ademais, analisar o grau de comprometimento de Pe. Fábio em termos do que é desejável ou indesejável e como esses valores são realizados.

(18) Mas **o que me chamou a atenção**, minha gente, foi um travesti [risos] que **estava lá**. Posso **confessar** uma coisa para vocês? [Pode!] **Quando eu vi, ele estava olhando para mim** [risos]. E olha que eu não sei ficar muito bem ficar sem graça... [risos] **Eu sou tímido**. Mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar **publicamente a minha hipocrisia**: Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? [risos] **Como que eu vou reagir?** [pausa] Porque você tira uma foto hoje... **é a mesma coisa que tirar uma foto com político**.

No excerto (18), já no início da narrativa, ao usar a expressão “chamou a atenção” e o item circunstancial “lá”, como mencionamos na seção 1.2, pe. Fábio avalia como inesperada a existência daquele corpo/discurso abjeto e, conseqüentemente, sua presença naquele evento. Esse estranhamento traz à tona o discurso naturalizado de serem destinados às travestis, geralmente, os espaços marginais, as calçadas de prostituição e, em último caso, as estatísticas de mortes cruéis por travestifobia. O fato de Luana Muniz ser branca, performatizar feminilidades mais próximas à matriz cisheteronormativa e ter acesso a bens materiais, a torna um corpo menos vulnerável, menos precário – comparada às travestis negras e periféricas – e mais socialmente aceito para transitar naquele espaço. Entretanto, o marcador identidade de gênero ainda a coloca em situações de desprivilégio e violências.

Na mesma esteira, Rogéria, considerada a “travesti da família brasileira”, é outro exemplo de um corpo/discurso travesti com marcadores sociais – ser branca, classe média, com acesso a bens materiais – que a colocam em uma posição mais próxima a matriz de privilégios. Gomes (2015), em análise das representações de Rogéria em uma narrativa jornalística da Revista RG, constatou que o jornalista não problematiza o que ocorre com as travestis diferentes de Rogéria que estão na base da matriz de desprivilégio, limitando-se a tematizar apenas o glamour que admira nas performatividades da travesti. A narrativa de Rogéria, como aponta Gomes (2015, p. 150):

Não passa, portanto, de uma narrativa individual de sucesso e reconhecimento, muito diferente de tantas outras, que não são trazidas ao texto: assassinatos, violência policial, pobreza, prostituição, uso de drogas, problemas de saúde relacionados à aplicação de silicone e injeção de hormônios, por exemplo. (KULICK, 2008)

Ainda no excerto (18), pe. Fábio, ao empregar o processo material “olhando” para representação da ação de Luana, coloca-se na posição de “meta” daquele corpo/discurso que lhe causa desconforto. A ação de pe. Fábio, por sua vez, é marcada pelo processo comportamental, fisiológico, “vi” e pelo processo mental “chamou a atenção”. O sacerdote se sente constrangido pelo olhar daquele corpo/discurso que não é semelhante, por ser meta do olhar de um corpo/discurso que está agindo em sua direção e confrontando todas as suas hipocrisias.

Ademais, pe. Fábio justificará seu desconforto em ser observado por Luana, por meio da afirmação avaliativa construída pelo processo relacional “sou” e pelo atributo “tímido”. Sua reação é avaliada negativamente ao “confessar” o que denominará de sua “hipocrisia”. No contexto da Instituição religiosa católica, o processo do dizer “confessar” envolve um diálogo privado em que um sacerdote absolverá, por meio de um ato de fala, o agente que confessa seus pecados. Esse ato performativo indica uma humildade por parte do confessante em expor as suas ações e pensamentos valorados como negativos. Ao empregar o item circunstancial “publicamente”, indicando o modo que irá se expor, pe. Fábio intensifica o significado de humildade em reconhecer seus atos e as afetações provocadas a partir da vivência daquela experiência.

Pe. Fábio faz, também, uso da presunção valorativa negativa “tirar uma foto com político” comparando-a com as possíveis afetações geradas pela circulação de uma fotografia ao lado de Luana Muniz. Consideramos que a narrativa de pe. Fábio é efeito de uma necessidade de justificar-se perante sua comunidade religiosa após tirar uma foto ao lado de Luana Muniz.

- (19) [...] E o **meu preconceito**, o meu **medo de me expor**, tudo vindo à tona. Que coisa **horrorosa isso em nós**, não é... **Como se eu fosse melhor**. Ou como se a presença dele do meu lado... Isso é **mesquinho**, tô confessando, é **vergonhoso** o que eu estou dizendo pra vocês, eu **senti** isso.
- (20) Não, eu **ainda** me **envergonho** dos que são **diferentes** de mim. Eu ainda **tenho medo** de ir ao encontro daqueles que precisam de mim.
- (21) Na hora de ir embora lá da quadra, eu **fiz questão de me levantar**. Atravessei o povo. Fui na direção da criatura, **segurei a mão dela** e falei assim: Muito obrigado **por aquilo que você faz pelos pobres** em nome de Cristo. Muito obrigado **por aquilo que você faz pelos frágeis** em nome de Jesus.

- (22) Que o verdadeiro cristianismo está aqui na minha coragem de **renunciar tudo aquilo que em mim é pecaminoso, discriminatório e me colocar ao lado dos que são diferentes de mim por uma mesma causa.**

Além disso, pe. Fábio usa de avaliações afetivas ao expor publicamente as afetações daquele encontro em sua vida. Em (19), por meio do processo mental “sentir”, volta-se o olhar para si, para as sensações geradas a partir do reconhecimento do não-eu como “diferente”. O sacerdote reconhece que não deveria “sentir” o “desconforto” gerado ao usar o processo mental “envergonho” e ao valorar seus sentimentos com os atributos “mesquinho” e “vergonhoso”. Por meio de processos mentais, o pe. Fábio vai experienciando internamente todo o tipo de sentimento, mas não sente isso tudo sozinho, ele opta por manifestar publicamente.

Apesar de o discurso religioso pregar que os cristãos devem ir ao encontro dos menos privilegiados pela sociedade, pe. Fábio torna pública as contradições entre esse discurso e a prática. Novamente, o que se torna proeminente não é reconhecer Luana como semelhante, mas os processos materiais, principalmente o processo “fazer”, as ações de ir ao encontro do outro, como podemos perceber no excerto (22) – “por aquilo que você faz pelos frágeis” e “por aquilo que você faz pelos pobres”.

A narrativa desperta “vergonha” porque aquele corpo/discurso considerado menos humano, mais abjeto, age de uma forma mais coerente com os princípios daquela Instituição que os considerados mais próximos à norma cisheteronormativa de Gênero e aos modelos de moralidade. Pe. Fábio não se desculpa com Luana por não reconhecer nela um semelhante, apenas a agradece por fazer algo que ele, dentro da matriz de privilégios, ainda não faz.

A pesquisadora Eni Orlandi (1987, p. 242-243) afirma que o discurso religioso é “aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”. Ou seja, pe. Fábio representa a voz da Instituição e a voz de Deus. Da mesma forma que Jesus, modelo e expressão máxima do ser cristão para a Igreja Católica, ensinava por meio de parábolas, pe. Fábio de Melo faz de sua narrativa um momento discurso para pregar princípios de moralidade, como a necessidade de ir ao encontro do outro e ajudar os mais necessitados.

Entretanto, em uma pregação que tematiza sobre a dignidade da pessoa, pe. Fábio não vê em Luana um corpo/discurso importante o suficiente para ter sua identidade de Gênero e suas performances do feminino reconhecidas. O corpo/discurso de Luana é marginalizado, construído como abjeto, tomado como motivo humor e insultado. Para

não entrar em conflito com os discursos da Instituição que representa, é necessário um apagamento do corpo/discurso de Luana em detrimento de uma proeminência em suas ações.

No próximo capítulo, analisamos as representações de Luana Muniz, e de pe. Fábio de Melo, a partir da circulação da pregação do pe. Fábio de Melo nas práticas midiáticas digitais brasileiras.

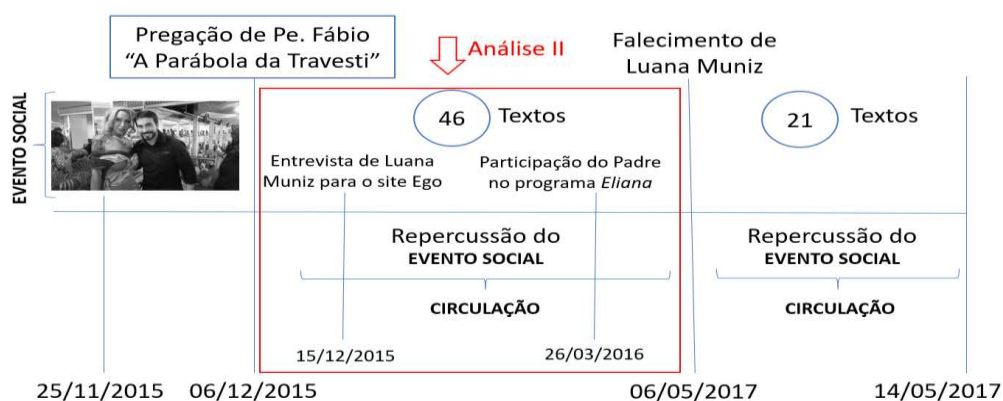
5 NÃO RECOMENDADA À SOCIEDADE – AS REPRESENTAÇÕES DE LUANA MUNIZ NAS PRÁTICAS MIDIÁTICAS

*A placa de censura no meu rosto diz:
Não recomendado à sociedade
A tarja de conforto no meu corpo diz:
Não recomendado à sociedade
(Não Recomendado – Caio Prado)*



Neste segundo momento da análise, investigamos como as práticas midiáticas jornalísticas digitais brasileiras representaram Luana Muniz e como publicizaram o evento social – encontro de Luana com pe. Fábio, na quadra da Mangueira – a partir da pregação de pe. Fábio. Analisamos as representações de Luana e pe. Fábio em 46 textos, bem como verificamos as vozes incluídas, as excluídas, as articulações e as implicações ideológicas em um cenário da abertura ou fechamento da diferença. Na figura a seguir, situamos o recorte do *corpus* analisado:

Figura 11 – Delimitação do *Corpus* – Recorte II



Fonte: Própria pesquisa.

Com base nas discussões do campo da Comunicação sobre práticas midiáticas, procuramos responder às seguintes inquietações: Luana Muniz é reconhecida pelo seu nome, sua história? Pela construção midiática “da travesti amoral” que agrediu um possível cliente em reportagem exibida no programa *Profissão Repórter*? Ou, ainda, por ter sensibilizado o padre cisgênero Fábio de Melo em sua transfobia? Que estatuto de celebridade é conferido a Luana Muniz? E ao padre Fábio de Melo? A visibilidade, como

“capital das celebridades”, proporcionou voz a Luana Muniz? Além disso, procuramos articular as discussões de Fairclough (2016 [1992]) sobre a prática discursiva e seus três estágios – produção, distribuição e consumo –, com as discussões do pesquisador José Luiz Braga (2012), a fim de propor um quarto estágio – a circulação.

5.1 A prática discursiva e a Circulação Midiática

Em Discurso e Mudança Social (FAIRCLOUGH, 2016, p. 111-112) explica que a natureza envolvida nos processos de produção, distribuição e consumo textual varia de acordo fatores sociais. Os textos são produzidos de formas particulares em contextos específicos. São consumidos, portanto, de modos distintos em contextos sociais diversos – de forma individual ou coletiva. O autor aponta que alguns textos são transformados em outros textos e podem apresentar resultados variáveis de natureza extradiscursiva, como também discursiva. Quanto à distribuição, pode ser simples, em um contexto imediato – por exemplo: um transeunte perguntando sobre a localização de uma rua –, ou complexa – como no caso da distribuição de uma pregação televisionada.

O recorte de nosso *corpus* dessa segunda parte da análise é composto por 46 matérias publicadas em ambiente digital. Esses textos, com exceção dos publicados em sites pessoais, como o *NLucon* (T007), não são assinados por um único produtor. Mesmo em rotinas em que o texto seja produzido por apenas um jornalista, apresenta natureza coletiva e representa a voz da prática midiática responsável. O consumo desses textos é coletivo e dinâmico, o ambiente digital propicia um maior número de consumidores e o *timing* de publicação, em um contexto de múltiplas práticas midiáticas publicizando um mesmo fato, influencia também na quantidade de consumidores. A distribuição pode ser considerada complexa, visto que não se restringe a um contexto imediato. Ao consumidor é distribuída uma versão recontextualizada do fato noticiado – ou seja, do evento parcialmente discursivo.

Como aponta Fairclough (2003), ao recontextualizar um evento, o produtor escolhe quais elementos incluir, quais colocar em proeminência e quais excluir. O viés adotado pela prática midiática discursiva traz implicações nessas redes de escolhas e evidencia, ora de forma mais explícita, ora de forma mais implícita, posicionamentos ideológicos e projetos que visam, de alguma forma, manter/modificar crenças, atitudes

e/ou prática sociais. Entretanto, o processo de produção, assim como o de interpretação, é socialmente restringido:

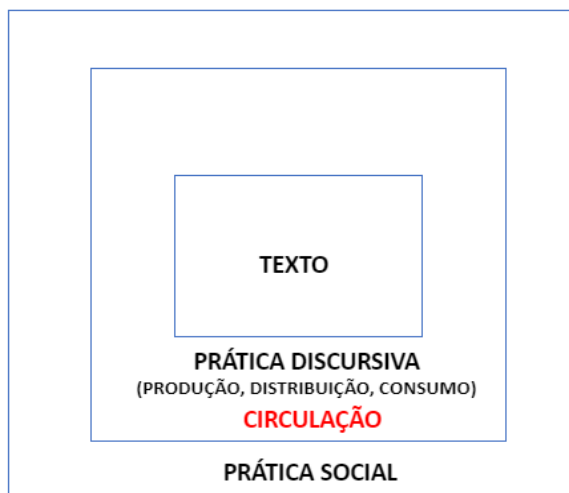
Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros, que são estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções, como também ordens do discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos do tipo já referido e que foram constituídos mediante a prática e a luta social passada. Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normatiza, criativa, aquiescente ou opositiva) a eles se recorre. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 113-114).

Ademais, a maneira como o contexto afeta a interpretação de um texto varia de um tipo de discurso para outro. Essas diferenças entre discursos apontam regras de base implícitas dotadas de caráter ideológico. Dessa forma, as práticas midiáticas particulares podem apresentar discursos mais proeminentes em alguns casos, mesmo com o atravessamento de outros. Por exemplo, na prática midiática *Nossa Senhora Cuida de Mim* (T021), parte do *corpus* desta pesquisa, percebe-se a ordem do discurso religiosa em primeiro plano norteando a representação do evento discursivo. Já a prática midiática *NLucon* (T007), recontextualiza o discurso do pe. Fábio de Melo por meio de uma análise sob a ótica da ordem do discurso ativista.

As práticas midiáticas, por sua vez, são responsáveis pela circulação de um evento social por um ponto de vista iminentemente social, histórico e cultural. De acordo com o pesquisador Fausto Neto (2008, p. 93), a cultura midiática produz “zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade”. Também Braga (2012, p. 37) afirma que “desde o século XVII, a imprensa se desenvolveu como um componente estruturante da sociedade”.

Nesse cenário, para Braga (2012, p. 38), quando se trata da produção e recepção de sentidos na sociedade das práticas midiáticas, o que mais importa é a circulação. Considerando a agência dos consumidores, a circulação “passa a ser vista como o espaço de reconhecimento e dos desvios da apropriação”. Segundo Neto (2010, p. II), a circulação é “transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento”. Para o pesquisador, nesse estágio “as lógicas dos contratos subsumidas por outras lógicas de interfaces [...] os receptores perambulam por várias mídias, migrando em seus contatos com os mesmos, e quebrando zonas clássicas de fidelização” (NETO, 2010, p. 12-14).

Figura 12 – Proposta de inserção da Circulação como um estágio da Prática Discursiva:



Fonte: Própria pesquisa.

Trazendo essa teorização para a realidade de nosso *corpus*, a narrativa do encontro de Luana Muniz com pe. Fábio de Melo, proferida por um representante de um Instituição social, com suas práticas e discursos particulares, distribuída pela rede televisiva Canção Nova, alcança maior circulação ao ser recontextualiza pelas práticas midiáticas em ambientes digitais, com seus discursos particulares. O evento social é representado de diversas formas, da reprodução das palavras do sacerdote à inserção de comentários e engajamento do produtor do texto. Essa retomada e circulação de evento social estimula debates que podem iterar discursos cristalizados ou desconstruí-los, contribuindo para uma mudança social.

5.2 Virou notícia! O que os títulos nos apontam?

No primeiro momento, concentramo-nos nos títulos dos textos jornalísticos que compõem esse segundo recorte do *corpus*. Segundo o Manual de Redação da Folha de São Paulo (2010), os leitores, geralmente, leem apenas o título da maior parte dos textos publicados. Dessa forma, o título torna-se tudo o que o leitor lerá sobre o assunto ou, em uma hipótese mais otimista, o elemento que poderá motivá-lo a continuar a leitura. Por sua vez, os subtítulos, ou linha-fina, têm a função de completar o sentido do título ou dar mais informações. Além disso, vale aqui apontar que, no contexto do consumo de informações em ambiente digital, às vezes, o texto é posto em circulação, compartilhado e comentado em ambientes digitais, como em redes sociais, apenas com base na leitura

do título. Esse fato comprova o potencial dos títulos na construção de representações sociodiscursivas.

Após a leitura e análise dos 46 títulos, foi possível perceber algumas recorrências significativas. O primeiro aspecto observado foi a estrutura temática. Como apontam Fuzer e Cabral (2014, p. 130-131), por meio das escolhas feitas na organização da estrutura textual do título, é possível encontrar traços sobre o possível desenvolvimento do texto. Verificamos que em 32 títulos, pe. Fábio de Melo apareceu como assunto na posição temática. Essa constatação indicou que as narrativas jornalísticas seriam construídas a partir do discurso do sacerdote. É ele quem relata o encontro com Luana Muniz na quadra da Mangueira e as afetações que esse evento, parcialmente discurso, acarretou em sua vida.

- (1) **Padre Fábio de Melo** relata encontro com travesti: “É um tapa na cara da gente”. (T001 – IG – 10/12/2015)
- (2) **Padre Fábio de Melo** se emociona ao lembrar amizade com travesti Luana Muniz. (T039 – News Rondônia – 28/03/2016)
- (3) **Padre Fábio de Melo** supera “auto-hipocrisia” e tira foto com travesti. (T018 – Correio da Amazônia – 11/12/2015)

Por sua vez, Luana Muniz aparece como assunto na estrutura temática somente em sete títulos. Ao contrário do sacerdote, que é nomeado, Luana é referida, em alguns títulos, apenas pelo léxico travesti. Em (4), por exemplo, é identificada por meio da oração intercalada “que fez selfie com padre Fábio de Melo”. Já no título (5), a prática midiática *Nossa Senhora Cuida de Mim* (T021), de viés religioso, traz Luana em posição temática e a identifica pelo seu nome. Entretanto, o que ganha proeminência na construção é a ação de pe. Fábio: “[...] lhe ofereceu uma ajuda”. O discurso de Luana é trazido para corroborar com a construção positiva da imagem do sacerdote que, após conhecer seu trabalho social, se dispõe a contribuir com a causa. Por outro lado, o que torna o fato notícia não é a ação de um padre contribuir em uma causa social, mas a identidade de Luana Muniz: travesti.

- (4) **Travesti que fez selfie com padre Fábio de Melo** fala sobre encontro: “Dá visibilidade à causa LGBT”. (T015 – Cena Pop – 11/12/2015)
- (5) **Travesti Luana Muniz** diz que Padre Fábio de Melo lhe ofereceu ajuda. (T020 – Nossa Senhora Cuida de Mim – 12/12/2015)

Com base na categoria analítica Representação dos Eventos Sociais, analisamos, também, os processos e os agentes sociais. Os processos mais recorrentes foram: posar (6

ocorrências), relatar (5 ocorrências), (se) emocionar (5 ocorrências), dizer (5 ocorrências), trabalhar (4 ocorrências) e chorar (3 ocorrências). Esses processos serão analisados ao longo da discussão desse capítulo.

Os processos verbais relatar (5 ocorrências), dizer (5 ocorrências), contar (2 ocorrências) e falar (2 ocorrências) foram os mais recorrentes:

- (6) Padre cis Fábio de Melo **relata** encontro transformador com a travesti Luana Muniz. (T007 – NLucon – 10/12/2015)
- (7) Padre Fábio de Melo **conta** sobre foto com travesti: “Um tapa na cara da gente”. (T010 – FM93 – 10/12/2015)
- (8) Travesti **diz** que padre Fábio de Melo comprou briga. (T016 – Diário online – 11/12/2015)

No título (6), percebemos uma ocorrência única no *corpus*: a escolha por marcar a identidade de gênero do pe. Fábio ao empregar o léxico “cis”. Essa materialidade linguística da cisgeneridade do sacerdote, que pode parecer desnecessária em um primeiro momento, considerando que no contexto da Igreja Católica Apostólica Romana só são ordenados ao ministério presbiteral homens não transvestigêneres, é importante no entendimento do léxico “travesti”, na mesma construção temática, como um marcador de gênero social, desassociando a forma lexical dos discursos particulares que relacionam travesti-prostituição.

Além disso, a escolha pelo emprego do termo “cis” justifica-se pelo viés transvestigêner-ativista da prática midiática *NLucon* (T007). Os textos publicados nesse espaço digital são assinados pelo jornalista homem transexual Neto Lucon. De acordo com informações do endereço eletrônico dessa prática midiática ³², o jornalista é “conhecido por defender as causas trans – tendo o trabalho reconhecido pelo movimento social de travestis, mulheres transexuais do Estado de São Paulo” [sic.]. Cabe ressaltar que o termo “cisgênero”, ou “cis”, começou a ser usado pela militância transvestigêner por volta da década de 90 para se referir aos indivíduos que se identificavam com o sexo biológico com o qual haviam nascido e com a identidade feminina/masculina definida pela norma binária de gênero: pênis-homem-masculino/vagina-mulher-feminino.

As vozes de Luana e pe. Fábio são incluídas, por meio do discurso direto, em alguns títulos. Com relação ao sacerdote, dois discursos são inseridos de forma recorrente: “É um tapa na cara da gente” e “Não cabe julgamento”. Pe. Fábio constrói

³² Disponível em: <https://nlucon.com/quem-e-neto-lucon/>. Acesso em: 08 jan. 2019.

discursivamente a descoberta da humanidade de uma travesti como algo inesperado. Ao escolher a expressão “da gente”, incluindo a assembleia de fiéis em seu discurso, indica que o fato de uma travesti ter atitudes cristãs seria um dado novo para todos que escutavam sua pregação. As ações de Luana confrontam discursos e crenças naturalizadas que constroem a travesti como um corpo que não produz o bem. Luana personifica a Maria Madalena do Evangelho. Ao olhar para a prostituta – aquela que só deve ser julgada por aquele que nenhum pecado tem, mas que não deve frequentar o mesmo espaço que os cidadãos de “boa moral” –, ao ter conhecimento que é aquele corpo produzido como abjeto que acolhe, dá banho, dá alimento àqueles que são marginalizados, àqueles pelos quais os cristãos passam e não veem, pe. Fábio e seus seguidores são confrontados pela hipocrisia – marcada por ele em seu discurso: “Hipocrisia religiosa está cheia. E as nossas hipocrisias podem até fazer parecer que é fé, mas na hora da caridade é que nós reconhecemos os verdadeiros”³³. A história de Luana Muniz sensibiliza os fiéis. É a prostituta ensinando na prática os ensinamentos da Instituição representada pelo sacerdote. Ao sensibilizar pe. Fábio, ao ser o “tapa na cara” que mexe nos lugares de conforto, nos lugares de privilégio, Luana provoca no sacerdote uma nova experiência no mundo em que a ontologia do corpo travesti passa a ter existência.

Já a voz de Luana Muniz – “Dá visibilidade à causa LGBT” – é incluída por duas práticas midiáticas: *Cena Pop* – com pautas sobre o mundo dos famosos – e *Visão Ampla Notícia*. A inclusão da voz de Luana indica a possibilidade de os textos apresentarem potencialidades para uma mudança discursiva nas representações do corpo/discurso travesti. Ao escolher pela voz de Luana Muniz no título, em detrimento da voz de pe. Fábio, proporciona credibilidade a Luana. Apesar de os enunciados serem precedidos pelo processo verbal neutro “dizer”, contribuem para a criação de uma nova narrativa sobre a experiência vivida por Luana e pe. Fábio.

Além da recorrência dos processos verbais, consideramos o emprego de quatro outros processos como significativos para nossa discussão: (se) emocionar (5 ocorrências), trabalhar (4 recorrências), chorar (3 ocorrências) e superar (2 ocorrências). Esses processos foram recorrentes em títulos de notícias publicadas após o dia vinte e seis de março de dois mil e dezesseis – nessa data, o pe. Fábio participou do programa Eliana

³³ Fragmento da pregação de pe. Fábio de Melo. Cf. Anexo I desta pesquisa.

e comentou sobre o momento em que conheceu Luana Muniz e sobre a repercussão após a narrativa do encontro na pregação proferida na Canção Nova.

- (9) Padre Fábio de Melo **se emociona** ao lembrar amizade com travesti Luana Muniz. (T031 – Tv e Famosos – 27/03/2016)
- (10) Padre Fábio de Melo **chora** ao falar de relação com travesti Luana Muniz. (T032 – Blasting News – 27/03/2016)
- (11) Padre Fábio de Melo **supera** o preconceito e **vai trabalhar** em ação social com travesti Luana Muniz (T045 – Diário Gaúcho – 30/03/2016)

Padre Fábio de Melo → se emocionar → chorar → superar → trabalhar

Emoção → Superação → Ação

Na narrativa, percebemos uma mudança de comportamento pela recorrência dos processos. Pe. Fábio experiencia o encontro com aquela que, no primeiro momento, causa um desconforto. Contudo, as práticas sociais de Luana colocam em conflito os seus sentimentos: desconforto *versus* admiração. Essa experiência é materializada no processo “se emocionou”. As orações mentais demonstram uma mudança na percepção que se tem da realidade. O “chora”, processo comportamental, comprova a afetação de Luana na experiência do padre. Essa afetação implicou no processo seguinte de “superar” os preconceitos, no âmbito do mental para um desdobramento no âmbito material “trabalhar” – somente após superar o preconceito, mudar a percepção sobre Luana, o sacerdote passa para a etapa do agir, do fazer/acontecer, estabelecendo mudança no fluxo dos eventos (CABRAL; FUZER, 2014, p. 76). O “trabalhar” com Luana afeta também a percepção que os seus seguidores têm da travesti. De alguma forma, contribui com o processo de humanização daquele corpo que, na narrativa inicial, foi produzido como desimportante.

Em se tratando dos agentes sociais, somente Luana e pe. Fábio são materializados textualmente. Outros agentes envolvidos no evento primário, como Alcione e sua irmã Maria Helena, não ganham destaque nos títulos. Pe. Fábio, além de aparecer na posição tema, é representado, em maior recorrência, pelo léxico “padre” acompanhado por seu nome social “Fábio de Melo” – Fábio José de Melo Silva. Além de marcar a função social de pe. Fábio, esse léxico atribui credibilidade e legitimidade à sua narrativa.

Já Luana Muniz, em 31 títulos, é representada apenas pelo léxico “travesti”. Em 8 títulos é referida como “travesti Luana Muniz”. A prática midiática *Ego* (T025), excerto (14), optou por representá-la somente pelo nome social, excluindo do título o marcador

da identidade de gênero – “travesti”. Essa escolha pode ser considerada progressista considerando que pessoas transvestigêneres são representadas, com frequência, com alusão à sua identidade de Gênero.

- (12) Após foto com **travesti**, padre Fábio de Melo é criticado. (T012 – O Sul – 11/125/2016)
- (13) Padre Fábio de Melo vai trabalhar junto com **travesti Luana Muniz** em prol aos necessitados. (T043 – Guará Notícias – 30/03/2016)
- (14) **Luana Muniz** conta os bastidores do encontro com padre Fábio de Melo. (T025 – Ego – 15/12/2015)
- (15) Padre Fábio de Melo relata encontro com **transexual**: “É um tapa na cara”. (T003 – O Dia – 10/12/2015).

Já a prática midiática *O Dia* (T003), excerto (15), referiu-se à Luana Muniz por meio do léxico “transexual”. É comum nas práticas midiáticas encontrar o uso alternado dos léxicos “transexual” e “travesti”. Esse último, por muito tempo, esteve vinculado a relação travesti-prostituição. Entretanto, há transvestigêneres que preferem se identificar como mulher travesti. Para a pesquisadora travesti Amara Moira, os léxicos “travesti” e “mulher trans/transexual” podem ser considerados sinônimos, entretanto, faz-se necessário pontuar que:

Cada uma [palavra “travesti”/ “mulher transexual”] tem sua história e, ao ser acionada, ativa uma série muito particular de sentidos: transexual é palavra criada pelo saber médico, que responsabiliza o corpo e desculpa o indivíduo (“corpo errado”, “mente feminina”, “sofrimento”, etc.), tornando mais fácil sua aceitação pela sociedade, ao passo que travesti ainda está muito associada ao universo da prostituição precária, da marginalização, da exclusão social, tudo isso pura e simplesmente por “escolha”, “pouca vergonha” ou “falta do que fazer” (como se sua causa não tivesse a justificativa nobre inventada pela medicina para a transexual). (MOIRA, 2017)

Compreendemos, na mesma linha de pensamento da ativista, que ao invés de propor uma distinção entre travesti e mulher transexual, o caminho seja uma desconstrução dos sentidos ideológicos investidos em cada um desses léxicos, ou seja, buscar desassociar o léxico “travesti” dos discursos particulares de prostituição e marginalização, por meio de políticas públicas que contribuam para o empoderamento dessas agentes, permitam a escolha por uma profissão, inclusive profissional do sexo, e garantam o direito à ontologia, à vida, à existência.

Além disso, a ausência da ordem do discurso da medicina nas representações de Luana Muniz, vão ao encontro da fala de Moira (2017). O corpo produzido

discursivamente como transexual, recebe uma rejeição menor na sociedade, por ter sido considerado, até 2018, pela Organização Mundial da Saúde, como uma patologia. Já o corpo transcrito como travesti é associado, geralmente, ao corpo que “escolhe” viver a prostituição, produzindo uma marginalização das identidades travestis. Por consequência, essa marginalização e associação travesti-prostituição restringe as possibilidades de escolhas desses corpos que não são livres, contudo constrangidos socialmente. Além de ser negado a esse corpo o reconhecimento de sua ontologia, direitos básicos como educação, moradia, segurança e emprego dificilmente são garantidos a essa população. Pesquisa desenvolvida pelo presidente da Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), defensor público João Paulo Dias, apontou que “o país concentre 82% de evasão escolar de travestis e transexuais, uma situação que aumenta a vulnerabilidade dessa população e favorece os altos índices de violência que ela sofre”³⁴. Esse dado contribui para a constatação de que a travestifobia da não aceitação e a falta de políticas inclusivas faz com que essa população subterfuja para a prostituição ou desemprego.

Por fim, dos 46 textos, apenas 4 tematizam Luana Muniz sem fazer referência ao pe. Fábio de Melo no título. As práticas midiáticas *Super Pride* (T028), *A Coisa Toda* (T030) e *Socialista Morena* (T046), a partir do viés político adotado e das informações disponíveis em suas respectivas páginas em ambiente digital, podem ser consideradas como integrantes do midiativismo – um movimento social de mídia independente que utiliza os meios midiáticos para discutir pautas sociais e contrapor as narrativas das mídias hegemônicas de referência.

(16) **Luana**, a grande diva do humanismo. (T028 – Super Pride – 15/01/2016)

(17) Conheça a atriz e rainha da Lapa, **Luana Muniz**. (T029 – Acesa.com – 13/01/2016)

(18) 17 **travestis** e trans brasileiras que você precisa conhecer. (T030 – A coisa toda – 29/01/2016)

(19) **Luana, a rainha da Lapa**: “A copa e as olimpíadas foram excelentes para fazer dinheiro. (T046 – Socialista Morena – 09/10/2016)

Cabe ressaltar que *Socialista Morena* (T046) e *A Coisa Toda* (T030) são as únicas práticas midiáticas do *corpus* que tematizaram e representaram Luana Muniz sem fazer nenhuma alusão ao evento social em que Luana Muniz conhece o pe. Fábio de Melo.

³⁴ Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-de-transexuais-o-direito-ao-estudo>. Acesso em: 21 set. 2018.

Constatamos, ainda, com a análise dos títulos, que as matérias publicadas após o dia vinte e seis de março, data da participação do pe. Fábio de Melo no programa dominical *Eliana*, trazem um discurso de pe. Fábio implicado pela circulação e repercussão inicial de sua pregação nas práticas midiáticas digitais. Além de representar um sacerdote que relata/conta – processos verbais recorrentes no *corpus* – a experiência de ter posado para uma foto com uma travesti, matérias posteriores a essa data constroem a representação de um sujeito afetado e suas emoções. A circulação inicial demandou do sacerdote um novo posicionamento, considerando novos elementos e momentos discursivos, como sua aproximação com a travesti Luana Muniz fora dos holofotes e a crítica por parte de internautas referente ao tratamento da travesti no masculino. Padre Fábio é representado como o padre que reconheceu sua “auto-hipocrisia” e superou preconceitos. Os títulos apontam para uma agência do padre em oposição a um apagamento da agência de Luana. Na recontextualização do evento sociodiscursivo, processos como Luana agindo em direção ao padre, tomando atitude de se aproximar e pedir uma fotografia são excluídos. Com exceção da prática midiática *Super Pride* (T028) que traz o título “Luana, a grande diva do humanismo”, as ações sociais de Luana, fator que implicou no reconhecimento de sua humanidade na narrativa do pe. Fábio e no motivo de proximidade entre os dois agentes sociais, também não são incluídas.

5.3 As implicações da circulação do evento discursivo primário e a recontextualização pelas práticas midiáticas digitais

Após a análise dos títulos, percebemos que os textos que compõem esse recorte do *corpus* podem ser divididos em dois grupos: (i) textos publicados antes da participação do pe. Fábio no programa *Eliana* – T001 a T030; e (ii) textos publicados após esse evento parcialmente discursivo – T031 a T046.

Ao organizar os textos em uma ordem cronológica de publicação em ambiente digital, constatamos que a prática midiática *Extra* (T001), do grupo Globo, foi o primeiro meio de comunicação a publicizar o relato do pe. Fábio, no dia dez de dezembro de 2015, às 13 horas e 17 minutos. Dessa forma, algumas práticas, como *O Sul* (T006), reproduzem informações publicadas pelo *Extra* (T001). Após a leitura e análise dos textos, observamos algumas recorrências significativas.

No grupo 1, as circunstâncias – grupos adverbiais ou grupos preposicionais – apareceram, predominantemente, como elemento inicial nos textos. Como pontuam Fuzer

e Cabral (2014, p. 53), as circunstâncias “acionam significados à oração pela descrição do contexto em que o processo se realiza”. As práticas midiáticas descreveram o encontro de Luana Muniz e pe. Fábio no aniversário de Alcione, na quadra da Mangueira, na Zona Norte do Rio, e o momento em que o sacerdote relata esse acontecimento por meio de uma pregação, em um evento religioso, televisionado, na comunidade Canção Nova.

- (20) O **carismático Padre Fábio de Melo** esteve no **aniversário da cantora Alcione, na quadra da Mangueira, Zona Norte do Rio**, quando recebeu um pedido de uma fã, a **travesti** Luana Muniz, para **tirar uma foto** com ele. **Durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo**, admitiu um desconforto. (T019 – Varela Notícias – 11/12/2015)

Foi recorrente, no *corpus*, essa descrição da circunstância dos eventos – o aniversário e a pregação – e o pedido de Luana Muniz – tirar uma fotografia com o sacerdote. A descrição dessas circunstâncias compõe a arena narrativa onde as várias ordens discursivas, intercruzadas, constroem as representações de Luana e de pe. Fábio. Nesse excerto, os epítetos são significativos nas representações dos agentes incluídos na narrativa:

- **carismático Padre Fábio de Melo**
- **cantora Alcione**
- **travesti Luana Muniz**

Pe. Fábio e Alcione são representados por meio do processo de funcionalização, com base em suas respectivas profissões – padre e cantora. Além da alta recorrência no *corpus* do léxico “travesti” referindo-se à relação funcional travesti-prostituição, o paralelismo nos indica que o epíteto atribuído a Luana não faz referência à sua identidade de Gênero. A prática *Varela Notícias* toma os léxicos “travesti” e “profissional do sexo” como sinônimos, confirmando a cristalização dessa relação na sociedade.

O discurso da pregação do pe. Fábio, gravada e compartilhada na plataforma *Youtube*, foi incorporada ao texto de dezesseis práticas midiáticas, do denominado Grupo 1. Ademais, essas práticas trouxeram a transcrição do conteúdo – parcial ou integral. O compartilhamento nesta plataforma de vídeos contribuiu para uma maior circulação do discurso do padre Fábio, servindo, inclusive, de fonte para a produção de outros textos.

Ao recontextualizar a narrativa de pe. Fábio, as práticas midiáticas, com exceção de *Bol Notícias* (T010), *Correio da Amazônia* (T018) e *Gospel Prime* (T024),

representaram Luana reconhecendo sua identidade feminina. No corpo do texto, é referida, predominantemente, como “travesti”, “transexual” e, em uma ocorrência, “moça”:

- (21) [...] durante o pouco tempo em que esteve presente na festa, notou **uma transexual** olhando para ele. (T03 – O Dia – 10/12/2015)
- (22) **A travesti**, segundo relato, o abordou e perguntou se ele costumava tirar fotos com pecadoras. (T011 – Veja – 11/12/2015)
- (23) [...] ele relatou que **a moça** estava olhando para ele. (T02 – Huff Post – 10/12/2015)

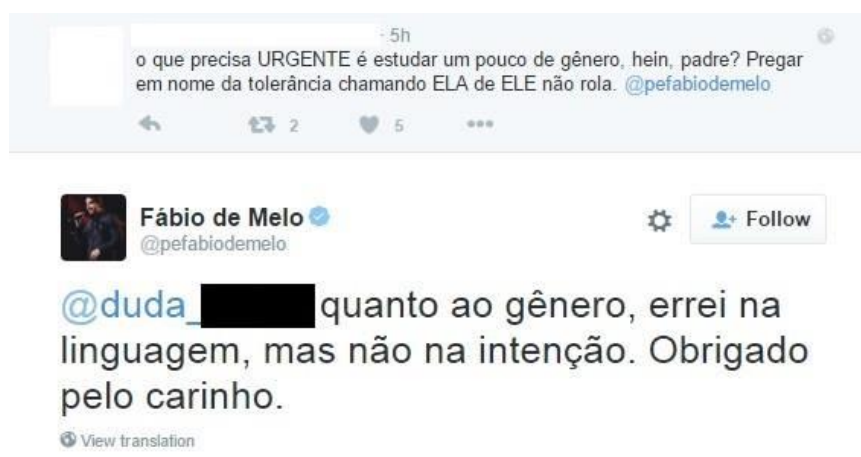
Ademais, das práticas midiáticas observadas, apenas sete comentaram o fato de pe. Fábio tratar Luana Muniz no gênero masculino durante a pregação:

- (24) [...] **só faltou o padre respeitar a identidade de gênero** de Luana e trata-la como “a” travesti e não como rapaz, né? (T007 – NLucon – 10/12/2015)
- (25) Nas redes sociais, algumas postagens chamaram atenção para **certo “vícios”** apresentados por Fábio de Melo em seu relato, como **o chamamento de Luana no masculino**, ignorando a identidade de gênero da travesti. (T012 – O Sul – 11/12/2015)
- (26) Embora o padre tenha se sensibilizado com a história de vida da travesti, **tratou Luana Muniz, que se identifica com o gênero feminino, pelo pronome masculino**. (T014 – Catraca Livre – 11/12/2015)
- (27) O depoimento também emocionou a travesti, que só fica menos fã do padre porque **gostaria de ser tratada no feminino**. (T016 – Diário On-line – 11/12/2015)
- (28) Sai em jornais, no Facebook, em sites LGBT especializados, mesmo que estivesse escancarado **o tratamento de Luana no masculino**. (T023 – Semana On – 12/12/2015)

Na análise dos textos, notamos que as práticas midiáticas *Diário On-line* (T016), *Visão Ampla Notícias da Bahia* (T017), *Jornal A Tribuna* (T020) e *Nossa Senhora Cuida de Mim* (T021) produziram seu conteúdo a partir do texto inicial publicado pelo *Extra*. Contudo, somente o *Diário On-line* (T016) traz essa informação. Apesar de os textos serem praticamente idênticos, mantivemos no *corpus* pois percebemos que mesmo em um processo de circulação, em que o texto seja reproduzido, quase na íntegra, há uma recontextualização que permite perceber discursos particulares e posicionamentos ideológicos de cada prática midiática. Por exemplo, a *Visão Ampla Notícias* (T017) não inclui em seu texto que a identidade de Gênero de Luana Muniz foi desrespeitada por pe. Fábio de Melo. A prática em questão recontextualiza tratando Luana no feminino, entretanto, um indivíduo que tenha consumido a narrativa somente nesta prática, não teria conhecimento da postura preconceituosa do sacerdote. Como destacado na análise da

pregação, no capítulo 4 desta pesquisa, fatores como a expressão feminina de Luana já seriam suficientes, naquele contexto, para um reconhecimento da forma de tratamento de Gênero desejada pela travesti. O *Diário On-line* (T016) e o *Jornal A Tribuna* (T020) encerram o texto informando que, apesar das ações sociais de Luana terem sensibilizado o padre, a travesti não teve sua performance feminina reconhecida. Por fim, *Nossa Senhora Cuida de Mim* (T021), de viés católico, após reproduzir o enunciado que encerra os textos das duas práticas anteriormente citadas, inclui mais uma informação, conforme excerto (29):

- (29) O depoimento também emocionou a travesti, que **só ficou chateada** porque gostaria de ser tratada no feminino. **Mas** o Padre Fábio de Melo pelo twitter se **desculpou** em sua fala:



Nossa Senhora Cuida de Mim (T021), ao usar o operador argumentativo “mas”, dá proeminência ao argumento que contrapõe – o reconhecimento do tratamento inadequado em relação à Luana Muniz. Novamente, há uma ênfase positiva na representação de pe. Fábio de Melo. O emprego do “só” também contribui para amenizar a transfobia do sacerdote na pregação. Além da negação da identidade feminina de Luana Muniz – evidenciada ao usar o substantivo “pecadora” marcado no feminino e ao apresentar-se com uma expressão de Gênero feminina –, cabe iterar que o sacerdote construiu, como discutido no capítulo 4, uma narrativa baseada em atos de insulto e atos de riso. Logo, a transfobia não foi expressa apenas no usos de determinantes e pronomes no masculino.

Além disso, foi possível perceber uma mudança discursiva significativa no reconhecimento da identidade feminina de Luana no discurso de recontextualização por

parte das práticas midiáticas. Somente três práticas midiáticas recontextualizaram a pregação de pe. Fábio iterando o não reconhecimento de Luana Muniz como uma feminilidade – *Bol Notícias* (T010), *Correio da Amazônia* (T018) e *Gospel Prime* (T024):

- (30) [...] o sacerdote contou que ficou constrangido ao tirar uma foto **com travesti** [...] disse ao padre Fábio de Melo que **ele** pratica caridade com moradores de rua na Lapa, no Centro do Rio. (T010 – *Bol Notícias* – 11/12/2015)
- (31) [...] quando percebeu **um travesti** se aproximando [...] a pessoa em questão é Luana Muniz, **um travesti conhecido** no Rio de Janeiro [...]. (T018 – *Correio da Amazônia* – 11/12/2015)
- (32) Antes de sair, **o travesti** disse: “eu não acredito que o senhor permitiu”. [...] **o travesti Luana** criou um grupo que alimenta e recolhe mendigos que vivem no centro do Rio (T024 – *Gospel Prime* – 14/12/2015)

A prática midiática *Gospel Prime* (T024), segundo informações do próprio endereço eletrônico, é um portal de viés protestante que tem “o objetivo de informar aos interessados, tudo o que acontece no universo evangélico, independentemente da denominação. [...] Para tanto, somos imparciais na publicação de notícias referente ao mundo cristão, sejam elas boas ou ruins”³⁵. O não reconhecimento da performance feminina de Luana Muniz indica o viés ideológico dessa prática sociodiscursiva que representa as Instituições Protestantes mais tradicionais e conservadoras. O discurso religioso protestante de referência condena a sexualidade homoafetiva e não reconhece as identidades de gênero transvestigêneres, baseando-se nos discursos bíblicos da criação do homem e da mulher e em discursos biologizantes que definem o gênero, exclusivamente, a partir da genitália.

Ainda sobre a representação de Luana, a prática midiática *O Foco TV* (T004) refere-se a Luana como uma “personalidade”. Também o pe. Fábio é definido como um “padre-celebridade”. Contudo, entendemos que esses dois agentes ocupam status diferentes de celebridade.

- (33) [...] houve um certo medo da **personalidade** [Luana Muniz] pedir para tirar uma foto com ele. (T004 – *O Foco Tv* – 10/12/2015)
- (34) O desabafo do **padre-celebridade** emocionou internautas e virou assunto nas redes sociais.

³⁵ Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 26 fev. 2019.

Para compreendermos melhor esse conceito – Celebridade – da área da Comunicação, recorreremos, principalmente, aos estudos da pesquisadora Ligia Lana. Segundo essa autora, as celebridades são definidas por serem “pessoas extraordinárias, que merecem a atenção de todos, que alcançam o sucesso e são reconhecidas” (LANA, 2014, p. 185). Essas celebridades, ocupam um espaço elevado do “visível social”, em que podem ser vistas e fazem ver modelos de atuação.

Outro estudioso da visibilidade e da construção de celebridades, Rojek (2008), a partir de uma perspectiva subjetiva da construção da fama, aponta três status de celebridade: a conferida, a adquirida e a atribuída: “A celebridade conferida tem relação com linhagem: o status decorre da linha de sangue. [...] Em contraste, a celebridade adquirida deriva de realizações do indivíduo observadas em competições abertas” (ROJEK, 2008, p. 20). Essas celebridades que apresentam esse segundo status seriam reconhecidas, de acordo com esse autor, como os sujeitos que possuem talentos ou habilidades raras. Já a celebridade atribuída resultaria de uma constante representação de um indivíduo como digno de nota, não necessariamente exclusiva de um trabalho significativo, um talento ou habilidade especial. Esse tipo de celebridade emerge no contexto contemporâneo e são, geralmente, construções midiáticas. A proposta de classificação de Rojek (2008) parece-nos muito útil para uma análise das celebridades na sociedade contemporânea. Entretanto, não podemos desconsiderar que esses status são móveis e pode haver entrecruzamentos na trajetória de uma celebridade.

Luana Muniz passa a ocupar o espaço no “visível social”, de fato, ao participar do programa jornalístico *Profissão Repórter*, do canal televisivo Rede Globo. Antes desse momento, Luana protagonizou a exposição *Luana Muniz – A Rainha da Noite* (2009), trabalho do fotógrafo Pedro Stephan que integrou o evento FotoRio2009. Luana participou, também, da exposição *Mem de Sá, 100* (2012), da artista Ana Carolina Fernandes. Nesse trabalho documental, realizado ao longo de dois anos, a fotógrafa registrou o dia a dia das travestis que moravam no Casarão da Lapa de Luana Muniz. Nesses dois momentos de visibilidade, Luana Muniz é apresentada, a priori, pela sua identidade travesti e pelo seu trabalho como profissional do sexo. Contudo, esses eventos não proporcionaram a Luana Muniz uma visibilidade em âmbito nacional.

Figura 13 – Cartaz de divulgação da Exposição:
“Luana Muniz - A Rainha da Noite” (2009)



Fonte: http://www.fotolog.com/pe4/56400691/#profile_start. Acesso em: 2 nov. 2017.

Das práticas midiáticas analisadas nesta pesquisa, quatro representam Luana retomando sua participação no programa *Profissão Repórter* e colocando em proeminência o bordão “Travesti não é bagunça”. No episódio transmitido em rede nacional, no dia 25 de maio de 2010, Cacos Barcelos e sua equipe abordou a prostituição de mulheres não trans e transvestigêneres.

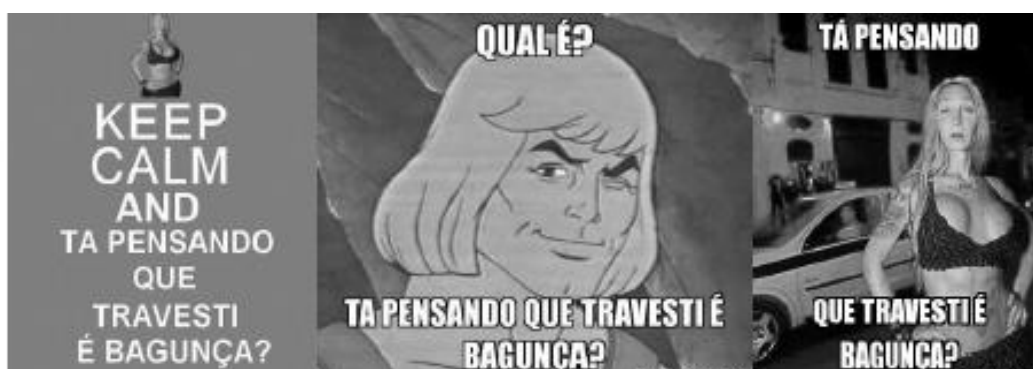
- (35) Luana Muniz [...] que **ficou famoso**, em rede nacional, por criar o bordão “**Travesti não é bagunça**”, externado pela primeira vez no **programa “Profissão Repórter**”, da Rede Globo. (T018 – Correio da Amazônia – 11/12/2015)
- (36) Ela que ficou **conhecida em todo o Brasil pelo meme “tá pensando que travesti é bagunça?”** – extraído de um **Profissão Repórter (Globo)** em 2010 [...]. (T013 – Correio Braziliense – 11/12/2015)
- (37) [...] Luana – **conhecida pelo bordão “travesti não é bagunça”, da matéria do jornalístico Profissão Repórter, da Globo**. (T007 – NLucon – 10/12/2015)
- (38) É dela o bordão “travesti não é bagunça”, da matéria exibida pelo “Profissão Repórter” da Globo. (T003 – O Dia – 10/12/2015)

Por intermédio de Luana, influente na noite carioca, o repórter Felipe Suhre acompanhou a rotina de trabalho das travestis da Lapa por uma semana. Logo no início da reportagem, ao discutir com um transeunte que lhe fotografava sem permissão, Luana grita o enunciado que se tornará um dos bordões mais conhecidos do país: “Tá pensando que travesti é bagunça?”.

Na mesma reportagem, Luana aborda um potencial cliente. Após aceitar o programa sexual, em determinado momento, as câmeras flagram a profissional do sexo agredindo o homem. Pelas filmagens, para nós, telespectadores, não é possível compreender claramente o que motivou a agressão. No documentário *Travesti não é bagunça* (2017), Luana explica o que motivou o acontecimento: “Dei uma porrada em um homem para me defender de um preconceito, de uma agressão verbal. Emocional e verbal. Porque ele nem me agrediu fisicamente. Eu que, acidentalmente, agredi ele fisicamente para me defender”³⁶.

Ao selecionar o *corpus* de pesquisa, constatamos que somente uma prática midiática – *Ego* (T025) – publicizou a participação de Luana no programa, com a manchete: Após matéria no “Profissão Repórter”, travesti posa com fãs e dá autógrafos. Entretanto, a referência a esse episódio em textos que representam Luana Muniz, torna esse momento discurso importante para compreender suas representações nas práticas midiáticas. Além disso, seu bordão “Tá pensando que travesti é bagunça” viralizou nos circuitos midiáticos digitais e até hoje circula nas redes sociais por meio do gênero *Meme*³⁷.

Figura 14 - Memes do enunciado *Tá pensando que travesti é bagunça?*



Fonte: <http://geradormemes.com/meme/bgl7ry>. Acesso em: 2 nov. 2017.

Se o capital de visibilidade de Luana Muniz, nesse primeiro momento, é fruto de discursos particulares que associam identidades travestis à agressividade – episódio do

³⁶ Fala de Luana Muniz no documentário independente: *Travesti não é bagunça* (2017). Direção de Mateus Nitzsche e Alexandre Santoro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JwKaPWgH95M>. Acesso em: 2 nov. 2017

³⁷ Meme: Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente por meio da internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/meme>. Acesso em: 2 nov. 2017.

Profissão Repórter – e à caricatura do feminino – narrativa de pe. Fábio –, a visibilidade de pe. Fábio é alimentada pelo seu trabalho como padre, cantor, escritor, conselheiro, apresentador de programa televisivo. Ademais, apenas o status de padre já lhe confere credibilidade, respeito e admiração. Seguindo os pressupostos de Rojek (2008), a Fábio é conferido o status de celebridade adquirida, ou seja, seu rosto é associado à sua história, à sua função social e suas habilidades artísticas. Já Luana, mesmo trabalhando por quase quatro décadas com performances artísticas em vários cabarés do Brasil e de outros países, é sempre representada por acontecimentos pontuais, como sua participação no programa jornalístico ou a publicização da foto com o padre. Apesar de, no contexto da Lapa, o nome de Luana estar associado aos trabalhos sociais, de militância e empoderamento de transvestigêneres, em um circuito midiático mais amplo e nas práticas midiáticas analisadas, Luana Muniz é representada como uma celebridade atribuída. O que é noticiado com proeminência é o fato de um representante do sagrado permitir uma fotografia com uma travesti, corpo marginalizado e produzido por discursos, inclusive religiosos, como abjeto, precário. Luana é representada a partir de discursos de polêmica e não com base em sua história ou como profissional do sexo ou por suas habilidades artísticas como atriz e performance nas noites cariocas.

Do conjunto de textos analisados no grupo I – discursos produzidos antes da participação do pe. Fábio no programa *Eliana* –, somente as práticas *Super Pride* (T028), *Acessa.com* (T029) e *A coisa toda* (T030) representaram Luana Muniz sem incluir a relação social entre Luana e pe. Fábio em primeiro plano.

Super Pride (T028) representa Luana como a “Grande Diva do Humanismo” e traz dados biográficos da ativista carioca. O fato de ser profissional do sexo é tematizado no primeiro momento do texto – “com 43 anos de ‘calçada’”. Além desse ofício, *Super Pride* – prática midiática ligada ao midiativismo LGBT – traz outras informações sobre Luana Muniz que não são citadas nas demais práticas midiáticas investigadas, como o início de sua carreira como atriz/performance no musical *Mimosa*, no teatro *Brigite Blair*, na década de 80 e seus títulos na noite carioca – “Rainha da Lapa”, “Mãe Luana” e “Nova Madame Satã”³⁸. O evento da foto com o padre Fábio de Melo também é aludido no texto, entretanto, não ganha proeminência frente à biografia da “Diva”.

³⁸ “João Francisco dos Santos (Glória do Goitá, 25 de fevereiro de 1900 — Rio de Janeiro, 11 de abril de 1976), mais conhecido como Madame Satã, foi um transformista brasileiro, personagem emblemático da vida noturna e marginal do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. [...] Era frequentador assíduo

Já a prática *Acessa.com* (T029) apresenta uma entrevista com Luana após ter sido coroada como Rainha do tradicional *The Gala Gay*. A partir do relato dessa prática midiática, podemos constatar a popularidade de Luana na região carioca:

- (39) [...] era possível notar **a popularidade de Luana**, que posava para fotos do fãs e turistas que ali passavam. (T029 – *Acessa.com* – 13/02/2016)

Apresenta, também, dados biográficos de Luana Muniz e cita sua função como presidenta da Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro. Antes de trazer a entrevista, de fato, *Acessa.com* (T029) retoma dois momentos em que Luana ganhou notoriedade nas práticas midiáticas brasileira: a participação no programa *Profissão Repórter* e a foto com o pe. Fábio. Esses momentos são citados de forma pontual e não são tematizados na entrevista. Na ocasião, Luana fala sobre seu reconhecimento na Lapa e sua relação com as transvestigêneres da região. Comenta, também, sobre os 47 anos na profissão de profissional do sexo, suas inspirações, seu processo de transformação e opina sobre o preconceito sofrido por transvestigêneres.

A terceira, e última, prática midiática a representar Luana Muniz sem dar proeminência ao encontro com padre Fábio de Melo foi *A Coisa Toda* (T030). A matéria, publicada no dia 29 de janeiro de 2016, data definida como Dia da Visibilidade Trans, apresentou aos leitores dezessete transvestigêneres brasileiras. Luana é representada como “A Rainha da Lapa, a madame Satã contemporânea”:

- (40) **Muito mais do que “a travesti que não é bagunça e tirou foto com um padre”, Luana é o nosso patrimônio cultural e humano.** Com ela não existe injustiça. E contra a injustiça faz trabalhos incríveis pela região da Lapa como moradores de Rua, com as travestis e com as prostitutas. (T030 – *A Coisa Toda* – 28/01/2016)

Podemos perceber que, mesmo não partindo da participação no programa *Profissão Repórter* ou da fotografia com pe. Fábio, esses dois eventos, nas práticas midiáticas digitais brasileiras, são sempre incluídos nas representações de Luana. Mesmo quando são citados, como no *A Coisa Toda* (T030), para afirmar que Luana pode/deve

do bairro da Lapa, (reduto carioca da malandragem e boemia na década de 1930), onde muitas vezes trabalhou como segurança de casas noturnas. Cuidava que as meretrizes não fossem vítimas de estupro ou de agressão”. Disponível em: <http://coringacapoeira.blogspot.com/p/historia-madame-sata.html>. Acesso em: 2ª jan. 2019.

ser representada de outras formas – seja pelo seu trabalho como profissional do sexo, seja pelas suas atuações em produções cinematográficas ou, ainda, pelo seu trabalho social realizado na região da Lapa.

O segundo grupo de textos – T031 a T046 – circulou nas práticas midiáticas digitais brasileiras após a participação do pe. Fábio no programa Eliana, no dia vinte e seis de março de 2016. Depois da leitura e análise dos textos, contatamos uma mudança na forma como Luana Muniz é representada pelas práticas midiáticas. No primeiro grupo, verificamos que

Luana é representada como:

- **a travesti que posou em uma foto com pe. Fábio de Melo;**
- **a travesti do bordão “travesti não é bagunça”.**

Já no grupo 2, após o nome de Luana ser materializado no texto, há uma predominância de um outro atributo.

Luana Muniz:

- (41) [...] travesti **conhecida por fazer trabalho social** no bairro. (T031 – Tv e Famosos – 27/03/2016)
- (42) [...] travesti **conhecida por fazer trabalho social** no bairro da Lapa. (T032 – Blasting News – 27/03/2016)
- (43) [...] **conhecida por inúmeros trabalhos sociais**. (T033 – Folha de Oeiras – 27/03/2016)
- (44) [...] **conhecida por realizar trabalhos sociais**. (T35 – Jornal do Commercio – 28/03/2016)
- (45) [...] travesti **conhecida por fazer trabalho social** no bairro da Lapa (T36 – 97 News – 28/03/2016)
- (46) [...] **que auxilia pessoas com necessidades** na região da Lapa. (T037 – Portal 4 – 28/03/2016)
- (47) [...] **conhecida por fazer trabalho comunitário** no bairro da Lapa (T041 – Bom-Dia Feira – 29/03/2016)

Parece-nos que, para endossar a narrativa da justificativa por ter tirado uma foto com uma travesti, as práticas midiáticas optaram por um apagamento da representação por funcionalização – referência a uma ocupação ou função – em detrimento de uma construção por identificação por classificação: Luana Muniz faz trabalhos sociais, logo ela é uma pessoa boa. Consequentemente, digna de se aproximar do representante do sagrado – pe. Fábio. Essa inferência da representação de Luana como uma “pessoa boa” está alicerçada, sobretudo, pelo atributo da virtude “caridade”.

A problemática no apagamento da profissão de Luana Muniz está na associação cristalizada de profissional do sexo como amoral – o “pecado-luxúria” que se opõe à “virtude-caridade” no discurso religioso. A não inclusão da profissão de Luana, em oposição a de pe. Fábio que é constantemente iterada, já indica juízos de valor. Entendemos que ser profissional do sexo também constitui a identidade de Luana e que a marcação dessa profissão, sem juízos de valor, poderia contribuir, a partir da mudança discursiva, para uma mudança social de não marginalização e reconhecimento, com todos os direitos sociais garantidos, dessa profissão.

Além da mudança na forma de representação de Luana, outra recorrência foi o emprego dos léxicos “amigos” e “amizade”. As práticas midiáticas tematizaram a amizade entre Luana Muniz e pe. Fábio de Melo após o encontro no aniversário da Alcione.

(48) [...] ao lembrar do início da **amizade** com Luana Muniz (T031 – TV e Famosos – 27/03/2016)

(49) [...] ao falar da **amizade**, para muitos, **inusitada**. O padre **confessou** que **é amigo de Luana Muniz** (T032 – Blasting News – 27/03/2016).

(50) O padre Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz **estão amigos** [...]. (T045 – Diário Gaúcho – 30/03/2016).

As orações relacionais:

- O padre [...] é amigo de Luana Muniz.
- O padre Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz **estão** amigos.

retratam a relação social entre Luana e pe. Fábio de forma distinta. A escolha pelos processos relacionais “ser” ou “estar” produz efeitos discursivos significativos. Enquanto o processo “é” atribui à amizade um valor semântico de permanência, ao escolher o processo “estão”, o *Diário Gaúcho* (T045) atribui um valor de transitoriedade à relação. Além disso, o motivo da “amizade” ser tematizada nessas práticas midiáticas é materializado linguisticamente no *Blasting News*: “inusitada”. O processo verbal do dizer “confessou” indica, inclusive, uma culpa e a necessidade de desculpar-se, ou, pelo menos, justificar-se, com a comunidade da qual faz parte. O enunciado confessado, geralmente, diz respeito às práticas que não são vistas, moralmente, como algo bom. É a falha, o rompimento com o sagrado. Tornar-se amigo de uma travesti causa uma fissura no

discurso religioso. Ocasinou, inclusive, uma polarização entre os que apoiaram a amizade e os que criticaram a proximidade do sacerdote com Luana.

O incômodo que o evento da foto com o pe. Fábio causou em uma parcela da comunidade religiosa – Igreja Católica Apostólica Romana – foi incluído nas narrativas de forma recorrente:

- (51) A foto compartilhada nas redes sociais **não agradou aos católicos** e o próprio padre admitiu ter ficado “desconfortável”. (T031 – Tv e Famosos – 27/03/2016)
- (52) À Eliana, **o padre revelou que a imagem irritou muitos católicos** e que a situação em si foi “desconfortável”. (T032 – Blasting News – 27/03/2016)
- (53) A imagem, quando compartilhada nas redes sociais, **não teve recepção unânime e desagradou alguns setores mais conservadores da Igreja**. (T033 – Folha de Oeiras – 27/03/2016)
- (54) A imagem foi compartilhada nas redes sociais e **não agradou a muitos seguidores do padre**. (T36 – 97 News – 28/03/2016)
- (55) Ele lembrou a foto dos dois que **gerou polêmica na internet e na Igreja Católica** [...] (T037 – Portal 4 – 28/03/2016)
- (56) O padre apareceu ao lado da travesti Luana. **Muitos católicos criticaram a atitude de Fábio**, alegando que **ele estaria “se rendendo ao mundo”**. (T038 – GCM Entretenimento – 28/03/2016)

Outra categoria adotada na investigação dos textos foi a intertextualidade, por meio da análise da inclusão/exclusão/articulação das vozes nos textos. Após a circulação da pregação nas práticas midiáticas, Luana Muniz foi entrevistada pelo jornal *Extra* (T001). Entretanto, do grupo 1, com trinta práticas midiáticas, apenas sete práticas incluíram a voz de Luana Muniz no texto.

- (57) Ao jornal Extra desta sexta-feira (11/12), Luana **contou** que o encontro emocionou os dois: “Eu e ele saímos emocionados do encontro. Admiro sua missão de passar fé e amor através da música. Ele pegou na minha mão e pediu meu contato para poder ajudar no meu projeto de Natal das crianças carentes na Lapa”, **disse** à publicação.
 “Minha religião é a das boas ações. Acredito no bem. Sei que **Fábio** comprou uma briga com essa foto, mas também é a atitude que dá visibilidade à causa LGBT. Saí de casa com 9 anos e meu pequeno patrimônio consegui através da prostituição. Não faço apologia, mas essa é a realidade da maioria de nós”, **explicou** Luana, referindo-se às pessoas que ajuda. (T015 – Cena Pop – 11/12/2016)

Essas duas falas de Luana Muniz foram inseridas também nos textos do *Diário Online* (T016), *Visão Ampla Notícias* (T017), *Jornal A Tribuna* (T020), *Nossa Senhora Cuida de Mim* (T021) e *Super Pride* (T028). Os discursos de Luana são inseridos, predominantemente, pelos processos verbais neutros “dizer” e “contar” e por meio de discursos diretos. Como pontuam Resende e Ramalho (2016, p. 67), “a representação do

discurso não é uma mera questão gramatical, ao contrário, é um processo ideológico cuja relevância deve ser considerada”. As práticas midiáticas, ao empregar o discurso direto, por meio das marcas de citação – aspas – apresentam um relato fiel das palavras proferidas por Luana.

Ao analisar esses discursos, encontramos uma recorrência única e significativa em todo o *corpus*: o léxico “Fábio” aparece desacompanhado dos léxicos “pe.” ou “padre”. O sacerdote é representado por Luana apenas pelo processo de nomeação. Ao fazer a opção pela nomeação sem indicar a profissão “padre/pe.”, há um esvaziamento de atributos, do título que por si só lhe confere credibilidade e proporciona capital de visibilidade. O discurso de Luana despe Fábio de tudo que os diferencia e o representa como um ser humano comum. Em entrevista concedida à prática midiática *Ego Globo* (T025), Luana confirma essa relação social entre iguais:

- (58) “Em um final de semana tirei 30 fotos com senhoras de paróquias. Muitas pessoas me procuram. Para mim foi algo comum. **Eu estava no camarote da Alcione, no aniversário dela e as pessoas estavam vendo que eu não era uma qualquer.** Observei o padre como observei **outras personalidades** que estavam ali como **a Maria Bethânia e a Fafá de Belém.** Foi um acaso, uma coisa de coincidência mesmo a irmã da Alcione **ter falado com o padre sobre o meu trabalho social e ele acabou se interessando pelo assunto.** Disse para ele que o que uma mão faz a outra não vê e o papo fluiu.”
 Você se arrepende de ter posado ao lado do Fábio de Melo? “Nas entrevistas dele, ele fala que eu não estava acreditando que ele estava tirando foto comigo. Sinceramente não me lembro de ter falado isso. **O meu maior ídolo na música é Barbara Streisand e se eu encontrasse iria ficar emocionada, mas não iria falar isso para ela. Se eu falei, não me lembro. E olha que eu não bebo, não fumo e não faço nada disso.**” (T025 – Ego Globo – 18/12/2015).

Luana insere pe. Fábio no grupo de pessoas que “estavam vendo que ela não era qualquer uma”. No primeiro momento, há a necessidade de a travesti se afirmar como digna de estar no mesmo espaço. Naquela circunstância – “no camarote de Alcione, no aniversário dela” –, os dois compartilhavam o atributo: “amigos de Alcione”. A ativista reconhece a visibilidade midiática do padre ao atribuir a ele o título de “personalidade” – assim como “Maria Bethânia” e “Fafá de Belém” –, contudo, nega uma relação “ídolo-fã”: o sacerdote era observado da mesma forma que as demais celebridades. Ademais, indica também o motivo da aproximação entre os dois: “[...] o meu trabalho social e ele acabou se interessando pelo assunto”.

A frase que encerra o excerto (58) – “E olha que eu não bebo, não fumo e não faço nada disso” – confirma que Luana precisa desconstruir uma representação particular

associada aos corpos travestis que vendem seus serviços como profissional do sexo: o uso de bebidas alcoólicas e drogas. Após retornar da Europa, Luana recuperou-se do vício nessas substâncias e sempre citava esse fato em suas entrevistas. No Casarão em que acolhia as travestis e mulheres transexuais era expressamente proibido o uso de drogas.

Em todo o corpus, somente uma prática midiática – *O Sul* (T012) – inclui no texto vozes que não sejam de Luana ou do pe. Fábio:

- (59) Para Carlos Tufvesson, da Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio, repercussão da foto com a presente de Luana ao lado do padre é que choca. “Me espanta o furor causado pelo abraço de um padre numa travesti, porque a mensagem de Cristo, ao menos no catecismo que estudei, era amar ao próximo como Deus nos ama, e isso não exclui ninguém. Aliás, considero grave um sacerdote recusar acolher um filho de Deus em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero”, opina Tufvesson. (T012 – *O Sul* – 11/12/2015)

Ao inserir no texto uma voz de credibilidade, de um representante da Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual, ou seja, um discurso contra-hegemônico, a prática midiática contribui para uma abertura no cenário de negociação da diferença. Há um equilíbrio de forças entre a narrativa marcada pela ordem do discurso religioso, por parte do pe. Fábio de Melo, e o discurso das causas LGBTs, representada pelo representante da Coordenadoria. Contudo, Tufvesson ainda legitima o discurso religioso como norteador de práticas sociais ao trazer como argumento o próprio discurso da Instituição e suas práticas de instrução – “catecismo”.

Já no grupo 2, textos publicados após a participação de pe. Fábio no programa *Eliana*, somente três práticas incluíram a voz de Luana Muniz – *Já é Notícia* (T042), *Guará Notícias* (T043) e *Grande Rio FM* (T044). Isso significa que somente práticas midiáticas regionais colocaram a voz de Luana em proeminência. Durante a participação do pe. Fábio, foi exibido um breve depoimento de Luana. Entretanto, somente a prática *Jornal do Commercio Online* (T035) faz referência a esse fato:

- (60) **O depoimento da própria Luana no programa** levou o católico às lágrimas. (T035 – *Jornal Commercio Online* – 28/03/2016)

Apesar de citar a participação da travesti, a prática midiática não insere sua voz no texto. Essa escolha aponta para uma desvalorização da fala de Luana. Somente a voz de pe. Fábio é incluída no texto. Já a prática *Ariquemes* (T040) insere a voz de Luana por meio de uma paráfrase de pe. Fábio, como podemos observar no excerto (61):

- (61) E **ela disse** ‘padre, o senhor não faz ideia do tanto de carolas, de beatas que vieram aqui querendo ajudar o nosso projeto’. (T040 – Ariquemes – 29/03/2018)
- (62) “Dividimos a preocupação dele com a mãe, que estava doente e debilitada. Também passei por isso quando minha mãe teve câncer. Mas também falamos de coisas boas. Ele tem muito bom humor, é engraçado e prático”, **disse Luana** em entrevista ao jornal ‘Extra’, **garantindo que eles se falam por telefone**. (T042 – Já é Notícia – 30/03/2016)
- (63) “Vamos organizar alguma coisa juntos, os três, para ajudar as pessoas”, **afirmou Luana Muniz** (T043 – Guará Notícias – 30/03/2016)

A voz de Luana é incluída por meio de paráfrase, na oração projetada do processo “disse”, em (61). O conteúdo do dizer é atribuído a ativista, entretanto, não há necessariamente uma reprodução exata de sua verbiagem. Fuzer e Cabral (2014, p. 75) apontam que o relato “é resultado de uma síntese do dizer de outrem a partir do entendimento manifestado pelo produtor do texto”. Como discutimos no capítulo 4, no processo de recontextualização, de um evento social e/ou de um discurso, o produtor escolhe o que deseja incluir/excluir em sua narrativa, o que salienta na estrutura temática e como articula essas informações.

No excerto (62), além de a voz de Luana ser incluída por um processo verbal neutro – “disse”, a prática *Já é notícia*, ao escolher o processo “garantindo”, coloca em xeque a veracidade da informação presente na oração intercalada “que eles se falam por telefone”. A prática midiática não confere credibilidade à voz de Luana. Ademais, essa informação representa a relação social de amizade entre Luana e o padre após o encontro no aniversário de Alcione.

Após a análise da inclusão/exclusão de vozes, podemos afirmar que a visibilidade, como “capital das celebridades”, não proporcionou voz à Luana Muniz. Apesar de ser tematizada, as práticas midiáticas, em sua maioria, não abriram espaço para que Luana discutisse suas pautas de luta ou mesmo apresentasse sua versão do evento com o pe. Fábio de Melo. Luana Muniz, construída como uma celebridade atribuída, apesar de ter uma história que lhe permitiria o tratamento de uma celebridade adquirida, ocupa o visível social nas práticas midiáticas por sua relação com pe. Fábio, ou seja, com o apagamento de sua agência, não recebe o mesmo status do sacerdote, assim como não lhe é garantida fala no espaço de visibilidade.

Lana (2014), em seus estudos, apontou que as revoluções modernas nos séculos XVII e XVIII proporcionaram uma transformação radical na construção da fama e, conseqüentemente, na ocupação dos espaços de visibilidade. Durante muito tempo, esse

espaço do visível social foi exclusivamente protagonizado por homens. Das várias mudanças proporcionadas pela modernidade, um novo olhar para os espaços públicos foi muito importante para a expansão da visibilidade do feminino. Esses espaços, segundo a autora, passaram a ser experimentado pelas mulheres que, até o século XIX, viviam restritas às “suas virtudes domésticas” (LANA, 2014, p. 182). A autora aponta que “as primeiras inserções das mulheres na mídia indicam que as desigualdades históricas de participação na vida pública não foram superadas pela nova possibilidade de presença feminina em público” (LANA, 2014, p. 183). Se a essas mulheres foram destinados os espaços midiáticos do consumo e do ideal de beleza, ainda na contemporaneidade, às transvestigêneres foram reservados, quase que exclusivamente, os espaços da objetificação, da prostituição, do fetiche e, com grande recorrência, das notificações de mortes violentas.

No capítulo seguinte, analisamos vinte e um textos de práticas midiáticas que publicizaram o falecimento da ativista Luana Muniz, no dia 6 de maio de 2018.

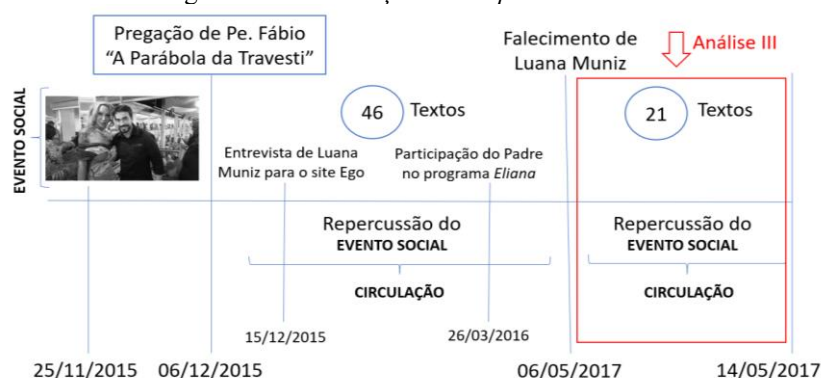
6 – MÃE LUANA, PRESENTE! – REPRESENTAÇÕES DA ETERNA RAINHA DA HUMANIDADE

*Eles não vão vencer
nada há de ser, em vão
Antes dessa noite acabar
Dance comigo, a nossa canção!*
(Flutua - Johnny Hooker)



Neste último capítulo de análise, investigamos as representações sociodiscursivas produzidas pelas práticas midiáticas jornalísticas digitais brasileiras ao noticiar o falecimento de Luana Muniz, no dia 6 de maio de 2017. A eterna Rainha da Lapa ficou internada durante uma semana no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, em Acari – Rio de Janeiro, e teve complicações de problemas renais e de coração decorrentes de uma pneumonia bilateral. Nesta etapa, analisamos vinte e um textos publicados em práticas midiáticas entre os dias 06 de maio de 2017 e 14 de maio de 2017, conforme sintetizado no esquema a seguir:

Figura 15 - Delimitação do *Corpus* - Recorte III



Fonte: Própria pesquisa.

Interessa-nos analisar as representações de Luana Muniz após ocupar o espaço do visível social e ser amplamente publicizada nas práticas midiáticas em virtude das recontextualizações do encontro com o pe. Fábio de Melo, materializado em uma fotografia, e, em um segundo momento, da divulgação de seu trabalho social na região da Lapa. Esses dois momentos discursivos acarretaram afetações tanto na vida pessoal de

pe. Fábio – ao afirmar que lidou com suas hipocrisias e preconceitos internos – quanto nas relações sociais de agentes envolvidos nas práticas particulares da Igreja Católica Apostólica Roma – como apontou Luana, após o trabalho social ser divulgado, foi procurada pela Arquidiocese do Rio de Janeiro e por leigos e leigas, denominados por ela de “carolas” e “beatas”, dispostos a colaborar com seus projetos sociais. Interessa-nos observar se houve mudanças sociodiscursivas significativas nas representações de Luana, após esse momento de exposição midiática.

O terceiro recorte do *corpus* da pesquisa inclui práticas midiáticas de referência e amplo acesso online – como *Extra* (T049), *O Dia* (T050), *R7* (T057), *O TV Foco* (T066) e *Estadão* (T061)–, práticas do midiativismo LGBT – *Para Mocinhos* (T053), *Baphônico* (T059), e *NLucon* (T062), por exemplo – e outras de caráter regional – como *Guia Gay BH* (T065), *Correio da Amazônia* (T060), *Rota News* (T048). Essa diversidade de práticas midiáticas possibilita-nos uma análise representativa das representações de Luana Muniz no cenário nacional.

6.1 Uma breve análise dos títulos

No primeiro momento, com o auxílio do concordanciador *Kitconc*, analisamos os títulos dos textos. A opção *palavras-chave* retornou com uma lista de léxicos organizada por ordem decrescente de chavidade, ou seja, os itens lexicais mais significativos na construção dos títulos, como pode ser observado na figura a seguir:

Figura 16 - Relação das palavras-chave das Manchetes

N	Palavra	Frequência	%	Chavidade
1	TRAVESTI	20	07.69	358.2
2	MORRE	19	07.31	246.31
3	LUANA	13	05.00	228.59
4	MUNIZ	13	05.00	203.97
5	FAMOSA	11	04.23	144.82
6	PADRE	11	04.23	126.13
7	MELO	10	03.85	121.69
8	FÁBIO	9	03.46	91.43
9	LAPA	6	02.31	74.93
10	FOTO	8	03.08	71.06
11	BAGUNÇA	4	01.54	56
12	ATIVISTA	3	01.15	42.09
13	FICOU	6	02.31	40.52
14	BORDÃO	2	00.77	28.34
15	RAINHA	3	01.15	27.79
16	FABIO	2	00.77	22.38
17	AOS	5	01.92	19.53
18	SÍMBOLO	2	00.77	18.47
19	ANOS	5	01.92	15.45
20	POR	8	03.08	14.24

Fonte: Própria pesquisa. Resultado obtido por meio de análise no software Kitconc.

Os léxicos “travesti” e “padre”, predominantemente como função, são recorrentes e marcam a inclusão de dois agentes nos textos: “Luana Muniz” e “pe. Fábio de Melo”. O assunto da estrutura temática é materializado no processo “morrer”. Outros dois processos aparecem nos títulos – “ficou” e “é” – e são significativos para nossa análise:

- (1) **Morre** no rio, travesti que **ficou** famosa **por foto** com **padre Fábio de Melo**. (T058 – Área Vip – 08/05/2017)
- (2) **Morre** travesti famosa **por bordão** “**travesti não é bagunça**”. (T066 – O TV Foco – 08/05/2017)
- (3) **Morre** Luana Muniz, a **Rainha da Lapa** que **ensinou** que “**travesti não é bagunça**” (T062 – NLucon – 08/05/2017)

A recorrência do processo “morre” representa o motivo pelo qual Luana Muniz é novamente publicizada nas práticas midiáticas. Entretanto, como será discutido no decorrer deste capítulo, seu retorno ao visível social está diretamente ligado às recontextualizações e à circulação da relação social entre Luana e pe. Fábio. Para Chouliaraki e Fairclough (1999), o discurso é um dos momentos da prática social interligado às relações sociais, aos fenômenos mentais e às atividades materiais. Nas práticas midiáticas digitais analisadas, esses elementos da prática social são responsáveis por construções discursivas particulares. Por exemplo, as circunstâncias que seguem o atributo “famosa” – “por foto” e “pelo bordão” –, confirmam os motivos primários da publicização da ativista.

O TV Foco (T066) e *NLucon* (T062) citam o bordão “Travesti não é bagunça”. Ao ser incluído e recontextualizado nos títulos, o enunciado, principalmente na prática de midiativismo (3), é dissociado do evento que o originou – discussão entre Luana Muniz e um cliente, exibida no jornalístico *Profissão Repórter*, em 2010 – e ressignificado como um lema de luta. A escolha pelo processo “ensinar” relacionado ao bordão “travesti não é bagunça” no excerto (3) é muito significativa para uma mudança discursiva e, consequentemente, uma mudança social. Essa escolha comprova nossa análise de que houve um esvaziamento do sentido humorístico desse enunciado e um investimento ideológico político. O uso do processo “ensinar” torna o bordão mais empoderador que a atribuição de “ser conhecida por”. Luana ensina, por meio de suas práticas sociais, o respeito às pessoas e contribui para a construção de uma sociedade menos transvestifóbica.

O artista Marcelo Ment materializou, em 2017, em um grafite, a Rainha da Lapa e seu bordão na Rua Mem de Sá, na Lapa, sinalizando a importância de Luana Muniz e sua trajetória de vida.

Figura 17 - Grafite "Travesti não é bagunça" (Marcelo Ment)



Fonte: *Fanpage Luana Muniz – Filha da Lua*. Disponível em: <https://www.facebook.com/LuanaMunizFilhaDaLua/photos/a.1894113810911279/2012467739075885/?type=3&theater>. Acesso em: 20 nov. 2018

Apesar de o processo “morrer” e o léxico “travesti” ocorrerem predominantemente como tema, servindo de ponto de partida para as enunciações, doze práticas midiáticas incluem o pe. Fábio de Melo na estrutura temática para fazer referência a Luana Muniz. Se o falecimento funciona como o elemento novo, motivo de ser noticiada, a relação com pe. Fábio é tomada como uma informação dada e importante para a representação de Luana Muniz. A alusão ao padre situa Luana no espaço do visível e torna-se uma justificativa para a publicização da morte, por causas naturais, do corpo-travesti em práticas midiáticas – geralmente noticiado quando vítima de crimes violentos. Embora não tenha sido descrito no título a causa mortis, o que fica em destaque são os motivos, por meio das circunstâncias – “por foto” e “pelo bordão” –, pelos quais esse fato mereceu ser noticiado.

Das nove práticas digitais que não fazem referência ao pe. Fábio, em cinco Luana é representada pelo título “Rainha da Lapa”, como podemos observar no excerto (3) – “Morre Luana Muniz, a Rainha da Lapa que ensinou que ‘travesti não é bagunça’”. Ao

ser representada nos títulos por intermédio de nomeação honorífica seguida da categorização por espacialização – “Rainha **da Lapa**” –, as práticas midiáticas fazem referência ao legado de Luana Muniz e seu trabalho social desenvolvido na Lapa, principalmente no Casarão Rosa, local referência de acolhimento e instrução às transvestigêneres daquela região.

Outra escolha lexical importante foi a representação de Luana Muniz por meio do atributo “ativista”. Esse léxico figura em três práticas midiáticas e indica que o trabalho social de Luana será abordado nos textos.

- (4) Morre Luana Muniz, travesti **ativista** que ficou **famosa em foto com padre** Fábio de Melo (T063 – Jornal Daqui – 08/05/2017)
- (5) Morre Luana Muniz, travesti **ativista** que ficou **famosa** em foto com padre Fábio de Melo (T057 – R7 – 08/05/2017)
- (6) Morre Luana Muniz, a travesti **ativista** que ficou **famosa** ao posar ao lado do padre Fábio de Melo (T049 – Extra – 08/05/2017)

Apesar de apresentar títulos idênticos, as práticas *Jornal Daqui* (T063) e *R7* (T057), produzem conteúdo distinto no corpo do texto – motivo da manutenção dos dois exemplares no *corpus*. O atributo “ativista”, após o léxico “travesti”, indica que essa não é uma relação naturalizada e assume presunção valorativa positiva na representação de Luana. Parece-nos, com base nas ocorrências e leitura dos textos do *corpus*, que o léxico “travesti” está relacionado ao processo de funcionalização, assim como na pregação de pe. Fábio de Melo – analisada no capítulo 7 – e não como a marcação linguística da identidade de Gênero de Luana. Apesar de os títulos incluírem o atributo “ativista” – o que lhe conferiria a condição de celebridade adquirida pelos trabalhos sociais –, a posição do léxico “famosa” na estrutura temática indica que Luana ganhou notoriedade pela foto com o padre e não pelo ativismo social.

Por fim, a análise inicial dos títulos levou-nos a dois eixos temáticos no conjunto de textos desse recorte do *corpus*: (i) a trajetória de vida de Luana Muniz; e (ii) a morte e a expectativa de vida de transvestigêneres. Esses dois temas serão discutidos nas seções seguintes.

6.2 A trajetória de vida de Luana Muniz

“Nascer homem, se transformar em mulher e se tornar travesti por excelência”³⁹

LUANA – Personagem da literatura infanto-juvenil, capoeirista, descendente de quilombolas, considerada a primeira heroína negra das histórias em quadrinhos brasileiras. Ao abrir um livro, em sua infância, a futura Rainha da Lapa conhece a guerreira Luana. Adotada por uma família de classe média, Luana Muniz saiu de casa ainda na adolescência, aos nove anos, trajando uma minissaia e conheceu o mundo da prostituição. Em pleno período da ditadura militar, modificou seu corpo e viajou para a Europa. Sobre sua vivência de Gênero, Luana afirmava que “travesti é de dentro para fora, não se descobre, mesmo porque não está coberta. Eu sou o reflexo do que já nasceu comigo [...]”⁴⁰. Reconheceu-se Luana Muniz.

No artigo *O corpo é meu*, a pesquisadora Gomes (2014, p. 83) pondera que “[...] o corpo tem voz, tem história e escolhas, ou seja, o sujeito, embora seja constrangido e coagido por normas e atos performáticos regularizados, pode ser, agir e tentar se construir da maneira que ele melhor se reconheça”. Nesta seção, analisamos como a trajetória de vida de Luana Muniz – seu corpo, sua voz, sua história – é incluída pelas práticas midiáticas ao representá-la.

LUANA, RAINHA DA LAPA

*“Sou considerada e respeitada pelas pessoas. Creio que 70% gostam de mim, 20% fingem que gostam e 10% não gostam. Sou considerada a Rainha da Lapa”*⁴¹

Para analisar as representações de Luana Muniz nesse terceiro recorte do *corpus*, observamos as recorrências e chavicidade dos itens lexicais com o auxílio do concordanciador *Kitconc*. O *software* nos possibilitou observar a recorrência expressiva

³⁹ Luana Muniz, no Curta-metragem: *Dame Candolle* (2016). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wcQPJaX9pOQ>. Acesso em: 2 nov. 2017.

⁴⁰ Entrevista concedida ao *Portal ACESSA*: “Conheça a atriz e rainha da Lapa, Luana Muniz”. Publicada em: 13 fev. 2016. Disponível em: <http://www.acesa.com/zonapink/arquivo/2016/02/13-conheca-atriz-rainha-lapa-luana-muniz>. Acesso em: 2 nov. 2017.

⁴¹ Entrevista: Luana Muniz, la Reina de Lapa: “En mi época de oro atendí hasta 50 hombres en una noche”. Publicada em: 26 ago. 2016. Disponível em: <http://www.theclinic.cl/2016/08/26/luana-muniz-la-reina-de-lapa-en-mi-epoca-de-oro-atendi-hasta-50-hombres-en-una-noche/>. Acesso em: 2 de nov. 2017.

de dois atributos: “famosa” (22 ocorrências) e “ativista” (18 ocorrências) – léxicos recorrentes já na análise dos títulos:

- (7) Ela **ficou famosa nacionalmente por aparecer em uma foto ao lado do Padre Fábio de Melo**, em 2015. (T054 – Varela Notícias – 07/05/2017)
- (8) Luana **ficou famosa pelo bordão ‘Travesti não é bagunça’**, que figurou em humorísticos da TV, e **por acolher travestis, transexuais, portadores de HIV, prostitutas e pessoas em situação de rua** em um casarão na Rua Mem de Sá. (T048 – Rota News – 06/05/2017)
- (9) Ela **ficou famosa após aparecer em uma imagem ao lado do Padre Fábio de Melo**, em 2015, **por conta do trabalho social que desenvolvia**. (T061 – Estadão – 08/05/2017)

As práticas analisadas reiteram que Luana Muniz “ficou famosa” no cenário nacional após a circulação da foto com pe. Fábio e pelo bordão “Travesti não é bagunça”. Os elementos linguísticos “por”, “pelo”, “após”, além de marcadores de realce, nos levam a essa leitura, seguidos pelas circunstâncias “aparecer em uma foto ao lado do padre”, “bordão ‘Travesti não é bagunça’” e “aparecer em uma imagem ao lado do Padre Fábio de Melo”, respectivamente. Contudo, neste terceiro momento de publicização, o trabalho social de Luana também é materializado linguisticamente – “por acolher travestis, transexuais, portadores de HIV, prostitutas e pessoas em situação de rua”. Além disso, a forma como o conjunto nominal “travestis | transexuais | portadores de HIV | prostitutas | pessoas em situação de rua” foi construído nos textos é bem significativa para evidenciar uma mudança discursiva, pois, marcar “travestis” e “prostitutas” no mesmo enunciado, colabora para a desnaturalização dos discursos que relacionam de forma direta travesti-prostituição. A omissão do léxico “prostitutas” corroboraria para a manutenção desses discursos cristalizados por meio de uma causalidade “naturalizada” – toda travesti é profissional do sexo – e poderia levar a uma interpretação do léxico “travesti” como uma função e não como uma identidade de Gênero.

Conforme aponta Thompson (1995, p. 87), um dos *modus operandi* da ideologia é retificação – uma operação ideológica por meio da qual uma prática social transitória é representada como permanente, ocultando o caráter socio histórico. Essa operação ideológica pode ser expressa pela estratégia de naturalização. Dessa forma, a relação travesti-prostituição é apresentada como um acontecimento natural, como um resultado inevitável de características naturais – a identidade de Gênero Travesti é construída discursivamente como a escolha de uma funcionalidade: vender serviços sexuais. Como

aponta Thompson (1995, p. 88), esses discursos “adquirem, então, uma rigidez que não pode ser facilmente quebrada. Eles se cristalizam na vida social, e seu caráter aparentemente a-histórico é reafirmado através de formas simbólicas que, não sua construção, como também na sua pura repetição, eternizam o contingente”. A estratégia da eternalização por intermédio do apagamento das condições históricas e sociais implicadas no alto número de transvestigêneres na prostituição corroboram para a manutenção do discurso da “livre escolha” como recorrente.

O processo relacional “ficou”, antecedendo o atributo “famosa”, marca a inserção de Luana no visível social. Como podemos observar no excerto (10), o momento discursivo e relação social entre Luana e pe. Fábio proporcionou um capital de visibilidade para que o trabalho social da ativista fosse conhecido nacionalmente:

- (10) Luana era **ativista LGBT e teve seu trabalho reconhecido** e com **imensa visibilidade após posar ao lado do padre Fábio de Melo em 2015**, numa quadra da Mangueira. (T047 – News – 06/05/2017)
- (11) **Apesar de dedicada a caridade e projetos de inclusão social**, a travesti **só ficou conhecida nacionalmente pela participação no programa profissão repórter**, onde **impulsionou o bordão “tá pensando que travesti é bagunça?”**, e **por ser citada pelo Padre Fábio de Melo durante um sermão** em que ele contava como conheceu Luana. (T067 – Dentro do Meio – 09/05/2017)

Até esse momento, seu nome estava relacionado somente ao episódio do *Profissão Repórter*. Apesar de impulsionar o bordão “travesti não é bagunça”, as práticas midiáticas não explicam o potencial político do enunciado e permanecem produzindo discursivamente os corpos/discursos travestis como desimportantes em um cenário de precariedade. O processo “impulsionou” indica ainda que Luana é beneficiada com essa publicização, entretanto, pelas análises desenvolvidas nesta pesquisa, podemos afirmar que esse impulsionamento por parte das práticas midiáticas – incluindo aqui a televisiva, *Profissão Repórter* – não contribuiu para uma mudança discursiva emancipatória para a comunidade transvestigênera. Ao contrário, promoveu a manutenção dos discursos particulares que associam os atributos “amoral”, “agressivo”, “violento”, “abjeto” ao corpo/discurso travesti.

A circunstância temporal “após”, no excerto (10), indica que Luana só recebeu visibilidade por parte das práticas midiáticas depois do início de sua relação social com pe. Fábio – entretanto, no cenário carioca, Luana já era amplamente conhecida e

respeitada. Para habitar esse espaço, Luana precisou ser construída discursivamente como a responsável por sensibilizar um padre popstar – pe. Fábio foi afetado por ter experienciado o sentimento de preconceito e exclusão ao encontrar-se com Luana na quadra da Mangueira.

Apesar de a relação social entre Luana e pe. Fábio ser explorada em doze textos – dos vinte e um analisados – podemos considerar uma mudança discursiva nas representações. Há a recorrência, por exemplo, do léxico “ativista” (18 ocorrências) que não foi escolhido pelas práticas midiáticas nas matérias publicadas antes do falecimento de Luana. Além disso, algumas mídias, como a *Blasting News* (T056), colocam em proeminência o trabalho social em detrimento de outros fatos. Essa escolha é significativa na construção da imagem de Luana Muniz.

- (12) **A ativista LGBT** ganhou visibilidade após publicar uma foto ao lado do padre Fábio de Melo. [...] No Rio de Janeiro, ela **é uma das figuras mais lembradas e respeitadas da região da Lapa**. Isso porque **distribuía comida e dava auxílio para moradores de rua e homossexuais expulsos de casa**. (T055 – Braz – 07/05/2017).
- (13) Luana Muniz, travesti **conhecida pelos múltiplos projetos sociais que realizou no Rio de Janeiro para ajudar a travestis, mulheres transexuais, prostitutas, portadores do HIV e pessoas em situação de rua**, faleceu aos 59 anos, na madrugada deste sábado (6), no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla. (T056 – Blasting News – 07/05/2017)

Braz (T055) informa que Luana Muniz já era reconhecida no Rio de Janeiro antes da visibilidade midiática. Por meio das orações relacionais:

- Ela é uma das figuras mais lembradas.
- [Ela é uma das figuras] mais respeitadas na região da Lapa.

Luana é representada em termos de sua identidade ativista. Ela é “lembrada” em virtude de seus trabalhos sociais desenvolvidos. Parece-nos que o atributo “respeitada” é incluído no texto por ser uma situação incomum, pois os corpos travestis geralmente são desrespeitados, invisibilizados e/ou violentados de forma recorrente. Dessa forma, travesti, profissional do sexo, respeitada pela sociedade torna-se um dado novo em um cenário transfóbico e ameaçador para corpos que rompem com os padrões normativos de Gênero. Esse respeito foi conquistado pela agência e pelo potencial transformador de Luana.

Dos vinte e um textos analisados, doze práticas midiáticas citam os trabalhos sociais desenvolvidos pela ativista:

- (14) **Militante pelos direitos LGBT**, Luana **participava de projeto que capacitava transgêneros para o mercado formal de trabalho** e mantinha um casarão na Lapa onde **acolhia travestis, transexuais, prostitutas e portadores do vírus HIV**. (T065 – Guia Gay BH – 08/05/2017)
- (15) Luana Muniz era uma das **fundadoras do projeto Damas da Prefeitura**, que capacitava travestis e transexuais para o mercado de trabalho. (T050 – O Dia – 06/05/2017)
- (16) [...] ela **foi criadora do programa Damas da Prefeitura** [...] também **presidia a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro**. (T053 – Para Mocinhos – 07/05/2017)

Guia Gay BH (T065) representa Luana apenas como uma participante do projeto social – por meio do processo “participava”. Já *O Dia* (T050) e *Para Mocinhos* (T053) escolhem os atributos “fundadora” e “criadora”, respectivamente, – léxicos que legitimam e realçam a agência da ativista. Incluir o trabalho social de Luana comprova sua importância como interlocutora entre a comunidade transvestigênera e a sociedade em geral. De acordo com o Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS)⁴², o Damas foi um projeto pioneiro no Brasil. Além de promover a formação profissional para transvestigêneres visando à reinserção social, o projeto busca, por meio de ações sociais, combater a discriminação e o preconceito. Com foco no incentivo à escolaridade e à empregabilidade, Damas contribui de forma significativa para que a profissão do sexo seja uma livre escolha e não o único horizonte de emprego para a população transvestigênera.

A pesquisadora travesti Luma Andrade aponta que:

A escola para a maioria das travestis permanece como um sonho, enquanto a esquina (a margem) é ainda a realidade, local de espera dos —fregueses! para se prostituírem. Apesar de as travestis terem conquistado a possibilidade de sobreviver no centro, e não apenas à margem da sociedade, elas ainda sofrem com os estereótipos do passado, pois ainda são vistas como sinônimo de marginal e atentado ao pudor, uma espécie de afronta à moral e aos bons costumes. (ANDRADE, 2012, p. 16)

⁴² Disponível em: <https://www.cieds.org.br/>. Acesso em: 22 jan. 2019.

Em entrevista ao jornal chileno *The Clinic*, Luana, ao comentar sobre os dados que apontam 90% das travestis na prostituição, afirma: “Minha exigência é que exista acesso ao estudo. Não faço apologia da prostituição, nem apoio a prostituição infantil. Incentivo quem queira um trabalho convencional a se preparar, mas o problema é que não querem”. Em seguida, aponta que as oportunidades são escassas: “Não se abre o jornal e se veem ofertas de trabalho para as travestis e se passará muito tempo antes de que isso aconteça”. O discurso de Luana indica que além das práticas sociais que violentam o corpo/discurso travesti no ambiente escolar, a falta de perspectiva na oferta de emprego formais é outro fator responsável pela evasão do processo de formação educacional.

As representações de Luana como “A Rainha da Lapa” estão diretamente relacionadas à sua agência. Fairclough (2003), com base nos estudos da socióloga Margaret Archer, aponta que pessoas são posicionadas involuntariamente como agentes primários sobre o que inicialmente não têm escolha – como por exemplo, posições dentro da distribuição social de recursos. Entretanto, por meio da reflexibilidade, faz-se possível ultrapassar limites impostos por situações e/ou normas primárias – a definição do Gênero com base no sexo pode ser considerada uma norma cisheteronormativa que constrange os agentes primários. Os agentes primários, quando com condições mínimas para exercer a reflexibilidade, podem se tornar Agentes Corporativos capazes de ações coletivas e responsáveis por mudanças sociais. É a reflexibilidade que confere status de agentes ativos, capazes de transformações em práticas sociais. Como aponta a socióloga Camila Penna (2012), ao comentar as discussões sobre reflexividade e agência na teoria sociológica moderna, que a reflexividade, para Archer:

[...] tem a prerrogativa de permitir ao indivíduo se virar no mundo e levar a cabo seus projetos sociais, o que, no limite, poderia culminar em mobilidade social. Contudo, a reflexividade não guarda relação com a possibilidade de alteração na estrutura. Esta alteração ocorreria apenas a longo prazo na medida em que a estrutura se mantém de forma relativamente independente das relações sociais cotidianas. (PENNA, 2012, p. 198)

Nesse sentido, Archer considera que os indivíduos, por meio da reflexividade e agência, são capazes de experienciar o mundo analisando suas preocupações e possibilidades em cada contexto social. Algumas experiências podem despertar nos agentes essa potencialidade reflexiva. Luana Muniz, após alguns anos trabalhando como performance e profissional do sexo na Europa, retorna ao Brasil em uma situação de

extrema vulnerabilidade – o vício em bebidas e em drogas levaram-na a viver em situação de rua. Acolhida por uma enfermeira responsável pela ONG Água Viva, recebeu cuidados e livrou-se dos vícios. Em condições de exercer a flexibilidade, Luana transformou-se na agente social corporativa responsável por ser a porta voz da ONG Água Viva e por desenvolver diversos trabalhos sociais na região da Lapa. Tornou-se “Mãe Luana”.

LUANA, RAINHA DA RUA

*“Vamos para o trabalho porque tem uma fila de homens querendo a gente”*⁴³

Apesar de as práticas informarem que Luana Muniz foi presidenta da Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro, somente três textos citaram que a ativista trabalhava como profissional do sexo.

- (17) [...] **trabalhava havia 47 anos como garota de programa**. Apresentou-se em diversos cabarés pela Europa, onde também **era conhecida e respeitada**. (T056 – Blasting News – 07/05/207)
- (18) Em 2016, Luana Muniz já se orgulhava de **ter 47 anos de profissão** e ter trabalhado em vários cabarés do mundo. (T052 – Portal Ônix – 06/05/2017)
- (19) Aos 9 anos, **já era travesti e estava na prostituição**. Aos nove anos, já tinha plena convicção de que era travesti e, “como uma força que ninguém controlava”, saiu de casa de minissaia para nunca mais voltar. **Sem escolaridade ou experiência, teve as portas do mercado formal de trabalho fechadas e foi catapultada para a profissão do sexo**. (T062 – NLucon – 08/05/2017)

A doutora em literatura e ativista travesti Amara Moira (2018)⁴⁴, em artigo publicado na *Mídia Ninja*, aponta a recorrência de discursos cristalizados nas práticas midiáticas que associam o exercício da profissão do sexo com a exploração sexual. Nas discussões sobre a regulamentação do exercício da prostituição, os discursos da exploração de crianças em práticas sexuais ou a troca de sexo por alimentos/moradia em regiões de extrema vulnerabilidade sempre são colocados em proeminência como argumento para não regulamentar a profissão. A autora argumenta que “não há como organizar uma categoria de trabalhadoras quando a mera menção de sua atividade já faz com que as pessoas imediatamente a associem à violência e exploração de crianças e

⁴³ Fala de Luana Muniz no programa jornalístico *Profissão Repórter*, exibido na Rede Globo de Televisão, no dia 25 de março de 2010.

⁴⁴ Disponível em: <http://midianinja.org/amaramoira/ate-quando-vao-calar-prostitutas/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

adolescentes”. Segundo Moira (2018), para início de discussão, faz-se necessário diferenciar primeiro o que é trabalho do que é crime e criar condições mínimas para que as trabalhadoras se organizem e definam suas prioridades e demandas.

A não inclusão dos léxicos “profissional do sexo” e/ou “prostituição” pode ser justificada também por discursos naturalizados que relacionam diretamente travestis à prostituição. Dessa forma, a desconstrução desses discursos cristalizados iterados pelas práticas midiáticas é uma ferramenta importante para uma discussão que inclua a voz das profissionais do sexo e aborde a temática de forma a contemplar as pautas da categoria.

LUANA, RAINHA DA NOITE

*“Sou um espetáculo vivo. Uma fábrica de sonhos”*⁴⁵

Além de profissional do sexo, Luana Muniz foi atriz e performance nas noites cariocas. Contudo, somente *Dentro do meio* (T067), *NLucon* (T062), *Portal Ônix* (T052) e *Blasting News* (T056) incluíram essas atividades ao representá-la:

- (20) Ela ficou conhecida por seu bordão “travesti não é bagunça”, mas Luana Muniz, **a ‘Rainha da Lapa’ foi e deve ser lembrada por muito mais que isso.** [...] Poliglota, ela falava 6 idiomas e tinha nacionalidade italiana [...] **Teve uma respeitável carreira como atriz, tendo feito inúmeras peças e shows.** (T052 – Portal Ônix – 06/05/2017)
- (21) Sua **estreia como artista ocorreu nos anos 80**, no musical **Mimosa**, no **teatro Brigitte Blair**. [...] **Dizia ser uma estrela** há mais de quarenta anos [...] Suas performances eram ousadas, marcadas pela sensualidade, provocação, humor inteligente e **referências clássicas.** (T062 – NLucon – 08/05/2017)
- (22) **Coroadada em 2016 como Rainha do baile de Carnaval The Gala Gay**, era **atriz registrada.** (T056 – Blasting News – 07/05/2017)
- (23) Ela conheceu diversos países, **participou de um filme com a atriz Dira Paes** [...]. (T067 – Dentro do Meio – 09/07/2017)

No excerto (20), observamos a modalidade deôntica – ou modulação – “deve ser”, no eixo do obrigatório, para orientar as representações de Luana Muniz. O *Portal Ônix* (T052) pode ser considerado uma prática midiática com viés militante – midiativismo. Dessa forma, ao usar a modulação “deve ser”, instrui seus consumidores sobre quem foi Luana Muniz e como deve ser representada ou “lembrada”. Para cumprir com esse

⁴⁵ Luana Muniz, no Curta-metragem: *Dame Candolle* (2016). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wcQPJa_X9pOQ. Acesso em: 2 nov. 2017.

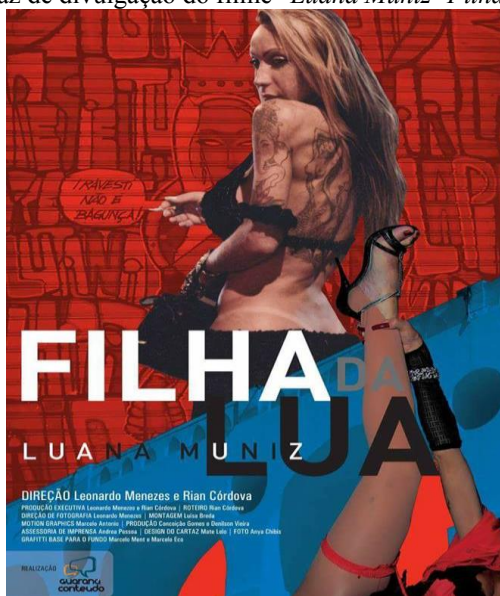
propósito comunicativo, apresenta informações biográficas sobre Luana: “Poliglota, ela falava 6 idiomas e tinha nacionalidade italiana [...] Teve uma respeitável carreira como atriz, tendo feito inúmeras peças e shows”. A escolha por essa modulação de obrigação indica também que as representações de Luana Muniz apenas como a produtora do enunciado que se tornou um famoso bordão são recorrentes.

Dentro do Meio (T067) e *NLucon* (T062) também são exemplares de práticas do midiativismo LGBT. *NLucon* (T062) produz um texto com toda a trajetória de Luana. Na seção intitulada “Não é bagunça”, inclui informações sobre a carreira da atriz: a estreia no teatro “*Brigite Blair*”, as performances na noite de Paris e a atuação em *Incuráveis* (2001), do diretor Gustavo Acioli. Apesar de não citado, Luana fez uma participação especial no filme *Um Suburbano Sortudo* (2016), uma comédia protagonizada por Rodrigo Sant’Anna. Nesse filme, Luana interpretou o clone da atriz canadense Pamela Anderson. Ademais, ao usar a expressão “referências clássicas”, Luana é representada como uma agente que teve acesso a bens culturais, marcando seu capital intelectual.

A prática *Dentro do Meio* (T067) escolhe incluir o nome da atriz Dira Paes ao se referir ao filme *Incuráveis* (2001). Ao citar uma reconhecida profissional, o trabalho de Luana como atriz ganha uma valoração positiva. *Blasting News* (T056) inclui também um dado importante para legitimar Luana como atriz: “atriz registrada”, fazendo referência ao popular DRT – selo que atesta competência profissional em uma área específica.

A última participação de Luana em cena foi no filme-documentário *Luana Muniz – Filha da Lua* (2017), lançado nacionalmente no dia 6 de julho, dois meses após seu falecimento, no Odeon, Centro do Rio, durante o *Rio Festival de Gênero e Sexualidade no Cinema*. O filme dos diretores Rian Córdova e Leonardo Menezes conta a trajetória de vida de Luana Muniz, da infância ao falecimento, com narrativas de amigos – como a transformista Lorna Washington e Alcione – e da própria atriz. *A filha da Lua* recebeu o título de Melhor Longa Nacional e Internacional pela Escolha do Público na Mostra Competitiva do Festival Mix Brasil 2017.

Figura 18 - Cartaz de divulgação do filme "Luana Muniz -Filha da Lua"



Fonte: <https://www.facebook.com/LuanaMunizFilhaDaLua/photos/p.2094942847495040/2094942847495040/?type=1&theater>. Acesso em: 20 jan. 2019

6.3 Morte e Expectativa de vida de transvestigêneres

Por meio das análises realizadas nesta pesquisa, podemos afirmar que o falecimento de Luana Muniz se tornou assunto nas práticas midiáticas em virtude da visibilidade adquirida após a publicização de sua relação com pe. Fábio de Melo e, em seguida, pela divulgação dos trabalhos sociais desenvolvidos na região da Lapa.

Ao publicizar o falecimento de Luana Muniz, três vozes foram incluídas: a transformista Lorna Washington, o pe. Fábio de Melo e a cantora Alcione:

- (24) Outra **amiga de longa data, Lorna Washington**, 55, diz que a militante deixa **um legado de respeito e tolerância pelo próximo: “Ela abria sua casa para travestis expulsas pela família e distribuía comida para moradores de rua”,** conta Lorna, afirmando que a polêmica com o padre possibilitou **um momento de reflexão na sociedade. “Foi um despertar espiritual para o padre que sofreu duras represálias”**. (T049 – Extra – 08/05/2017)
- (25) Segundo Lorna, Luana era fumante desde a adolescência e recebeu a visita da cantora Alcione na última quinta-feira. **“Ela havia apresentado uma melhora, estava lúcida. A notícia nos pegou de surpresa. Não esperávamos”**. (T048 – Rota News – 06/05/2017).
- (26) Madrinha do projeto-social de Travesti Luana, a cantora Alcione lamentou a perda da **“Rainha da Lapa”,** a quem definiu como **uma amiga maravilhosa e um ser humano ímpar. “Foi-se embora e nos deixou muita saudade, mas com certeza um espírito como esse, batalhador e generoso, agora está nos braços de Deus. Descanse, minha amiga”,** afirmava a cantora Alcione que sempre colaborou com o projeto da travesti Luana Muniz. (T048 – Rota News – 06/05/2017).

- (27) **"Nestes dois anos em que nos tornamos amigos, pude conhecer de perto suas alegrias e seus calvários", escreveu o religioso em sua página no Facebook. [...] "Guardarei comigo os áudios bem-humorados, emocionados, sempre me desejando o bem, assegurando-me a certeza de orar por mim (...) Os pobres da Lapa perderam um lugar humano onde Deus era sempre acolhedor."** (T065 – Guia Gay BH – 08/05/2017)

Ao incluir a voz da reconhecida artista Lorna Washington, as práticas midiáticas contribuem para uma representação mais fidedigna de quem foi Luana Muniz. A performista conheceu Luana em virtude de trabalhos sociais desenvolvidos na ONG Água Viva e foi uma das responsáveis por reinseri-la na noite artística carioca. Em seu discurso, Lorna reconhece que Luana deixou a sociedade “um legado de respeito e tolerância pelo próximo”. Ao citar a relação social entre Luana e pe. Fábio, coloca em proeminência as afetações do evento: “despertou um momento de reflexão na sociedade”. Ao afetar as pessoas provocando uma conversação interna (ARCHER, 2007), o processo de reflexividade, Luana proporciona um contexto para transformação de agentes primários em agentes corporativos capazes de ações coletivas. Esse fato comprova o potencial de Luana e suas contribuições para mudanças sociais.

Alcione é incluída como uma voz reconhecida nacionalmente e que, dessa forma, investe credibilidade na representação de Luana como “um ser humano ímpar [...] batalhador e generoso”. A relação social entre as duas personalidades legitima a seriedade do trabalho social da ativista. Já a prática *Guia Gay BH* (T065) inclui pe. Fábio de Melo e enfatiza a relação social de amizade entre os dois: “tornamos amigos”. O discurso do sacerdote marca a importância de Luana Muniz na cenário da Lapa. Apesar de Luana afirmar em entrevistas que não seguia uma religião, tornou-se referência de caridade e cuidado com o próximo, com “os pobres da Lapa”.

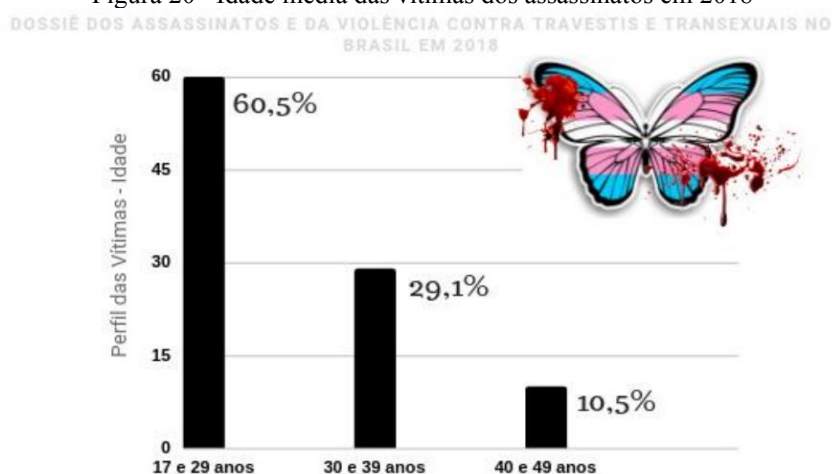
Luana venceu a barreira da invisibilidade do corpo transvestigênera e superou a expectativa de vida – 35 anos – no país que mais mata LGBTs. Apesar de os motivos da visibilidade, é significativo o falecimento de uma travesti estampar as manchetes das principais práticas midiáticas quando não relacionado a mortes violentas.

tentativas de assassinatos, violações de direitos humanos e outras mortes não solucionadas.

De acordo com o documento, no ano de 2018, “ocorreram 163 assassinatos de pessoas transvestigêneres, sendo 159 Travestis e Mulheres Transexuais, 4 Homens Trans e 1 pessoa Não-Binária. Destes, encontramos notícias de que apenas 15 casos tiveram os suspeitos presos, o que representa 9% dos casos”. No cenário mundial, segundo reportagem da revista *Época*⁴⁸, com base no levantamento da associação europeia *TransRespect*, o Brasil foi responsável por 40% dos 2600 assassinatos, nos últimos dez anos, em pesquisa que abrangeu 72 países.

Outra informação importante sobre as violências sofridas por transvestigêneres é o marcador “idade”: pouco mais de 60% das vítimas tinham entre 17 e 29 anos. De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a expectativa de vida da população transvestigênera é de 35 anos, enquanto a da população brasileira em geral é de 76 anos⁴⁹.

Figura 20 - Idade média das vítimas dos assassinatos em 2018



Fonte: Dossiê dos ASSASSINATOS e da violência contra TRAVESTIS e TRANSEXUAIS no Brasil em 2018 (ANTRA, 2019)

Ao analisar casos de violência letal contra travestis no Rio de Janeiro, os antropólogos Carrara e Vianna (2006) chegaram à conclusão que:

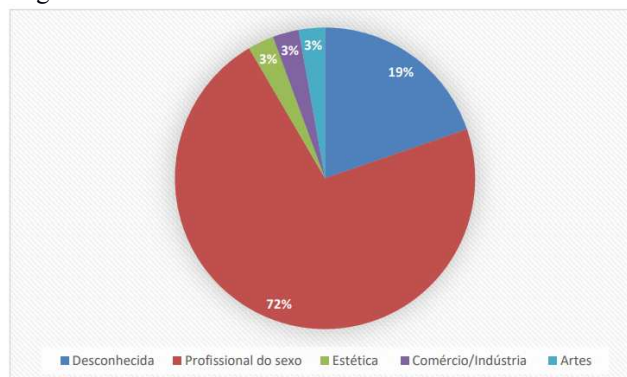
⁴⁸ Disponível em: <https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/01/reduzida-por-homicidios-expectativa-de-vida-de-um-transsexual-no-brasil-e-de-apenas-35-anos.html>. Acesso em: 13 maio 2018.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/07/25/interna-brasil,697305/expectativa-de-vida-do-brasileiro-chega-a-76-anos-a-maior-da-historia.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2019.

as travestis parecem ser particularmente vulneráveis aos crimes de execução. Isso se deve tanto ao envolvimento com a atividade de prostituição, que as coloca numa posição de maior exposição pública, quanto ao modo pelo qual a homofobia as atinge. Assim, há casos em que a identidade de gênero suposta da vítima, o fato de “ser travesti”, parece ser o fator determinante da execução - que assume as feições de um crime de ódio. (CARRARA; VIANNA, 2006, p. 245).

O Dossiê da ANTRA apontou também a raça como um marcador da diferença relevante ao analisar as violências sofridas por transvestigêneres. Segundo a associação, travestis e transexuais negras são maioria na prostituição de rua e, conseqüentemente, compõem o maior índice de violência e assassinatos dessa população: 82%. Em relação à profissão das vítimas, de acordo com dados da ANTRA, 72% das vítimas de tentativa de homicídios são profissionais do sexo.

Figura 21 - Tentativa de Homicídios - Profissão das Vítimas



Dossiê dos ASSASSINATOS e da violência contra TRAVESTIS e TRANSEXUAIS no Brasil em 2018 (ANTRA, 2019)

O doutor em psicologia social Marcos Roberto Vieira Garcia (2008) aponta que o marcador “profissional do sexo” aumenta a vulnerabilidade do corpo travesti nas ruas, por vezes pouco iluminadas e com escassa circulação de pessoas. Além disso, a estigmatização dessa profissão contribui para uma descredibilização do relato da vítima e afastamento da procura pelo registro de ocorrência por violência sofrida. Segundo Garcia (2008), apesar de comporem o grupo de maior vulnerabilidade, as pessoas transvestigêneres são as que apresentam maior resistência em procurar delegacias para notificar casos de violência.

Dados da Rede Trans Brasil⁵⁰ informam que até 23 de março, 23 transvestigêneres (travestis, mulheres e homens transexuais) foram vítimas de morte violenta no Brasil – janeiro (8), fevereiro (9) e março (6). Já o Mapa de Assassinatos de Pessoas Trans 2019⁵¹ produzido pela ANTRA, aponta 29 mortes violentas, com dados atualizados em 30 de março de 2019. Cabe ressaltar que os dados são públicos e foram compilados por meio da divulgação dos casos nas práticas midiáticas. Provavelmente, os números de mortos sejam maiores em virtude das subnotificações dos casos e/ou quando as identidades de Gênero e o nome social não são respeitados.

Bento (2017, p. 232) ao pontuar os assassinatos contra a população transvestigênera, sugere nomear esse tipo de assassinato como transfeminicídio, com base na lei do “feminicídio” que define os assassinatos motivados por questões de gênero. A autora pontua que ao acrescentar o termo ‘trans’, reafirma que a natureza da violência contra as pessoas trans é da ordem do Gênero. De acordo com a socióloga:

[...] se o feminino representa aquilo que é desvalorizado socialmente, quando esse feminino é encarnado em corpos que nasceram com pênis, há uma ruptura inaceitável contra as normas de gênero. Essa regulamentação não está inscrita em nenhum lugar, mas é uma verdade produzida e interiorizada como inquestionável: o masculino e o feminino são expressões do desejo dos cromossomos e dos hormônios. Quando há essa ruptura, nos deparamos com a falta de aparatos conceituais e linguísticos que deem sentido à existência das pessoas trans. Mesmo entre gays, a violência letal é mais cometida contra aqueles que performatizam uma estilística corporal mais próxima ao feminino. (BENTO, 2017, p. 233)

Assim como o reconhecimento do feminicídio como crime hediondo foi adotado como um instrumento jurídico para coibir a violência de Gênero, tipificado por meio da Lei 13.104/2015, faz-se necessário a produção discursiva de aparatos jurídicos que visem incluir na forma da lei e reconhecer as identidades transvestigêneres como feminilidades.

Sobre as motivações dos crimes contra essa população, Bento aponta como a principal função do transvesticídio – propomos essa denominação, seguindo nossa proposta de inserir o termo transvestigênera no discurso acadêmico:

a espetacularização exemplar. Os corpos desfigurados importam na medida em que contribuem para coesão e reprodução da lei de gênero que define que

⁵⁰ Disponível em: <http://redetransbrasil.org.br/category/assassinatos/>. Acesso em: 31 mar. 2019.

⁵¹ Disponível em: https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1FzwzQghwym_DzFydXGj6onWYfFky1NKy&ll=-5.499907799999986%2C-36.50720990000002&z=8. Acesso em: 31 mar. 2019.

somos o que nossas genitálias determinam. Da mesma forma, os párias, os seres abjetos, também são estruturantes para o modelo de sujeitos que não devem habitar a nação. (BENTO, 2017, p. 235)

Além de tipificação e punição na forma da lei, faz-se necessário uma educação comprometida e emancipatória em Direitos Humanos e uma mudança discursiva nas representações dos corpos/discursos transvestigêneres para uma mudança social. Por todos os corpos transvestigêneres mortos e violentados, por Dandara Kataryne, morta em plena luz do dia em Fortaleza em 2017, a luta por Direitos Humanos para Todas e Todos precisa se tornar um compromisso diário em todas as esferas da sociedade.

UMA PAUSA PARA REFLEXÕES...

QUEM FOI LUANA MUNIZ?
COMO AS PRÁTICAS MIDIÁTICAS REPRESENTARAM LUANA MUNIZ?



*Serei a do asfalto
Rainha do luar
Entrega o seu corpo
Somente a quem possa carregar*

*Mas não se esqueça
Levante a cabeça
Aconteça o que aconteça
O que aconteça: Aconteça!*

*Continue a navegar
Continue a travecar
Continue a atravessar
Continue a travecar*

*E deixa que lave
Que leve, que livre
Que love, que lute!
(Serei a - Linn da Quebrada - Part. Liniker)*

As Mídias exercem um importante papel na contemporaneidade. Recontextualizam os fatos, circulam interpretações da realidade, contribuem para a manutenção/ruptura de práticas sociais, por intermédio de suas práticas midiáticas. Por meio dos discursos, as realidades são vivenciadas. As experiências de nossos corpos no mundo têm natureza discursiva. Somos corpos produzidos discursivamente. Somos corpos inscritos por atos performativos, atravessados pelas várias ordens do discurso que permeiam a vida em sociedade. Somos corpos/discursos. É no discurso que nossa ontologia é reconhecida, legitimada ou negligenciada. Nós somos Gêneros.

Conhecemos Luana Muniz nas práticas midiáticas, após a exibição do programa *Profissão Repórter*. Neste momento, os discursos produziram o corpo/discurso Luana como a abjeção que executa violências. O discurso dessa prática sociomidiática contribuiu para a manutenção daquele corpo/discurso no espaço da marginalidade, da precariedade. Iterou os discursos particulares de desumanização do corpo/discurso transvestigênera. Contudo, os discursos podem ser consumidos de forma consciente e questionadora, quando proporcionada condições para uma reflexividade, para o exercício de agência. A partir desse momento, interessou-nos investigar, por meio da agenda comprometida e emancipatória da Análise de Discurso Crítica, quem foi de fato Luana Muniz e como as práticas midiáticas digitais produziram representações sociodiscursivas sobre o corpo/discurso da ativista.

Ao analisar o discurso de pe. Fábio de Melo, “a narrativa da parábola da Travesti”, observamos que os discursos do sacerdote, ao representar Luana Muniz, não corroboraram para uma mudança discursiva das representações do corpo/discurso transvestigênera no interior da Instituição que ele representa. Ao contrário, iterou inscrições de performatividades de Gênero masculina em um corpo que se reconhece como feminino. Ao negligenciar a identidade feminina, marcada no discurso e nas expressões prostéticas de Gênero, o discurso do sacerdote violenta o corpo de Luana, produzindo-o como abjeto. Além disso, neste primeiro momento, o sacerdote produziu discursos que contribuíram para a manutenção de discursos particulares naturalizados que associam o corpo/discurso travesti com o humor e/ou prostituição. Para não entrar em conflito com os discurso da Instituição que representa, pe. Fábio promoveu um apagamento do corpo/discurso de Luana Muniz. Percebemos a iteração do discurso religioso sobre a existência de uma natureza essencial, biológica, que deve determinar tanto a vida pessoal quanto a pública. Por outro lado, verificamos o aparecimento, ainda que singelo, de discursos contra-hegemônicos na ordem do discurso religioso – como a inclusão da sigla LGBT no documento oficial *Instrumentum Laboris* (2018) e a publicação da *Cartilha Sexo, Orientação Sexual e “Ideologia de Gênero”* (2018), de autoria do Frei Beto. Esses discursos, por sua vez, indicam possibilidades de mudanças discursivas e potencialidades de mudanças na vida em sociedade.

Na segunda etapa de análise, a partir do *corpus* com quarenta e seis textos, descrevemos e interpretamos as representações de Luana Muniz nas práticas midiáticas,

a partir, principalmente, das recontextualizações do evento social – encontro de Luana Muniz e pe. Fábio – e da pregação. Durante a análise, consideramos que a etapa da circulação dos textos em espaços midiáticos implicou de forma direta nas recontextualizações. Dessa forma, indicamos, com base nas discussões teóricas de Braga (2012), como contribuição às discussões teóricas da ADC, incluir o estágio *circulação* aos três estágios da prática discursiva propostos por Fairclough (2016 [1992]) – *produção, distribuição e consumo*.

Após a análise linguístico-discursiva dos textos, apontamos a necessidade de ruptura com discursos que associam como relação de causalidade travesti-prostituição. Enfatizamos a necessidade de uma desconstrução dos sentidos ideológicos investidos no léxico “travesti” e da promoção de políticas públicas que proporcionem condições de reflexividade e agência às transvestigêneres possibilitando a escolha livre por uma profissão – inclusive a de profissional do sexo – e avalizem o direito à ontologia e à existência digna. Faz-se necessário, também, a aprovação de projetos de Lei que regulamentem a profissão do sexo – o Projeto de Lei 4.211/12, de autoria do militante, ex-deputado federal – obrigado a renunciar seu mandato, janeiro de 2019, após intensos discursos de ódio e ameaças à sua vida – e exilado político Jean Wyllys, propõe a regulação das atividades das profissionais do sexo, contudo, está negligenciado na Câmara desde 2012.

Na descrição e análise dos vinte e um textos que publicizaram Luana Muniz, constatamos que alguns discursos contribuíram para uma mudança discursiva nas representações – como a tematização dos trabalhos sociais e a materialização da trajetória de vida e do ativismo de Luana. As práticas vinculadas ao midiativismo, principalmente, comprovaram a possibilidade de produções discursivas que rompam com o *modus operandi* ideológico que produz o corpo/discurso travesti como *locus* da prostituição, ocultando o caráter sóciohistórico de marginalização dessa identidade. Discursos que iteram essa relação corroboram para a manutenção do discurso da “livre escolha” pela prostituição. Pontuamos, ainda, que além de algumas práticas sociais violentarem o corpo/discurso travesti no ambiente escolar, a falta de perspectiva na oferta de empregos formais é outro fator responsável pela evasão (ou seria expulsão?) do processo de formação educacional. Esse fato indica a necessidade de intervenções nas práticas sociais escolares e na importância de um letramento de Gênero que eduque para o respeito às

diversas ontologias e uma constante luta para que os Direitos Humanos sejam para todas e todos. Por fim, ao discutir a expectativa de vida e o extermínio da população transvestigênera, apontamos também a necessidade de políticas públicas efetivas que visem a proteção de grupos vulneráveis e a punição severa e tipificada nos casos de transvesticídios.

A discussão sobre a representação do corpo/discurso transvestigênera nas práticas midiáticas não se encerra aqui. Esse é o momento da pausa, da reflexão e da definição de novos horizontes para um problema social, parcialmente discursivo, que demanda outras investigações e a produção contínua de discursos que possam contribuir, por meio da mudança discursiva, com mudanças sociais que atendam às pautas da comunidade transvestigênera. Reconhecemos, também, que produzimos discursos e discussões a partir de nosso espaço de privilégio – de pessoas não transvestigêneras, que tiveram acesso à educação superior. A parte que nos cabe é a análise linguístico-discursiva e social, de forma acautelada e comprometida, dos discursos que produzem os corpos/discursos/identidades transvestigêneras no espaço das práticas midiáticas. Dessa forma, preocupamo-nos em incluir, potencializar e proporcionar visibilidade às vozes de transvestigêneras ao discutir as temáticas sociais. Nosso objetivo foi produzir um texto coletivo e representativo. São as vozes das ativistas e pesquisadoras transvestigêneras Indianare Siqueira, Erika Hilton, Luma Nogueira Andrade, Amara Moira, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Raewyn Connell e do pesquisador transexual Paul Preciado que nos ensinam a partir de suas vivências e nos indicam caminhos para interpretações e explicações a partir de uma análise linguístico-discursiva.

Tentamos ao longo de nossas análises, apontar caminhos que possam corroborar com uma mudança discursiva, vislumbrando as mudanças sociais. Ademais, como educadores, assumimos o compromisso de levar as discussões aqui apresentadas para a sala de aula, contribuindo para estabelecer um espaço em que estudantes possam desenvolver a habilidade da reflexividade, que possam assumir um papel agente e transformador na sociedade. Discutir Gênero em sala de aula é reconhecer as várias ontologias, valorizar a diversidade e promover uma cultura do respeito e da empatia. Fazer pesquisa sobre Gênero, em um cenário político atual de retrocessos e de discursos de ódio, que violentam os corpos/discursos que causam a ruptura com a norma binária cisheteronormativa, é também um ato político. O corpo/discurso de Luana Muniz sempre

foi um corpo/discurso político. A existência de Luana Muniz causou rupturas com as normas reguladoras de Gênero. As práticas sociais de Luana Muniz sensibilizaram um padre, fizeram uma Instituição olhar para os corpos/discursos que são produzidos como invisíveis e desimportantes. Em Luana Muniz percebemos a potência, a agência, a resistência de um corpo/discurso que precisou/precisa lutar para sobreviver ao *CIStema*.

Aproximamo-nos ao fim de um dos momentos desse percurso de pesquisa. Investigar as representações de Luana Muniz nos fez repensar nossos lugares de privilégio. A trajetória de Luana nos afeta, nos faz querer ser melhores como ser humano – e não deveria ser esse um dos objetivos de toda e qualquer prática social? Tornarmos seres humanos melhores? Tornarmos seres humanos mais atentos e empáticos? Tornarmos agentes corporativos capazes de contribuir para que tenhamos uma sociedade mais justa, mais solidária, que acolha e respeite a pluralidade? As práticas sociais da Academia orientam-nos que o/a pesquisador/a deve responder durante a investigação suas perguntas de pesquisa. Conseguimos responder uma delas ao longo de nossas análises: *Como as práticas midiáticas representam Luana Muniz?*. Contudo, *Quem foi, de fato, Luana Muniz?* Devemos nós, pesquisadores, apenas por meio de nossas análises, responder a essa pergunta? Conseguimos nós, sem ter andado pela Rua Mém de Sá com Luana, sem ter entrado em seu Casarão Rosa, sem ter prestigiado pessoalmente suas performances na noite boemia carioca ou ter sido aconselhados sob os Arcos da Lapa, responder a essa pergunta? Permitimo-nos não responder. Permitimo-nos encerrar nosso discurso acadêmico neste momento da escrita e convidar, com imensa gratidão e respeito, a famosa e conhecida transformista *Lorna Washington* – que conviveu com Luana Muniz, dividiu os palcos e foi sua grande amiga até o momento da despedida – para assumir o espaço de fala que lhe é de direito:

Quem foi Luana Muniz? Luana Muniz era a rainha, era a filha da lua, era uma pessoa batalhadora e ela representava ali pra Lapa, ela representava segurança, a ponto de uma vez tinha um homem que estava surtado na Lapa, um homem gordo que chamavam ele, ele tinha um apelido porque ele era bem grande, bem grande, ele tinha um apelido, ele quebrou o braço de dois guardas municipais. Luana com as meninas da rua que seguraram ele. E ele na hora que ele viu Luana ele “não, mãe Luana! Não, mãe Luana! Não, mãe Luana”. Ela era tão respeitada que chamavam ela de mãe Luana. Todos respeitavam ela, porque sabiam que ela não se drogava, ela não roubava, ela não fazia putaria com cara dos outros, ela era

justa. Então, quando ela vinha, quando ela passava, o povo respeitava, sabia que ali tinha uma líder, que tinha uma liderança e tinha uma líder que se respeitava e por isso ela exigia respeito dos outros. Não tinha quem passasse por ela que a desrespeitasse, principalmente as meninas que trabalhavam ali na Lapa. Não desciam, depois de 7h da manhã, ela queria todo mundo em casa: “acabou, sete horas da manhã, clareou, deu 7h da manhã, quero todo mundo fora da rua. Porque ninguém tem que ficar na rua com peito de fora, com minissaia, que tá na hora do povo ir trabalhar, não é hora de vocês estarem na rua”. E uma vez tinha uma menina que botou um minivestidinho, um topzinho, uma sainha e foi pro mercado e queria que os outros não olhassem pra cara dela. Ela foi chamada, ela mesma botou a menina pra fora do mercado a tapa e mandou a menina botar uma outra roupa. Então ela era uma pessoa justa, ela sabia viver em sociedade e o que ela dizia sempre “me tratou bem, eu trato bem. Me tratou mal, eu trato mal. Não me tratou, também não trato. Cada um faz o que faz da sua vida, entendeu?” diz sempre “eu sou cidadã de primeira categoria, mas quando vão me cobrar querem me cobrar de cidadã de primeira categoria, mas não querem me dar qualidade de vida de primeira categoria, querem me tratar como quinta, sexta, sétima categoria. Então, eu me faço respeitar, eu respeito e me faço respeitar”. Ela pela pessoa dela, ela já se fazia representar, já se fazia respeitar, porque ela se respeitava pra depois ela respeitar os outros e ela sabe o que era fundo de poço, porque ela tinha passado por droga, por todos as coisas. Teve um período da vida dela, quando ela nas drogas, que ela morou debaixo dos arcos da Lapa, pra você ter uma ideia. Então, ela sabia o que era fundo de poço, porque ela tinha ido ao fundo do poço, ela foi, ela viu tudo como era e voltou. E quando ela voltou ela voltou pra resgatar todos aqueles que queriam sair do fundo de poço também, que precisavam, que pediam ajuda e se deixavam ser ajudados, então essa era Luana Muniz. Espero que você aproveite alguma coisa do que eu falei sobre a minha irmã que era uma irmã, uma pessoa que amava, que amo, continuo amando muito, sinto muita falta dela, é uma pessoa que a gente brigava, a gente discutia, mas nos amávamos muito por isso nós nos respeitávamos demais, demais, demais. Nós éramos pessoas que nos amávamos mesmo, sem sombra de dúvidas, tá?”⁵²

Mãe Luana, PRESENTE!

⁵² Íntegra da resposta de Lorna Washington, por áudio, em conversa pessoal via rede social, para a pergunta: *Quem foi Luana Muniz?*. Estamos usando nesta pesquisa como dado suplementar essa conversa pessoal, pois como chama atenção Fairclough (1992[2001], p. 278): “oportunidade para o (a) pesquisador (a) experimentar problemas que vão além da amostra como tal”. Agradecimento especial a Michel Lucio Sousa Puppim, por ter intermediado o contato com Lorna Washington.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Margaret. **Making our way through the world: human reflexivity and social mobility**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ALMEIDA, Daniel Mazzaro. **Performatividades gays: um estudo na perspectiva brasileira e argentina**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2016.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Fortaleza, 2012.

ARAÚJO, Murilo Silva. **O amor de Cristo nos uniu: construções identitárias e mudança social em narrativas de vida de gays cristãos do grupo Diversidade Católica**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa. 2014.

ANTRA - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DO BRASIL (Brasil). **Dossiê dos ASSASSINATOS e da violência contra TRAVESTIS e TRANSEXUAIS no Brasil em 2018**. 2019. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.

AXT, Bryan Willian. **A produção tecnocientífica da materialidade dos corpos na era farmacopornográfica em Paul B. Preciado**. 2017. 112 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Filosofia) — Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

BARROS, Solange Maria de. **Realismos crítico e emancipação humana**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

BHASKAR, Roy. **The possibility of Naturalism: a philosophical critique of the contemporary Human Sciences**. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1989.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BERTAUX, Daniel. **Le récit de vie**. Paris: Nathan, 1997.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Natal: Garamond, 2006.

_____. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2. ed. 2008.

_____. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Entrelinhas (UNISINOS. Online)**, v. 9, p. 91-107, 2015.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana Cristina. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramática. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 409-432, Ago. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000200006>. Acesso em: 25 jul. 2018.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. (Org.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-52.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana. “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 16, n. 2, p. 233-249, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a06.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.

CARVALHO, Dirce. **Homilia**: a questão da linguagem na comunicação oral. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. Tradução e revisão técnica de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (orgs). **Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006, p. 15-42.

FABRÍCIO, Branca Falabella; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. **Vereadas**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 11-29, 2002. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap012.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães (Coordenadora da Tradução). 2. ed. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília, 2016 [1992].

_____. **Analysing discourse**: Textual analysis for social research. New York: Routledge, 2003.

_____. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. Tradução de Iran Melo. **Linha d'Água**, n. 25 (2), p. 307-329, 2012.

_____. **Language and power**. London: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman; Wodak, Ruth. Critical Discourse Analysis. In: VAN DIJK, Teun. (Ed.) **Discourse Studies**: A Multidisciplinary Introduction. London: Sage, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO, Maria Flávia et al. Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros. **Revista Científica de Letras**, v. 5, n. 5, p. 129-153, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/viewFile/114/74>. Acesso em: 30 ago. 2018.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 11, n. 2, p. 241-256, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 mar. 2019.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOMES, Maria Carmen Aires. “Eu não me sinto fora do eixo, fora do tom, fora de nada”: analisando as construções identitárias no discurso midiático. **Cadernos Discursivos**, Catalão – GO, v.1, n. 1, p. 174-188, 2013. Disponível em: https://cadis_letras.catalao.ufg.br/up/595/o/Maria_Carmen_Aires_Gomes.pdf. Acesso em: 31 out. 2016.

_____. O Corpo é Meu: Analisando narrativas jornalísticas e o desenquadre do gênero. **Agália**, Santiago de Compostela (Galiza), v. 110, p. 77-102, 2014b. Disponível em: <https://agalia.net/Agalia/110.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.

_____. Corpo em trânsito: Problematicando as Questões de Gênero em Narrativas Jornalísticas. **Gláuks: Revista de Letras**. V. 14, n.1, p. 1-17, 2014a. Disponível em: <http://www.revistaglauks.ufv.br/artigo/320>. Acesso em: 31 out. 2016.

_____. Estudo explanatório-crítico de narrativas jornalísticas e a problematização de gêneros. **Calidoscópio**, v.13, n.2, p.140-151, 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2015.132.01>. Acesso em: 31 out. 2016.

_____. Identidades de gênero no movimento funk: um estudo explanatório crítico de notícias jornalísticas brasileiras. **Ilha do Desterro**, v. 69, n. 1, p. 183-200, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/39622>. Acesso em: 31 out. 2016.

GOMES, Renan Araújo. “Ai, como eu sou bandida”: A análise discursiva crítica sobre a construção identitária da personagem transexual Valéria Vasques, no programa de televisão Zorra Total, da Rede Globo. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. 2003.

GOMES, Renan Araújo; GOMES, Maria Carmen Aires Gomes. O Discurso como Prática Social: “Valdemar Morreu! Eu Sou Valéria Vasques, a Bandida!” – a Construção Identitária Transexual no Programa Zorra Total. **Revista Bagoas**, Porto Alegre, v. 9, n. 13, p. 377-399, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/9663>. Acesso em: 28 fev. 2018.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. 3ª ed. Londres: Arnold, 2004.

INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Rio de Janeiro). **Dossiê LGBT+2018**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/8528204/4225954/DossieLGBT1.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2019.

KRISTEVA, Julia. **Power of horror**: an essay on objection. New York: Columbia UP, 1982.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Tradução de César Gordon. Rio de Janeiro: FioCruz, 2008.

LANA, Ligia. As contradições da fama da periferia: a celebração de Tati Quebra-Barraco. In: FRANÇA, Vera et al. **Celebridades do século XXI**: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 181-205.

LIBRIK, Carmen Silva da Fonseca Kummer. A contrassexualidade como superação das dicotomias de gênero e sexo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 659-656, 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v24n2/1805-9584-ref-24-02-00653.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

LIMA, Marcelo Rodrigues; MACHADO, Thalita Rody; GOMES, Maria Carmen Aires. “Travesti Não é Bagunça”: Uma Análise Discursivo-Crítica das Representações de Luana Muniz nas Práticas Midiáticas Jornalísticas Digitais. **Gláuks**, Viçosa, v. 17, n. 01, p. 170-188, 2017. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/index.php/Glauks/article/view/9>. Acesso em: 27 set. 2018.

LÍVIA, Anna; HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística (1997). In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Org.) **Linguagem, Gênero, Sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 109-128.

MAGALHÃES, Izabel. Protagonismo da linguagem: textos como agentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, vol. 17, n. 4, p. 575-598, 2017.

MELO, Iran Ferreira de. Análise Crítica do Discurso: modelo de análise linguística e intervenção social. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1335-1346, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1257>. Acesso em: 28 fev. 2018.

MELO, Mônica Santos de Souza. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 189-208, ago./dez. 2013. Disponível em: https://cadis_letras.catalao.ufg.br/p/6998-2013-volume-1-n-1. Acesso em: 31 ago. 2018.

_____. O argumento de autoridade como estratégia no discurso religioso midiático. In: **Anais do IV Simpósio Internacional de Análise do Discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

MOIRA, Amara. **Travesti ou mulher trans: tem diferença?**. Disponível em: <http://midianinja.org/amaramoira/travesti-ou-mulher-trans-tem-diferenca/>. Acesso em: 05 dez. 2018.

_____. **A indeterminação de sentidos no Ulysses de James Joyce**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2018.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2017.

ORLANDI, Eni (Org.). **Palavra, Fé e Poder**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume, 2009.

PENNA, Camila. Reflexividade e agência na teoria sociológica contemporânea. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo-SC, v. 48, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2012. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/2348. Acesso em: 30 mar. 2019.

PESSOA, D. **“Eu sou gente!”**: Representação dos (trans) gêneros em veículos midiáticos –caso Laerte Coutinho. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa. Março/2015.

PRECIADO, [Paul] Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014 [2002].

PORCHAT, Patrícia. Um corpo para Judith Butler. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 3, p. 37-51, Mai. 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14254>. Acesso em: 28 jul. 2018.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016 [2006].

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. 1. ed. 4. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 [2002].

SILVA, Hélio. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis/SP: Editora Vozes, 2009, p. 73-102.

SIMÕES, Paula Guimarães. **Celebridade e contexto contemporâneo**. Galáxia, São Paulo, n. 28, p. 45-57, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/17851> Acesso em: 28 out. 2017.

_____. Celebidades na sociedade midiaticizada. **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 104-119, jan./abr. 2013. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1170. Acesso em: 28 out. 2017.

SOUZA, Daniela Márcia de. **“Mais que uma menina que se veste de menino”**: uma análise discursivo-crítica das representações de Tereza Brant. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Viçosa. 2017.

QUÉRÉ, Louis. **Entre o facto e o sentido**: a dualidade do acontecimento. Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

_____. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANCA, Vera; OLIVEIRA, Luciana (Org.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 21-38.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (org.) **Análise de Discurso Crítica**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997. 169-222.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso (para a) Crítica**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2016.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Tradução de Débora de Carvalho Figueiredo. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SP, v. 4, n. esp, p. 223-243, 2004 [2001].

ANEXO 1 – Transcrição da Narrativa de pe. Fábio De Melo⁵³

Semana passada eu vivi uma situação. A Alcione me convidou para estar no aniversário dela, e eu dei uma passadinha lá, lá na quadra da Mangueira... É... Eu fui lá. Eu sou beija-flor, mas fui lá. Mas o que eu vou contar a vocês... Fiquei acho que uns cinquenta, uma horinha mais ou menos... Encontrei os amigos que também estavam lá. Mas o que me chamou a atenção, minha gente, foi um travesti [risos] que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim (pausa) [risos]. E olha que eu não sei ficar muito bem ficar sem graça... eu sou tímido. Mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? [risos] como que eu vou reagir?’ (pausa) Porque você tira uma foto hoje... é a mesma coisa que tirar uma foto com político... é o caso do Flavinho. Independente de qualquer julgamento, estou confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Eu estava sentado do lado de Alcione, quase protegido por ela ali. [risos] É, ela tem ciúmes de mim. Ela não gosta muito que a mulherada... deixa o padre Fábio aqui... [risos] Aí, muitas pessoas começaram a se encorajar para tirar foto comigo. E ele lá do fundo olhando. Ai, minha gente, Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, [risos] e o meu preconceito, o meu medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrorosa isso em nós, não é... Como se eu fosse melhor. Ou como se a presença dele do meu lado... Isso é mesquinho, confessando, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês, eu senti isso”. E não contei pra ninguém. E só estou contando para vocês porque sei que isso não vai sair daqui. [palmas] [risos] Aí, aí ele veio, com um vestido longo, todo elegante [risos], ele virou e falou assim: ‘O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?’. E eu percebi que tinha uma ironia ali. Mas é claro! Mas ainda. E abracei ele e ele tiramos a foto. Antes de sair, ele fez assim: ‘eu não acredito’. Só falou isso. “Esse não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, sentou-se do meu lado e falou assim: Pe. Fábio, o senhor sabe quem é ele? Falei, não. Contou a história. Ele mora na Lapa e essa pessoa que o senhor está vendo aí padre, ele criou um grupo, ali na região da Lapa, que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. [palmas] Padre, tem um trabalho social que já foi internacionalmente reconhecido. Ele leva pra dentro da casa dele, padre, ele dá banho, alimenta, ele não tem nojo de ninguém. Dá banho, alimenta, e faz de tudo para aquela pessoa retornar à vida. Não é só um trabalho de ir lá dá banho e alimento, não. Torna-se uma espécie de vigilante, pra que ninguém agrida, e essa gente é assim, para que ninguém agrida, para que ninguém vá com violência emocional e todas as violências que a gente sabe que um morador de rua é capaz de sentir. Minha gente, quando ele falou aquilo, quando a Maria Helena me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, e gostaria que você também não entrasse nesse mérito, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Cê é? Pronto. O máximo que a gente faz é apontar pra ela. Agora, que é um tapa na cara da gente, é! Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade

⁵³ Íntegra - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oeh8kJ-7xhY>. Acesso: 2 fev. 2019.

foram colocadas por essa pessoa, recolocados, através de um prato de comida, de um banho, de um atendimento médico, de alguma coisa que na vida daquela pessoa vai repercutir positivamente. Como um pai que abraça um filho que chega. Como um pai que abraça um filho que chega. Porque eu sou padre e nem eu tenha disposição de ir à praça recolher os que precisam. Você é cristão e nem sempre você tem a mesma disposição que ele tem, de trazer pra dentro da sua casa, de dar banho no que está sujo, de cuidar do que está doente, de amar o que precisa ser amado. Volto a dizer, "Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. Como se o nosso cristianismo já estivesse pronto. Como se nós já tivéssemos chegado ao último estágio dessa santidade que Deus nos convida. Não, eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim. Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim. E essa a palavra de Paulo, é porque a gente não leu no início, mas ela é dura. Ela começa dizendo: a missão de vocês é junto daqueles que estão necessitados. Olha o evangelho de hoje, quando você escutar, você lembra de mim. O evangelho de hoje vai dizer que as ovelhas estão perdidas sem pastores e Deus se utiliza sim de quem ele quiser para ir buscar e colocar a coroa de dignidade na cabeça das pessoas. Recordá-las de que também elas são profetas, de que também elas são sacerdotes. Mas sobretudo, minha gente, de que elas são reais. [música: confiei no teu amor e voltei...] [...] Não cabe vaidade espiritual entre nós. Não caia na tentação de pensar que você já está melhor que os outros. Não. Volto a dizer, cristianismo não é mensurável. Eu não posso medir o tanto que naquela criatura lá da Lapa existe mais cristianismo ou menos que em mim. O que eu sei é que o amor não tem contradição. Você olha e você sabe se ama ou não. Se ali existe fraternidade ou não. Hipocrisia religiosa está cheia. E as nossas hipocrisias podem até fazer parecer que é fé, mas na hora da caridade é que nós reconhecemos os verdadeiros. Na hora que nós precisamos amar e ser amados é que nós reconhecemos quem já está no caminho certo. Quem não deixou a coroa cair. Quem assume a dimensão profética em sua vida. Quem é sacerdote no seu dia a dia. Aí não tem engano. Não tem. Nós vamos nos reconhecer cristãos é pelo tanto que a gente ama e é amado. (palmas) [música: confiei no teu amor e voltei...] Aí, vou terminar de contar a história. Na hora de ir embora lá da quadra, eu fiz questão de me levantar. Atravessei o povo. Fui na direção da criatura, segurei a mão dela e falei assim: Muito obrigado por aquilo que você faz pelos pobres em nome de Cristo. Muito obrigado por aquilo que você faz pelos frágeis em nome de Jesus. E, às vezes, minha gente, nós vamos aos lugares achando que estamos indo para comemorar um aniversário e nós estamos indo lá é porque Deus vai nos dar uma rasteira. E vai nos mostrar que um verdadeiro cristianismo não está nas aparências. Que o verdadeiro cristianismo está aqui na minha coragem de renunciar tudo aquilo que em mim é pecaminoso, discriminatório e me colocar ao lado dos que são diferentes de mim por uma mesma causa. Volto a dizer. O que Deus fará na vida dessa criatura através do amor que ele ama deixa pra eternidade. O que hoje a gente precisa fazer, é aplaudir os que amam em nome de Cristo. [palmas] Os que tornam esse mundo melhor. E já que não existem propagandas para ele. Já que não existe propaganda para eles, hoje eu gostaria de lembrar Frei Hans [?] e seu empenho em fazer caridade recolhendo os que estão jogados a margem da vida, recolocando a coroa naqueles que estão necessitados. [...]

ANEXO 2 – Descrição do Recorte 2 do *Corpus*

COD.	PRÁTICA PARTICULAR	PUBLICAÇÃO	TÍTULO
T001	EXTRA GLOBO	10/12/2015	Padre Fábio de Melo posa e relata experiência surpreendente: "Um tapa na cara da gente"
T002	HUFF POST	10/12/2015	Padre Fábio de Melo posa com travesti e relata encontro em vídeo que repercute na internet
T003	O DIA	10/12/2015	Padre Fábio de Melo relata encontro com transexual: "É um tapa na cara"
T004	O TV FOCO	10/12/2015	Padre Fábio de Melo tira foto com travesti e revela preconceito
T005	IG -GENTE	10/12/2015	Padre Fábio de Melo relata encontro com travesti: "É um tapa na cara da gente"
T006	O SUL	10/12/2015	Padre Fábio de Melo posa com travesti: "Um tapa na cara da gente"
T007	NLUCON	10/12/2015	Padre cis Fábio de Melo relata encontro transformador com a travesti Luana Muniz
T008	FM 93	10/12/2015	Padre Fábio de Melo conta sobre foto com travesti: "Um tapa na cara da gente"
T009	O POVO ONLINE	10/12/2015	Padre Fábio de Melo posa com travesti em festa e fala sobre preconceito
T010	BOL NOTÍCIAS	11/12/2015	Padre Fábio de Melo relata superação de preconceito com travesti: "Um tapa na cara da gente"
T011	VEJA	11/12/2015	Padre Fábio de Melo posa com travesti: "Não cabe julgamento"
T012	O SUL	11/12/2015	Após foto com travesti, padre Fábio de Melo é criticado
T013	CORREIO BRAZILIENSE	11/12/2015	"Não cabeis julgamento", diz Padre Fábio de Melo ao posar ao lado de travesti
T014	CATRACA LIVRE	11/12/2015	Padre Fábio de Melo posa ao lado de travesti e relata experiência
T015	CENA POP	11/12/2015	Travesti que fez selfie com padre Fábio de Melo fala sobre encontro: "Dá visibilidade à causa LGBT"
T016	DIÁRIO ONLINE	11/12/2015	Travesti diz que padre Fábio de Melo comprou briga

COD.	PRÁTICA PARTICULAR	PUBLICAÇÃO	TÍTULO
T017	VISÃO AMPLA NOTÍCIAS	11/12/2015	Travesti Luana Muniz diz que padre Fábio de Melo lhe ofereceu ajuda e comprou uma briga ao posar com ela: "Dá visibilidade à causa LGBT"
T018	CORREIO DA AMAZÔNIA	11/12/2015	Padre Fábio de Melo supera "auto-hipocrisia" e tira foto com travesti
T019	VARELA NOTÍCIAS	11/12/2015	Padre Fábio de Melo em foto ao lado de travesti: "Um tapa na cara de muita gente"
T020	JORNAL A TRIBUNA - O JORNAL DOS ACREANOS	11/12/2015	Padre Fábio de Melo supera "auto-hipocrisia" e tira foto com travesti
T021	NOSSA SENHORA CUIDADE DE MIM	12/12/2015	Travesti Luana Muniz diz que Padre Fábio de Melo lhe ofereceu ajuda
T022	TV DIÁRIO	12/12/2015	"Um tapa na cara da gente", diz padre Fábio de Melo após conhecer travesti
T023	SEMANA ON	12/12/2015	Quando um padre descobre que uma travesti é ser humano
T024	GOSPEL PRIME	14/12/2015	Padre Fábio de Melo sobre travesti "Não podemos julgar"
T025	EGO GLOBO	15/12/2015	Luana Muniz conta os bastidores do encontro com o padre Fábio de Melo
T026	REDE TIRADENTES	20/12/2015	Padre Fábio de Melo fala de foto com travesti e avalia ano de 2015: "Difícil"
T027	CORREIO 24 HORAS	20/12/2015	Padre Fábio de Melo volta a falar sobre foto com travesti: "Não é fácil expor o que nos envergonha"
T028	SUPER PRIDE	15/01/2016	Luana, a grande diva do humanismo
T029	ACESSA.COM	13/01/2016	Conheça a atriz e rainha da Lapa, Luana Muniz
T030	A COISA TODA	29/01/2016	17 travestis e trans brasileiras que você precisa conhecer
T031	TV E FAMOSOS	27/03/2016	Padre Fábio de Melo se emociona ao lembrar amizade com travesti Luana Muniz
T032	BLASTING NEWS	27/03/2016	Padre Fábio de Melo chora ao falar de relação com travesti Luana Muniz
T033	FOLHA DE OEIRAS	27/03/2016	Padre Fábio de Melo fala sobre foto com travesti
T034	OBSERVATÓRIO DA TELEVISÃO	28/03/2016	Padre Fábio de Melo sobre amizade com travesti: "Eu percebi que não era capaz de amá-la".

COD.	PRÁTICA PARTICULAR	PUBLICAÇÃO	TÍTULO
T035	JORNAL DO COMMERCCIO ONLINE	28/03/2016	Padre Fábio de Melo se emociona ao falar de relação com travesti
T036	97 NEWS	28/03/2016	Padre Fábio de Melo se emociona ao lembrar amizade com travesti
T037	PORTAL 4	28/03/2016	Desabafo: Padre Fábio sobre início de amizade com travesti: "Não foi natural, eu não quis estar perto dela"
T038	GCN	28/03/2016	Padre se emociona ao falar de amizade com travesti
T039	NEWS RONDÔNIA	28/03/2016	Padre Fábio de Melo se emociona ao lembrar amizade com travesti Luana Muniz
T040	ARIQUEMES	29/03/2016	Padre Fábio de Melo chora ao lembrar polêmica com travesti: 'Ficamos amigos'
T041	BOM DIA FEIRA	29/03/2016	Padre Fábio de Melo chora ao falar de amiga travesti
T042	JÁ É NOTÍCIA	30/03/2016	Padre Fábio de Melo e travesti Luana Muniz planejam trabalhar juntos
T043	GUARÁ NOTÍCIAS	30/03/2016	Padre Fábio de Melo vai trabalhar junto com travesti Luana Muniz em prol aos necessitados
T044	GRANDE RIO FM	30/03/2016	Padre Fábio de Melo e travesti Luana Muniz ficam amigos e trabalham juntos
T045	DIÁRIO GAÚCHO	30/03/2016	Padre Fábio de Melo supera preconceito e vai trabalhar em ação social com travesti Luana Muniz
T046	SOCIALISTA MORENA	09/10/2016	Luana, a rainha da Lapa: "A copa e as olimpíadas foram excelentes para fazer dinheiro"

ANEXO 3 – Descrição do Recorte 3 do Corpus

COD.	PRÁTICA PARTICULAR	PUBLICAÇÃO	MANCHETE
T047	1NEWS	06/05/2017	Morre travesti que ficou famosa por foto ao lado do padre Fábio de Melo
T048	ROTA NEWS 176	06/05/2017	Morre a travesti Luana Muniz, símbolo da lapa
T049	EXTRA	06/05/2017	Travesti que ficou famosa por foto com padre Fabio de Melo morre aos 56 anos
T050	O DIA	06/05/2017	Morre a travesti Luana Muniz, símbolo da Lapa
T051	DIÁRIO ONLINE	06/05/2017	Morre travesti envolvida em polêmica com padre
T052	PORTAL ÔNIX	06/05/2017	Morre Luana Muniz, a rainha da lapa e do bordão “travesti não é bagunça”
T053	PARA MOCINHOS	07/05/2017	Morre Luana Muniz, dona do meme: "Travesti não é bagunça"
T054	VARELA NOTÍCIAS	07/05/2017	Travesti famosa por foto com Padre Fábio de Melo morre aos 56 anos
T055	BRAZ	07/05/2017	Travesti famosa por foto com padre Fábio de Melo morre aos 56 anos
T056	BLASTING NEWS	07/05/2017	Morre Luana Muniz, a Rainha da Lapa
T057	R7 [NOTÍCIAS]	08/05/2017	Morre Luana Muniz, travesti ativista que ficou famosa em foto com padre Fábio
T058	ÁREA VIP [FAMOSOS]	08/05/2017	Morre no Rio, travesti que ficou famosa por foto com Padre Fabio de Melo
T059	BAPHÔNICO [COTIDIANO]	08/05/2017	Morre travesti Luana Muniz, famosa por imagem com o Pe. Fábio de Melo
T060	CORREIO DA AMAZÔNIA	08/05/2017	Travesti famosa por foto com Padre Fábio de Melo morre aos 56 anos
T061	ESTADÃO [E-MAIS]	08/05/2017	Morre Luana Muniz, a travesti ativista que ficou famosa ao posar ao lado do Padre Fábio de Melo
T062	NLUCON	08/05/2017	Morre Luana Muniz, a Rainha da Lapa que ensinou que “travesti não é bagunça”
T063	DAQUI O POPULAR	08/05/2017	Morre Luana Muniz, travesti ativista que ficou famosa em foto com padre Fábio de Melo
T064	DESACATO	08/05/2017	Morreu a travesti Luana Muniz, um dos símbolos da Lapa
T065	GUIA GAY BH	08/05/2017	Padre Fábio de Melo lamenta morte da travesti
T066	O TV FOCO	08/05/2017	Morre travesti famosa por bordão “Travesti não é bagunça”
T067	DENTRO DO MEIO	09/05/2017	Luana Muniz morre aos 59 anos

ANEXO 4 – *Corpus* – Recorte 2 - Textos na Íntegra

T001: IG - GENTE

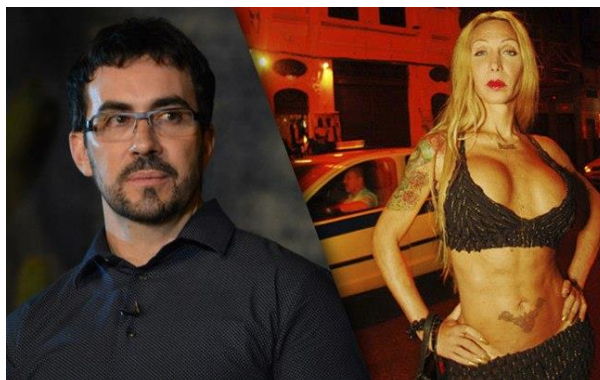
Link: <http://gente.ig.com.br/2015-12-10/padre-fabio-de-melo-relata-encontro-com-travesti-e-um-tapa-na-cara-da-gente.html>

Data da publicação: 10/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO RELATA ENCONTRO COM TRAVESTI: "É UM TAPA NA CARA DA GENTE"

A situação aconteceu no último fim de semana quando o padre compareceu ao aniversário de Alcione, no Rio de Janeiro

O padre **Fábio de Melo** relatou uma situação inusitada em que passou ao comparecer, no fim de semana, ao aniversário da cantora **Alcione**, na quadra da Mangureira, no Rio. Fábio contou que durante o pouco tempo em que esteve lá, notou uma travesti olhando para ele. "Vou confessar publicamente minha a hipocrisia. 'Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como vou reagir?'"



Legenda: Padre Fabio de Mello encontrou Luana Muniz no aniversário de Alcione e ficou sem reação

O padre continuou dizendo que começou a notar a sombra vindo em sua direção e que o seu preconceito e medo de exposição vieram à tona. "Que coisa horrível isso em nós. Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo." A travesti chegou até o padre e perguntou se ele costumava tirar fotos com "pecadores." "Eu respondi, 'mas é claro' e abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse 'eu não acredito que o senhor permitiu'. E os olhos dele estavam emocionados."

[VÍDEO]

Depois do episódio, Fábio de Melo contou que Maria Helena, irmã de Alcione, falou a ele sobre a travesti, que se chama Luana Muniz e é super conhecido no Rio de Janeiro. É dela o bordão "travesti não é bagunça", da matéria exibida pelo "Profissão Repórter".



Luana Muniz ficou conhecida após a matéria do "Profissão Repórter", em que ela foi flagrada se defendendo de um homem bêbado e falando "travesti não é bagunça"

"Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Quando ela me contou, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é?"

O padre finalizou o discurso com uma lição de moral. "Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer."

T002: HUFF POST

Link: https://www.huffpostbrasil.com/2015/12/10/padre-fabio-de-melo-posa-com-travesti-e-relata-encontro-em-video_a_21701084/

Data da publicação: 10/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO POSA COM TRAVESTI E RELATA ENCONTRO EM VÍDEO QUE REPERCUTE NA INTERNET



O padre Fábio de Melo surpreendeu a internet ao fazer um desabafo sobre o dia em que conheceu uma transsexual no aniversário da cantora Alcione, na quadra da Mangueira, no Rio. "Fiquei lá uma horinha, mais ou menos, encontrei os amigos que também estavam

lá. Mas o que me chamou a atenção, minha gente, foi uma travesti que estava lá”, explicou. Segundo ele, a experiência foi um “tapa na cara”.

Durante um evento religioso, ele relatou que, quando percebeu que a moça estava olhando para ele, ficou sem saber o que fazer. “Vou confessar publicamente minha hipocrisia. Pensei: ‘meu Deus do céu, e se esse rapaz pedir pra tirar uma foto comigo? Como eu vou reagir?’”. O padre se surpreendeu quando viu uma sombra vindo em sua direção “com um vestido longo, sensacional”.

A travesti abordou o padre e perguntou se ele costumava tirar fotos com “pecadores.” “Mas é claro”, eu disse. Tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados”, continuou o padre.

Mais tarde, ele soube pela irmã de Alcione que Luana Muniz, coordena um projeto social no Rio de Janeiro. “Ele criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Um trabalho social que foi internacionalmente conhecido. Ele leva para casa dele, dá banho, alimenta e faz tudo para a pessoa retomar a vida.”, explicou, mal conseguindo conter a emoção. “Quando ela me contou aquela história, comecei a unir as coisas dentro de mim”.

“Aquele que você enxerga e lhe provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas por essa pessoa, através de um prato de comida, de um banho, de um atendimento médico... Como um pai que abraça um filho que chega. Eu sou padre, mas nem sempre tenho disposição de ir para praça recolher os que precisam. Não cabe nenhum julgamento do lado de lá.”

Assista ao relato completo: [VÍDEO]

O desabafo do padre-celebridade emocionou internautas e virou assunto nas redes sociais. Confira a repercussão:

Só me incomodou que o @pefabiodemelo tratou A travesti Luana Muniz no masculino o tempo todo. — Chicote (@chicotad4) December 10, 2015

@pefabiodemelo Gostei da atitude, padre de coração bom, é de emocionar. — Meg Ribeiro (◡‿◡)♡ (@MegRibeiro) December 10, 2015

**T003: O DIA**

Link: <https://odia.ig.com.br/diversao/celebridades/2015-12-10/padre-fabio-de-melo-relata-encontro-com-transexual-e-um-tapa-na-cara.html>

Data da publicação: 10/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO RELATA ENCONTRO COM TRANSEXUAL: 'É UM TAPA NA CARA'

A situação aconteceu na festa de aniversário da cantora Alcione, no Rio de Janeiro, no fim de novembro

Rio - O padre Fábio de Melo relatou uma situação inusitada em que passou ao comparecer ao aniversário da cantora Alcione em novembro, na quadra da Estação Primeira de Mangueira, Zona Norte do Rio.

Durante uma recente pregação na TV Canção Nova, em São Paulo, o religioso revelou que, durante o pouco tempo em que esteve presente na festa, notou uma transexual

olhando para ele. "Vou confessar publicamente minha hipocrisia. 'Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como vou reagir?'" , contou.



Padre Fábio de Melo conheceu a transexual Luana Muniz durante festa no Rio Divulgação

O padre continuou dizendo que começou a notar a sombra vindo em sua direção e que o seu preconceito e medo de exposição vieram à tona. "Que coisa horrorosa isso em nós. Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo."

A transexual chegou até o padre e perguntou se ele costumava tirar fotos com "pecadores." "Eu respondi, 'mas é claro' e abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse 'eu não acredito que o senhor permitiu'. E os olhos dele estavam emocionados."

Depois do episódio, Fábio de Melo contou que Maria Helena, irmã de Alcione, falou a ele sobre a transexual, que se chama Luana Muniz e é superconhecida no Rio de Janeiro. É dela o bordão "travesti não é bagunça", da matéria exibida pelo "Profissão Repórter", da Globo.

"Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Quando ela me contou, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é?"

O padre finalizou o discurso com uma lição de moral. "Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer."

T004: O FOCO TV

Link: <http://www.otvfoco.com.br/padre-fabio-de-melo-tira-foto-com-travesti-e-revela-preconceito/>

Data da publicação: 10/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO TIRA FOTO COM TRAVESTI E REVELA PRECONCEITO



Legenda: Pe. Fábio de Melo com a travesti Luana Muniz

O padre Fábio de Melo surpreendeu a todos no último final de semana, na festa de aniversário da cantora Alcione, na quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro, no último final de semana. Na ocasião, ele posou para uma foto com a travesti Luana Muniz. O encontro dos dois foi tema de um testemunho do padre e cantor, durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo. Segundo ele, houve um certo medo da personalidade pedir para tirar uma foto com ele, revelando a “hipocrisia” do seu coração naquele momento.

“Semana passada eu vivi uma situação. A Alcione me convidou para o aniversário dela e eu dei uma passadinha lá, lá na quadra da Mangueira. O que eu vou contar pra vocês. Fiquei lá uma horinha mais ou menos, encontrei uns amigos que também estavam lá, mas o que me chamou atenção minha gente, foi um travesti que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi que ele estava olhando para mim, sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo, como eu vou reagir?’”, disse o religioso.

“Independente de qualquer julgamento, estou confessando a vocês a hipocrisia do meu coração naquela hora. Eu estava sentado ao lado da Alcione. Muitas pessoas começaram a se encorajar para tirarem foto comigo. E ele lá do fundo olhando. Ai, minha gente. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrorosa isso em nós, não é? Como se eu fosse melhor. Ou a presença dele do meu lado... Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”, continuou.

“Ai ele veio... vestido longo tudo... e falou pra mim: ‘O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?’. E eu percebi que tinha uma ironia nele. ‘Mas é claro!’. Mas ainda... E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, sentou do meu lado e disse: ‘padre Fábio, o sr. sabe quem é ele?’. Eu disse: ‘não’. E contou a história. Ele mora na região da Lapa, e essa pessoa que o sr. está vendo aí, padre, criou um grupo ali na região da Lapa, que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região”, explicou.



Legenda: Pe. Fábio de Melo durante a pregação.

“Tem um trabalho social que já foi internacionalmente reconhecido. Ele leva pra casa dele, dá banho, não tem nojo de ninguém. Dá banho, alimenta, e faz de tudo para aquela pessoa retomar a vida. Minha gente, quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva. Vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é”, continuou.

“Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Eu sou padre, e nem sempre eu tenho disposição de ir para a praça recolher quem precisa. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer”, explicou o padre.

Confira toda a pregação no vídeo a seguir:

[VÍDEO]

T005: EXTRA GLOBO

Link: <https://extra.globo.com/famosos/padre-fabio-de-melo-posa-com-travesti-relata-experiencia-surpreendente-um-tapa-na-cara-da-gente-18263583.html>

Data da publicação: 10/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO POSA COM TRAVESTI E RELATA EXPERIÊNCIA SURPREENDENTE: ‘UM TAPA NA CARA DA GENTE’



Convidado para o aniversário da cantora Alcione, que aconteceu no final de novembro na quadra da Mangueira, Zona Norte do Rio, o padre Fábio de Melo viveu uma experiência, segundo ele, surpreendente. A travesti Luana Muniz, admiradora do sacerdote, pediu para tirar uma foto com ele, que atendeu prontamente.

Durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, no último domingo, Fábio de Melo, no entanto, relatou o encontro, assumindo que, inicialmente, sentiu um desconforto com o pedido da travesti, mas que logo em seguida se comoveu ao saber da história de vida da Luana, que pratica caridade com moradores de rua da Lapa, no Centro do Rio.

O vídeo emocionante do padre relatando esta experiência está disponível no Youtube (veja abaixo, a partir dos sete minutos de palestra) e transcrito aqui:

“Semana passada eu vivi uma situação. A Alcione me convidou para estar no aniversário dela, lá na quadra da Mangueira... Fiquei lá por uma hora mais ou menos... Mas o que me chamou a atenção foi um travesti que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim (pausa). E olha que eu não sei ficar sem graça... Mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como que eu vou reagir?’(pausa). Independente de qualquer julgamento, estou confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Muitas pessoas começaram a se encorajar para tirar foto comigo. E ele (o travesti) lá do fundo olhando. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrorosa isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”.

“Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: ‘O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?’. E eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Ele dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém. E faz de tudo para aquela pessoa retornar à vida. E não é só isso. Ele torna-se uma espécie de vigilante, protegendo os moradores...”

"Quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!

"Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer".

"Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmorrar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. Como se o nosso cristianismo tivesse pronto. Como se nós já tivéssemos chegado ao último estágio dessa santidade que Deus nos convida. Não, eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim. Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim. E a palavra de Paulo é dura: a missão de vocês é junto daqueles que estão necessitados".

[VÍDEO]



[ALT: Luana Muniz ajuda moradores de rua no Rio]

T006: O SUL

Link: <http://www.osul.com.br/padre-fabio-de-melo-posa-com-travesti-um-tapa-na-cara-da-gente/>

Data da publicação: 10/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO POSA COM TRAVESTI: “UM TAPA NA CARA DA GENTE”



Legenda: Padre Fábio de Melo posa com travesti Luana Muniz. (Foto: Reprodução)

Convidado para o aniversário da cantora Alcione, que aconteceu no fim de semana na quadra da Mangueira, Zona Norte do Rio, o padre Fábio de Melo viveu uma experiência, segundo ele, surpreendente. A travesti Luana Muniz, admiradora do sacerdote, pediu para tirar uma foto com ele, que atendeu prontamente.

Durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, Fábio de Melo, no entanto, relatou o encontro, assumindo que, inicialmente, sentiu um desconforto com o pedido da travesti, mas que logo em seguida se comoveu ao saber da história de vida da Luana, que pratica caridade com moradores de rua da Lapa, no Centro do Rio.

O vídeo emocionante do padre relatando esta experiência está disponível no Youtube e transcrito aqui:

“Semana passada eu vivi uma situação. A Alcione me convidou para estar no aniversário dela, lá na quadra da Mangueira... Fiquei lá por uma hora mais ou menos... Mas o que me chamou a atenção foi um travesti que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim (pausa). E olha que eu não sei ficar sem graça... Mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como que eu vou reagir?’ (pausa). Independente de qualquer julgamento, estou confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Muitas pessoas começaram a se encorajar para tirar foto comigo. E ele (o travesti) lá do fundo olhando. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrível isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”.

“Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: ‘O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?’. E eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é.”

“Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas na vida

daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer”. (AD)

T007: NLUCON

Link: <http://www.nlucon.com/2015/12/padre-cis-fabio-de-melo-relata-encontro.html>

Data da publicação: 10/12/ 2015.

TÍTULO: PADRE CIS FÁBIO DE MELO RELATA ENCONTRO TRANSFORMADOR COM A TRAVESTI LUANA MUNIZ



O padre cis Fábio de Melo comentou em um culto sobre o encontro que teve com a travesti Luana Muniz, durante o aniversário da cantora Alcione, no Rio de Janeiro. Enquanto as pessoas riram quando ele mencionou a palavra travesti, o padre admitiu ter sido preconceituoso ao cogitar tirar uma foto com ela, mas que logo se envergonhou do pensamento.

“Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz (sic) pedir para tirar uma foto comigo? Como que eu vou reagir?’”, declarou.

O padre afirmou que conseguiu perceber a sua hipocrisia. “Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrível isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”.

Luana se aproximou e perguntou se ele costumava tirar fotos com “pecadoras”. “Eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele (sic) e tiramos a foto. Antes de sair, ele (sic) disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados”.

Após o encontro, a irmã da cantora, Maria Helena, revelou quem se trata Luana – conhecida pelo bordão “travesti não é bagunça”, da matéria do jornalístico Profissão Repórter, da Globo.

“Ela disse que ele (sic) mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Quando ela me contou, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é”

Para finalizar, o padre disse que o encontro o ajudou muito a reavaliar preconceitos. “Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer.”

A plateia, que inicialmente ria a cada frase da história, aplaudiu a palestra cujo exemplo vem de uma travesti. O relato é emocionante e transformador. Neste processo, só faltou o padre respeitar a identidade de gênero de Luana e tratá-la como “a” travesti e não como rapaz, né? Quem sabe numa próxima vez, né, padre? Afinal Luana mostrou que travesti definitivamente não é bagunça.

[VÍDEO]

T008: FM 93

Link: <http://fm93.com.br/2015/12/10/padre-fabio-de-melo-conta-sobre-foto-com-travesti-um-tapa-na-cara-da-gente/>

Data da publicação: 10/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO CONTA SOBRE FOTO COM TRAVESTI: “UM TAPA NA CARA DA GENTE”



Legenda: Luana Muniz e Fábio de Melo

O padre Fábio de Melo foi um dos convidados para o aniversário da cantora Alcione, realizado no último fim de semana, na quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro. Durante a festa, o religioso recebeu um pedido inesperado. A travesti Luana Muniz, que também estava entre as convidadas, pediu para tirar uma foto com ele. Na ocasião, o padre atendeu ao pedido, mas depois comentou o desconforto inicial e a comoção ao saber a história de Luana.

Em uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, o padre explicou como tudo aconteceu e como se sentiu com a própria hipocrisia. “O que me chamou a atenção foi um travesti que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim. E olha que eu não sei ficar sem graça, mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como eu vou reagir? Independente de qualquer julgamento, estou

confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Muitas pessoas começaram a se encorajar para tirar foto comigo e ele, lá do fundo, olhando. Quando, de repente, eu só a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrorosa isso em nós. Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”, desabafou.

Fábio também conta que notou um tom de ironia vindo da travesti, quando Luana perguntou se o padre costumava tirar fotos com pecadoras. “E eu respondi: ‘mas é claro!’ E abracei ele tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados”, contou.

Após a foto, a irmã de Alcione, Maria Helena, contou um pouco sobre a história da travesti para o religioso. “Ela disse que ele mora Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é”, finalizou.

Confira o momento do desabafo:

[VÍDEO]

T009: O POVO ONLINE

Link:

<https://www20.opovo.com.br/app/maisnoticias/brasil/2015/12/10/noticiasbrasil,3547372/padre-fabio-de-melo-posa-com-travesti-em-festa-e-fala-sobre-preconceit.shtml>

Data da publicação: 10/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO POSA COM TRAVESTI EM FESTA E FALA SOBRE PRECONCEITO

"Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: 'O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?'"



Legenda: Padre Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz

Padre Fábio de Melo foi convidado para o aniversário da cantora Alcione, que aconteceu na quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro, no final de novembro e revelou no último domingo durante uma pregação, ter vivido uma experiência surpreendente. Durante a

festa, a travesti Luana Muniz pediu para tirar uma foto junto com ele e o sacerdote aceitou o pedido.

O padre falou sobre a experiência de conhecer Luana durante sua pregação no programa Canção Nova, no último domingo, em São Paulo. O sacerdote admitiu aos fiéis que, inicialmente, sentiu um desconforto com o pedido da foto em companhia de Luana. Porém além da foto posada, o padre também conversou com sua admiradora e conheceu a história comovente de Luana, que ajuda e alimenta os moradores de rua da Lapa, no Centro do Rio.

Durante a pregação o Padre Fábio de Melo revelou: “Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como que eu vou reagir? Independente de qualquer julgamento, estou confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrível isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”.

Porém o padre aceitou posar com Luana e contou como aconteceu: “Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: ' O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?'. E eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados.”

Depois de saber sobre a história de Luana, por meio da irmã de Alcione, que presenciou tudo, o padre disse que “Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!”

Ao final do relato sobre a experiência de ter conhecido com Luana, ele encerrou: "Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer”.

O vídeo do padre relatando o acontecido está fazendo sucesso nas redes (veja abaixo, a partir dos sete minutos de palestra):

[VÍDEO]

T010: BOL NOTÍCIAS

Link: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2015/12/11/padre-fabio-de-melo-relata-superacao-de-preconceito-com-travesti-um-tapa-na-cara.htm>

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO RELATA SUPERAÇÃO DE PRECONCEITO COM TRAVESTI: "UM TAPA NA CARA"



Legenda: Padre Fábio de Melo contou que ficou impressionado com a história de vida da travesti Luana Muniz; a foto foi tirada na quadra na Mangueira no último domingo.

O padre Fábio de Melo dividiu uma experiência humana valiosa que viveu com os fiéis durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, no último domingo (6). Convidado para o aniversário da cantora Alcione na quadra da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, na zona norte do Rio de Janeiro, o sacerdote contou que ficou constrangido ao tirar uma foto com travesti que estava no evento, porém se surpreendeu, em seguida, ao saber a história de vida de Luana Muniz. Maria Helena, irmã de Alcione, disse ao padre Fábio de Melo que ele pratica caridade com moradores de rua na Lapa, no Centro do Rio. Confira alguns trechos do depoimento do padre Fábio de Melo: "Semana passada eu vivi uma situação. A Alcione me convidou para estar no aniversário dela, lá na quadra da Mangueira... Fiquei lá por uma hora mais ou menos... Mas o que me chamou a atenção foi um travesti que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim (pausa). E olha que eu não sei ficar sem graça... Mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: 'Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como que eu vou reagir?'(pausa). Independente de qualquer julgamento, estou confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Muitas pessoas começaram a se encorajar para tirar foto comigo. E ele (o travesti) lá do fundo olhando. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrorosa isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês".

"Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: 'O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?'. E eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: 'eu não acredito que o senhor permitiu'. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Ele dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém. E faz de tudo para aquela pessoa retornar à vida. E não é só isso. Ele torna-se uma espécie de vigilante, protegendo os moradores..."

"Quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!"

"Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer".

"Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. Como se o nosso cristianismo tivesse pronto. Como se nós já tivéssemos chegado ao último estágio dessa santidade que Deus nos convida. Não, eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim. Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim. E a palavra de Paulo é dura: a missão de vocês é junto daqueles que estão necessitados".

T011: VEJA

Link: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/padre-fabio-de-melo-posa-com-travesti-nao-cabe-julgamento/>

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO POSA COM TRAVESTI: ‘NÃO CABE JULGAMENTO’

Religioso contou experiência e passou mensagem de aceitação durante discurso



Legenda: Padre Fábio de Melo com a travesti Luana Muniz na quadra da escola de samba Mangueira (VEJA.com/Reprodução)

O padre Fábio de Melo relatou em uma palestra durante o Hosana Brasil – evento de peregrinos realizado em Cachoeira Paulista (SP), no fim de semana – o encontro que teve com a travesti Luana Muniz, na festa de aniversário da cantora Alcione. Ele afirma que chegou a ficar sem graça com a situação, quando ela pediu por uma foto. Em tom de confissão, o eclesiástico disse que o fato de ter se sentido incomodado com a situação é “vergonhoso”.

A travesti, segundo o relato, o abordou e perguntou se ele costumava tirar fotos com pecadoras. Ele então disse que descobriu, através da irmã da sambista, que Luana era líder de um grupo que ajuda moradores de rua no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, onde vive.

Ao tomar conhecimento da história, Melo conta que se sentiu um hipócrita e aprendeu a não deixar o desconforto que o diferente causa levar a conclusões precipitadas sobre a vida dessa pessoa. “Não cabe nenhum julgamento. Quando Deus coloca pessoas diferentes diante de nós, é para desmoralizar as ilusões que criamos”, disse aos fiéis. O depoimento completo pode ser conferido no vídeo abaixo, a partir da marca dos 7 minutos.

[VÍDEO]

T012: O SUL

Link: www.osul.com.br/apos-foto-com-travesti-padre-fabio-de-mello-e-criticado/

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: APÓS FOTO COM TRAVESTI, PADRE FÁBIO DE MELLO É CRITICADO



Legenda: Padre Fabio de Melo e Luana Muniz na quadra da Mangueira. (Foto: Reprodução)

O encontro entre o padre pop Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz, na quadra da Mangueira, no Rio, dividiu opiniões na internet.

De um lado, alguns apontam o relato como um passo importante para a visibilidade da causa LGBT.

Mas algumas vozes da própria comunidade destoam, argumentando que a transfobia ainda está presente no discurso de Fábio, apesar de seu relato.

Para Carlos Tufvesson, da Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual da Prefeitura do Rio, a repercussão da foto com a presença de Luana ao lado do padre é que choca.

“Me espanta o furor causado pelo abraço de um padre numa travesti, porque a mensagem de Cristo, ao menos no catecismo que estudei, era amar ao próximo como Deus nos ama, e isso não exclui ninguém. Aliás, considero grave um sacerdote recusar acolher um filho de Deus em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero”, opina Tufvesson. Nas redes sociais, algumas postagens chamaram atenção para certos “vícios” apresentados por Fábio de Melo em seu relato, como o chamamento de Luana no masculino, ignorando a identidade de gênero da travesti. (AG)

T013: CORREIO BRAZILIENSE

Link: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/12/11/interna_diversao_arte,510284/pe-fabio-de-melo-relata-encontro-com-travesti-e-reflete-sobre-preconceito.shtml

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: PE. FÁBIO DE MELO RELATA ENCONTRO COM TRAVESTI E REFLETE SOBRE PRECONCEITO

Luana Muniz, do meme "tá pensando que travesti é bagunça?", despertou no sacerdote questionamentos sobre "medo de ir ao encontro dos que precisam de mim"



Legenda: "Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro", disse padre

Conhecido por sua sinceridade e bom humor, o Padre Fábio de Melo contou a seus fiéis, no começo da semana, sobre o encontro que teve com a travesti Luana Muniz. Ela, que ficou conhecida em todo o Brasil pelo meme "tá pensando que travesti é bagunça?" — extraído de um Profissão repórter (Globo) em 2010 —, teria pedido para tirar uma foto com o sacerdote. A reunião aconteceu no aniversário da cantora Alcione, ao fim do mês passado, no Rio de Janeiro.

Fábio de Melo contou, durante transmissão da TV católica Canção Nova, que sentiu-se constrangido, a princípio, com a possibilidade de posar com Luana. "Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim. (...) Sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente minha hipocrisia: 'Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como eu vou reagir?'".

Mais tarde, o encontro acabou ocorrendo e levou o padre à reflexão. "De repente eu só vi a sombra dele na minha direção, e meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrorosa isso em nós. Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês", confessou.

Luana teria abordado o padre com um pedido — "O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?". Fábio assume: "Percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: 'eu não acredito que o senhor permitiu'. Os olhos dele estavam emocionados", disse Melo.

Ainda na festa, o padre cantor ficou sabendo um pouco mais sobre Luana. Maria Helena, irmã de Alcione, contou que a travesti preside um grupo de trabalho voluntário, que alimenta e cuida dos moradores de rua na região da Lapa, também na capital do Rio. "Dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém. E faz de tudo para aquela pessoa retornar à vida. E não é só isso. Torna-se uma espécie de vigilante, protegendo os moradores", contou Fábio aos seguidores, na palestra.

Ele ainda convidou o público ao questionamento. "Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer", refletiu. "Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmorrar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. (...) Eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim. Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim", analisou o sacerdote.

[VÍDEO]

T014: CATRACA LIVRE

Link: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/padre-fabio-de-melo-posa-ao-lado-de-travesti-e-relata-experiencia/>

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO POSA AO LADO DE TRAVESTI E RELATA EXPERIÊNCIA

No aniversário da cantora Alcione, que aconteceu no final de novembro na quadra da Mangueira, zona norte do Rio de Janeiro, o padre Fábio de Melo viveu um encontro que, de acordo com ele, foi "um tapa na cara". A travesti Luana Muniz pediu para tirar uma foto ao lado dele, que atendeu prontamente.

No último domingo, dia 6, durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, o padre relatou a experiência. Ele assumiu que, no início, sentiu um desconforto com o pedido de Luana, mas que em seguida se comoveu ao saber sobre sua história de vida, que coordena um projeto social com moradores de rua na Lapa, no centro da cidade.



Legenda: O padre relatou a experiência ao conhecer a história de vida da travesti

Assista ao vídeo e a transcrição do relato do padre:

[VÍDEO]

“Semana passada eu vivi uma situação. A Alcione me convidou para estar no aniversário dela, lá na quadra da Mangueira... Fiquei lá por uma hora mais ou menos... Mas o que me chamou a atenção foi um travesti que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim (pausa). E olha que eu não sei ficar sem graça... Mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como que eu vou reagir?’ (pausa). Independente de qualquer julgamento, estou confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Muitas pessoas começaram a se encorajar para tirar foto comigo. E ele (o travesti) lá do fundo olhando. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrorosa isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês.

Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: ‘O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?’. E eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Ele dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém. E faz de tudo para aquela pessoa retornar à vida. E não é só isso. Ele torna-se uma espécie de vigilante, protegendo os moradores.

Quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!

Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer.

Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. Como se o nosso cristianismo tivesse pronto. Como se nós já tivéssemos chegado ao último estágio dessa santidade que Deus nos convida. Não, eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim. Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim. E a palavra de Paulo é dura: a missão de vocês é junto daqueles que estão necessitado”.

Embora o padre tenha se sensibilizado com a história de vida da travesti, tratou Luana Muniz, que se identifica com o gênero feminino, pelo pronome masculino.

T015: CENA POP

Link: <https://cenapop.uol.com.br/2015/12/11/101823-travesti-que-fez-selfie-com-padre-fabio-de-melo-fala-sobre-o-encontro-da-visibilidade-a-causa-lgbt/>

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: TRAVESTI QUE FEZ SELFIE COM PADRE FÁBIO DE MELO FALA SOBRE O ENCONTRO: “DÁ VISIBILIDADE À CAUSA LGBT”



Padre Fábio de Melo com a travesti Luana Muniz – Foto: Reprodução/ Denilson Vieira

Fã declarada do padre **Fábio de Melo**, a travesti **Luana Muniz** conseguiu realizar um desejo no último final de semana: ela fez um selfie com o sacerdote. A foto foi feita durante a festa de aniversário da cantora **Alcione**, na quadra da Mangueira, e rendeu um belo discurso para a pregação do religioso.

Na ocasião, padre Fábio de Melo revelou parte de seus medos e preconceitos, e contou que o encontro com Luana serviu para abrir os olhos: “É um tapa na cara da gente”, disse ele.

Ao jornal Extra desta sexta-feira (11/12), Luana contou que o encontro emocionou os dois:



Luana Muniz – Foto: Reprodução/ Facebook

“Eu e ele saímos emocionados do encontro. Admiro sua missão de passar fé e amor através da música. Ele pegou na minha mão e pediu meu contato para poder ajudar no meu projeto do Natal das crianças carentes aqui na Lapa”, disse à publicação.

Fábio não sabia quem era Luana no momento da foto. Ficou sabendo depois, pela irmã da cantora Alcione, que ela faz um bonito trabalho no bairro ajudando quem precisa, e declarou a “hipocrisia de seu coração” diante de milhares de pessoas neste vídeo feito durante a pregação na Canção Nova, em São Paulo, no último domingo (6/12).

“Minha religião é a das boas ações. Acredito no bem. Sei que Fábio comprou uma briga com essa foto, mas também é a atitude que dá visibilidade à causa LGBT. Saí de casa com 9 anos e meu pequeno patrimônio consegui através da prostituição. Não faço apologia, mas essa é a realidade da maioria de nós”, explicou Luana, referindo-se às pessoas que ajuda.

Em um momento da pregação, o padre conta o que mudou após o encontro:

“Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas de dignidade foram recolocados na vida

daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Eu sou padre, e nem sempre eu tenho disposição de ir para a praça recolher quem precisa. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer” ... Assista novamente ao vídeo com a pregação do padre Fábio de Melo.

T016: DIÁRIO ON-LINE

Link: diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-353067-travesti-diz-que-padre-fabio-de-melo-comprou-briga.html

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: TRAVESTI DIZ QUE PADRE FÁBIO DE MELO COMPROU BRIGA

Subtítulo:



O encontro de um padre com uma travesti em plena quadra da Mangueira. Heresia? Não, “um tapa na cara da gente”, segundo as palavras do próprio Fábio de Melo. A foto com uma fã, tão comum na vida de uma celebridade, acabou virando uma lição de vida para o religioso.

A travesti em questão é Luana Muniz, de 58 anos, fã confessa do padre. Artista há 36, ela comemorava na Mangueira o aniversário da amiga Alcione.

“Eu e ele saímos emocionados do encontro. Admiro sua missão de passar fé e amor através da música. Ele pegou na minha mão e pediu meu contato para poder ajudar no meu projeto do Natal das crianças carentes aqui na Lapa (bairro boêmio na região central do Rio)”, revela Luana, que não é católica: “Minha religião é a das boas ações. Acredito no bem. Sei que Fábio comprou uma briga com essa foto, mas também é atitude que dá visibilidade à causa LGBT”.

Luana é envolvida em projetos sociais há duas décadas, ajuda portadores do HIV e na capacitação profissional de travestis. “Saí de casa com 9 anos e meu pequeno patrimônio consegui através da prostituição. Não faço apologia, mas essa é a realidade da maioria de nós”.

Durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, no último domingo, Fábio falou sobre o que aprendeu com o episódio. Foi aplaudidíssimo.

“Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar foto comigo? Como vou reagir?’ Quando, de repente, só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor... Que coisa horrorosa isso em

nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”, relatou.

Em seguida, ele conta como mudou sua opinião:

“Abracei ele e tiramos a foto. Assim que ele saiu, Maria Helena, irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis da região. Dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém.. Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas na vida daquela pessoa...”.

O depoimento também emocionou a travesti, que só fica menos fã do padre porque gostaria de ser tratada no feminino.

(DOL com informações do Extra)

T017: VISÃO AMPLA NOTÍCIAS DA BAHIA

Link: <http://visaoamplabrasilba.blogspot.com/2015/12/travesti-luana-muniz-diz-que-padre.html>

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: TRAVESTI LUANA MUNIZ DIZ QUE PADRE FÁBIO DE MELO LHE OFERECEU AJUDA E COMPROU UMA BRIGA AO POSAR COM ELA: ‘DÁ VISIBILIDADE À CAUSA LGBT’

Subtítulo:



Legenda: Luana Muniz, de 58 anos, pediu uma foto com Padre Fábio de Mello na quadra da Mangueira Foto: Reprodução Facebook e Denílson Vieira

O encontro de um padre com uma travesti em plena quadra da Mangueira. Heresia? Não, “um tapa na cara da gente”, segundo as palavras do próprio Fábio de Melo. A foto com uma fã, tão comum na vida de uma celebridade, acabou virando uma lição de vida para o religioso.

A travesti em questão é Luana Muniz, de 58 anos, fã confessa do padre. Artista há 36, ela comemorava na Mangueira o aniversário da amiga Alcione. “Eu e ele saímos emocionados do encontro. Admiro sua missão de passar fé e amor através da música. Ele pegou na minha mão e pediu meu contato para poder ajudar no meu projeto do Natal das crianças carentes aqui na Lapa (bairro boêmio na região central do Rio)”, revela Luana, que não é católica: “Minha religião é a das boas ações. Acredito no bem. Sei que Fábio

comprou uma briga com essa foto, mas também é atitude que dá visibilidade à causa LGBT”.

Luana é envolvida em projetos sociais há duas décadas, ajuda portadores do HIV e na capacitação profissional de travestis: “Saí de casa com 9 anos e meu pequeno patrimônio consegui através da prostituição. Não faço apologia, mas essa é a realidade da maioria de nós”.



Legenda: Padre Fabio de Melo e Luana Muniz na quadra da Mangureira Foto: Denílson Vieira

Durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, no último domingo, Fábio falou sobre o que aprendeu com o episódio. Foi aplaudidíssimo. “Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar foto comigo? Como vou reagir?’ Quando, de repente, só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor... Que coisa horrorosa isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”, relatou.

Em seguida, ele conta como mudou sua opinião: “Abracei ele e tiramos a foto. Assim que ele saiu, Maria Helena, irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis da região. Dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém.. Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas na vida daquela pessoa...”.



Legenda: Luana Muniz diz que se emocionou ao encontrar o religioso Foto: reprodução/
Facebook.

T018: CORREIO DA AMAZÔNIA

Link: <https://correiodaamazonia.com/padre-fabio-de-melo-supera-auto-hipocrisia-e-tira-foto-com-travesti/>

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO SUPERA ‘AUTO-HIPOCRISIA’ E TIRA FOTO COM TRAVESTI

No final de semana passado, o padre Fábio de Melo compareceu ao aniversário da cantora Alcione, na quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro. Ao iG, ele descreveu um momento inusitado quando percebeu um travesti se aproximando, possivelmente para pedir uma foto.

“Vou confessar publicamente minha a hipocrisia. ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como vou reagir?’”, disse.

Conforme imaginado por Fábio, o travesti realmente queria uma foto: “Você costuma tirar fotos com pecadores?”, o padre foi questionado. Ao que respondeu: “Mas é claro”. Em seguida, Fabio foi informado que a pessoa em questão é Luana Muniz, um travesti conhecido no Rio de Janeiro que ficou famoso, em rede nacional, por criar o bordão “Travesti não é bagunça”, externado pela primeira vez no programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo. Luana criou um grupo que alimenta e ajuda pessoas em dificuldades que andam pelas ruas da Lapa.

“Quando ela me contou, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é?”, finalizou o padre.

Ele ainda disse: “Aquele que você enxerga e lhe provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas por essa pessoa, através de um prato de comida, de um banho, de um atendimento médico... Como um pai que abraça um filho que chega. Eu sou padre, mas nem sempre tenho disposição de ir para praça recolher os que precisam. Não cabe nenhum julgamento do lado de lá”.

T019: VARELA NOTÍCIAS

Link: <http://varelanoticias.com.br/padre-fabio-de-melo-em-foto-ao-lada-de-travesti-um-tapa-na-cara-de-muita-gente/>

Data da publicação: 11/12/15

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO EM FOTO AO LADA DE TRAVESTI: “UM TAPA NA CARA DE MUITA GENTE”

A situação aconteceu no último fim de semana quando o padre compareceu ao aniversário de Alcione, no Rio de Janeiro



Legenda: Foto Denílson Vieira

O carismático Padre Fábio de Melo esteve no aniversário da cantora Alcione, na quadra da Mangueira, Zona Norte do Rio, quando recebeu um pedido de uma fã, a travesti Luana Muniz, para tirar uma foto com ele. Durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, admitiu que sentiu um certo desconforto.” Vou confessar publicamente minha a hipocrisia. ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como vou reagir?’”, conta ele.

Depois do episódio, Fábio de Melo contou a irmã de Alcione, falou a ele sobre a travesti, que se chama Luana Muniz e é conhecida no Rio de Janeiro. O padre afirmou que logo em seguida se comoveu ao saber da história de Luana, que pratica caridade com moradores de rua da Lapa, no Rio de Janeiro.

“Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Quando ela me contou, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é?”, relata.

O padre finaliza o discurso com uma lição de moral: “Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer.”

[VÍDEO]

T020: JORNAL A TRIBUNA – O JORNAL DOS ACRANOS

Link: <http://www.jornalatribuna.com.br/?p=46758>

Data da publicação: 11/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO SUPERA ‘AUTO-HIPOCRISIA’ E TIRA FOTO COM TRAVESTI



O encontro de um padre com uma travesti em plena quadra da Mangueira. Heresia? Não, “um tapa na cara da gente”, segundo as palavras do próprio Fábio de Melo. A foto com uma fã, tão comum na vida de uma celebridade, acabou virando uma lição de vida para o religioso.

A travesti em questão é Luana Muniz, de 58 anos, fã confessa do padre. Artista há 36, ela comemorava na Mangueira o aniversário da amiga Alcione.

“Eu e ele saímos emocionados do encontro. Admiro sua missão de passar fé e amor através da música. Ele pegou na minha mão e pediu meu contato para poder ajudar no meu projeto do Natal das crianças carentes aqui na Lapa (bairro boêmio na região central do Rio)”, revela Luana, que não é católica: “Minha religião é a das boas ações. Acredito no bem. Sei que Fábio comprou uma briga com essa foto, mas também é atitude que dá visibilidade à causa LGBT”.

Luana é envolvida em projetos sociais há duas décadas, ajuda portadores do HIV e na capacitação profissional de travestis. “Saí de casa com 9 anos e meu pequeno patrimônio consegui através da prostituição. Não faço apologia, mas essa é a realidade da maioria de nós”.

Durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, no último domingo, Fábio falou sobre o que aprendeu com o episódio. Foi aplaudidíssimo.

“Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar foto comigo? Como vou reagir?’ Quando, de repente, só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor... Que coisa horrorosa isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”, relatou.

Em seguida, ele conta como mudou sua opinião:

“Abracei ele e tiramos a foto. Assim que ele saiu, Maria Helena, irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis da região. Dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém.. Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas na vida daquela pessoa...”.

O depoimento também emocionou a travesti, que só fica menos fã do padre porque gostaria de ser tratada no feminino.

Padre Fábio de Melo relata encontro com travesti

O padre Fábio de Melo relatou uma situação inusitada em que passou no fim de semana, segundo informações do portal IG. O caso aconteceu no aniversário da cantora Alcione, na quadra da Mangueira, no Rio.

O padre contou que durante o pouco tempo em que esteve lá, notou uma travesti olhando para ele. “Vou confessar publicamente minha a hipocrisia. ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como vou reagir?’”

O padre continuou dizendo que começou a notar a sombra vindo em sua direção e que o seu preconceito e medo de exposição vieram à tona. “Que coisa horrorosa isso em nós. Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo.”

A travesti chegou até o padre e perguntou se ele costumava tirar fotos com “pecadores.” “Eu respondi, ‘mas é claro’ e abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados.” Após a situação Maria Helena, irmã de Alcione, falou ao padre que a travesti se chama Luana Muniz e é super conhecido no Rio de Janeiro.

“Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Quando ela me contou, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é?”

O padre finalizou o discurso com uma lição de moral. “Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer.”

T021: NOSSA SENHORA CUIDA DE MIM

Link: <http://www.nossasenhoracuidademim.com/2015/12/travesti-luana-muniz-diz-que-padre.html>

Data da publicação: 12/12/2015

TÍTULO: TRAVESTI LUANA MUNIZ DIZ QUE PADRE FÁBIO DE MELO LHE OFERECEU AJUDA

O encontro de um padre com uma travesti em plena quadra da Mangueira. Heresia? Não, “um tapa na cara da gente”, segundo as palavras do próprio Fábio de Melo. A foto com uma fã, tão comum na vida de uma celebridade, acabou virando uma lição de vida para o religioso.



A travesti em questão é Luana Muniz, de 58 anos, fã confessa do padre. Artista há 36, ela comemorava na Mangueira o aniversário da amiga Alcione.

“Eu e ele saímos emocionados do encontro. Admiro sua missão de passar fé e amor através da música. Ele pegou na minha mão e pediu meu contato para poder ajudar no meu projeto do Natal das crianças carentes aqui na Lapa (bairro boêmio na região central do Rio)”, revela Luana, que não é católica: “Minha religião é a das boas ações. Acredito no bem. Sei que Fábio comprou uma briga com essa foto, mas também é atitude que dá visibilidade à causa LGBT”.

Luana é envolvida em projetos sociais há duas décadas, ajuda portadores do HIV e na capacitação profissional de travestis: “Saí de casa com 9 anos e meu pequeno patrimônio consegui através da prostituição. Não faço apologia, mas essa é a realidade da maioria de nós”.

Durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, no último domingo, Fábio falou sobre o que aprendeu com o episódio. Foi aplaudidíssimo.

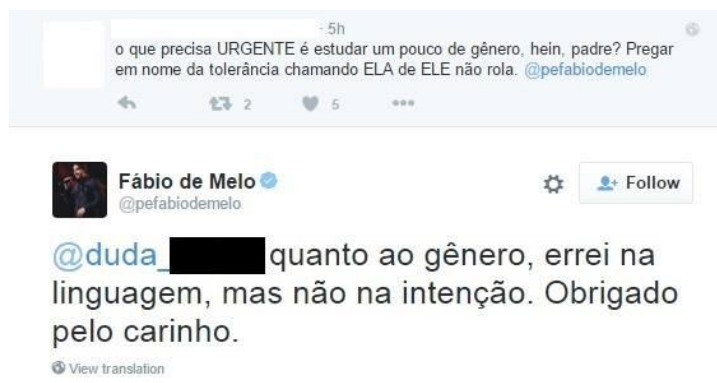
“Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar foto comigo? Como vou reagir?’ Quando, de repente, só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor... Que coisa horrorosa isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”, relatou.

Em seguida, ele conta como mudou sua opinião:

“Abracei ele e tiramos a foto. Assim que ele saiu, Maria Helena, irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis da região. Dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém.. Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas na vida daquela pessoa...”.

O depoimento também emocionou a travesti, que só ficou chateada porque gostaria de ser tratada no feminino.

Mas o Padre Fábio de Melo pelo twitter se desculpou em sua fala:



T022: TV DIÁRIO

Link: <http://tvdiario.verdesmares.com.br/entretenimento/famosos/um-tapa-na-cara-da-gente-diz-padre-fabio-de-melo-apos-conhecer-travesti-1.1453806>

Data da publicação: 12/12/2015

TÍTULO: 'UM TAPA NA CARA DA GENTE', DIZ PADRE FÁBIO DE MELO APÓS CONHECER TRAVESTI

‘O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?’, disse Luana. E o sacerdote respondeu: ‘mas é claro!’



Legenda: "Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro", disse o padre (Foto: Reprodução Jornal Extra)

O padre Fábio de Melo virou notícia após relatar com sinceridade como se sentiu durante o encontro que teve com a travesti Luana Muniz, admiradora do trabalho dele como sacerdote. O fato foi relatado pelo padre durante uma pregação na Canção Nova, em São Paulo, no último domingo, quando ele admitiu a "hipocrisia do coração", como citou.

O encontro entre o sacerdote e a travesti aconteceu no aniversário da cantora Alcione, no final do mês de novembro, na quadra da escola de samba Mangueira, no Rio de Janeiro.

Na ocasião, padre Fábio falou do preconceito que tinha e do medo de que Luana pedisse para tirar uma foto com ele. Logo após trocarem algumas palavras, o sacerdote ficou admirado com o trabalho de Luana, que alimenta e recolhe os miseráveis da região da Lapa, no Rio. "Quando ela (a irmã de Alcione) me contou aquela história (sobre as ações beneficentes de Luana), eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!", disse o sacerdote.

Confira a transcrição do que disse o padre e o vídeo (a partir de 7:00)

“Semana passada eu vivi uma situação. A Alcione me convidou para estar no aniversário dela, lá na quadra da Mangueira... Fiquei lá por uma hora mais ou menos... Mas o que me chamou a atenção foi um travesti que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim (pausa). E olha que eu não sei ficar sem graça... Mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, e se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como que eu vou reagir?’ (pausa). Independente de qualquer julgamento, estou confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Muitas pessoas começaram a se encorajar para tirar foto comigo. E ele (o travesti) lá do fundo olhando. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrível isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”.

“Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: ‘O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?’. E eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Ele dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém. E faz de tudo para aquela pessoa retornar à vida. E não é só isso. Ele torna-se uma espécie de vigilante, protegendo os moradores...”

“Quando ela (Maria Helena) me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!

“Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer”.

“Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. Como se o nosso cristianismo tivesse pronto. Como se nós já tivéssemos chegado ao último estágio dessa santidade que Deus nos convida. Não, eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim. Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim. E a palavra de Paulo é dura: a missão de vocês é junto daqueles que estão necessitado”.

[VÍDEO]

T023: SEMANA ON

Link: <http://www.semanaon.com.br/coluna/5/3615/quando-um-padre-descobre-que-uma-travesti-e-ser-humano>

Data da Publicação: 12/12/2015

TÍTULO: QUANDO UM PADRE DESCOBRE QUE UMA TRAVESTI É SER HUMANO

Uma reflexão sobre o episódio do Pe. Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz.

O Padre Fabio de Melo é como uma ovelha desgarrada do rebanho, digamos assim, para citar um contexto mais bíblico. Com tom progressista e palavras que acalentam, ele soma incríveis 1,43 milhões de seguidores no Twitter. Além de bonito, ele é extremamente carismático. Brincadeiras daqui e dali, o famoso pároco que também é cantor e faz até piadas de futebol para os seguidores.

Se o papa João Paulo II era pop, o padre Fábio de Melo é um legítimo olimpiano.

Mesmo assim, é de se espantar vê-lo deixar ser fotografado ao lado de uma travesti e dizer palavras de acolhimento num vídeo que vai ser fortemente compartilhado na Internet. E até quando erra o tratamento (que deveria ser no feminino para se referir a uma travesti) e volta para pedir desculpas, causa frisson.

Foi o que aconteceu no último dia 10, quando estive na Quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro, para o aniversário da cantora Alcione. Lá também estava a travesti Luana Muniz

(aquela do Profissão Repórter, dona do 'bordão' "Travesti não é bagunça"). A história você confere relatada pelo próprio Padre no vídeo abaixo:

[VÍDEO]

O que a maioria vê diante do vídeo é um padre progressista que abraça 'até' travestis. Foi sensação. Sai em jornais, no Facebook, em sites LGBT especializados, mesmo que estivesse escancarado o tratamento de Luana no masculino. Padre Fabio de Melo se tornou o último bastião do cristianismo acolhedor, mas, na prática, o aspecto que relutamos a enxergar é que o testemunho dele foi no mínimo condescendente.

Parabenizar o Padre Fabio de Melo por quê? Por que ele descobriu que travesti é um ser humano? Por que pediu desculpas por ter tratado Luana no masculino? Precisa ser aplaudido por isso? Menos, queridos, menos.

Olha, de um sacerdote da igreja católica, não pode se esperar mais que isso. Fato. Mas, mesmo assim, é absolutamente legítimo que a comunidade T observe os aspectos que lhes ofende, como o tratamento no masculino. Mas nem é este o foco. O lance que incomoda, mesmo, é quando se constata os discursos, principalmente de gays cisgêneros, relativizando a transfobia e apontando o depoimento do padre como um avanço.

Tá aqui o avanço: Depois da foto, Luana voltou para sua casa, continuou vivendo da prostituição e sendo ameaçada, correndo riscos. Continua a escória da sociedade, jogada para baixo do tapete, assim como milhares de outras pessoas transexuais Brasil a fora. Quer dizer, na prática, nada mudou. O 'avanço' de que tanto falam é falacioso. É pura condescendência. História pra inglês ver.

O que seria um avanço era um padre se inteirar sobre a comunidade LGBT, em especial sobre transexuais, posicionar-se diante da opressão a que estas pessoas são submetidas sob uma ótica cristã, custasse o que custar. E ainda assim, continuaria apenas no campo do avanço, porque na prática continuaria sem mudar nada.

A partir disso, deixo a minha reflexão, a que mais importa: ainda acho preocupante que tantos, mas taaaaaantos LGBT ainda aguardem essa mudança de postura das igrejas para terem o acolhimento de Deus em sua forma mais institucional, o que é um claro sintoma de que não basta que nós nos aceitemos, temos que ser aceitos pelos outros. Temos? Não basta ter nossos direitos reconhecidos, nossa dignidade respeitada? Isso não faz com que a máquina mude com o passar do tempo?

Quer dizer, não pensam sobre Deus, não problematizam a mensagem da religião. Não entendem o que a militância faz. É o clássico contentar-se com migalhas.

Afinal, se defendemos tanto o estado laico, porque o 'sim' cristão se torna tão importante? Por que não conseguimos sustentar um posicionamento? Qual a grande dificuldade nisso, gente? Fica a pergunta.

T024: GOSPEL PRIME

Link: <https://noticias.gospelprime.com.br/fabio-de-melo-travesti-nao-podemos-julgar/>

Data da publicação: 14/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO SOBRE TRAVESTI: “NÃO PODEMOS JULGAR”

Foto e texto geraram debate



Legenda: sl

Um episódio narrado pelo conhecido padre-cantor Fábio de Melo gerou um debate na internet. Ele contou, durante a pregação no evento Hosana 2015, da Canção Nova, em São Paulo, como foi seu encontro com a travesti Luana Muniz.

O relato está em um vídeo com sete minutos da sua pregação. Após ganhar as páginas do jornal Extra, do Rio de Janeiro, e foi reproduzida por vários sites.

No final de novembro, o padre estava na festa de aniversário da cantora Alcione, celebrada na quadra da Mangureira, Zona Norte do Rio. Entre os diversos convidados também estava Luana, que ficou conhecida após aparecer em um episódio do programa Profissão Repórter, da Rede Globo.

O padre conta que o travesti se aproximou dele e pediu para tirar uma foto. “O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?”, disse Luana. Mesmo constrangido, o sacerdote concordou. Antes de sair, o travesti disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’.

“Os olhos dele estavam emocionados”, relata Fábio. Ele também diz que se emocionou ao saber quem era aquela pessoa. Maria Helena, a irmã da Alcione, contou a ele que o travesti Luana criou um grupo que alimenta e recolhe mendigos que vivem no centro do Rio. Além de dar banho, os alimenta. Também se tornou uma espécie de vigilante, protegendo os moradores de rua.

Para o padre, segundo suas próprias palavras, o encontro foi uma confrontação com sua hipocrisia e preconceito. “Que coisa horrorosa isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso”, disse ele em frente aos milhares de fiéis que estavam no evento e ouviram o testemunho.

Foi então que o líder católico, disparou: “Eu não entro no mérito da questão da vida que ele [o travesti] leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!”.

A seguir, começou a fazer um desafio aos presentes, ecoando o relato dos evangelhos da parábola do Bom Samaritano. “Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós. Não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas por aquela pessoa.... Eu sou padre e nem sempre tenho disposição de recolher quem precisa. Você é cristão e nem sempre está disposto que ele tem de cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa... alimentar e amar quem precisa ser amado”.

Ao desafiar os presentes, foi incisivo: “Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. Como se o nosso cristianismo já tivesse pronto. Como se nós já tivéssemos chegado ao último estágio dessa santidade que Deus nos convida”.

Quando fez a aplicação do texto que fora lido no início da missa (Marcos 6), o padre não poupou críticas “eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim. Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim. E essa palavra de Paulo... é dura: a missão de vocês é junto daqueles que estão necessitados. Olha o evangelho de hoje!”. Muito aplaudido durante a homilia, os questionamentos de Fábio de Melo podem ser vistos de duas maneiras. O cristão leitor da Bíblia poderá argumentar que a igreja brasileira de modo geral não tem seguido os mandamentos de Jesus para cuidar dos necessitados.

Embora existam ministérios que façam isso, são exceção e não a regra. Por outro lado, poderá apenas se concentrar no fato de que, por melhor que a pessoa seja, não se pode atribuir a alguém que viva fora do padrão bíblico, o título de “pastor”, “sacerdote” e “profeta” como fez o padre.

T025: EGO GLOBO

Link: <http://ego.globo.com/noite/noticia/2015/12/luana-muniz-conta-os-bastidores-do-encontro-com-o-padre-fabio-de-melo.html>

Data da publicação: 15/12/2015

TÍTULO: LUANA MUNIZ CONTA OS BASTIDORES DO ENCONTRO COM O PADRE FÁBIO DE MELO

'Sinceramente não me lembro de ter falado isso', disparou a travesti sobre pedido de foto ao lado do sacerdote durante aniversário de Alcione no Rio.

[VÍDEO – ENTREVISTA EGO]

Luana Muniz foi destaque na noite desta segunda-feira, 14, como jurada do concurso Miss Brasil Transex 2015, que aconteceu em um clube na Praça da Bandeira, na Zona Norte do Rio. No intervalo entre uma foto e outra, bastante assediada pelos presentes, Luana conversou com o EGO sobre os bastidores do seu encontro polêmico com o padre Fábio de Melo, na quadra da Mangueira, durante a festa de aniversário da cantora Alcione.

Aos 58 anos de idade - sendo 57 só de botóx, segundo ela nos revelou com muito bom humor - a travesti que é a profissional do sexo mais conhecida e respeitada no Rio de Janeiro, não economizou palavras para relatar a questão da sua popularidade depois do registro comentadíssimo e também, anos após ter ganhado destaque na mídia pelo bordão "Travesti não é bagunça".



Depois da sua foto com o padre, uma verdadeira batalha virtual começou entre alguns militantes de causas GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) e membros seguidores do catolicismo. Como você analisa tudo isso?

Luana: A comunidade GLBT está massacrando o padre porque ele me chamou de 'ele', de rapaz. Gente, ele não tem o costume, são os dogmas da igreja e depois ele até se retratou. E segundo ele, a comunidade católica, na verdade algumas pessoas, também o estão criticando. O padre é luz, ele tem uma missão, ele veio para levar a fé através da música. Então, eu sou admiradora dele e para mim foi um encontro normal.

Nesse intervalo entre a foto com o padre e o dia de hoje, como está a questão do assédio nas ruas?

Em um final de semana tirei 30 fotos com senhoras de paróquias. Muitas pessoas me procuram. Para mim foi algo comum. Eu estava no camarote da Alcione, no aniversário dela e as pessoas estavam vendo que eu não era uma qualquer. Observei o padre como observei outras personalidades que estavam ali como a Maria Bethânia e a Fafá de Belém. Foi um acaso, uma coisa de coincidência mesmo a irmã da Alcione ter falado com o padre sobre o meu trabalho social e ele acabou se interessando pelo assunto. Disse para ele que o que uma mão faz a outra não vê e o papo fluíu.

Você se arrepende de ter posado ao lado do Fábio de Melo?

Nas entrevistas dele, ele fala que eu não estava acreditando que ele estava tirando foto comigo. Sinceramente não me lembro de ter falado isso. O meu maior ídolo na música é Barbra Streisand e se eu encontrasse iria ficar emocionada, mas não iria falar isso para ela. Se eu falei, não me lembro. E olha que eu não bebo, não fumo e não faço nada disso. O que você guardou da época em que se tornou popular por causa de uma reportagem para o programa 'Profissão Repórter' sobre a prostituição nas ruas?

Já se passaram alguns anos desde o 'travesti não é bagunça' e ainda não esqueceram disso. As pessoas se lembram daquele episódio e sempre falam comigo. Foi uma marca registrada dentro do respeito apesar de eu ter feito errado e batido no homem naquela história quando ele ficou zombando do meu trabalho. Não sou santa não, só não sou mau caráter.

Conta para a gente um pouco sobre o trabalho social que você desenvolve na Lapa, no Centro do Rio.

O trabalho continua o ano todo e não é somente nessas festas de final de ano. Não é um projeto só para cuidar dos portadores de HIV. Tem pessoas desabrigadas nas ruas,

mendigos, prostitutas e todo mundo que estiver necessitado. Quem não vive para servir não serve para viver e esse é o meu objetivo, a minha missão. No próximo domingo, dia 20, vou fazer o Natal para as crianças carentes da Lapa reunindo todo mundo na porta do meu casarão, que fica na Rua Mém de Sá, número 100, no Centro da cidade. Vamos dar cachorro quente, bolo, refrigerante e brinquedos que a minha madrinha Alcione também ajuda sempre. Fui criada em classe média metida a rica, era bem de vida, mas sei o que é querer comer alguma coisa e não ter.



Luana Muniz



Milton Cunha e Luana Muniz

T026: REDE TIRADENTES

Link: <http://www.redetiradentes.com.br/ronaldotiradentes/padre-fabio-de-melo-fala-de-foto-com-travesti-e-avalia-ano-de-2015-difcil/>

Data da publicação: 20/12/2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO FALA DE FOTO COM TRAVESTI E AVALIA ANO DE 2015: ‘DIFÍCIL’

Se o papa é pop, o padre não foge à regra. Fábio de Melo não vive fora do mundo real e é nele que encontra — e ensina — lições diárias de fé, humildade e superação. Numa entrevista exclusiva ao EXTRA, o sacerdote fala do difícil ano de 2015, do humor que usa nas redes sociais, das críticas e ataques dos quais é alvo, da necessidade de expor o que sentiu ao posar para a foto com a travesti Luana Muniz e ainda deixa sua mensagem aos brasileiros: “Para tempos difíceis, precisamos renovar nossas esperanças. Mas a esperança precisa ser operante, levando-nos a viver o empenho por transformar o que podemos”.

O senhor deu uma aula de humildade no episódio com Luana Muniz (Padre Fábio aceitou posar com a travesti e depois contou aos fiéis que, a princípio, teve receio da foto e se retratou). Quando o senhor percebeu que precisava falar sobre o que ocorreu?

Foi uma experiência solitária. Na época, não comentei com ninguém, mesmo porque não é fácil expor o que nos envergonha. Durante a pregação, senti vontade de fazer uma autocrítica, confessar minha hipocrisia. Tinha diante de mim 80 mil pessoas. Estava justamente falando dos esconderijos que a religião pode nos oferecer, da crueldade que alimentamos sob a carcaça de uma pretensa santidade. O encontro com Luana foi um momento muito especial. Num primeiro momento, o receio de estar ao lado dela, e, logo em seguida, a percepção de minha arrogância. Quando soube do belo trabalho que ela realizava, o movimento contrário, o desejo de me aproximar, de quebrar a distância, de aprender com ela. Luana tinha algo muito precioso a me oferecer. Seu amor pelos menos favorecidos me expôs aos pecados do meu cristianismo. Eu, na condição de padre, nem sempre tenho a mesma disposição que ela. Em Luana o amor é prático. Recolhe da sarjeta os que foram esquecidos pela sociedade. Ela faz o mesmo que fez Jesus. Deus nos visita sempre, mas vez em quando Ele nos chega por caminhos inusitados. Foi o que aconteceu naquela noite, na quadra da Mangueira.

O que falta para as pessoas terem um olhar mais aberto sobre os outros?

Honestidade. Coragem de olhar para si mesmas, para os erros que cometem, para a fragilidade que nos identifica como humanos. Quando somos conscientes da insuficiência que nos habita, somos naturalmente mais tolerantes com a insuficiência alheia. Costumamos rejeitar nos outros o que não suportamos em nós. A gênese de toda intolerância costuma estar na pretensão de que somos melhores que os outros. Nada pode ser mais mentiroso que isto. O sofrimento nos nivela. Choramos e nos alegramos pelas mesmas causas. Os medos são os mesmos. Medo da dor, do abandono, do sofrimento, da morte. A angústia que existe nos morros também existe no Leblon. Os mais honestos, os que se desprenderam das amarras da futilidade, os que mergulharam no mistério de nossa condição humana, já descobriram que somos todos iguais.



Legenda: Padre Fábio de Melo posou com a travesti Luana Muniz e fez relato surpreendente sobre o encontro Foto: Denílson Vieira

O senhor tem mais de 1 milhão de seguidores no Twitter e é um dos mais divertidos da web. Quando sentiu que esta era uma rede aliada?

Uai, eu sempre usei o Twitter. E sempre fui muito descontraído por lá. Mas faz pouco tempo que fui descoberto por um número maior de seguidores. O Twitter é a rede social

onde eu me expresso da mesma forma como me expresso com os amigos mais íntimos. Sem filtros.

O senhor já foi muito “atacado” nas redes? Tem curiosidade em ler o que falam?

Sou atacado todo dia. A gente precisa ter imunidade afetiva para não se deixar abater. O anonimato das redes autoriza muita crueldade. Mas escolho não rebater. Seria contraditório. Rebater ofensas é fortalecer as forças da maldade.

Já levou algum “puxão de orelha” da Igreja por postar este ou aquele assunto? O que é permitido e o que não é?

Não. A Igreja nunca nos privará de sermos humanos. O meu humor não é ofensivo. É da minha índole não ofender quem quer que seja. Aprendi ser assim desde menino. Acredito no poder da gentileza, da cordialidade.



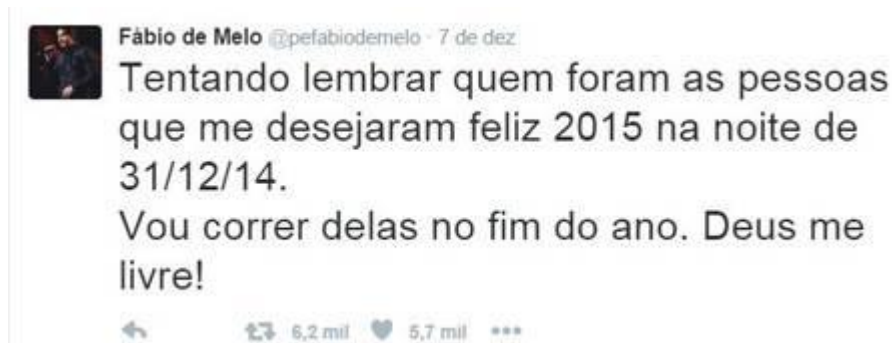
Legenda: Padre Fábio de Melo: “O Twitter é a rede social onde eu me expresso da mesma forma como me expresso com os amigos mais íntimos. Sem filtros” Foto: Marcos Alves / Agência O Globo

O senhor está de olho em tudo, desde o meme da Jessica até os barracos no Congresso. Ainda dá expediente evangelizando, consegue ir à festa da Alcione! Como consegue tempo para tudo isso? Soubemos que não gosta de acordar cedo...

Não gosto. Mas acordo cedo a vida inteira. Eu aproveito o tempo que tenho. Minha vida gira em torno do meu ofício sacerdotal. Trabalho muito, mas sou feliz no que faço. O cansaço é consequência dos muitos deslocamentos. Mas a vida é bonita mesmo quando cansados. Sempre que posso eu gosto de estar com amigos, de conhecer pessoas diferentes dos meios que frequento. São as oportunidades de quebrar paradigmas, e até mesmo de fortalecer minhas convicções. É assim que crio vínculos, aumento as possibilidades de amadurecer como pessoa.

Como será sua agenda no Natal?

Tive um ano difícil. Precisei superar muitas realidades difíceis. Pretendo dar à minha alma um descanso, desobrigando-a de festas e comemorações. Quero viver um Natal sem festas. Somente o significado da noite me bastará.



Legenda: Exemplo de twit bem-humorado: sem filtro Foto: reprodução/twitter

Que mensagem o senhor deixaria neste fim de ano?

Para tempos difíceis precisamos renovar nossas esperanças. Mas a esperança precisa ser operante, levando-nos a viver o empenho por transformar o que podemos. Vivemos num país onde a corrupção é sistêmica. Esta realidade só será modificada no dia dia em que a gente resolver dirimir a parte que nos cabe neste grande processo. É o que desejo a todos nós. Coragem de mudar o Brasil que governamos dentro de nossas casas, nas instâncias silenciosas de nossas consciências.

T027: CORREIO 24 HORAS

Link: <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/padre-fabio-de-melo-volta-a-falar-sobre-foto-com-travesti-nao-e-facil-expor-o-que-nos-envergonha/>

Data da publicação: 20.12.2015

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO VOLTA A FALAR SOBRE FOTO COM TRAVESTI: "NÃO É FÁCIL EXPOR O QUE NOS ENVERGONHA"

Subtítulo: Ele ainda definiu o encontro com Luana como um momento especial onde ele pôde perceber a sua arrogância

O padre Fábio de Melo, que recentemente surpreendeu ao aparecer em uma foto com a travesti Luana Muniz, voltou a falar sobre o assunto em entrevista ao 'Retratos da Vida', do jornal 'Extra'. O religioso admitiu que ficou envergonhado com o seu preconceito. "Foi uma experiência solitária. Na época, não comentei com ninguém, mesmo porque não é fácil expor o que nos envergonha", confessou o padre.



Legenda: Reprodução

Ele ainda definiu o encontro com Luana como um momento especial onde ele pôde perceber a sua arrogância. "O encontro com Luana foi um momento muito especial. Num primeiro momento, o receio de estar ao lado dela, e, logo em seguida, a percepção de minha arrogância".

Fábio de Melo disse ainda que o encontro com Luana foi uma prova de como o amor pode se apresentar de maneiras diferentes. "Em Luana o amor é prático. Recolhe da sarjeta os que foram esquecidos pela sociedade. Ela faz o mesmo que fez Jesus. Deus nos visita sempre, mas vez em quando Ele nos chega por caminhos inusitados. Foi o que aconteceu naquela noite, na quadra da Mangueira".

T028: SUPER PRIDE

Link: <http://www.superpride.com.br/2016/01/a-grande-diva-do-humanismo.html>

Data da publicação: 15/01/2016

TÍTULO: LUANA, A GRANDE DIVA DO HUMANISMO



Com 43 anos de “calçada” a história da nossa Diva começa no musical Mimosa, no teatro Brigitte Blair (anos 80); viajou para a Europa e trabalhou em vários cabarês, Com nacionalidade italiana, Luana fala e lê seis idiomas, a grande personalidade humanista Luana Muniz, moradora da Lapa, Travesti, Profissional do Sexo, Presidente da Associação Agentes a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro que recebe verba até das atrizes da Rede Globo com mais de 100 associados onde engloba mais de 100 travestis com atuação na região da Lapa.

Com vários títulos como Rainha da Lapa, Mãe Luana, é considerada como versão contemporânea da Madame Satã, é capaz de “ir à missa de dia, ajudar mendigos na hora do almoço, e também dar lição em abusados de tarde e bater ponto à noite”. tem imóveis na Lapa, onde aluga vagas para cerca de 20 “meninas”. Usando seus dotes de atriz, circula em qualquer meio social e político. Luana também capricha “em perder a classe” sempre quando “necessário”. Líder das meninas da Lapa, Luana fundou a Agente, Foi uma das fundadoras do projeto Damas, da prefeitura, que ajuda a capacitar profissionalmente transexual e travestis onde participou da primeira turma do projeto Damas e da ativação do Projeto Travesti e Cidadania (CIEDS).

Luana criou um abaixo assinado para combater a violência na Lapa carioca onde teve assinatura e o apoio da Cantora Alcione, apoia a ONG Água Viva e desenvolve trabalhos comunitários com pessoas vivendo com HIV/Aids e que se encontram em risco social.

Sua participação como interlocutora entre comunidade trans e sociedade tem sido de extrema importância para que projetos de cidadania e prevenção tenham obtido sucesso. Como uma boa Diva foi personagem de muitos filmes e teve ensaio fotográfico exposto em Nova Iorque foi fotografada pelo carioca Pedro Stephan é um fotógrafo que Milita há anos pela causa gay “Luana Muniz, a rainha da Lapa” essa exposição fez parte do FotoRio 2009 mais importante evento de fotografia contemporânea brasileira, e um dos grandes eventos de foto do mundo, ali os maiores nomes da foto brasileira e internacional expõem suas obras. Foi exposto na Itália, Portugal. Também teve sua participação onde apareceu no programa da TV Globo ‘Profissão Repórter’, dando um corretivo em um possível cliente, ela tentando mostra que a travesti não se faz de palhaça ganhando um bordão que cai na boca do povo como “travesti não é Bagunça”.

O mais recente episódio narrado pelo conhecido Padre-cantor Fábio de Melo gerou um grande debate na internet envolvendo nossa Diva. Ele contou durante a pregação no evento Hosana 2015, da Canção Nova, em São Paulo, como foi seu encontro com a travesti Luana Muniz. Para o padre, segundo suas próprias palavras, o encontro foi uma confrontação com sua hipocrisia e preconceito. “Que coisa horrorosa isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso”, disse ele em frente aos milhares de fiéis que estavam no evento e ouviram o testemunho. Começou a fazer um desafio aos presentes, ecoando o relato dos evangelhos da parábola do Bom Samaritano. “Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós. Não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocadas por aquela pessoa.... Eu sou padre e nem sempre tenho disposição de recolher quem precisa. Você é cristão e nem sempre está disposto que ele tem de cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa... alimentar e amar quem precisa ser amado”.

[VÍDEO]

Crítica aos religiosos

Em seu discurso, Fábio de Melo criticou alguns religiosos que utilizam a fé com fins inescrupulosos. “Também tenho vergonha de muitos que se dizem religiosos. Ser religiosos não é garantia de nada (...) Eu não dispenso a ajuda dos ateus humanistas que, com seus discursos e suas reflexões, me ajudam a manter a coroa de glória na cabeça dos meus fiéis. Não importa se não falam de Deus. De Deus falo eu. Mas eu preciso de gente que fale de gente; de gente que se indigne”, desabafou o padre.

Já Luana – a travesti da foto – afirma que a experiência foi emocionante para ambos. “Ele pegou na minha mão e pediu meu contato para poder ajudar no meu projeto do Natal das crianças carentes aqui da Lapa. Sei que Fábio comprou uma briga com essa foto, mas também é atitude que dá visibilidade à causa LGBT”, declarou. E não comentou sobre o tratamento do padre.

T029: ACESSA.com

Link: <https://www.acesa.com/zonapink/arquivo/2016/02/13-conheca-atriz-rainha-lapa-luana-muniz/>

Data da publicação: 13/02/2016

TÍTULO: CONHEÇA A ATRIZ E RAINHA DA LAPA, LUANA MUNIZ

O Portal ACESSA.com entrevistou a Rainha da Lapa, a atriz Luana Muniz, que foi coroada na terça-feira de Carnaval, 9 de fevereiro, como rainha do tradicional The Gala Gay, que aconteceu no Centro Cultural Veneza, em Botafogo (assista ao vídeo).

Horas antes do seu reinado, Luana Muniz descia as escadarias do seu casarão rosa, localizado na rua Mém de Sá 100, no Centro da cidade carioca, para conceder entrevista e se deslocar para o baile. Era 22h30 e com o fervor da região boêmia, a rainha já premeditava o congestionamento até o local. Antes mesmo de chegar ao carro, que estava há metros da sua casa, era possível notar a popularidade de Luana, que posava para fotos do fãs e turistas que ali passavam.

Já dentro do carro da amiga Joice Taylor (foto abaixo), que nos levou para o baile, Luana se acertava no banco, para que a coroa não saísse da cabeça e nem seu vestido amassasse. Com 47 anos de “calçada”, Luana Muniz revela que já trabalhou em vários cabarés do mundo. Com nacionalidade italiana ela fala e lê seis idiomas e atualmente preside a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro, que recebe verba até das atrizes da Rede Globo.

Entre tantos títulos, ela é considerada a versão contemporânea da Madame Satã. Líder das meninas da Lapa, foi uma das fundadoras do projeto Damas da Prefeitura do Rio de Janeiro - ação social que objetiva a capacitação para o mercado de trabalho de travestis e transexuais.

Luana Muniz é conhecida pelo bordão “travesti não é bagunça” e nos últimos meses pela foto ao lado do padre Fábio de Melo, durante o aniversário da cantora Alcione, na Estação Primeira de Mangueira. Seu último trabalho estreou nesta semana, no qual ela faz o clone da Pamela Anderson, no filme Um Suburbano Sortudo, com Rodrigo Santana.

ACESSA.com: Como você recebeu a notícia que seria eleita a rainha do tradicional The Gala Gay?

Luana Muniz: Eu não imaginava... Imagino arrumar outro marido rico. Eu já tive sete, tirei tudo que eles tinham. Eu percebo que a minha notoriedade cresceu muito há uns dez anos, principalmente em 2010, quando eu fiquei conhecida mundialmente por um vídeo que passou em 180 países, em que eu aparecia batendo em um cliente no Profissão Repórter (vídeo abaixo).

Além disso, eu tenho 47 anos de profissão, 36 anos de artista com registro profissional, fiz inúmeros trabalhos importantes, como peças teatrais, espetáculos e shows.

ACESSA.com: Você é uma pessoa muito respeitada e conhecida na Lapa. Como você explica esse sucesso?

LM: Eu sou como os baianos. Eu não nasci. Estreei! Sou estrela há mais de 40 anos e como Oscar Wilde (escritor) dizia, Deus dá o talento a cada um, o que você vai fazer com esse talento é o que é importante. Existem pessoas que são talentosas e geniais, eu acredito que atendo todos esses quesitos. O segredo do respeito é você se respeitar. Automaticamente, você se respeitando, vai respeitar as pessoas, pois você vai ser um bom cidadão, vai cumprir com os seus deveres para obter os seus direitos.

ACESSA.com: Como é a sua relação com as outras travestis que atuam na Lapa?

LM: Nós temos uma associação com ata, documentação e publicações no Diário Oficial. Eu sou a presidente e prezamos pelo respeito e organização. Quando eu voltei a morar no Brasil, devido a globalização e a internet, percebi que para obter voz na sociedade é preciso se politizar. Eu sou da época da navalha, em que os profissionais do sexo eram espancados e isso não funciona mais.

ACESSA.com: Quais foram as principais mudanças que você percebe nesses 47 anos de profissão?

LM: São várias. Antes éramos perseguidas e algemadas nos postes. Éramos presas na parte da manhã, tarde e noite. Hoje em dia não, somos respeitadas. No Rio de Janeiro, por exemplo, existem duas leis, uma municipal e outra estadual, que nos protege. Fora essas, graças ao deputado Jean Wyllys, teremos uma Lei Federal. Não falo em nome de partido, porque sou apartidária e gosto das políticas sociais. Hoje, a polícia nos respeita, mas o país está um caos, ainda bem que a maior parte das travestis é bem-sucedida, tem um plano de saúde e casa própria. Os outros 20% se entregam na desgraça, por conta da dependência química, mas assim mesmo tem a reabilitação.

Outro ponto que é importante destacar é que o mercado formal também se abriu. Atualmente temos travestis advogadas, enfermeiras e cientistas. Nos Estados Unidos, o Obama nominou uma senadora transexual. No Michigan (um dos 50 estados dos Estados Unidos), uma das médicas que mais faz cirurgia em trans é, também, transexual operada há dez anos.

Eu sou autônoma, empresária, artista e prostituta. Não quero trabalhar para ninguém, meu patrão sou eu mesma. Ninguém manda no meu trabalho. Eu já nasci para liderar.

ACESSA.com: Fale um pouco do trabalho da associação.

LM: Em parceria com outras ONGS, realizamos trabalhos na área de cultura, saúde, prevenção, documentação e dependência química. Tentamos abranger um território bem grande, porque assim como qualquer outro ser humano, o travesti tem o direito de ser perder dentro da sua própria história e se reencontrar.

ACESSA.com: Quais os momentos mais marcantes da sua carreira?

LM: Já vi muita coisa ruim e muita coisa boa. Eu prefiro falar das coisas boas. Eu não sou uma pessimista chata e nem sou uma otimista sonhadora. Eu sou uma realista consciente. Eu pisei em 39 países, morei em 16, tenho dupla cidadania e pisei em lugares que reis e rainha e grandes estrelas fizeram compras. E também presenciei mortes de pessoas. Eu sou da Lapa de outrora. Sou da Lapa do grande glamour e que depois houve a decadência. Assisti grandes espetáculos na Broadway e grandes desastres no Brasil que as pessoas chamam de música.

ACESSA.com: Quais foram suas inspirações?

LM: As grandes artistas. Meu primeiro ídolo foi a minha mãe, mas eu não sabia. Aos 38 anos, após fazer análise, descobri isso. Sai de casa aos 9 anos e sou a cópia da minha mãe. Mas as estrelas como a Julie Newmar, que foi a primeira mulher-gato na década de 60 e Bárbara Streisand, além das grandes divas do passado e que fazem sucesso até hoje, como a Madona, que é uma grande business, não uma grande voz.

ACESSA.com: Como foi o seu processo de transformação?

LM: Travesti é de dentro para fora, não se descobre, mesmo porque não está coberta. Eu sou o reflexo do que já nasceu comigo e tudo custou muito caro e custa até hoje.

ACESSA.com: Quais são seus ídolos?

LM: Aretha Franklin, Billie Holiday, minha madrinha Alcione, que ajuda no meu projeto com as crianças no Natal, além de ter uma das maiores vozes do mundo; Maria Bethânia, Elis Regina, Gal Costa, Beyoncé, Anita Baker e tantas outras. Tudo é válido. Qualquer tipo de arte é válida, boa ou ruim, pois a beleza está nos olhos de quem vê.

ACESSA.com: O que a Luana Muniz gosta de fazer fora do trabalho?

LM: Comer, dormir e sexo, mas dentro da minha casa, não. Eu tenho um quarto em outro imóvel em que alugo vagas para outras travestis, em que eu guardo roupas de shows. Eu sou cinéfila, apesar de como atriz não gosto de fazer cinema, porque dá muito trabalho. Sou muito eclética, apesar de não gostar de ler, pago uma pessoa que lê pra mim, pois manda quem pode e obedece quem tem juízo. Eu sou um pouco Miranda (personagem do

filme O Diabo Veste Prada) e preciso de alguém do meu lado lembrando o nome da pessoa. Não sou melhor e pior do que ninguém, mas sou estrela do céu, não sou do fundo do mar, que as pessoas só veem quando mergulham.

O importante é ser autêntica. Nem sempre o que eu falo agrada as pessoas. O maior presente que Deus nos deu foi a vida, depois o cérebro, então você tem que saber usar da melhor forma possível. Agora, se o Brasil tivesse preocupado com a educação há 40 anos, talvez estaria melhor, mas ainda é tempo. Só a educação vai nos salvar. Vamos lutar pela educação, pois só assim virá a cultura, política e saúde.

ACESSA.com: Qual sua opinião sobre preconceito?

LM: O preconceito nunca vai acabar. As pessoas vão morrer, outras vão nascer e ele vai continuar. O preconceito está enraizado e cada um tem o seu. Com 38 anos, eu já trabalhava na rua há anos e me considerava a pessoa menos preconceituosa possível e descobri que não era. O Brasil é muito novo, a Europa luta há cinco mil anos, mas o nosso país é muito bonito, muito rico, apesar de ser mal administrado.

T030: A COISA TODA

Link: <http://acoisatoda.com/2016/01/29/17-travestis-e-transexuais-brasileiras/>

Data da publicação: 29/01/2016

TÍTULO: 17 TRAVESTIS E TRANS BRASILEIRAS QUE VOCÊ PRECISA CONHECER

Hoje, 29 de janeiro, é o Dia da Visibilidade Trans e nós da equipe d'A Coisa Toda reunimos nomes de transexuais e travestis do Brasil que todo mundo precisa conhecer. Esta tarefa não foi fácil e eu, responsável pelo post, pedi ajuda pras amigas tudo, e chegamos a esta lista que pode – e deve – estar incompleta. Mas que seja um instrumento para vermos quantas pessoas trans* incríveis estão trabalhando para fazer dessa sociedade com um CISTema tão falido um lugar melhor para nós. Espero fazer justiça ao trabalho de todos e todas.

É com muita honra que chamamos atenção para:



15) Luana Muniz

A Rainha da Lapa, a nossa madame Satã contemporânea. Muito mais do que “a travesti que não é bagunça e tirou foto com um padre”, Luana é nosso patrimônio cultural e humano. Com ela não existe injustiça. E contra a injustiça faz trabalhos incríveis pela região da Lapa com moradores de Rua, com as travestis e com as prostitutas. Muito respeito a nossa Rainha!

T031: TV E FAMOSOS

Link: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2016/03/27/padre-fabio-de-melo-se-emociona-ao-lembrar-amizade-com-travesti-luana-muniz.htm>

Data da publicação: 27/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO SE EMOCIONA AO LEMBRAR AMIZADE COM TRAESTI LUANA MUNIZ



O padre Fábio de Melo se emocionou no palco do programa "Eliana" neste domingo (27) ao lembrar o início de sua amizade com Luana Muniz, travesti conhecida por fazer trabalho social no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro.

O padre lembrou que a relação dele e Luana começou no fim de 2015 quando ela pediu para tirar uma foto. A imagem compartilhada nas redes sociais não agradou aos católicos e o próprio padre admitiu ter ficado "desconfortável".

"Não foi natural, eu não quis estar perto dela", admitiu Fábio de Melo. "Eu percebi que não era capaz de amá-la. Eu me senti um fracassado", continuou.

Fábio de Melo contou então que ficou sabendo que Luana ajudava pessoas carentes na região da Lapa e que a partir daí repensou seu preconceito.

"A coisa que eu acho mais odiosa é quando eu vejo as pessoas usarem a religião para serem melhores que os outros", disse. "Nunca tenho o direito de me sentir melhor do que ninguém. Não tenho o direito de me sentir melhor pelo outro ter uma educação diferente da minha ou uma escolha sexual diferente da minha", acrescentou.

T032: BLASTING NEWS

Link: <http://br.blastingnews.com/tv-famosos/2016/03/padre-fabio-de-melo-chora-ao-falar-de-relacao-com-travesti-luana-muniz-00852969.html>

Data da publicação: 27/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO CHORA AO FALAR DE RELAÇÃO COM TRAVESTI LUANA MUNIZ

Padre e travesti criaram grande amizade. Ela é conhecida pelos trabalhos sociais.



Legenda: Padre Fábio de Mello se emociona ao falar de travesti

Neste domingo, 27, a Páscoa foi comemorada em diversas regiões do mundo. A data é festejada por vários povos, não só por aqueles que acreditam na ressurreição de Jesus. O tema ganhou destaque no SBT. A apresentadora Eliana, por exemplo, decidiu levar ao seu programa o Padre Fábio de Melo, conhecido pelo público por cantar e também ser muito popular na internet. Ele constantemente interage com seus seguidores nas redes sociais, o que é visto como uma grande inovação pela Igreja Católica.

Na conversa com a comunicadora do SBT, Fábio de Melo chegou a se emocionar e chorar ao falar de uma amizade, para muitos, inusitada. O pároco confessou que é amigo de Luana Muniz, uma travesti conhecida por fazer o bem.

Luana realiza ações sociais em um bairro do Rio de Janeiro. À Eliana, o representante da igreja contou como os dois se conheceram. O primeiro encontro foi em 2015, quando Luana pediu para Fábio tirar uma foto com ela.

O fato de um padre estar ao lado de um travesti ganhou grande repercussão através das redes sociais. Muitos homossexuais se sentem marginalizados por igrejas e alguns até têm histórias ruins com as religiões mais tradicionais, partindo para os cultos africanos, onde acabam bem recebidos. À Eliana, o padre revelou que a imagem irritou muitos católicos e que a situação em si foi "desconfortável".

Ele então não teve receio de dizer o porquê e revelou ter um preconceito inicial com a situação. O pároco disse que não foi natural, já que naquele momento ele não queria estar ao lado de Luana.

Ele disse então que se sentiu um imenso fracassado por não conseguir amá-la. Nesse momento, o líder religioso já estava com os olhos marejados de lágrimas.

Foi então que o padre descobriu que Luana ajudava pessoas carentes do Rio de Janeiro e decidiu acabar de vez com aquele sentimento que ele tinha. O padre então disse que não se pode usar a religião para tentar ser superior aos outros. E que nem ele pode se sentir melhor apenas por ter uma escolha sexual diferente da travesti, que acabou o conquistando.

T033: FOLHA DE OEIRAS

Link: <http://folhadeoeiras.com/entrete/144/Padre-Fabio-de-Melo-fala-sobre-foto-com-travesti>

Data da publicação: 27/03/2016



O padre Fábio de Melo, um dos nomes mais conhecidos da Igreja Católica no Brasil, virou assunto nas redes sociais recentemente após posar para uma foto ao lado do travesti Luana Muniz, conhecida por inúmeros trabalhos sociais.

A imagem, quando foi compartilhada nas redes sociais, não teve recepção unânime, e desagradou alguns setores mais conservadores da Igreja.

No programa “Eliana” deste domingo (27), Fábio contou que no início se sentiu até desconfortável, mas que logo após mudou de opinião.

“Não foi natural, eu não quis estar perto dela. Eu percebi que não era capaz de amá-la. Eu me senti um fracassado. A coisa que eu acho mais odiosa é quando eu vejo as pessoas usarem a religião para serem melhores que os outros”.

Fábio ainda comentou que não tem o direito de “se sentir melhor” que alguém baseando-se em suas escolhas pessoais.

“Nunca tenho o direito de me sentir melhor do que ninguém. Não tenho o direito de me sentir melhor pelo outro ter uma educação diferente da minha ou uma escolha sexual diferente da minha”.

T034: OBSERVATÓRIO DA TELEVISÃO

Link: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/famosos/2016/03/padre-fabio-sobre-amizade-com-travesti-eu-percebi-que-nao-era-capaz-de-ama-la>

Data de publicação: 28/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO SOBRE AMIZADE COM TRAVESTI: “EU PERCEBI QUE NÃO ERA CAPAZ DE AMÁ-LA”



[ALT: Padre Fábio sobre amizade com travesti]

Padre Fábio de Melo abriu o coração para Eliana e comentou o início da amizade com a travesti Luana Muniz neste domingo (27).

“Não foi natural, eu não quis estar perto dela. Eu percebi que não era capaz de amá-la. Eu me senti um fracassado”, falou o religioso sobre a foto que posou ao lado dela e que repercutiu na internet.

Ele mudou de opinião ao descobrir o trabalho social de Luana com pessoas carentes no Rio de Janeiro: “A coisa que eu acho mais odiosa é quando eu vejo as pessoas usarem a religião para serem melhores que os outros. Nunca tenho o direito de me sentir melhor do que ninguém. Não tenho o direito de me sentir melhor pelo outro ter uma educação diferente da minha ou uma escolha sexual diferente da minha”.

T035: JORNAL DO COMMERCIO ONLINE

Link: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/imagem-e-som/noticia/2016/03/28/padre-fabio-de-melo-se-emociona-ao-falar-de-relacao-com-travesti-228317.php>

Data da publicação: 28/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO SE EMOCIONA AO FALAR DE RELAÇÃO COM TRAVESTI

O sacerdote contou sobre sua amizade com Luana Muniz no programa Eliana



Legenda: Padre Fábio de Melo se emocionou ao falar da amizade com a travesti Luana Muniz. Foto: SBT/Reprodução

Neste domingo de Páscoa (27), a apresentadora Eliana recebeu em seu programa o Padre Fábio de Melo. O católico falou sobre a sua fama nas redes sociais, com destaque para o Snapchat. Mas o que chamou a atenção dos telespectadores foi a emoção do pároco ao falar de sua amizade com a travesti Luana Muniz.

Luana é conhecida por realizar ações sociais no Rio de Janeiro. O padre Fábio lembrou que eles se conheceram em 2015, quando a travesti pediu para tirar uma foto com o sacerdote. Na época, a fotografia rodou as redes sociais e dividiu opiniões.

O depoimento da própria Luana no programa levou o católico às lágrimas. E ele confessou que no primeiro momento foi preconceituoso: "Eu não quis estar perto dela", confessou. Padre Fábio ressaltou que a situação foi desconfortável e se sentiu mal por "não ser capaz de amá-la". No fim, o pároco diz que aprendeu a lição pela repercussão e reforçou que todos devem amar as pessoas como elas são.

Após o episódio, o sacerdote confirmou que ficou amigo de Luana e se falam até hoje, até mesmo pelo WhatsApp. Assista o depoimento do Padre Fábio de Melo na íntegra no programa Eliana, clicando aqui.

T036: 97 NEWS

Link: <http://www.97news.com.br/noticias/6808-2016/03/28/padre-fabio-de-melo-se-emociona-ao-lembrar-amizade-com-travesti>

Data de publicação: 28/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO SE EMOCIONA AO LEMBRAR AMIZADE COM TRAVESTI



(Foto: Reprodução)

O padre Fábio de Melo fez um desabafo emocionado neste domingo (27). Durante sua participação em programa dominical, ele foi às lágrimas ao relembrar o início da amizade com Luana Muniz, travesti conhecida por fazer trabalho social no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. A polêmica com o rapaz e Luana começou no final de 2015, após ela pedir para tirar uma foto com ele. A imagem foi compartilhada nas redes sociais e não agradou muito a alguns seguidores do padre. De acordo com Fábio de Melo, ele também ficou "desconfortável" com a situação. "Não foi natural, eu não quis estar perto dela. Eu percebi que não era capaz de amá-la. Eu me senti um fracassado", contou. Ele contou ainda que repensou seu preconceito após saber que Luana ajudava pessoas carentes na região da Lapa. "A coisa que eu acho mais odiosa é quando eu vejo as pessoas usarem a religião para serem melhores que os outros. Nunca tenho o direito de me sentir melhor do que ninguém. Não tenho o direito de me sentir melhor pelo outro ter uma educação diferente da minha ou uma escolha sexual diferente da minha", desabafou.

T037: PORTAL 4

Link: <https://portal4.wordpress.com/2016/03/28/desabafo-padre-fabio-sobre-inicio-da-amizade-com-travesti-nao-foi-natural-eu-nao-quis-estar-perto-dela/>

Data da publicação: 28/03/2016

TÍTULO: DESABAFO: PADRE FÁBIO SOBRE INÍCIO DA AMIZADE COM TRAVESTI: “NÃO FOI NATURAL, EU NÃO QUIS ESTAR PERTO DELA”

Convidado especial do programa “Eliana” neste domingo (27) de Páscoa, padre Fábio de Melo ficou emocionado ao dar detalhes de sua amizade com a travesti Luana Muniz, que auxilia pessoas com necessidades na região da Lapa (Rio de Janeiro).

Ele relembrou a foto dos dois que gerou polêmica na internet e na Igreja Católica e admitiu que também não ficou confortável com a situação. “Não foi natural, eu não quis estar perto dela”, assumiu o religioso, que mudou sua postura ao saber do trabalho social de Luana.

“A coisa que eu acho mais odiosa é quando eu vejo as pessoas usarem a religião para serem melhores que os outros. Nunca tenho o direito de me sentir melhor do que ninguém. Não tenho o direito de me sentir melhor pelo outro ter uma educação diferente da minha ou uma escolha sexual diferente da minha”, afirmou.

Fábio, que faz sucesso nas redes sociais com seus vídeos e frases, também comentou a respeito da relação com os seguidores: “O humor quebra distâncias e eu gosto de ser bem-humorado, mas meu humor passa um pouco pela reclamação”.

T038: GCM ENTRETENIMENTO

Link: <https://gcn.net.br/noticias/315829/artes/2016/03/padre-fabio-de-melo-se-emociona-ao-relembra-amizade-com-travesti-luana-muniz>

Data da publicação: 28/03/2016

TÍTULO: PADRE SE EMOCIONA AO FALAR DE AMIZADE COM TRAVESTI



Legenda: O padre apareceu ao lado da travesti Luana. Muitos católicos criticaram a atitude dele

O padre Fábio de Melo participou do programa Eliana no domingo, dia 27, e se emocionou ao lembrar como iniciou sua amizade com a travesti Luana Muniz.

No ano passado, Fábio prestigiou o aniversário da cantora Alcione e tirou fotos com diversos fãs que estavam no local. Uma das imagens, no entanto, causou bastante polêmica. O padre apareceu ao lado da travesti Luana. Muitos católicos criticaram a atitude de Fábio, alegando que ele estaria "se rendendo ao mundo".

O próprio padre confessou na ocasião que ficou "desconfortável". "Não foi natural, eu não quis estar perto dela", admitiu Fábio no programa de Eliana. "Eu percebi que não era capaz de amá-la. Eu me senti um fracassado", explicou o padre, que se emocionou após o vídeo de Luana, agradecendo Fábio por aceitar posar ao lado dela.

Após o registro ao lado de Luana, Fábio descobriu que a travesti mantinha um projeto social na Lapa, no Rio de Janeiro, auxiliando moradores de rua. Segundo ele, isso foi como "um tapa na cara". "A coisa que eu acho mais odiosa é quando eu vejo as pessoas

usarem a religião para serem melhores que os outros. Nunca tenho o direito de me sentir melhor do que ninguém. Não tenho o direito de me sentir melhor pelo outro ter uma educação diferente da minha ou uma escolha sexual diferente da minha", disse ele.

T039: NEWS RONDÔNIA

Link: <http://www.newsrondonia.com.br/noticias/padre+fabio+de+melo+se+emociona+ao+lembrar+amizade+com+travesti+luana+muniz/72531>

Data da publicação: 28/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO SE EMOCIONA AO LEMBRAR AMIZADE COM TRAVESTI LUANA MUNIZ

Fábio de Melo contou então que ficou sabendo que Luana ajudava pessoas carentes na região da Lapa e que a partir daí repensou seu preconceito.

O padre lembrou que a relação dele e Luana começou no fim de 2015 quando ela pediu para tirar uma foto. A imagem compartilhada nas redes sociais não agradou aos católicos e o próprio padre admitiu ter ficado "desconfortável".



"Não foi natural, eu não quis estar perto dela", admitiu Fábio de Melo. "Eu percebi que não era capaz de amá-la. Eu me senti um fracassado", continuou.

Fábio de Melo contou então que ficou sabendo que Luana ajudava pessoas carentes na região da Lapa e que a partir daí repensou seu preconceito.

"A coisa que eu acho mais odiosa é quando eu vejo as pessoas usarem a religião para serem melhores que os outros", disse. "Nunca tenho o direito de me sentir melhor do que ninguém. Não tenho o direito de me sentir melhor pelo outro ter uma educação diferente da minha ou uma escolha sexual diferente da minha", acrescentou.

"Humor quebra distâncias"

Cantor e apresentador, o padre comentou o sucesso que faz nas redes sociais, principalmente no Twitter e no Snapchat, em que faz comentários sarcásticos e reclamações. "O humor quebra distâncias e eu gosto de ser bem-humorado, mas meu humor passa um pouco pela reclamação", disse.

Fonte: Bol

T040:ARIQUEMES

Link: <http://ariquemesonline.com.br/noticia.asp?cod=304970&codDep=52>

Data da publicação: 29/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO CHORA AO LEMBRAR POLÊMICA COM TRAVESTI: 'FICAMOS AMIGOS'



Em entrevista a Eliana neste domingo (27), o pároco admitiu mais uma vez seu preconceito quando Luana Muniz se aproximou dele em 2015 para tirar uma foto

O padre Fábio de Melo vem conquistando fãs não apenas da religião católica, mas também jovens e famosos como Bruna Marquezine após aderir ao Snapchat e mostrar seu bom humor em vídeos no aplicativo. Em 2015, no entanto, ele se envolveu em uma polêmica ao aparecer em foto ao lado do travesti Luana Muniz e, posteriormente, admitir que se sentiu envergonhado por ser preconceituoso. Neste domingo (27), o padre voltou a comentar o episódio no "Programa da Eliana", no SBT, e foi às lágrimas.

Depois de encontrar Luana no aniversário da cantora Alcione, onde a foto foi feita, Fábio de Melo contou em uma palestra que teve receio da aproximação, e que, logo depois de posar com a transexual, soube que ela realiza um trabalho social na Lapa, bairro boêmio do Rio. "A coisa que eu mais acho odiosa, como religioso, é toda vez que eu tenho a oportunidade de ver um instrumental religioso sendo usado para que a gente se sinta melhor que os outros. E eu confesso que quando encontrei a Luana - inclusive hoje corrijo a linguagem, porque no dia que eu dei essa palestra a minha ignorância me disse para chamá-lo de 'ele' -, senti toda aquela rejeição dentro de mim, sabe? Porque não foi natural, eu não quis estar perto dela", contou à apresentadora, já elogiada ao posar sem maquiagem.

O padre continuou seu discurso emocionado: "Confesso que na hora que eu senti que eu rejeitava aquela criatura, que eu não era capaz de amá-la como Jesus amaria se estivesse ali naquele lugar, e eu me senti um fracassado. Porque tantos anos como cristão e eu me lembrei da minha mãe, de tudo o que ela me ensinou na vida, e se tem uma coisa que eu aprendi com ela, é isso, que não tenho o direito de me sentir melhor que ninguém. Eu acho que existem questões humanas que nos distanciam demais por causa disso. O outro estudou menos que eu, o outro tem uma escolha sexual diferente da minha... nada, absolutamente nada, deveria ser um impasse para o nosso encontro", opinou ele.

Fábio de Melo, que no ano passado ganhou uma carona de Angélica no "Estrelas", falou ainda da repercussão do caso e afirmou que mantém contato com Luana. "Eu fiquei amigo dela. Então de vez em quando a gente se fala. Logo no nosso primeiro contato ela me disse que tinha sido uma avalanche na vida dela, porque ela também não esperava aquilo, e o que foi mais interessante, uma iniciativa da Arquidiocese do Rio de Janeiro em ligar

para ela, em procurar conhecer o trabalho, em oferecer ajuda. E ela disse: 'padre, o senhor não faz ideia do tanto de carolas, de beatas que vieram aqui querendo ajudar o nosso projeto'. Isso aconteceu e eu me sinto um vitorioso", finalizou.

T041: BOM DIA FEIRA

Link: <http://www.bomdiafeira.com.br/noticias/8454/padre-fabio-de-melo-chora-ao-falar-de-amiga-travesti.html>

Data da publicação: 29/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO CHORA AO FALAR DE AMIGA TRAVESTI

Tudo aconteceu enquanto o padre estava no programa "Eliana", do SBT

[FOTO INDISPONÍVEL]

Durante a participação no programa "Eliana", do SBT, exibido na tarde de domingo (27), o padre Fábio de Melo se emocionou ao falar da sua relação com a travesti Luana Muniz. Ela, conhecida por fazer trabalho comunitário no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro.

O padre conheceu Luana no aniversário de Alcione, quando ela pediu para tirar uma foto com ele. Fábio de Melo admitiu que pré-julgou a situação, ao não querer estar ao lado da travesti, com medo da repercussão tanto da igreja quanto a comunidade católica.

"A coisa que eu acho mais odiosa é quando eu vejo as pessoas usarem a religião para serem melhores que os outros", disse. "Nunca tenho o direito de me sentir melhor do que ninguém. Não tenho o direito de me sentir melhor pelo outro ter uma educação diferente da minha ou uma escolha sexual diferente da minha".

T042: JÁ É NOTÍCIA

Link: <http://www.jaenoticia.com.br/noticia/27305/Padre-Fabio-de-Melo-e-travesti-Luana-Muniz-planejam-trabalhar-juntos>

Data da publicação: 30/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO E TRAVESTI LUANA MUNIZ PLANEJAM TRABALHAR JUNTOS

Para o religioso, as obras sociais realizadas por Luana, em uma comunidade do Rio de Janeiro, superam qualquer tipo de preconceito



A amizade entre o Padre Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz começou há quatro meses quando eles se conheceram na quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro. Os dois, que servem de psicólogos um do outro quando o assunto é desabafar sobre os problemas do dia a dia, decidiram que vão trabalhar juntos em prol de pessoas carentes.

"Dividimos a preocupação dele com a mãe, que estava doente e debilitada. Também passei por isso quando a minha teve câncer. Mas também falamos de coisas boas. Ele tem muito bom humor, é engraçado e prático", disse Luana em entrevista ao jornal 'Extra', garantindo que eles se falam sempre por telefone.

Apesar de nunca mais terem se visto pessoalmente, desde o encontro, os amigos tentam organizar algo na casa de uma amiga em comum, a cantora Alcione.

"Vamos organizar alguma coisa juntos, os três, para ajudar as pessoas", afirmou Luana. Na época do encontro, além de aceitar posar para uma foto junto com a travesti, o padre ainda postou a seguinte frase em suas redes sociais: "Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro".

No último domingo, durante um especial de Páscoa no programa 'Eliaana', no SBT, Pe Fábio de Melo voltou a falar sobre sua amizade com Luana.

Segundo ele, muitos católicos não gostaram de ver que ele havia posado junto com a travesti, mas de acordo com ele, as obras sociais realizadas por Luana em uma comunidade do Rio de Janeiro superam qualquer tipo de preconceito.

T043: GUARÁ NOTÍCIAS

Link: <http://www.guaranoticias.com.br/noticias/ler/id/32354/>

Data da publicação: 30/03/2016

TÍTULO: PE FÁBIO DE MELO VAI TRABALHAR JUNTO COM TRAVESTI LUANA MUNIZ EM PROL AOS NECESSITADOS

O Pe Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz decidiram que vão trabalhar juntos em prol aos mais carentes.

Além de manterem a amizade - que começou há quatro meses quando eles se conheceram na quadra da Mangueira, no Rio de Janeiro -, ambos servem de psicólogos um do outro quando o assunto é desabafar sobre os problemas do dia-a-dia.

"Dividimos a preocupação dele com a mãe, que estava doente e debilitada. Também passei por isso quando a minha teve câncer. Mas também falamos de coisas boas. Ele tem muito bom humor, é engraçado e prático", disse Luana em entrevista ao jornal 'Extra', garantindo que eles se falam sempre por telefone.

Depois do encontro dos dois, eles nunca mais se viram pessoalmente, no entanto, estão tentando organizar algo na casa de uma amiga em comum, a cantora Alcione.

"Vamos organizar alguma coisa juntos, os três, para ajudar as pessoas", afirmou Luana. Na época do encontro, além de aceitar posar para uma foto junto com a travesti, o padre ainda postou a seguinte frase em suas redes sociais: "Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro".

No último domingo, durante um especial de Páscoa no programa 'Eliaana', no SBT, Pe Fábio de Melo voltou a falar sobre sua amizade com Luana.

Segundo ele, muitos católicos não gostaram de ver que ele havia posado junto com a travesti, mas de acordo com ele, as obras sociais realizadas por Luana em uma comunidade do Rio de Janeiro superam qualquer tipo de preconceito.

T044: GRANDE RIO FM

Link: <https://granderiofm.com.br/celebridades/padre-fabio-de-melo-e-travesti-luana-muniz-ficam-amigos-e-planejam-trabalhar-juntos.html>

Data da publicação: 30/03/2016

TÍTULO: PADRE FABIO DE MELO E TRAVESTI LUANA MUNIZ FICAM AMIGOS E PLANEJAM TRABALHAR JUNTOS



Quatro meses depois daquele encontro na quadra da Mangueira, padre Fabio de Melo e a travesti Luana Muniz seguem amigos. Na época, o religioso, durante um testemunho, admitiu seu preconceito e reconheceu seu erro ao julgar Luana, que comanda um projeto social na Lapa, onde vive. “Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro”, disse o padre.

Eles conversam por telefone, dividem dramas pessoais e planejam organizar juntos um evento beneficente. “Dividimos a preocupação dele com a mãe, que estava doente e debilitada. Também passei por isso quando a minha teve câncer. Mas também falamos de coisas boas. Ele tem muito bom humor, é engraçado e prático”.

Luana e Fabio de Melo ainda não tiveram um encontro pessoalmente, mas planejam um na casa de Alcione, amiga de ambos: “Vamos organizar alguma coisa juntos, os três, para ajudar as pessoas”.

No último domingo, Luana deu um testemunho numa homenagem ao padre num programa de TV. Ela guardou segredo até o quadro ir ao ar: “Brinquei com ele que fiz voto de silêncio e que já poderia virar freira. Ele se divertiu muito”. (Com informações do Extra/famosos)

T045: DIÁRIO GAÚCHO

Link: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2016/03/padre-fabio-de-melo-supera-preconceito-e-vai-trabalhar-em-acao-social-com-travesti-luana-muniz-5624309.html>

Data da publicação: 30/03/2016

TÍTULO: PADRE FÁBIO DE MELO SUPERA PRECONCEITO E VAI TRABALHAR EM AÇÃO SOCIAL COM TRAVESTI LUANA MUNIZ

Cantora Alcione também deve participar da ação



Legenda: Padre Fábio de Melo quer trabalhar em ação social com travesti Luana Muniz e com cantora Alcione

O padre Fábio de Melo e a travesti Luana Muniz estão amigos e planejam trabalhar juntos em uma ação social. Eles se conheceram em dezembro na quadra da escola de samba Mangueira no aniversário da cantora Alcione.

Na época, ele admitiu ter preconceito e reconheceu seu erro ao julgar Luana. Ela comanda um projeto social no bairro da Lapa, região central da cidade. "Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmorrar os castelos de ilusão que nós criamos dentro", disse o padre ao jornal **Extra**.

A dupla ainda não teve outro encontro pessoalmente, mas planeja um na casa da cantora Alcione, de quem são amigos. "Vamos organizar alguma coisa juntos, os três, para ajudar as pessoas", comentou Fábio.

Assista a trecho de pregação feita pelo padre em que ele comenta a experiência.

[VÍDEO]

Site: **SOCIALISTA MORENA**

Link: <http://www.socialistamorena.com.br/luana-a-rainha-da-lapa/>

Data da publicação: 09/10/2016

TÍTULO: LUANA, A RAINHA DA LAPA: “A COPA E AS OLIMPÍADAS FORAM EXCELENTE PARA FAZER DINHEIRO”

Imperdível esta entrevista livre de puritanismo com a travesti carioca Luana Muniz, a Rainha da Lapa, feita pelo jornal chileno The Clinic. Ouvir as travestis é sempre rico, uma quebra de paradigmas. E elas são tão pouco ouvidas por nossa mídia... Eu traduzi para vocês, leiam. *** Por Desirée Yépez, no The Clinic Luana Muniz nasceu [...]



Luana Muniz nasceu varão há 58 anos. Quando pequeno, abriu um livro e se encontrou com “Luana”, a personagem de uma guerreira africana. Assim queria ser: mulher, linda, rica e amada. Era 1969 e a ditadura militar estava instalada no Brasil. A repressão e a proibição atentavam contra toda forma de diversidade, mas ninguém pôde inocular medo nessa menina que nascia em um corpo não correspondente.

Há 47 anos que ela está nas ruas se prostituindo. Foram tempos difíceis, viu milhares de travestis morrerem agredidas nos postes –entre urina e merda– e também outras a quem a Aids não deu trégua. Apesar disso, não tem sido ruim para ela. Em cima do salto, percorreu mais de 39 países e participou de programas de televisão, filmes e obras de teatro. Fama que há vários anos a levou a se autoproclamar como a chefe de um dos bairros mais boêmios do Rio: se intitulou a Rainha da Lapa.

Segundo estatística do Transgender Europe’s Trans Murder Monitoring (TMM) Project, 50% dos crimes contra a população trans no mundo são cometidos no Brasil. Mas Luana passeia tranquila pelas ruas. Desde 2002 que, além de exercer o comércio sexual, preside a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro, organização que funciona em um casarão em pleno bairro da Lapa. Até ali chegam dezenas de garotas que buscam um teto ou algum tipo de ajuda. Ela lhes cobra algum valor pela diária e podem receber seus clientes. O álcool, a droga e os roubos são proibidos.

– Com que idade você começou a se prostituir?

Comecei muito jovem, nos tempos da ditadura no Brasil, aos 9 anos. Com essa idade saí de casa. Antigamente os lugares onde ficavam as prostitutas e as travestis eram os postes, cheios de urina, merda e pedras, eu enfrentei isso. Logo veio a época do HIV, que não tinha esse nome, era o ‘câncer gay’. Aos 20 anos fui viver em Paris e começou minha carreira internacional. O que ganhei investi. Assim se passaram 48 anos de prostituição e 37 de carreira artística. Tenho tripla cidadania, brasileira, italiana e portuguesa.

– Por que você saiu de casa aos nove anos?

Porque ninguém manda em mim. Eu era uma força da natureza que ninguém controlava. Nunca quis obedecer a ninguém. Vesti uma minissaia e saí para viver a vida. A maioria das travestis não quer seguir regras... Quando era pequena queria ser rica, famosa, linda, casada, mulher. Agora não quero ser mulher, quero ser travesti. Sou tratada como uma dama, mas se me ofendem, me transformo num macho, num diabo.

– Quem te levou para a prostituição?

A rua, os homens, conheci as travestis dessa época, quando tudo era precário. Os hormônios eram proibidos e a maquiagem para homem também. Eram tempos muito difíceis, mas se ganhava muito dinheiro.

– No começo, você trabalhava onde?

Tiradentes, Lapa, Copacabana, Ipanema. Ao voltar da Europa compreendi que era preciso trabalhar pelos direitos das travestis. Reuni algumas que também trabalharam na Europa e em 2002 criei a associação, porque o tempo da navalha e da faca já passou. Agora devemos lutar, falar de nossos problemas, cumprir com nossos deveres para exigir nossos direitos, ainda que sempre apareça alguma que envergonha a categoria.

– Como é ser travesti no Rio de Janeiro?

Sou uma representante da comunidade LGBTI e as pessoas me respeitam pela minha história como profissional do sexo, artista e empresária. Há outras pessoas que também trabalham por nossos direitos. O índice de criminalidade no Brasil, principalmente no Norte e Nordeste, é muito alto. Os preconceitos e a intolerância ainda são fortes. Neste país a vida em geral está banalizada. Todos os dias se mata um policial, uma mulher, uma travesti. Segundo as estatísticas a cada 30 minutos morre uma mulher no Brasil. Uma travesti é assassinada a cada 24 horas, e com os homossexuais é a mesma coisa. O Brasil se diz um país democrático, sem preconceito, mas é uma grande mentira. Agora, no Rio a situação é muito melhor que antes. A Lapa é um ponto turístico, muitas pessoas vêm para cá, há muitos restaurantes e bares. Mas também atrai a marginalidade. Muitas travestis, sobretudo de outros lugares do país, vêm a esta região e, infelizmente, cometem delitos como roubos. 20% das travestis do mundo se perdem nas drogas e morrem prematuramente.

– Falando de trabalho, segundo as estatísticas, 90% das travestis estão nas ruas.

Estes são os dados. A prefeitura diz que a maioria não quer estar na rua, mas isso é mentira. O sonho de uma travesti é ser O Nascimento de Vênus, ser linda, bela e ganhar dinheiro facilmente. Mas na realidade não é assim, tem que ter capacidade para suportar quem chega, ser simpática. Agora o mercado de trabalho está se abrindo em todo o mundo. Barack Obama pensou numa transexual para ser senadora. Há advogadas, médicas. Existem programas de organizações que dão oportunidades e projetos para estudar. Minha exigência é que exista acesso ao estudo. Não faço apologia da prostituição, nem apoio a prostituição infantil. Incentivo quem queira um trabalho convencional a se preparar, mas o problema é que não querem.

– Que oportunidades de trabalho reais tem uma travesti?

Há aquelas que se dedicam à área de estética e trabalham em salões de beleza, e incentivo que façam isso. Também há cursos de corte e costura. Abri uma loja de roupas, no térreo do edifício onde funciona a associação, e uma travesti trabalha ali. É uma minoria que oferece essas oportunidades. Não se abre o jornal e se veem ofertas de trabalho para as travestis e se passará muito tempo antes de que isso aconteça.

– O Brasil é o segundo destino de turismo sexual depois da Tailândia. Como funciona o mercado de trabalho vinculado ao sexo?

Cada uma das meninas toma conta de seu trabalho. Cada uma que se preocupe com sua bunda, eu só não quero problemas. Eu as incentivo para que estudem uma carreira paralela, porque em algum momento isto vai acabar. A juventude é importante em qualquer área profissional. Eu vivo da prostituição. As propriedades que tenho comprei com dinheiro da prostituição. Fiz espetáculos em Paris, Ibiza, Ilhas Canárias, mas o que me deixou mais dinheiro foi a prostituição. Sempre tive estrela para ganhar sem negociar. Cuido da minha aparência. Durante o dia estou cansada porque tenho que resolver todos

os meus assuntos, mas de noite me transformo em uma deusa. Apesar de a crise também ter afetado a prostituição, ninguém deixa de comer nem de trepar. Quando deixar de ser puta vou ser cozinheira.

– Qual é o perfil dos seus clientes?

Pode ser qualquer pessoa: desde quem vive na rua até de maior nível socioeconômico. Não existe um termômetro do sexo.

– Como é a relação com a polícia?

No Rio nos respeitam muito. Até me chamam na delegacia para resolver problemas de travestis.

– Quais são os problemas mais comuns?

Discussão com a polícia ao fazer abordagem dos clientes. O trabalho na rua é conquistar os homens, não me interessa o que acontece. Mas há outras que se metem em problemas, porque o que falta no Brasil é educação.

– Os policiais procuram seus serviços?

Também. No momento de fazer o programa não me interessa nada a vida do outro, vamos fazer o que queremos fazer: como, me comem, chupo, me chupam. Dou o serviço e quero a grana. Todo mundo conhece Luana Muniz e se criaram mitos ao redor de mim. Quem me conhece profundamente sabe que tenho um bom coração, mas se me tratam mal, trato mal.

– Quanto custa o programa?

Depende da negociação. Por exemplo, podem ser 50 reais por meia hora. Mas se pode fazer um programa de 20 reais e sair dali com 2 mil. Isso depende da negociação, do poder de sedução. Sophia Loren dizia que a maior arma do sexo, de ser mulher, feminina, é o mistério. Sou uma enciclopédia viva.

– O negócio melhorou com a Copa do Mundo e as Olimpíadas?

Foi excelente para fazer dinheiro, só não ganhou quem não quis. Houve muitos clientes. Três vezes mais.

– Até quantos clientes você atende numa noite?

Depende. Na minha época de ouro, atendi até 50 homens numa noite.

– O que é mais complicado de ser uma travesti profissional do sexo?

Para mim é uma felicidade plena, um sucesso, uma soma de felicidades e satisfações.

– Você se apaixonou alguma vez?

Me casei oito vezes, mas deixei os oito porque sou como Marilyn Monroe, valorizo mais os diamantes do que os homens. Diamonds are forever. Eu gosto mais do dinheiro do que do pau, o pau é um complemento.

– Mas teve um grande amor?

Sim, tive. Mas fiz como a maioria das mulheres, pus todos os meus sentimentos na sua mão e ele fez o que quis. Depois disso aprendi e nunca mais. Isso foi nos anos 1970, depois me casei com um francês, um italiano... Só dinheiro. E além disso tenho a maior riqueza do mundo, educação, gentileza e amigos.

– Você está com alguém agora?

Com todos e com ninguém. Quem paga mais me leva.

– Há disputas entre as travestis?

No centro, não. Eu apelo à união e ao respeito. A razão principal pela qual as travestis brigam é pela beleza. Ninguém é melhor do que ninguém, todos merecem respeito.

– Você é querida pelas pessoas?

Sou considerada e respeitada pelas pessoas. Creio que 70% gostam de mim, 20% fingem que gostam e 10% não gostam. Sou considerada a Rainha da Lapa.

– De onde veio este título?

Me foi concedido.

– E o que representa?

Respeito, união, dignidade. Para esta Luana existir foram muitos anos de construção.

– Quantas cirurgias plásticas você fez?

Várias. Só não fui operada da cintura, das panturrilhas, dos pés, das mãos e do pau. Meu pau está aqui, eu o amo, e, se pudesse, o aumentaria.

ANEXO 5 – *Corpus* – Recorte 3 - Textos na Íntegra

T047: 1NEWS

Link: <http://www.1news.com.br/noticia/14713/brasil/morre-travesti-que-ficou-famosa-posando-ao-lado-do-padre-fabio-de-melo-06052017>

Data de publicação: 06/05/2017

Título: MORRE TRAVESTI QUE FICOU FAMOSA POR FOTO AO LADO DO PADRE FÁBIO DE MELO

Luana Muniz, 56 anos, morreu na manhã deste sábado. As causas da morte foram complicação renal e do coração, oriundas de uma pneumonia bilateral. Ela já estava em coma há uma semana, no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, em Acari no Rio de Janeiro.

Luana era ativista LGBT e teve seu trabalho reconhecido e com imensa visibilidade após posar ao lado do padre Fábio de Melo em 2015, numa quadra da Mangueira.

O padre, à época, admitiu seu preconceito e fez um discurso emocionado. Luana tornou-se ainda mais fã do padre, apesar de não ser católica e afirmou ao jornal Extra que ambos cresceram com o encontro e se emocionaram. O padre disse que quando Deus coloca pessoas a nossa frente, por vezes é para desmoronar castelos construídos na base da ilusão.

Naturalmente que depois dessa fotografia, o padre sofreu represálias mas gerou reflexão por parte da sociedade.

Lorna Washington que é amiga de Luana, afirma que o legado que ela deixou é de respeito e tolerância. Lorna conta que Luana abria sua casa para travestis que haviam sido expulsas da família e que dava comida aos pobres, na rua. Também conta que Luana era fumante desde a adolescência e que já havia apresentado grande melhora. Sua morte pegou a todos de surpresa, pois estavam contando com a recuperação da ativista.

T048: ROTA NEWS

Link: <http://rotanews176.com.br/14867-2/>

Data de publicação: 06/05/2017

Título: MORRE A TRAVESTI LUANA MUNIZ, SÍMBOLO DA LAPA

Ela ficou conhecida depois de sua ação-sociais onde amparava indiscriminadamente travestis, prostitutas e pessoas em situação de rua sem ter para onde ir, era acolhido n o casarão, figurante em programa humorísticos da TV e a foto polemica ao lado do Padre Fábio de Melo



Reprodução/Foto-RN176 A travesti Luana Muniz faleceu na madrugada deste sábado-Facebook

A travesti Luana Muniz morreu, aos 56 anos, na manhã deste sábado no Rio após complicações de problemas renais e de coração decorrentes de uma pneumonia bilateral. Luana ficou famosa pelo bordão ‘Travesti não é bagunça’, que figurou em humorísticos da TV, e por acolher travestis, transexuais, portadores de HIV, prostitutas e pessoas em situação de rua em um casarão na Rua Mem de Sá. Ativista LGBT, ela estava em coma há uma semana no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, em Acari, na Zona Norte do Rio. O velório será neste domingo no Cemitério do Irajá, às 13h. Luana ficou famosa pelo bordão ‘Travesti não é bagunça’, que figurou em humorísticos da TV, e por acolher travestis, transexuais, portadores de HIV, prostitutas e pessoas em situação de rua em um casarão na Avenida Mem de Sá 100, na Lapa, Rio de Janeiro.

Luana era uma das fundadoras do projeto Damas da Prefeitura, que capacita travestis e transexuais para o mercado de trabalho. Ela também presidia a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro. O trabalho de Luana ganhou visibilidade após seu encontro com o padre Fabio de Melo na quadra da Mangueira, em 2015. Na época, o religioso, durante um testemunho, admitiu seu preconceito e reconheceu seu erro ao julgar Luana, que comandava um projeto social na Lapa, onde vivia. “Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro”, disse o padre. Sua amizade com o padre Fábio de Melo se deu pelo trabalho social desenvolvido na Lapa. Em um vídeo no Youtube, o sacerdote relembra o companheirismo de Luana e se emociona.



Reprodução/Foto-RN176 Da esq. Para dir. A travesti Luana Muniz e sua Madrinha do projeto-social a cantora e compositora Alcione Dias Nazareth

Madrinha do projeto-social de Travesti Luana, a cantora Alcione lamentou a perda da “Rainha da Lapa”, a quem definiu como uma amiga maravilhosa e um ser humano ímpar. “Foi-se embora e nos deixou muita saudade, mas com certeza um espírito como esse, batalhador e generoso, agora está nos braços de Deus. Descanse, minha amiga”, afirmava a cantora Alcione que sempre colaborou com o projeto da travesti Luana Muniz. Outra amiga de longa data, Lorna Washington, 55, diz que a militante deixa um legado de respeito e tolerância pelo próximo: “Ela abria sua casa para travestis expulsas pela família e distribuía comida para moradores de rua”, conta Lorna, afirmando que a polêmica com o padre possibilitou um momento de reflexão na sociedade. “Foi um despertar espiritual para o padre que sofreu duras represálias”. Segundo Lorna, Luana era fumante desde a adolescência e recebeu a visita da cantora Alcione na última quinta-feira. “Ela havia apresentado uma melhora, estava lúcida. A notícia nos pegou de surpresa. Não esperávamos

O Padre Fábio de Melo, se emociona! Ao ver uma reportagem feita pelo Juarez Ferreira (Produtor, repórter, editor) para o programa da Eliana do SBT relatando a foto que ele tirou com a travesti Luana Muniz da polemica causada pela foto na sociedade e no meio religioso e também da assistência social que Muniz dar no bairro da Lapa no Rio de Janeiro. Melo faz um comentário diante da apresentadora e das câmaras emocionado afirmando que foi uma lição de vida dada pela Travesti Luana Muniz

Leia na Integra o Relato do Padre Fábio de Melo:

“Semana passada eu vivi uma situação. A Alcione me convidou para estar no aniversário dela, lá na quadra da Mangueira... fiquei lá por uma hora mais ou menos..., mas o que me chamou a atenção foi um travesti que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim (pausa). E olha que eu não sei ficar sem graça... Mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como que eu vou reagir?’(pausa). Independentemente de qualquer julgamento, estou confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Muitas pessoas começaram a se encorajar para tirar foto comigo. E ele (o travesti) lá do fundo olhando. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrível isso em nós.... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo para vocês”.



Reprodução/Foto-RN176

A formosa foto polemica que não só transformou a vida do Padre Fábio de Melo, como também do travesti Luana Muniz, tirada na quadra da Mangueira, em novembro de 2015
Foto: Denílson Vieira

“Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: ‘O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?’. E eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Ele dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém. E faz de tudo para aquela pessoa retornar à vida. E não é só isso. Ele torna-se uma espécie de vigilante, protegendo os moradores...”

“Quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!”

“Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer”.

“Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmorrar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. Como se o nosso cristianismo tivesse pronto. Como se nós já tivéssemos chegado ao último estágio dessa santidade que Deus nos convida. Não, eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim. Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim. E a palavra de Paulo é dura: a missão de vocês é junto daqueles que estão necessitado”.

T049: EXTRA

Link: <https://extra.globo.com/famosos/travesti-que-ficou-famosa-por-foto-com-padre-fabio-de-melo-morre-aos-56-anos-21304768.html>

Data de publicação: 08/05/17

Título: MORRE LUANA MUNIZ, A TRAVESTI ATIVISTA QUE FICOU FAMOSA AO POSAR AO LADO DO PADRE FÁBIO DE MELO



A travesti Luana Muniz morreu, aos 56 anos, na manhã deste sábado no Rio após complicações de problemas renais e de coração decorrentes de uma pneumonia bilateral. Ativista LGBT, ela estava em coma há uma semana no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, em Acari. O velório será neste domingo no Cemitério do Irajá, às 13h.

O trabalho de Luana ganhou visibilidade após seu encontro com o padre Fabio de Melo na quadra da Mangueira, em 2015. Na época, o religioso, durante um testemunho, admitiu seu preconceito e reconheceu seu erro ao julgar Luana, que comandava um projeto social na Lapa, onde vivia. “Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmorrar os castelos de ilusão que nós criamos dentro”, disse o padre.



Luana Muniz morreu aos 56 anos Foto: Reprodução Instagram

Madrinha de Luana, a cantora Alcione lamentou a perda da “Rainha da Lapa”, a quem definiu como uma amiga maravilhosa e um ser humano ímpar. “Foi-se embora e nos deixou muita saudade, mas com certeza um espírito como esse, batalhador e generoso, agora está nos braços de Deus. Descanse, minha amiga”, disse a Marrom ao EXTRA.



Alcione era madrinha de Luana Muniz Foto: Divulgação

Outra amiga de longa data, Lorna Washington, 55, diz que a militante deixa um legado de respeito e tolerância pelo próximo: “Ela abria sua casa para travestis expulsas pela família e distribuía comida para moradores de rua”, conta Lorna, afirmando que a polêmica com o padre possibilitou um momento de reflexão na sociedade. “Foi um despertar espiritual para o padre que sofreu duras represálias”.

Segundo Lorna, Luana era fumante desde a adolescência e recebeu a visita da cantora Alcione na última quinta-feira. “Ela havia apresentado uma melhora, estava lúcida. A notícia nos pegou de surpresa. Não esperávamos”.



Luana Muniz comanda um projeto social na Lapa Foto: Reprodução Instagram

Relembre depoimento emocionado de padre Fábio:

“Semana passada eu vivi uma situação. A Alcione me convidou para estar no aniversário dela, lá na quadra da Mangueira... Fiquei lá por uma hora mais ou menos... Mas o que me chamou a atenção foi um travesti que estava lá. Posso confessar uma coisa para vocês? Quando eu vi, ele estava olhando para mim (pausa). E olha que eu não sei ficar sem graça... Mas sabe o que me ocorreu? Vou confessar publicamente a minha hipocrisia: ‘Meu Deus do céu, se esse rapaz pedir para tirar uma foto comigo? Como que eu vou reagir?’ (pausa). Independente de qualquer julgamento, estou confessando a hipocrisia do meu coração naquela hora. Muitas pessoas começaram a se encorajar para tirar foto comigo. E ele (o travesti) lá do fundo olhando. Quando, de repente, eu só vi a sombra dele na minha direção, e o meu preconceito, o medo de me expor, tudo vindo à tona. Que coisa horrorosa isso em nós... Como se eu fosse melhor. Isso é mesquinho, é vergonhoso o que eu estou dizendo pra vocês”.

“Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: ‘O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?’. E eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Ele dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém. E faz de tudo para aquela pessoa retornar à vida. E não é só isso. Ele torna-se uma espécie de vigilante, protegendo os moradores...”

“Quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!”.

“Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer”.

“Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. Como se o nosso cristianismo tivesse pronto. Como se nós já tivéssemos chegado ao último estágio dessa santidade que Deus nos convida. Não, eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim. Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim. E a palavra de Paulo é dura: a missão de vocês é junto daqueles que estão necessitado”.

Site: **O DIA**

Link: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-05-06/morre-a-travesti-luana-muniz-simbolo-da-lapa.html>

Data de publicação: 06/05/2017

Título: **MORRE A TRAVESTI LUANA MUNIZ, SÍMBOLO DA LAPA**

Ela ficou famosa pelo bordão 'Travesti não é bagunça' e por acolher travestis, prostitutas e pessoas em situação de rua em um casarão no bairro

Rio - Morreu, na madrugada deste sábado, a travesti Luana Muniz, 59 anos, um dos símbolos da Lapa. De acordo com as primeiras informações, Muniz faleceu por conta de complicações e uma forte pneumonia. Luana ficou famosa pelo bordão 'Travesti não é bagunça', que figurou em humorísticos da TV, e por acolher travestis, transexuais, portadores de HIV, prostitutas e pessoas em situação de rua em um casarão na Rua Mem de Sá.

FOTO

[LEGENDA] Luana Muniz faleceu na madrugada deste sábado

Luana era uma das fundadoras do projeto Damas da Prefeitura, que capacita travestis e transexuais para o mercado de trabalho. Ela também presidia a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro.

Sua amizade com o padre Fábio de Melo se deu pelo trabalho social desenvolvido na Lapa. Em um vídeo no Youtube, o sacerdote relembra o companheirismo de Luana e se emociona.

[VÍDEO PE. ELIANA]

Pelo Facebook, diversos amigos fizeram homenagens. "Descanse em paz, minha amiga. Você merece por todo o trabalho que fez", escreveu uma amiga. "Morre a dama do Rio, a rainha da Lapa", escreveu outra. O velório de Luana vai acontecer neste domingo, às 13h, no Cemitério de Irajá.

T051: DIÁRIO ONLINE

Link: <http://m.diarioonline.com.br/entretenimento/fama/noticia-412427-morre-travesti-envolvida-em-polemica-com-padre.html>

Data de publicação: 06/05/2017

Título: **MORRE TRAVESTI ENVOLVIDA EM POLÊMICA COM PADRE**



A travesti Luana Muniz, 59, morreu na madrugada deste sábado (6). Segundo o jornal carioca O Dia, ela faleceu devido complicações de uma forte pneumonia. Em 2015, uma foto de Luana ao lado do padre Fábio de Melo causou polêmica.

Naquela época, posteriormente, o padre admitiu que se sentiu envergonhado por ser preconceituoso.

Em uma palestra, Fábio de Melo contou que teve receio da aproximação e que, logo depois de posar para a foto, soube que Luana realizava um trabalho social na Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro, acolhendo travestis, transexuais, portadores de HIV, prostitutas e pessoas em situação de rua.

"Confesso que na hora que eu senti que eu rejeitava aquela criatura, que eu não era capaz de amá-la como Jesus amaria se estivesse ali naquele lugar, eu me senti um fracassado. Porque tantos anos como cristão e eu me lembrei da minha mãe, de tudo o que ela me ensinou na vida, e se tem uma coisa que eu aprendi com ela é isso, que não tenho o direito de me sentir melhor do que ninguém", declarou o padre em uma participação no programa da apresentadora Eliana, do SBT.

[VÍDEO PROGRAMA ELIANA]

Luana também ficou conhecida pelo bordão "Tá pensando que travesti é bagunça?", após uma reportagem do programa Profissão Repórter, da TV Globo.

[VÍDEO – PROFISSÃO REPÓRTER]

O velório de Luana Muniz será realizado neste domingo (7), no Cemitério de Irajá. (Com informações de O Dia)

T052: PORTAL ONIX

Link: <http://www.portalonix.com.br/morre-luana-muniz-a-rainha-da-lapa-e-do-bordao-travesti-nao-e-bagunca/>

Data de publicação: 06/05/2017

Título: MORRE LUANA MUNIZ, A RAINHA DA LAPA E DO BORDÃO "TRAVESTI NÃO É BAGUNÇA"

Faleceu na manhã deste sábado 06 de maio, a travesti e militante Luana Muniz, segundo informações a mesma estava internada por motivos de saúde.

A notícia sobre sua morte chega através das inúmeras mensagens de amigos e admiradores postadas em seu Facebook.

Ela ficou conhecida por seu bordão “travesti não é bagunça”, mas Luana Muniz a ‘Rainha da Lapa’ foi e deve ser lembrada por muito mais que isso.

Em 2016 Luana Muniz, já se orgulhava de ter 47 anos de profissão e ter trabalhado em vários cabarês pelo mundo. Foi em 2016 que ele foi eleita a Rainha do tradicional The Gala Gay.

Poliglota, ela falava 6 idiomas e tinha nacionalidade italiana, presidia a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro.

Foi uma das fundadoras do Projeto Damas, da Prefeitura do Rio de Janeiro, que objetivava a capacitação para o mercado de trabalho de travestis e transexuais. Teve uma respeitável carreira como atriz, tendo feito inúmeras peças e shows.

Luana ficou conhecida nacional e internacionalmente por um vídeo em que aparece batendo em um cliente no Profissão Repórter da Rede Globo.

Outro momento marcante na vida de Luana foi o encontro com o Padre Fabio de Melo, durante o aniversário da cantora Alcione em 2015.

Agora resta desejar que esta guerreira descanse em paz.

T053: PARA MOCINHOS

Link: <http://www.paramocinhos.com.br/2017/05/morre-luana-muniz-dona-do-meme-travesti.html>

Data de publicação: 07/05/2017

Título: MORRE LUANA MUNIZ, DONA DO MEME: "TRAVESTI NÃO É BAGUNÇA"

Luana Muniz faleceu decorrente de uma pneumonia bilateral

No último sábado, 06, Luana Muniz faleceu aos 59 anos, ela estava internada no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, em Acari, com problemas renais e de coração decorrentes de uma pneumonia bilateral. Símbolo da Lapa no Rio de Janeiro, ela foi personagem do programa "Profissão Repórter" em meados de 2010, quando criou o meme "Travesti não é bagunça".

Luana acolhia travestis, transexuais expulsos de casa, além de prostitutas e portadores do HIV, ela foi criadora do programa Damas da Prefeitura, que capacita travestis e transexuais para o mercado de trabalho. Ela também presidia a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro.

Seu trabalho social ficou conhecido pelo Brasil inteiro, após um episódio em que o Padre Fábio de Melo testemunhou na igreja seu preconceito ao julgar Luana antes de conhecer seus projetos: “Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro”, disse o padre.

T054: VARELA NOTÍCIAS

Link: <http://varelanoticias.com.br/travesti-famosa-por-foto-com-padre-fabio-de-melo-morre-aos-56-anos/>

Data de publicação: 07/05/17

Título: TRAVESTI FAMOSA POR FOTO COM PADRE FÁBIO DE MELO MORRE AOS 56 ANOS

Luana Muniz estava em coma há uma semana no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla



Foto: Divulgação

Morreu aos 56 anos a travesti Luana Muniz, neste sábado (6), no Rio de Janeiro. Ela ficou famosa nacionalmente por aparecer em uma foto ao lado do Padre Fábio de Melo, em 2015.

Luana apresentou complicações de problemas renais e de coração decorrentes de uma pneumonia bilateral. Ela estava em coma há uma semana no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla.

O encontro com o religioso aconteceu na quadra da escola de samba Mangueira. Na ocasião, Padre Fábio divulgou um testemunho reconhecendo que errou ao julgar Luana – que comandava um projeto social na comunidade onde vivia.

T055: BRAZ

Link: <http://varelanoticias.com.br/travesti-famosa-por-foto-com-padre-fabio-de-melo-morre-aos-56-anos/>

Data de publicação: 07/05/2017

Título: TRAVESTI FAMOSA POR FOTO COM PADRE FÁBIO DE MELO MORRE AOS 56 ANOS



O corpo da travesti Luana Muniz, de 56 anos, será enterrado neste domingo (7) no Cemitério do Irajá, no Rio de Janeiro. Ela morreu na manhã desse sábado (6) devido a complicações de problemas renais e de coração decorrentes de uma pneumonia. A ativista LGBT ganhou visibilidade após publicar uma foto ao lado do padre Fábio de Melo. O religioso também falou sobre o contato dos dois em uma pregação emocionante que viralizou nas redes sociais.

Luana estava internada no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla há pelo menos uma semana. No Rio de Janeiro, ela é uma das figuras mais lembradas e respeitadas da região da Lapa. Isso porque distribuía comida e dava auxílio para moradores de rua e homossexuais expulsos de casa.



Reprodução/Facebook

Durante a pregação em que fala sobre Luana, o padre Fábio de Melo conta que os dois se conheceram em uma festa de aniversário da cantora Alcione. Ele comete equívocos ao se referir à travesti no masculino (aquele rapaz) e ao chamá-lo de ele. No entanto, reconhece ter agido com hipocrisia e preconceito diante da figura dela.

Em uma participação no Programa da Eliana o padre chegou a chorar ao ver Luana falando sobre o que sentiu diante das reações dele. Veja a matéria exibida no SBT e o vídeo da pregação que viralizou abaixo:

[VÍDEO PE. ELIANA]

[VÍDEO PREGAÇÃO]

T056: BLASTINGNEWS

Link: <https://br.blastingnews.com/brasil/2017/05/morre-luana-muniz-a-rainha-da-lapa-001678243.html>

Data de publicação: Publicado:07/05/2017

Título: MORRE LUANA MUNIZ, A RAINHA DA LAPA

Ícone da Lapa carioca, Luana Muniz faleceu na madrugada deste sábado (6), aos 59 anos.



Luana Muniz, a Rainha da Lapa, faleceu aos 59 anos

Luana Muniz, travesti conhecida pelos múltiplos projetos sociais que realizou no Rio de Janeiro para ajudar a travestis, mulheres transexuais, prostitutas, portadores do HIV e pessoas em situação de rua, faleceu aos 59 anos, na madrugada deste sábado (6), no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla. Seu velório acontece neste domingo (7), no Cemitério do Irajá, às 13 horas.

Luana estava internada desde o fim de abril. Chegou a entrar em coma, mas seu quadro havia apresentado uma melhora e se mostrava lúcida. Contudo, após complicações médicas decorrentes de uma forte pneumonia, resultando em problemas renais e no coração, veio a falecer. As mensagens de força publicadas em sua página do *Facebook* mostram o quanto a Rainha da Lapa era querida por muitos.

Coroada em 2016 como Rainha do baile de Carnaval *The Gala Gay*, era atriz registrada e trabalhava havia 47 anos como garota de programa. Apresentou-se em diversos cabarés pela Europa, onde também era conhecida e respeitada. Natural do Rio de Janeiro, tinha nacionalidade italiana e falava seis idiomas. Por muito tempo, ia à Itália uma vez por ano para trabalhar por três meses.

Era presidente da Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro (Agenttes), que recebia ajuda financeira até de artistas famosos e foi uma das fundadoras do Projeto Damas, implementado pela Prefeitura do Rio com o objetivo de oferecer capacitação profissional e orientação vocacional a travestis e mulheres transexuais para que tenham mais chances de empregabilidade.

Dona de imóveis que alugava a travestis, sempre acolheu as que a procuravam, dando conselhos, protegendo as garotas de abordagens violentas no Centro da cidade e até mediando brigas entre elas. Era conhecida também como Mãe Luana, pela maneira como cuidava de todas.

Acreditava em uma melhora na situação como as travestis eram vistas pela sociedade, devido às organizações que estavam surgindo e ao apoio recebido por figuras importantes. Ganhou fama nacional depois de aparecer no programa *Profissão Repórter*, em 2010, quando, ao se desentender com um cliente em potencial, disse a frase que se tornou um bordão até hoje repetido na internet: "Tá pensando que travesti é bagunça?"

Em 2015, obteve mais notoriedade devido a um encontro com o padre Fábio de Melo, durante a comemoração do aniversário de Alcione, na Estação Primeira de Mangueira.

A cantora, madrinha e amiga de Luana desde a década de 1970, foi visitá-la no hospital na quinta-feira (4) e lamentou profundamente sua morte.

T057: R7

Link: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/morre-luana-muniz-travesti-ativista-que-ficou-famosa-em-foto-com-padre-fabio-08052017>

Data de publicação: 08/05/2017

Título: MORRE LUANA MUNIZ, TRAVESTI ATIVISTA QUE FICOU FAMOSA EM FOTO COM PADRE FÁBIO

A travesti Luana Muniz, de 56 anos, morreu às 5h deste sábado, 6, devido a uma parada cardiorrespiratória, segundo informações do Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, no Rio de Janeiro, onde estava internada há uma semana.

Luana era ativista do movimento LGBT e participava de um projeto que capacitava travestis e transexuais para o trabalho formal. Ela também acolhia travestis, transexuais, prostitutas e portadores do vírus HIV em um casarão que mantinha no Rio de Janeiro.

A ativista ficou famosa após aparecer em uma imagem ao lado do Padre Fábio de Melo, em 2015, por conta do trabalho social que desenvolvia. Na época, o padre confessou que nutria preconceito contra Luiza e reconheceu seu erro após descobrir o trabalho social que ela fazia na Lapa, zona central da cidade. "Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro", disse o padre na ocasião.

T058: ÁREA VIP

Link: <https://www.areavip.com.br/famosos/morre-no-rio-travesti-que-ficou-famosa-por-foto-com-padre-fabio-de-melo/>

Data de publicação: 8 de maio de 2017

Título: MORRE NO RIO, TRAVESTI QUE FICOU FAMOSA POR FOTO COM PADRE FABIO DE MELO



Luana e Padre Fabio (Reprodução/Youtube)

A travesti **Luana Muniz** morreu no último sábado (6), aos 56 anos, no Rio de Janeiro, após complicações de problemas renais e de coração decorrentes de uma pneumonia bilateral. Luana que era ativista LGBT já se encontrava em coma há uma semana no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, em Acari. O velório ocorreu nesse domingo (07), no Cemitério do Irajá. A informação é do jornal “Extra”.

Luana ficou famosa pelo bordão “Travesti não é bagunça”, que figurou em humorísticos da TV, e pelo acolhimento de travestis, transexuais, prostitutas, e pessoas de vulnerabilidade social em um casarão localizado na Rua Mem de Sá, no centro do Rio de Janeiro.

O trabalho de Luana ganhou visibilidade após seu encontro com o padre **Fabio de Melo** na quadra da Mangueira, em 2015. Na época, o religioso, durante um testemunho, admitiu seu preconceito e reconheceu seu erro ao julgar Luana, que comandava um projeto social na Lapa, onde vivia. *“Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro”*, disse o padre.

A cantora Alcione que foi madrinha de Luana, lamentou a perda da “Rainha da Lapa”, a quem definiu como uma amiga maravilhosa e um ser humano ímpar. *“Foi-se embora e nos deixou muita saudade, mas com certeza um espírito como esse, batalhador e generoso, agora está nos braços de Deus. Descanse, minha amiga”*, disse a Marrom.



Outra amiga de longa data, Lorna Washington, disse ao jornal Extra, que a militante deixou um legado de respeito e tolerância pelo próximo: “Ela abria sua casa para travestis expulsas pela família e distribuía comida para moradores de rua”, conta Lorna, afirmando que a polêmica com o padre possibilitou um momento de reflexão na sociedade. “Foi um despertar espiritual para o padre que sofreu duras represálias”.

Ainda de acordo com Lona, Luana era fumante desde a adolescência e recebeu a visita da cantora Alcione na última quinta-feira. “Ela havia apresentado uma melhora, estava lúcida. A notícia nos pegou de surpresa. Não esperávamos”.

Relembre o depoimento emocionante do Padre Fabio de Melo sobre Luana no programa “Eliana”, do SBT.

[VÍDEO PE. ELIANA]

T059: BAPHONICO

Link: <https://blogs.tribuna.com.br/baphonico/2017/05/morre-travesti-luana-muniz-famosa-por-imagem-com-o-pe-fabio-de-melo/>

Data de publicação: 08/05/2017

Título: MORRE TRAVESTI LUANA MUNIZ, FAMOSA POR IMAGEM COM O PE. FÁBIO DE MELO

A travesti Luana Muniz, de 56 anos, morreu às 5h deste sábado, 6, devido a uma parada cardiorrespiratória, segundo informações do Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, no Rio de Janeiro, onde estava internada há uma semana.

Luana era ativista do movimento LGBT e participava de um projeto que capacitava travestis e transexuais para o trabalho formal. Ela também acolhia travestis, transexuais, prostitutas e portadores do vírus HIV em um casarão que mantinha no Rio de Janeiro.

A ativista ficou famosa após aparecer em uma imagem ao lado do Padre Fábio de Melo, em 2015, por conta do trabalho social que desenvolvia. Na época, o padre confessou que nutria preconceito contra Luiza e reconheceu seu erro após descobrir o trabalho social que ela fazia na Lapa, zona central da cidade. “Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro”, disse o padre na ocasião.

T060: CORREIO DA AMAZONIA

Link: <https://correiodaamazonia.com/travesti-famosa-por-foto-com-padre-fabio-de-melo-morre-aos-56-anos/>

Data de publicação: 08/05/17

Título: TRAVESTI FAMOSA POR FOTO COM PADRE FÁBIO DE MELO MORRE AOS 56 ANOS



Luana Muniz estava em coma há uma semana e veio a falecer no último sábado (6)

A travesti Luana Muniz morreu, aos 56 anos, na manhã deste sábado (6), no Rio de Janeiro, após complicações de problemas renais e de coração decorrentes de uma pneumonia bilateral. Ativista LGBT, ela estava em coma há uma semana no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, em Acari. As informações são do jornal Extra.

O trabalho de Luana ganhou visibilidade após seu encontro com o padre Fabio de Melo na quadra da Mangueira, em 2015. Na época, o religioso, durante um testemunho, admitiu seu preconceito e reconheceu seu erro ao julgar Luana, que comandava um projeto social na Lapa, onde vivia.

“Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos”, disse o padre.

Madrinha de Luana, a cantora Alcione lamentou a perda da “Rainha da Lapa”, a quem definiu como uma amiga maravilhosa e um ser humano ímpar. “Foi-se embora e nos deixou muita saudade, mas com certeza um espírito como esse, batalhador e generoso, agora está nos braços de Deus. Descanse, minha amiga”, disse a Marrom ao jornal Extra.

T061: ESTADÃO

Link: <https://extra.globo.com/famosos/travesti-que-ficou-famosa-por-foto-com-padre-fabio-de-melo-morre-aos-56-anos-21304768.html>

Data de publicação: 08/05/17

Título: TRAVESTI QUE FICOU FAMOSA POR FOTO COM PADRE FABIO DE MELO MORRE AOS 56 ANOS

Luana era ativista dos direitos humanos e ganhou as redes sociais após o bordão 'travesti não é bagunça'



Luana Muniz, prestigiada por seu trabalho social, também era conhecida como 'travesti da Lapa' Foto: Facebook: <https://www.facebook.com/luana.muniz.758?fref=ts>

A travesti Luana Muniz, de 56 anos, morreu às 5h deste sábado, 6, devido a uma parada cardiorrespiratória, segundo informações do Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, no Rio de Janeiro, onde estava internada há uma semana.

Luana era ativista do movimento LGBT e participava de um projeto que capacitava travestis e transexuais para o trabalho formal. Ela também acolhia travestis, transexuais, prostitutas e portadores do vírus HIV em um casarão que mantinha no Rio de Janeiro.

Ela ficou famosa após aparecer em uma imagem ao lado do Padre Fábio de Melo, em 2015, por conta do trabalho social que desenvolvia. Na época, o padre confessou que nutria preconceito contra Luiza e reconheceu seu erro após descobrir o trabalho social

que ela fazia na Lapa. “Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro”, disse o padre.

Luana também ficou conhecida pelo bordão "travesti não é bagunça", que virou meme nas redes sociais.

[VÍDEO PE. ELIANA]

T062: NLUCON

Link: <http://www.nlucon.com/2017/05/morre-aos-59-anos-luana-muniz-que.html>

Data de publicação: 08/05/2017

Título: MORRE LUANA MUNIZ, A RAINHA DA LAPA QUE ENSINOU QUE “TRAVESTI NÃO É BAGUNÇA”

Morreu na madrugada de sábado (06) aos 56 anos Luana Muniz, a travesti que era conhecida como a Rainha da Lapa. Ela também é autora da frase “travesti não é bagunça”, dita no programa Profissão Repórter, da TV Globo, e se tornou notícia por ter sensibilizado o padre Fábio de Melo em sua transfobia.

Luana estava internada há uma semana no Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, em Acari, e teve complicações de problemas renais e de coração decorrentes de uma pneumonia bilateral.

Na Lapa, ela era dona de um casarão na rua Mem de Sá, onde funcionava a sua ong e alugava quartos para travestis e mulheres transexuais – ela cobrava pela diária, deixando que elas trouxessem clientes, mas proibía álcool, droga e roubos. Também trabalhou com quase cinco décadas como profissional do sexo e quarenta como artista.

Era amada, odiada, exigia respeito e dizia ser, assim como a cantora Cher, uma estrela há 40 anos. Salientava que seus súditos eram as pessoas em situação de rua, positivas e ajudava muitas delas com alimento e acolhimento. Era brava, dona de um humor debochado, ácido e inteligente. Era glamorosa na arte assim como não pensava duas vezes em "descer do salto".

Muitos amigos, amigas, colegas de trabalho e admiradores lamentaram a morte nas redes sociais. Alcione declarou ao jornal Extra: "Foi-se embora e nos deixou muita saudade, mas com certeza um espírito como esse, batalhador e generoso, agora está nos braços de Deus. Descanse, minha amiga". O enterro ocorreu no domingo (09), às 13h, no Cemitério de Irajá.

TRAVESTI

A frase “Travesti não é bagunça”, dita no "Profissão Repórter" em 2010 a um transeunte que quis tirar uma foto dela - “apaga, não te dei autorização! tá pensando que travesti é bagunça?”, e a um quase-cliente que tirou ela “de lá para cá à toa” e levou um safanão, também esteve marcada em sua trajetória.

Embora reconhecesse que agiu mal ao bater no rapaz, Luana contava que aprendeu desde cedo que precisava ser forte, exigir e conquistar respeito. Sempre soube também que tinha afinidade com o gênero feminino e que isso não significava necessariamente em ser frágil, sensível e delicada. Mas corajosa, forte e destemida.

Aos 9 anos, ela já era travesti e estava na prostituição

Aos nove anos, já tinha plena convicção de que era travesti e, “como uma força da natureza que ninguém controlava”, saiu de casa de minissaia para nunca mais voltar. Sem escolaridade ou experiência, teve as portas do mercado formal de trabalho fechadas e foi catapultada para a profissão do sexo.

Em entrevista ao jornal chileno *The Clinic*, ela disse que os lugares onde ficou eram “os postes, cheios de urina, merda e pedras”. “Eu enfrentei isso”, contou. A precariedade também estava na transformação do corpo. Os hormônios eram proibidos e a maquiagem para pessoas que foram designadas homens também. Sobreviveu ao descaso, ao ódio, às competições, às brigas, às modificações corporais, aos clientes loucos e a expectativa baixíssima de vida de uma travesti no Brasil, 35 anos.

Ao mesmo tempo em que ser travesti era proibido, o proibido também rendia um bom dinheiro. Inicialmente, trabalhou em Tiradentes, Lapa, Copacabana, Ipanema. Em sua época de ouro, ou seja, quando conseguiu muito dinheiro, chegava a ter 50 clientes em um dia. “Me casei oito vezes, mas deixei os oito porque sou como Marilyn Monroe, valorizo mais os diamantes do que os homens. *Diamonds are forever*”.

NÃO É BAGUNÇA

Sua estreia como artista ocorreu nos anos 80, no musical *Mimosa*, no teatro *Brigite Blair*. Aos 20 anos, quando o boom da aids chegou ao Brasil e a imprensa noticiava como “câncer gay ou peste gay”, Luana foi para Paris. E, além dos programas, também atuava como artista nos cabarés.

Dizia ser estrela há mais de quarenta anos e até mencionava o escritor Oscar Wilde para falar sobre suas performances. “Deus dá o talento a cada um, o que você vai fazer com esse talento é o que é importante. Existem pessoas que são talentosas e geniais, eu acredito que atendo todos esses requisitos”.

Suas performances eram ousadas, marcadas pela sensualidade, provocação, humor inteligente e referências clássicas. As inspirações vinham de Julie Newmar, que foi a primeira mulher-gato na década de 60, Barbra Streisand e Madonna. Ganhou muito dinheiro ao passar por 39 países, morar em 16, até que começou a guardar para sua volta ao Brasil.

Tempos depois, em 2009, foi fotografada por Pedro Stephan no ensaio “Luana Muniz - a Rainha da Lapa”, que fez parte do FotoRio e também em exposições na Itália e em Portugal. Também fez um filme ao lado de Dira Paes. E foi homenageada pelos artistas grafiteiros Marcelo Eco e Marcelo Menti em uma imagem no bairro da Lapa.

RESPEITE AS TRAVESTIS

De volta ao Brasil, decidiu reunir algumas travestis que trabalharam ao seu lado na Europa e criou em 2002 uma associação para reivindicar melhorias na vida de travestis e transexuais no local: *Agenttles - Associação das Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro*.

“O tempo da navalha e da faca já passou. Agora devemos lutar, falar de nossos problemas, cumprir com nossos deveres para exigir nossos direitos”, disse ela, que comprou um casarão onde funcionava a sua associação e acolhia travestis que eram expulsas de casa pela família e das que atuavam na profissão do sexo.

Ao acompanhar as notícias de assassinatos de travestis e a falta de empregabilidade no mercado formal à população trans, dizia que o Brasil tinha fama de ser democrático e sem preconceito, mas que isso era uma grande mentira. Segundo Luana, em entrevista ao site *Acessa.com*, o país precisa investir em educação “Só a educação vai nos salvar. Vamos lutar pela educação, pois só assim virá a cultura, política e saúde”.

Luana também foi uma das fundadoras do projeto Damas, da Prefeitura do Rio, que ajuda a capacitar a população trans para o mercado formal de trabalho, no Projeto Travesti e Cidadania da CIEDS e de um abaixo-assinado pedindo o fim da violência na Lapa, que foi assinada pela cantora Alcione. Ela também frisava que a profissão do sexo lhe rendeu tudo o que tinha, sem moralismos, mas que deve ser uma opção e não uma imposição, como geralmente ocorre.

“Para mim (ser profissional do sexo) é uma felicidade plena, um sucesso. (Mas) não faço apologia da prostituição, nem apoio a prostituição infantil. Incentivo quem queira um trabalho convencional a se preparar. Eu as incentivo para que estudem uma carreira paralela, porque em algum momento isto vai acabar. A juventude é importante em qualquer área profissional. Quando deixar, vou ser cozinheira”, declarou.

OUVIU, SEU PADRE?

Ao se tornar Rainha da Lapa, Luana conquistou muitas pessoas. E, de fato, quem passou por ela carrega uma história. “Todo mundo conhece Luana Muniz e se criaram mitos ao redor de mim. Quem me conhece profundamente sabe que tenho um bom coração, mas se me tratam mal, trato mal”, dizia.

A atriz travesti Dandara Vital lembrou o dia em que conheceu Luana: “Estava numa conferência LGBT e uma mulher cis olhava para mim e uma outra travesti que rapidamente perguntou: “Você quer uma foto?”. A mulher sem jeito respondeu: “Desculpa! Vocês são tão lindas por isso estou olhando!”, e a travesti retrucou: “Minha mãe me deu educação para não ficar reparando as pessoas, mas se a sua educação é assim, pode continuar olhando”. Eu fiquei sem graça pela mulher, tanto que fiz a egípcia, e achei que aquela travesti havia sido exagerada. Logo depois anunciaram: LUANA MUNIZ, a rainha da Lapa, que foi loucamente aplaudida. Anos depois fui entender aquele ensinamento de Luana, que o preconceito não vem somente em forma de violência”.

Dentre as pessoas que conquistaram e foram conquistadas estava a cantora Alcione. No aniversário da artista no último, Luana foi convidada para a festa na Mangueira e teve um encontro histórico com o padre Fábio de Melo. “Boa noite, padre, o senhor tiraria uma foto com uma travesti pecadora?”, disse, provocando-o com humor. Mal sabia ela que tempos depois o padre fosse usar o contato com ela para falar sobre as próprias transfobias.

Durante uma missa, o padre admitiu que estava envergonhado por estar na presença de uma travesti e reconheceu a mesquinhez deste sentimento. Sobretudo quando a irmã de Alcione, Maria Helena, contou sobre as ações de Luana em acolher pessoas sujeitas à vulnerabilidade social na Lapa. “Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmornar os castelos de ilusão que nós criamos dentro”, disse o padre.

Deste testemunho, os dois tiveram uma amizade por redes sociais e Luana afirmou que várias pessoas foram à sua associação para ajudar. “Ontem várias freiras e senhoras da paróquia vieram e ofereçam ajuda e pediram para tirar fotos”, contou. Em entrevista ao Programa Eliana, ela afirmou que ele foi uma pessoa de muita luz e que ajudou a dar uma lição de aceitação e acolhimento.

O ADEUS

Há duas semanas, Luana teve uma apresentação artística com as amigas Lorna Washington, Paulete Godard e Danny D’Avalon. Estava glamorosa e conquistou todos os aplausos do público. Ninguém poderia imaginar que uma semana depois estaria internada.

Após uma rápida melhora, foi ao Facebook avisar que continuava viva. E que não abandonaria tão facilmente a vida. Mas não resistiu aos problemas renais e de coração. Sim, a travesti forte, obstinada e corajosa também escondia um coração frágil, calejado e sensível. Deixou centenas de histórias para contarem e a sua marca neste mundo...

“Já vi muita coisa ruim e muita coisa boa. Eu prefiro falar das coisas boas. Eu não sou uma pessimista chata e nem sou uma otimista sonhadora. Eu sou uma realista consciente. Eu pisei em 39 países, morei em 16, tenho dupla cidadania e pisei em lugares que reis e rainha e grandes estrelas fizeram compras. E também presenciei mortes de pessoas. Eu sou da Lapa de outrora. Sou da Lapa do grande glamour e que depois houve a decadência”, disse a rainha daquele espaço.

[LEGENDA]"Sou uma realista consciente"

T063: JORNAL DAQUI – O POPULAR

Link: <https://daqui.opopular.com.br/editorias/geral/morre-luana-muniz-travesti-ativista-que-ficou-famosa-em-foto-com-padre-f%C3%A1bio-de-melo-1.1271344>

Data de publicação: 08/05/2017

Título: MORRE LUANA MUNIZ, TRAVESTI ATIVISTA QUE FICOU FAMOSA EM FOTO COM PADRE FÁBIO DE MELO



A travesti Luana Muniz, de 56 anos, morreu às 5h de sábado (6), devido a uma parada cardiorrespiratória, segundo informações do Hospital Municipal Ronaldo Gazolla, no Rio de Janeiro, onde estava internada há uma semana.

Luana era ativista do movimento LGBT e participava de um projeto que capacitava travestis e transexuais para o trabalho formal. Ela também acolhia travestis, transexuais, prostitutas e portadores do vírus HIV em um casarão que mantinha no Rio de Janeiro.

A ativista ficou famosa após aparecer em uma imagem ao lado do Padre Fábio de Melo, em 2015, por conta do trabalho social que desenvolvia. Na época, o padre confessou que nutria preconceito contra Luana e reconheceu seu erro após descobrir o trabalho social que ela fazia na Lapa, zona central da cidade. "Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro", disse o padre na ocasião.

O jornal Extra relembrou o depoimento do padre logo após a foto ser tirada: “Aí ele veio, com um vestido longo e falou pra mim: 'O senhor costuma tirar fotos com pecadoras?'. E eu percebi que tinha uma ironia ali. E eu respondi: mas é claro! E abracei ele e tiramos a

foto. Antes de sair, ele disse: ‘eu não acredito que o senhor permitiu’. E os olhos dele estavam emocionados. Assim que ele saiu, Maria Helena, a irmã da Alcione, me contou a história. Ela disse que ele mora na Lapa e criou um grupo que alimenta e recolhe todos os miseráveis daquela região. Ele dá banho, alimenta, não tem nojo de ninguém. E faz de tudo para aquela pessoa retornar à vida. E não é só isso.

Ele torna-se uma espécie de vigilante, protegendo os moradores...”

“Quando ela me contou aquela história, eu comecei a unir as coisas dentro de mim. Eu não entro no mérito da questão da vida que ele leva, vamos deixar que Deus faça isso. Não sou síndico da Eternidade. Agora, que é um tapa na cara da gente, é!”.

“Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer”.

T064: DESACATO

Link: <http://desacato.info/morreu-a-travesti-luana-muniz-um-dos-simbolos-da-lapa/>

Data de publicação: 08/05/2017

Título: **MORREU A TRAVESTI LUANA MUNIZ, UM DOS SÍMBOLOS DA LAPA**



Morreu, na madrugada deste sábado, a travesti Luana Muniz, 59 anos, um dos símbolos da Lapa. Luana ficou famosa pelo bordão ‘Travesti não é bagunça’, e por acolher travestis, transexuais, portadores de HIV, prostitutas e pessoas em situação de rua em um casarão na Rua Mem de Sá.

Luana era uma das fundadoras do projeto Damas da Prefeitura, que capacita travestis e transexuais para o mercado de trabalho. Ela também presidia a Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro.

Fez um trabalho social incrível, além de se colocar com orgulho de ser travesti e defender sua identidade e dignidade. Desejamos muita força e luz e que faça uma passagem suave. Luana Muniz descanse em paz!

Fonte: Rede Trans Brasil

T065: GUIA GAY BH

Link: <https://www.guiagaybh.com.br/noticias/cidadania/padre-fabio-de-melo-lamenta-morte-da-travesti-luana-muniz>

Data de publicação: 08/05/2017

Título: PADRE FÁBIO DE MELO LAMENTA MORTE DA TRAVESTI LUANA MUNIZ

Em 2015, religioso reconheceu preconceito que tinha pelos transgêneros e louvou trabalho social realizado pela militante



Amigos se conheceram em 2015, na quadra da Mangueira (RJ)

O padre Fábio de Melo lamentou a morte da travesti Luana Muniz. Ela morreu aos 59 anos no sábado 6 após complicações renais e do coração decorrentes de uma pneumonia bilateral.

"Nestes dois anos em que nos tornamos amigos, pude conhecer de perto suas alegrias e seus calvários", escreveu o religioso em sua página no Facebook.

"Guardarei comigo os áudios bem-humorados, emocionados, sempre me desejando o bem, assegurando-me a certeza de orar por mim (...) Os pobres da Lapa perderam um lugar humano onde Deus era sempre acolhedor."

Militante pelos direitos LGBT, Luana participava de projeto que capacitava transgêneros para o mercado formal de trabalho e mantinha um casarão na Lapa onde acolhia travestis, transexuais, prostitutas e portadores do vírus HIV. Era de Luana a frase "Tá pensando que travesti é bagunça?". Ela conheceu o padre em

2015. No encontro, Fábio de Melo admitiu preconceito que tinha contra travestis e reconheceu o importante trabalho da militante na região central do Rio de Janeiro.

Luana será tema de um documentário que leva seu nome assinado por Ana Terra Athayde e de um livro escrito por Anja Kessler ainda este ano.

T066: OTVFOCO

Link: <https://www.otvfoco.com.br/morre-travesti-famosa-por-bordao-travesti-nao-e-bagunca/>

Data de publicação: 08/05/2017

Título: MORRE TRAVESTI FAMOSA POR BORDÃO "TRAVESTI NÃO É BAGUNÇA"



Padre Fábio de Melo com a travesti Luana Muniz (Foto: Arquivo Pessoal)

Uma das travestis mais famosas do Rio de Janeiro e do Brasil, Luana Muniz morreu no último fim de semana, mais precisamente no sábado por causas naturais.

Ela sofria de complicações renais e de coração decorrentes de uma pneumonia. Foi ela quem chamou atenção na mídia nacional duas vezes: uma por uma foto e outra na Globo. A da foto foi com o Pe. Fábio de Mello, que viralizou na web e o relato do religioso sobre a aproximação de Luana para tirar uma foto comoveu muitas pessoas.

A outra, na Globo, foi no Profissão Repórter, em maio de 2010, em que Luana também viralizou com a frase “Travesti não é bagunça”.

Ela também acolhia travestis, transexuais, portadores de HIV, prostitutas e pessoas em situação de rua em um casarão na Rua Mem de Sá, no Rio.

T067: DENTRO DO MEIO

Link: <http://dentrodomeio.com.br/2017/05/09/luana-muniz-morre-aos-59-anos/>

Data de publicação: 09/05/2017

Título: LUANA MUNIZ MORRE AOS 59 ANOS



Luana Muniz, a rainha da Lapa, morreu aos 59 em decorrência de uma pneumonia bilateral no último sábado (6). A travesti, que era presidente da Associação dos Profissionais do Sexo do Gênero Travesti, Transexuais e Transformistas do Rio de Janeiro e também ajudou a fundar o projeto Damas da Prefeitura, que capacita travestis e transexuais para o mercado de trabalho.

Luana acolhia portadores de HIV, travestis, transexuais, prostitutas e pessoas em situação de rua em um casarão na Rua Mem de Sá, na Lapa, Rio de Janeiro. Ela conheceu diversos

países, participou de um filme com a atriz Dira Paes e chegou a conhecer Mick Jagger, vocalista do Rolling Stones.

Apesar de dedicada a caridade e projetos de inclusão social, a travesti só ficou conhecida nacionalmente pela participação no programa profissão repórter, onde impulsionou o bordão “tá pensando que travesti é bagunça?”, e por ser citada pelo Padre Fábio de Melo durante um sermão em que ele contava como conheceu Luana. Mais tarde o sacerdote repetiu a história no Programa da Eliana.